
THE MAVERICKS: BOOK ONE
ROOK & REBEL
KATE CREW

Vingança e obsessão em alta velocidade sobre duas rodas

ROCK & REBEL

KATE CREW

São Paulo
2026

INSIDE BOOKS

Rook & Rebel
Copyright © 2025 by Kate Crew
Tradução © 2026 by Book One
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Coordenadora editorial
Francine C. Silva
Produtora editorial
Caroline David
Tradução
Cynthia Costa
Preparação
Gleice Couto

Revisão
Rafael Bisoffi
Rafael de Oliveira
Capa
Vivian de Luna
Projeto gráfico e diagramação
Joyce Matos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

c945r Crew, Kate
Rook e Rebel [livro eletrônico]/ Kate Crew; tradução de Cynthia Costa. São Paulo : Inside Book, 2026.
336 p.: ; ePUB (Coleção Maverick, vol. 1).

ISBN 978-65-85086-84-4 (e-book)
Título original: *Rook & Rebel*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Costa, Cynthia

25-3685 CDD 813

Para as garotas leitoras: que um homem gostoso e tatuado apareça em uma moto com biscoitinhos à sua porta, para que você não precise sair nem de casa, nem do seu livro.

AVISO DE CONTEÚDO

Contém referências a doenças na família, doenças terminais, incêndios domésticos, morte e vítimas de queimaduras. Há cenas de violência com armas de fogo e armas brancas, tortura e menções à tortura na região dos olhos, além de perseguição, canibalismo e violência em geral.

PLAYLIST

My Bloody Valentine — Good Charlotte
Monsters in My Mind — Cloudy June
KNIVES — Neoni Savage Ga$p
Loser — Neoni
hell of a good time — Haiden Henderson
Shadow — Livingston
MATCH MADE IN HELL — Dutch Melrose, benny mayne
BODY BAG — Neoni
No Angels — Stellar
Nails — Call Me Karizma
Mutiny — Neoni
UH OH — Neoni
HOOLIGAN — Neoni
Helena — My Chemical Romance
Daydreams — We Three
Daylight — David Kushner

UM
ROOK



AS LUZES DA CIDADE EMBAÇAVAM AO MEU REDOR CONFORME EU ACELERAVA, o ronco da moto abafando o caos na minha cabeça.

Eu queria matar todo mundo — cada um daqueles que me enviaram esses malditos trabalhos esta noite. O dia na oficina havia sido um inferno, e agora minha mão latejava; eu a sentia como se estivesse quebrada após os socos que desferi naquele cara.

Bati nele até derrubá-lo. Descarreguei nele toda a minha raiva. Funcionou por alguns minutos, até que subi na moto e a ficha caiu.

Era impossível dar conta de tudo. Mais e mais serviços caíam no meu colo, e eu mal conseguia pensar direito. Eu tinha tudo o que queria: dois negócios bem-sucedidos, um lugar decente para morar com a Evie e dinheiro na conta. Ainda assim, não era o bastante.

Eu queria poder. Queria mandar em todos aqueles para quem ainda tínhamos de trabalhar e arruinar suas vidas. Vidas doentias e distorcidas que seguiam sem qualquer consequência pelas merdas que faziam. Diretores executivos, oficiais do governo e afins. Os homens para quem você acena na rua são justamente os que fazem as coisas mais nojentas à noite.

Queria que todos tivessem começado de baixo, do fundo do poço, para que mostrassem do que seriam capazes de fazer com os escombros.

Cheguei à oficina. O portão já estava aberto para que eu pudesse entrar. Acelerei a motocicleta uma vez, e todos levantaram a cabeça, observando-me enquanto o rugido do motor ecoava pelo ambiente.

— Droga, você parece irritado — disse Aiden, coçando a orelha.

— Que porra é essa? — gritei, arrancando o capacete. — Quer dizer que corro pra todo lado enquanto vocês ficam sentados aí, se divertindo? Sabem a

quantidade de trabalho que tem pra fazer?

Minha perna e a lateral do estômago latejaram quando desci da moto. A queimadura sempre doía mais quando eu dirigia e lutava. Tentei esticar a perna, sabendo que não ajudaria em nada. Ia piorar antes de melhorar. Com sorte, eu aguentaria o restante da noite antes de desabar na cama. A dor infernal me manteria acordado metade da madrugada.

Era um ciclo interminável: trabalho, mais trabalho, dor e noites em claro fingindo dormir, apenas para recomeçar tudo no dia seguinte. Mas eu repetia o processo. Tínhamos grana e estávamos dominando a cidade. Evie parecia feliz e estava segura, que era o que mais me preocupava.

Olhei de relance para Aiden, que revirou os olhos. Evie fez o mesmo.

— Algum problema? — perguntei.

Minha irmã sempre tinha uma resposta na ponta da língua, e eu não achava que agora seria diferente.

— Você vive reclamando desses trabalhos, mas é sempre o primeiro a se voluntariar. Decide: ou deixa de ser controlador, ou aguenta o tranco — disse Evie, sorrindo para mim.

— As motos de Hero e Mason quebraram — interrompeu Aiden, antes que eu pudesse retrucar. — Estão consertando. Zack saiu com o novato para resolver umas coisas, mas eles ainda não estão prontos para o que você faz — explicou Aiden. — Zack não é exatamente um mestre do interrogatório, e Kane vomitou da última vez que precisou esfaquear um cara.

— E você? — perguntei.

— Estou dando uma de babá. Quer trocar? — perguntou ele, acenando com a cabeça para Evie, que se encolheu em sua cadeira, franzindo a testa para o celular.

— Sim, por favor, troca — disse ela. — Estou cansada dele.

— Então para de me mandar mensagens quando estou bem ao seu lado. — Ele balançou a cabeça, virando-se ainda mais em seu assento para não olhar para ela.

Ela lhe dirigiu um sorriso doce.

— Mas aí eu teria que olhar pra sua cara nojenta enquanto falo.

— O que ainda tem pra fazer? — perguntou ele, voltando-se para mim. — Topo qualquer coisa.

— Encontrar Elliot e dar uns tapas nele até que decida pagar.

— Pode deixar comigo. Fica aqui com sua irmã psicopata.

— Ah, o pobre Aiden está furioso. Ele teve que me salvar de um encontro ruim e não conseguiu transar por causa disso.

— Encontro ruim? — perguntei.

Evie completara 21 anos havia alguns meses e, embora eu não me importasse

que ela namorasse, gostaria que fosse mais criteriosa ao escolher com quem sair. Muitas pessoas nos conheciam e usariam qualquer desculpa para se aproximar.

— O cara é um idiota e a deixou no restaurante — disse ele, olhando para ela. — Mas deve ter sido porque você tirou uma arma da bolsa em vez do batom, sua *psicopata*. E não, eu não achei que fosse transar com ela. Não faça piadas com isso, ou o Rook vai me matar.

Ela fez beicinho com o lábio inferior.

— Rook, o Aiden disse que não me salvaria do meu encontro a menos que eu dormisse com ele.

Ignorei os dois e fui até minha caixa de ferramentas para pegar outra arma. O bate-boca deles martelava em meu crânio, e precisei cerrar a mandíbula para controlar a dor de cabeça. Ultimamente, eles pareciam estar sempre em pé de guerra.

— Não, sério — disse Aiden. — Deixa comigo.

— Sem chance. Você pode ficar aqui e garantir que ela não vá matar o cara. Tenho que caçar outro e, se nós dois sairmos, vamos ficar a noite toda procurando por ela e escondendo um corpo.

Ela sorriu.

— Se não quiser que eu cuide do assunto, posso enviar o endereço dele. Você pode passar por lá.

— Ele fez alguma coisa com você além de sair correndo do restaurante porque ficou apavorado?

— Não — rosnou ela, franzindo o lábio. — Vocês dois são péssimos.

A oficina de motocicletas que mantínhamos na frente do prédio fechara havia horas; agora, passaríamos a noite lidando com o outro lado do negócio. O lado menos legalizado, mas que rendia a maior parte do nosso faturamento.

Coloquei o capacete e dei partida na moto. A bela R1 reformada que, no momento, era o amor da minha vida. De um preto perfeito, que me fundia à escuridão, seria útil naquele dia. Enviei uma mensagem para o cara que paguei para ficar de olho em Elliot, e ele rapidamente me informou que o alvo iria a uma exposição de arte para um encontro.

Contraí os lábios. A família de Elliot era riquíssima, mas ele achava que poderia dar calote na gente, não pagando a dívida de jogo de 15 mil dólares que tinha conosco. Enquanto passava a noite de sábado em uma exposição de arte sofisticada, tentando impressionar mulheres.

Que babaca.

Segui em direção ao centro da cidade, mas mudei o curso ao reconhecer a rua, fazendo um desvio rápido.

A mansão de Cameron Fletcher se erguia sob a noite, com luzes brilhando

como um farol de riqueza e poder. Ele se considerava um rei, e tinha dinheiro suficiente para comprar o título. Narcisista como era, já devia ter comprado.

De repente, a imagem vívida da minha casa de infância em chamas me atingiu, com a lembrança do cheiro de fios e madeira queimados fazendo meu estômago revirar. Eu odiava pensar que havia carne humana queimada também. E, depois, o cheiro forte de produtos químicos quando saímos pela garagem, os gritos de Evie enquanto ela tentava expelir a fumaça dos pulmões.

E, talvez, a pior imagem de todas. Aquela que ficou gravada em meu cérebro e sempre parecia voltar nos piores momentos: meus pais presos no incêndio, enquanto eu estava do lado de fora.

O responsável por tudo aquilo estava ali, trancado em segurança na própria casa.

O carma nunca chegou para o homem que tirou tudo de mim. As atrocidades que ele cometeu nunca se voltaram contra ele. Dizem que quem tem telhado de vidro não deve atirar pedras; Cameron Fletcher seguiu esse conselho e construiu uma casa de pedra. Manteve tudo selado e impenetrável para que o carma não o alcançasse, e funcionou.

Até agora.

Até eu crescer e decidir que não esperaria a intervenção do destino. *Eu* seria o carma dele.

E nada me deixava mais feliz do que planejar queimar a vida dele por completo, exatamente como ele havia feito com a minha.

Dois

REGAN



Queria descansar no sofá, mas ele não fora projetado para isso. Todos os móveis do escritório do meu pai eram duros, caros e antigos. Exigiam uma postura perfeita, então me sentei ereta, suportando o desconforto enquanto meu pai traçava minha lista de tarefas para as próximas duas semanas.

Conforme ele listava os itens, fui percebendo o quanto eu seria desnecessária em cada um deles. Todos diziam respeito a ele e aos seus negócios. Às vezes, parecia que eu só ocupava espaço, sem contribuir com nada, o que me envergonhava a ponto de eu querer me esconder. Mas, por ele, eu sempre cedia. Era o meu pai e, com a morte da minha mãe, era importante me apegar ao único membro da família que me restava.

Meu pai dirigia a maior empresa de segurança da cidade. Eu sonhava em assumir o controle da empresa um dia, desde o momento em que me disse o quanto um legado familiar significava para ele. Foi por isso que desisti do sonho de ir para a escola de artes e cursei administração em uma faculdade de elite, esperando por uma chance. Mas agora ele parecia mais concentrado em expandir seu império do que em me preparar para herdá-lo. E, diante de sua doença, eu não tinha o direito de exigir mais.

No ano passado, ele me revelou que sua doença — amiloidose — acabaria paralisando seus órgãos. O tratamento apenas prolongaria seu tempo de vida. Já havíamos nos conformado com seu prognóstico, mas eu queria passar cada minuto com ele. Seu sucesso continuava inigualável, e eu queria aprender tudo, mas ele ainda não tinha me permitido sequer começar. Eu dera todos os passos certos, mas ele parecia considerar que eu não estava pronta. Talvez quisesse deixar um legado perfeito, ou não desejasse me ver assumindo o controle um dia. Ainda assim, eu precisava aprender.

As tarefas que ele me delegava consistiam, em geral, em comparecer a festas e sorrir para todas as pessoas conhecidas da cidade. Era a sua maneira de se manter presente na mente das pessoas sem precisar mover um dedo. E, embora detestasse a situação, eu concordara em continuar encarando aqueles eventos. As multidões, a conversa fiada, os olhares esperando que eu dissesse algo inteligente e engraçado, que só me faziam congelar de ansiedade. Eu raramente falava com as pessoas porque não conhecia ninguém. Na verdade, ele não gostava que eu saísse sozinha. A festa mencionada agora era, aparentemente, outro jantar muito importante que aconteceria em breve e que estaria repleto de clientes e parceiros de negócios que eu precisava ajudar a manter satisfeitos.

Tentei não revirar os olhos. Eu sentia que valia mais do que aquilo. Queria desafios, aventura e uma vida além de ficar trancada em casa, sem função. *Se ao menos ele percebesse que eu era capaz de muito mais…* Ele continuava se consumindo no trabalho, e eu sabia que nenhum médico aprovaria aquele ritmo. Não sabia se era pela doença ou pelo estresse, mas ele não queria mais que eu me afastasse. Eu acatava, na esperança de que ele se convencesse de que eu poderia ajudá-lo.

Eu poderia fazer… coisas. Não tinha exata noção do que ele precisaria, mas estava certa de que poderia aprender. Sabia que era capaz.

Ele explicou que não deveríamos perder um único evento, pois decidira se candidatar a prefeito no próximo ano. Parecia tentar comprimir uma vida inteira nos anos que lhe restavam. Tentei ser compreensiva e presente, mas o ciclo de me embelezar apenas para ficar sentada em festas estava me deixando exausta.

— Posso ir a todos esses eventos — falei, sabendo que minha concordância ao menos me deixaria sair de casa esta noite. — Tenho planos para hoje com Elliot. Vamos a uma nova exposição de arte.

— Tudo bem. Tudo bem — disse ele, remexendo em alguns papéis. — Vejo você amanhã, em algum momento.

Ele não olhou para mim. Isso se tornara comum — falar com ele enquanto ele olhava para o telefone ou outra coisa —, mas não tornava a situação mais fácil. A cada vez, eu me sentia mais rejeitada, imaginando se eu era realmente tão entediante.

Eu já não saía muito, porque ele sempre queria que eu ficasse em casa para minha segurança. Meus únicos hobbies eram pintar e apreciar obras de arte. Não tinha um emprego e, por mais que quisesse que meu pai me desse um em sua empresa, não parecia ser o que ele queria. Além disso, não havia muito o que fazer em casa. Eu ficava por perto para ajudar, mas ele parecia precisar cada vez menos de mim.

Talvez eu tivesse me tornado sem graça.

— Certo. — Levantei-me, dando-lhe um abraço rápido antes de caminhar até a porta. — Vejo você amanhã, então.

Precisava sair dali e interromper a espiral de destruição na qual eu parecia estar entrando.

Isso significava mais um fim de semana sozinha naquela casa gigante, já que ele se isolaria. Não havia nada de errado com a casa, exceto sua enormidade e, quando se passa dias sozinha ali, você começa a ficar um pouco paranoica.

Então, na lista de coisas que eu sabia sobre mim, poderia acrescentar entediante e paranoica. Revirei os olhos enquanto seguia para a calçada. Eu realmente parecia ser superdivertida.

Mas aquela era a minha vida, e eu poderia ter problemas piores.

Pelo menos, por enquanto, eu sairia de casa e, com sorte, não passaria a noite sozinha.



Sempre gostei de ir a exposições de arte.

Logo percebi, porém, que não gostava de ir com Elliot.

Voltei-me para a próxima pintura, observando o preto salpicado contra a tinta azul. Dei três passos para trás antes de notar que o artista queria que aquilo fosse um olho. O azul brilhante do olho me deixou sem fôlego.

— Até quando a gente vai ficar olhando pra isso? — perguntou Elliot.

— Acabei de chegar à frente dele — respondi, tentando dar uma risadinha.

Ele quase bateu o pé, impaciente; por isso, passei para o quadro seguinte. Redemoinhos de preto, vermelho e amarelo compunham um céu noturno brilhante, em chamas. A arte me despertava os sentimentos que a minha vida insistia em me negar.

— Vamos lá — disse ele, aproximando-se do meu pescoço. — Podemos fazer tantas outras coisas… coisas muito mais divertidas e interessantes.

Assim que ele disse isso, eu soube que não pararia. Qualquer coisa que eu dissesse seria recebida com alguma piada sexual, até que eu cedesse. Não é que eu não gostasse do Elliot. Ele era um cara legal, mas algo na maneira como ele tentava iniciar o sexo sempre me broxava.

Passamos para o próximo corredor de quadros, e ele puxou meu braço.

— Regan — chamou, acenando com a cabeça em direção à porta.

— Sabe de uma coisa? Preciso ir pra casa — falei, sorrindo. — É melhor voltarmos.

É claro que eu não precisava voltar para casa. Nada me esperava lá, mas não

havia a menor chance de eu querer ficar ali por mais tempo com ele. Elliot assentiu com entusiasmo e foi buscar nossos casacos. Peguei o celular para mandar uma mensagem para Harper. Minha melhor amiga me conhecia bem o suficiente para saber que, em algum momento, eu mandaria mensagens. Então eu já poderia começar.

REGAN

Ocupada mais tarde?

HARPER

Infelizmente. Um subproduto do divórcio é ser disputada. O que, honestamente, deveria ser lisonjeiro, mas não tá me animando mais.

Você não tá o com Elliot hoje à noite?

REGAN

Tô, e pronta pra ir pra casa. Quero um filme, minha cama e um *cookie* de chocolate.

HARPER

Você sabe que poderia ter tudo isso na cama com o Elliot, não sabe?

REGAN

Você conhece o Elliot bem o suficiente pra saber que ele não faria isso.

HARPER

Eu sei. Que tipo de cara esquisito não quer ficar seminu com a namorada comendo *cookies*? Sinceramente, é motivo pra terminar.

REGAN

Talvez ele mude de ideia hoje à noite.

HARPER

Pro seu bem, espero que sim.

Me manda uma mensagem quando chegar em casa, pra eu saber que o Elliot não surtou nem a trancou no porão.

REGAN

Não foi engraçado.

Tínhamos assistido a episódios intermináveis de um programa de crimes, e agora ficávamos sempre em alerta. Harper estava convencida de que Elliot iria pirar um dia, e eu estava começando a concordar. Nos últimos tempos, ele parecia nervoso, cada coisinha parecia assustá-lo, mas eu não conseguia descobrir o motivo.

Guardei o celular de volta na bolsa e me dirigi à porta, onde Elliot me esperava com o meu casaco.

Na verdade, eu não estava tão desesperada para me sentir lisonjeada com o quanto ele parecia ansioso esta noite.

O encontro não passaria da viagem de volta para casa, e eu esperava que ele fosse compreensivo o suficiente para não me pressionar.

Elliot podia ser divertido.

Podia ser uma diversão soltinha e sem compromisso, mas não era o que eu buscava naquela noite.

Sua mão deslizou sobre a minha e ele me puxou para a calçada, virando logo à direita.

— O que está fazendo? O carro é para o outro lado.

— Eu sei — disse ele, sorrindo. — Quero te mostrar um lugar.

— Que tipo de lugar?

— Tem um belo mirante virado pro rio ali embaixo, e acho que você vai adorar.

— É um lugar romântico, ou um novo lugar pra você tentar realizar suas fantasias sexuais em público? E é por aqui? Sério?

O caminho para o tal mirante parecia menos um passeio romântico e mais um filme de terror. As luzes ficavam cada vez mais distantes e as lojas pareciam mais degradadas a cada quarteirão.

— Sim, é bem ali embaixo.

A situação era estranha, mas eu o segui. Embora comer *cookies* na cama parecesse ótimo, eu não estava ansiosa por mais uma noite sozinha naquela casa gigante.

— Elliot, não parece ser uma boa ideia. Talvez devêssemos voltar. Há muitos outros lugares pra onde poderíamos ir.

Ele me envolveu com um braço.

— Está tudo bem, querida. Não é longe. Estou com você. Não vou deixar que nada aconteça.

Um motor rugiu atrás de nós, seu ronco profundo cortando o silêncio da noite. Virei a cabeça, sentindo um arrepio percorrer a espinha. Uma motocicleta preta passou pela rua. Os faróis estavam apagados, mas uma fina linha de luzes cor-de-rosa brilhava por baixo dela. O neon era estranhamente bonito, considerando onde estávamos.

As roupas do motociclista eram tão pretas quanto a motocicleta, fazendo com que quase se misturassem à noite. Fiquei de olho nele enquanto seguíamos em frente. O motociclista ajeitou-se devagar no assento, inclinando a cabeça em minha direção, como se percebesse que eu o observava.

Parecia que seus olhos estavam fixos em mim, mesmo a distância, mas eu não tinha como saber, porque o capacete ocultava seu rosto.

Agarrei a mão de Elliot, apertando-a com força enquanto minha frequência cardíaca aumentava. Meu instinto gritava que algo estava errado.

— A moto está nos seguindo? — sussurrei.

Elliot virou-se para trás, com os olhos arregalados, antes de acelerar o passo.

— Por que uma moto estaria nos seguindo? — perguntou ele, tentando parecer calmo, mas o tremor em sua voz o traiu.

Aceleramos, mas o rugido do motor persistia, tornando-se cada vez mais alto e próximo. Segurei a mão de Elliot com mais força, o suor se formando em minha palma.

Cada passo parecia mais pesado. A escuridão se adensava ao nosso redor, puxando-nos para seu abraço sufocante. As sombras sinistras entre os postes de luz quebrados faziam minha pele se arrepiar.

Olhei para trás. A moto estava mais próxima, o motor roncando como um predador perseguindo sua presa.

— Elliot — murmurei. — Ele definitivamente está nos seguindo.

Não houve resposta, Elliot apenas acelerou o passo. Sua mão tremia na minha,

e percebi que ele estava tão assustado quanto eu.

Lá se fora a promessa de que nada de ruim aconteceria. Mal percorremos dois quarteirões e notamos que alguém nos seguia.

Todos os pelos do meu corpo se eriçaram em sinal de perigo. A rua se bifurcava e Elliot me puxou para a esquerda. Os sons da cidade desapareceram, abafados pelo ronco da motocicleta.

— Precisamos sair daqui — falei, trêmula. — Agora.

Elliot assentiu, finalmente acompanhando a minha urgência. Começamos a correr, mas o motor rugiu, e o som provocou um novo choque de medo em meu peito.

Estava muito perto.

Sem aviso, a moto passou zunindo por nós, cortando-nos perto de um beco. Ele freou bruscamente, com os pneus rangendo, bloqueando nosso caminho enquanto minha respiração ficava presa na garganta.

O motoqueiro permaneceu em silêncio, inclinando a cabeça como se estivesse se divertindo com o nosso medo. Podíamos tentar correr, mas a moto nos alcançaria facilmente. Estávamos presos, sem saída.

TRÊS

REGAN



PERMANECI COLADA NA CALÇADA, PESANDO OS PRÓS E OS CONTRAS DE SAIR correndo.

A moto agora avançava devagar, com as luzes de baixo piscando enquanto o piloto se aprumava. Botas, jeans, jaqueta e capacete — tudo preto. Não havia nada nele que se destacasse e, sem o som da moto em marcha lenta, a menos de dois metros de mim, eu não sabia se o notaria.

Ele arregaçou as mangas, revelando as mãos e os antebraços tatuados, que se flexionaram com o movimento.

O brilho do metal chamou minha atenção quando ele ergueu uma arma, e meu estômago se contraiu.

— Passa a carteira — exigiu ele, acenando com a cabeça para Elliot.

Paralisada, segurei minha bolsa, pensando se a entregaria ou se lutaria por ela. Minha vida estava ali dentro, mas eu não sabia como lutar contra um homem armado.

Enquanto hesitava, dividida entre me render ou lutar, Elliot fez sua escolha. Ele largou minha mão e girou sobre os calcanhares, correndo de volta pelo caminho que havíamos percorrido.

Ele fugiu.

Rápido.

Caralho, ele fugiu.

Chegou ao final do quarteirão antes que eu pudesse processar o que aconteceu.

Fugiu e me deixou sozinha em uma rua vazia com um homem violento e armado.

Isso porque disse que não deixaria nada me acontecer.

O motoqueiro virou-se, com o rosto ainda obscurecido pelo capacete, mas senti o peso de seu olhar sobre mim. Sua cabeça inclinou-se um pouco,

examinando-me com uma curiosidade quase predatória. Devagar, a arma foi abaixada, enquanto ele erguia a camiseta, revelando a borda de uma tatuagem escura que serpenteava por sua pele. A arma desapareceu em seu cós e, quando ele estendeu a mão, eu me encolhi instintivamente, esperando o pior. Em vez disso, ele apenas tirou o capacete.

— Ok, que porra é essa? — perguntou ele. — Vocês dois não estavam em um encontro?

— Hmm, sim, estávamos. Estamos namorando há seis meses.

Minhas palavras saíram em um estado hipnótico.

Será que Elliot tinha mesmo saído correndo, sem nem gritar para que eu o seguisse, ou olhar para trás, para ver se eu continuava o seguindo? Será que ele tinha me deixado ali para ter mais tempo para fugir?

— Bem, com certeza é tempo suficiente para não deixar você sozinha com um ladrão. Eu apontei uma arma, e ele fugiu?! Se a sua opção é levar um tiro ou passar a noite andando por uma galeria de arte, acho que seria mais fácil levar o tiro, mas, mesmo assim, ele deveria pelo menos ter tentado ajudar você.

Fiquei ali, atônita, enquanto meu possível assaltante falava comigo como se fôssemos amigos, como se *ele* estivesse surpreso com o comportamento do Elliot.

— Perdão. *Você* tá com pena de *mim*? — perguntei, enfim me recuperando.

— Bom, tô mais indignado, mas, sim, ele é um belo de um idiota. Deveria estar aqui com os punhos erguidos.

Dei um passo para trás em direção ao prédio, encostando-me no tijolo frio, usando a sensação de frieza sob meus dedos para me trazer de volta à realidade.

— Nossa, caramba. Sou tão patética assim, que o homem que tá me roubando à mão armada sentiu pena de mim?

— Pera aí. Vamos esclarecer uma coisa. Eu queria roubar o cara, não você.

— Não? Mas apontou uma arma pra mim!

— Na verdade, apontei pra *ele*. Só a virei pra você por um segundo. Pelo fator de choque. Seu namorado me deve dinheiro, e eu fui o único voluntário pra vir buscá-lo. — Ele balançou a cabeça. — Ou pelo menos assustá-lo o suficiente pra tentar fazê-lo pagar.

Olhei para trás, para onde Elliot tinha corrido.

— Bem, você conseguiu assustá-lo, então conseguiu metade do que queria.

— Sim, mas ele não sabe quem eu sou. Sinceramente, eu não esperava que ele saísse correndo *tão* rápido. Nem consegui fazer o meu discurso. Não pude nem o comparar com uma garotinha assustada. Acho que até uma garotinha teria ficado por mais tempo. Droga, uma garota ficou mesmo por mais tempo.

Eu ri, arrependendo-me em seguida. Não podia achar meu suposto ladrão

engraçado. Fiquei olhando para ele. Uma máscara cobria a metade inferior de seu rosto, e seus cabelos escuros estavam revoltos por causa do capacete. Seus olhos se fixaram em mim. Infelizmente, meu pensamento seguinte, depois de achá-lo engraçado, foi de como ele era gostoso.

— Tudo bem, vamos lá — disse ele, estendendo o capacete como se eu devesse pegá-lo.

— Vamos lá, o quê?

— Vem, vou te levar pra casa. Ao contrário do seu namorado, não vou deixar você aqui, em uma rua deserta, à noite, sozinha. Sem contar que tenho mais o que fazer hoje à noite, então vamos lá, anda logo.

— Sério? Você planeja mais de um assalto por noite? Surpreendente. E talvez ele saiba que sou uma mulher adulta e capaz — disse eu, endireitando os ombros.

Talvez Elliot só tenha pensado que eu saberia me controlar e esperasse que eu corresse com ele.

— Considerando que você nem piscou quando eu apontei a arma, não duvido disso. Achei que era você quem ia lutar comigo.

— Então, o que te faz pensar que não posso voltar pra casa sozinha?

Ele se aproximou, e notei o azul em seus olhos. O preto das roupas contrastado com o azul me lembrou a pintura que acabara de ver. Os tons profundos em contraste com o azul brilhante e gelado. Era lindo como o quadro. Ele riu, o som profundo chamando minha atenção de novo.

— Você sabe onde tá? Porque, se acha que vai voltar pra casa sozinha sem ser incomodada, tá muito enganada. E acho que nenhum Uber vai vir até aqui pra buscar você. Ou sobe na moto, ou corre o risco de encontrar outro tipo de pessoa.

— E se eles forem mais legais do que você?

— No momento, não tô roubando ou tocando em você, nem planejando fazer nada disso, então, e se eles quiserem fazer tudo isso?

A rua deserta e o caminho assustador já eram o bastante para fazer minha pele se arrepiar, mas esse homem tinha acabado de apontar uma arma para mim.

— Acho que você deve saber que eu sei me defender, então, se você tentar me tocar ou me roubar, eu vou lutar.

— Você me fez tremer de medo. Agora, sobe na moto — disse ele, seu tom entediado me fazendo morder o lábio inferior.

Tecnicamente, se eu subisse na moto, ele poderia me levar para qualquer lugar. Mas, se eu não fizesse isso, ficaria ali.

— Eu realmente não entro em carros com estranhos, nem subo na garupa de motocicletas… Bem, nunca.

— Então, parabéns, você tá prestes a se tornar uma rebelde. Pela primeira vez na vida, imagino.

Um homem então gritou algo do outro lado do quarteirão e, quando olhei para trás, eu o vi vindo em nossa direção.

— Sobe na porra da moto antes que eu tenha que te forçar, ou te deixar com o cara que tá vindo aí pra te matar ou te fazer chorar. Eu te deixaria aqui de qualquer forma, mas você estaria com um cadáver e imagino que você não gostaria disso.

Peguei o capacete, empurrei o cabelo para trás e o coloquei. Pude ver seu sorriso se abrir de novo quando passou a perna por cima do assento.

— Boa escolha, *rebelde*. Vou te chamar de *Rebel*… Você parece ter um cérebro. Por que caralhos tá com o Elliot?

— Você o conhece mesmo? — perguntei, levantando um pouco o visor do capacete.

Parecia um pouco frouxo, mas fiquei feliz por ele pelo menos tê-lo oferecido.

— Sim. Ele é bem conhecido no nosso grupo, e não por boas razões. Nem mesmo por razões ruins, mas divertidas — disse ele com um sorriso. — Se esta noite não for prova suficiente, sugiro que você largue esse cara. Ele tá muito endividado, o que serve pra você ficar de olho na sua carteira. Não sou eu quem tá de olho nela.

Ele se sentou de volta na moto e eu fiquei ali, observando.

— É aqui que eu deveria me sentar? — perguntei.

O pequeno estofamento não comportava nem metade da minha bunda.

— Sim, aí mesmo. Se eu tiver que te mandar subir na porra da moto mais uma vez, vamos reduzir as opções que te dei pra apenas uma.

— Qual delas? — perguntei, já balançando a cabeça. — Não, nem responde. Você é meio babaca, né?

Ele inclinou a cabeça, estreitando os olhos.

— Nós nos conhecemos com uma arma apontada pro seu rosto. Eu pareço um moço doce e inocente pra você?

— Não. Infelizmente, não.

O que significava que ele não era o tipo de pessoa com quem eu em geral andaria, ou assim eu pensava. Aparentemente, Elliot também estava longe de ser um moço doce e inocente.

Olhei de relance para o cara que descia a rua. Seria melhor ir embora na garupa da moto de um doido, que parecia poder me matar, mas me oferecia uma carona de bom grado? Ou me arriscar com o estranho que descia a rua deserta?

Eu queria fazer coisas mais interessantes em minha vida. Subir na garupa da moto de um estranho não seria um bom começo?

— Como faço pra subir?

Ele apontou para o apoio de pé, observando por cima do ombro enquanto eu colocava um pé sobre ele e tentava me levantar. Caí um pouco para trás, mas, pelo menos, caí de pé.

— Segura nos meus ombros pra se equilibrar quando subir, e não cair de costas como um bezerrinho bebê — gritou ele.

— Eu não sabia se podia tocar em você! — gritei de volta.

Olhei para a rua. O cara do quarteirão estava mais perto.

— Puta que pariu. Vamos, *agora*. Você tá prestes a me tocar muito mais, então, sim, presumi que haveria mãos sobre mim.

Coloquei as mãos em seus ombros, erguendo-me sobre o apoio de pé e passando a perna por cima da moto.

— É como montar em um cavalo — disse, tentando me sentar no pequeno assento.

Sua cabeça caiu para a frente, e eu o senti chacoalhar.

— Tá rindo de mim? — perguntei.

— É que nunca ouvi isso de uma garota em cima de mim.

— Eu não tô em cima de você — falei, endireitando-me no assento.

Ele deu a partida na moto, e o barulho alto vibrou em mim. Então bateu em alguma coisa, fazendo a moto saltar alguns centímetros para frente, e me forçando a gritar quando caí para frente, agarrando-me a ele.

— Bom… — disse ele, elevando a voz por cima do motor. — Agora você tá. Braço na minha cintura ou no tanque, você escolhe. Pode se segurar em mim, mas se a gente for reduzir ou trocar de marcha, usa o tanque pra se apoiar. E nada de me apertar demais, ou te largo no meio do caminho. Se der algum problema, me cutuca que eu paro. Mas não me faz parar só por medo; isso você guarda pra você. E ó, se a sua mão descer do cinto, o problema é seu. Faz meses que não levo ninguém na garupa e garanto que você vai sentir a diferença.

— Quantas regras… E eu tava certa sobre a sua babaquice.

Ele se virou para me olhar.

— Tava, sim. Segurança em primeiro lugar, *Rebel* — disse ele, fechando meu visor. — Agora, segura firme.

QUATRO
ROOK



NA VERDADE, ELA NÃO SABIA PARA ONDE EU A LEVAVA, MAS PRESUMI QUE não demoraria a perguntar. Voltei para a cidade, mas em vez de virar à esquerda em direção à minha casa, dobrei à direita, rumo ao lado rico da região.

Não havia a menor chance de ela ser do meu lado da cidade. Além de não parecer nem agir como tal, o Elliot jamais sairia com uma mulher que não fosse podre de rica. Tinha certeza de que ele já devia ter vasculhado a bolsa dela sem que ela sequer percebesse.

Não demorou muito para que ela batesse em meu ombro, e não escondi meu gemido. Não que ela pudesse ouvir. Encostei em uma das ruas laterais mais desertas que encontrei e desliguei o motor.

— É aqui que você quer ficar?

Ela tirou o capacete, deixando o cabelo escuro cair em cascata pelos ombros. Os lábios eram de um vermelho profundo, com o batom levemente borrado, e me perguntei se o Elliot já tinha tentado algo com ela naquela noite. Mas isso ainda não explicava por que ele a levaria para uma zona perigosa. Não havia nada para fazer por lá; não existia motivo para levar uma mulher como ela até ali, arriscando a vida dela.

— Não, mas pensei que, como já estávamos passando por aqui, você não se importaria se parássemos em uma padariazinha. Eles ficam abertos até tarde, e eu quero *cookies*.

— Você me pediu pra… Parar e comprar um *cookie* pra você?

— Não, quero que você pare pra que *eu* possa comprar um *cookie*.

— Você acha que sou o quê? Seu motorista? Seu guarda-costas? Você sempre pede lanche pros caras que apontam uma arma na sua cara?

— Em geral, quando peço pra um cara me levar pra comer, ele fica feliz e não reclama.

— Tenho certeza de que os caras tão dispostos a fazer muitas coisas por você sem questionar. Tem uma longa lista de coisas que *eu* faria com você sem questionar, mas parar pra comer a porcaria de um *cookie* não é uma delas.

Ela franziu as sobrancelhas ao descer da moto.

— Bem, adivinha só, *Rook*. Já estamos aqui, então vou ali na esquina comprar um *cookie*. Você pode ficar aí sentado e esperar como um bom assaltante, ou vir comigo, mas eu tive uma péssima noite e agora quero a porcaria de um *cookie* — disse ela, quase chorando.

Era de se esperar que ela fizesse cena, mas antes parecia muito assustada. Nada disso estava nos meus planos. Ela já estava dobrando a esquina do prédio de tijolos quando me dei conta do que ela tinha acabado de dizer.

— Ei! — gritei, alcançando-a. — Ela não diminuiu velocidade, então agarrei seu braço, puxando-a para parar. — Como você sabe o meu nome?

Ela deu de ombros, tentando parecer relaxada, mas não funcionou. Metade da minha vida foi gasta aprendendo linguagem corporal. É mais fácil intimidar as pessoas e se livrar de problemas quando se sabe o que elas estão pensando.

E eu sabia que ela ainda estava apavorada.

— Seu amigo ligou, e eu atendi com o capacete.

— O Aiden?

— Sim.

— Eu vou matar ele.

— Por quê? Não quer que as pessoas que você tava tentando roubar saibam seu nome?

Eu ri.

— Na verdade, não. O que mais ele disse?

— Que você tá de mau humor esta noite e que era pra eu te manter longe o máximo que pudesse, porque ele não queria lidar com você.

— Então você achou que um *cookie* seria uma boa ideia?

— Eu já queria um *cookie* antes de você me assaltar, então era o que fazia mais sentido.

Ela se virou, abrindo a porta da padaria e entrando. Detestei ter que a seguir, mas precisava descobrir o que mais Aiden tinha contado para ela — só assim eu saberia o tanto que bateria nele por ficar falando de mim para uma estranha.

Ela se aproximou do balcão para fazer o pedido, e eu fiz o mesmo, mas por trás dela. Ainda usando a minha máscara, notei a atendente olhar rapidamente para a garota, evitando meu olhar.

— O dobro do que ela pediu.

A tal *Rebel* deu um passo para o lado, olhando para mim com os ombros eretos.

— O quê? Agora você acha que *eu* é que vou pagar? — perguntei.

— Você tentou me roubar sob a mira de uma arma! O mínimo que você pode fazer é me comprar um *cookie*.

Atrás do balcão, os olhos da moça se arregalaram, e sua boca se abriu.

— Na verdade, eu não tentei roubá-la — esclareci, sacando dinheiro mais do que suficiente para cobrir a conta. — Tentei roubar o namorado dela. Você pode ficar com o troco se não chamar a polícia.

Depois do relato e diante da minha aparência, a moça pareceu assustada o bastante para assentir.

— Sem problemas — balbuciou ela. — Vou pegar os *cookies*.

— Obrigada! — exclamou Rebel, empurrando-me para longe. — Não seja rude.

— Não sou eu que saio por aí anunciando crimes pra todo mundo.

— Isso significa que você cometeu mais de um?

Franzi o cenho.

— Hoje? Sim. Não é óbvio? E, se você começar a contar às pessoas sobre meus negócios, não serei tão gentil.

— Isto é uma ameaça? E este é você sendo *legal*?

Peguei a caixa de *cookies* e a entreguei para ela enquanto voltávamos para a rua.

— É claro que é uma ameaça. E você não vai ser largada na beira da estrada, então, sim, tô sendo *legal*.

— Me ameaça de novo, e eu vou à polícia te denunciar.

— E eu invado a sua casa e te sequestro para você nunca mais ver sua família ou a polícia — respondi, puxando a máscara só o suficiente para dar uma mordida no primeiro *cookie*.

Ela tinha razão. Que *cookie* delicioso. Não percebi que ela tinha parado de andar até que virei a esquina do beco onde estacionei a moto. Dei um passo para trás, encontrando-a estática na calçada.

— Qual é o problema?

— Problema?! Você ameaçou me sequestrar!

— Só se você tentar me denunciar. Caso contrário, não pretendo te ver nunca mais.

— Mas você faria isso?

— É claro que eu faria — confirmei. — Você vai comer os *cookies*, ou vou roubar todos eles de você?

Ela arrancou a caixa das minhas mãos e pressionou-a contra o peito.

— Vou comer o meu em casa. Daqui, posso ir sozinha.

Recostei-me na moto, observando-a enquanto comia o último *cookie*, que ela

aparentemente planejava me dar.

— Vai fugir?

— Do cara que me apontou uma arma e ameaçou me sequestrar? Sim.

O telefone dela tocou pelo que parecia ser a vigésima vez desde que tínhamos saído da moto e, como das outras vezes, ela apenas silenciou a chamada.

— Problemas?

— O Elliot fica ligando.

— Me dá o telefone.

— Você acha que vou te entregar meu telefone? Vai roubá-lo também?

— Sim, tenho poucos celulares cor-de-rosa. Anda logo — disse eu, estendendo a mão.

Peguei o aparelho e voltei a me apoiar na moto enquanto ligava o viva-voz.

Chamou apenas uma vez antes que Elliot atendesse.

— Querida? Ai, meu Deus, querida, você tá bem?

— Você realmente acha que a garota que você largou com a pessoa a quem você deve dinheiro tá bem? — perguntei, com a voz baixa e ameaçadora.

Ela olhou para mim, com a língua se movendo para lamber os lábios.

— Você… você pegou ela? — questionou ele, com um pânico que não me convencia. Ele provavelmente estava mais preocupado com uma investigação policial do que com a segurança dela.

— É claro que levei. Você deixou uma mulher gostosa numa rua perigosa com um cara que te odeia e tem uma arma.

Fiquei quieto enquanto Elliot gritava uma série interminável de ameaças vazias.

— Culpa sua, seu idiota. Não se deixa nada valioso com quem você deve dinheiro. Leva a grana pra loja e eu a levo em segurança pra casa.

Como se quisesse me provocar ainda mais, Elliot gritou algo sobre eu não encostar um dedo nela.

— Você tem medo de que ela fique desapontada com o seu desempenho se eu fizer isso?

— Rook! — gritou ela, em uma tentativa fraca de me repreender.

— Droga. Tenho que ir. Ela já tá gritando meu nome. O dinheiro, Elliot. Não esquece.

Encerrei a chamada e devolvi o celular a ela.

— Não atende por um tempo. Ele merece pensar que você tá tendo o melhor sexo da sua vida comigo depois do que ele fez com você.

Ela não se moveu, o que me deu tempo para de fato olhar para ela. Lábios vermelhos e carnosos, cabelos longos e escuros, aquela arrogância de garota rica que achava que eu não valia nada… Ela era linda.

E não havia nada mais satisfatório do que pegar uma garota que me via como um monstro e fazê-la implorar por mais, só para que ela acordasse no dia seguinte com nojo de si mesma por querer tanto fazer tudo de novo.

A pura corrupção de fazer alguém como ela desejar alguém como eu era algo incomparável.

Fazia seis meses que eu não dormia com ninguém; talvez o jejum estivesse mexendo com a minha cabeça.

— Vem cá — disse e, sem surpresa, ela não saiu do lugar.

Larguei o apoio da moto e me aproximei até ficarmos cara a cara. Ela me encarou, boquiaberta e com os olhos arregalados.

— O que você tá fazendo? — perguntou ela, ainda segurando a caixa contra o peito.

Inclinei-me até que meus lábios estivessem a um suspiro de distância dos dela.

— Vendo se você me beijaria se eu diminuísse a distância.

Ela não recuou, mas seus olhos sustentaram os meus.

— Não vou beijar você.

Minha mão desceu pela lateral de seu corpo, contornando o quadril até alcançar a barra da saia.

— E por que não?

— Porque acho que você pode matar pessoas, e eu não beijo assassinos.

— Claro que não — falei, meus dedos se movendo ao longo de seu quadril até roçar sua coxa. — Você faz alguma outra coisa com assassinos?

— Não. Não mesmo.

A voz dela falhou na última palavra, enquanto eu subia a mão.

— Não quer continuar interpretando a rebelde e descobrir?

Eu me inclinei, colocando um braço em volta de sua cintura para puxá-la para a moto.

— Considerando que tenho que subir de novo na moto se quiser uma carona, acho que já fui *rebelde* demais pra uma noite só.

— Tem certeza? É bem divertido cruzar a linha. Eu poderia te ajudar a ultrapassar algumas.

Minha mão agarrou sua coxa e eu abaixei a cabeça, meus lábios pairando sobre seu pescoço, mas sem tocá-la. A respiração dela travou; eu podia sentir seus batimentos acelerarem sob meus lábios.

— Basta dizer uma palavra, *Rebel*, e eu te dou algo que o Elliot jamais seria capaz de dar.

Cinco
REGAN



Burra.

Essa era eu em uma palavra. Burra.

Mas isso não me impedia de achar atraente o homem que ameaçou o meu ex enquanto devorava um *cookie*.

Nem me impedia de considerar levar minha rebeldia adiante e pedir um pouco mais do que apenas uma carona. Ele se inclinou, com a mão agarrando meu quadril com mais força.

Eu não tinha mais um namorado. Elliot receberia uma mensagem de texto e, em seguida, seu número seria bloqueado.

Os lábios de Rook roçaram meu pescoço e, por um segundo, cogitei ceder. Eu me imaginei sendo deitada sobre aquela moto, descobrindo exatamente o que ele achava que poderia me dar, aquilo que o Elliot jamais conseguiria.

— Achei que você tivesse dito que não ia me tocar.

— Eu menti.

— Bem, então, eu também — disse eu, pegando um *cookie* e enfiando-o na boca dele. — Não quero ser rebelde.

Prendi a respiração quando ele percebeu o que eu havia feito. Por um segundo, com o coração disparado, lembrei que estávamos sozinhos em um beco escuro e que eu o estava rejeitando fisicamente. Fiquei estática, esperando qualquer tipo de retaliação.

Ele se recompôs e tirou o *cookie* da boca, rindo.

— Tava me perguntando se você ia compartilhar o resto — disse ele, dando outra mordida. — Você tava protegendo essa caixa como se fosse o seu bem mais precioso.

— Você não tá… bravo?

— Por isso? — perguntou ele, segurando o *cookie*. — De jeito nenhum. Mas é

engraçado você achar que não quer ser rebelde. Acho que eu poderia te fazer mudar de ideia bem rápido.

— Acho que você deveria me levar pra casa.

Ele balançou a cabeça, subiu na moto e ficou esperando por mim.

— Você não tá bravo mesmo? E ainda vai me levar pra casa? *Viva*?

— Por mais estranho que pareça, não sinto necessidade de matar pessoas por não transarem comigo em becos. Isso é algo que o Elliot faria? Eu já sabia que o cara não tinha caráter, mas isso é novidade — disse ele com uma risada.

Revirei os olhos.

— Esquece o que eu disse… — murmurei, ainda hesitando antes de subir na moto.

Minha mente fervilhava de dúvidas. Mas a empolgação de algo novo e excitante parecia forte demais para resistir. Respirei fundo antes de colocar o capacete e subir na garupa. Desta vez, por sorte, não tropecei, o que foi ótimo, já que minhas pernas pareciam ficar bambas quanto mais eu me aproximava dele. Seus dedos deslizando pelas laterais do meu corpo haviam me incendiado, e, embora eu soubesse que não faria nada com ele, uma parte minha queria.

Eu era uma boa menina, nada rebelde. Rook definitivamente não fazia o meu tipo, então por que eu me sentia tão empolgada para envolver meus braços em seu torso? Ele acelerou a moto, e me agarrei a ele, tentando manter as mãos firmes sobre seu abdômen, mas a cada arrancada da moto, minhas mãos desciam um pouco, até o seu cinto, e depois mais para baixo…

Ele não tinha mentido quando disse que eu sentiria alguma coisa se descesse além do cinto. Minha mão roçou o jeans dele e senti, por um instante, o volume rígido antes de recuar. Mas não havia muitos outros lugares onde eu pudesse me segurar. Subi as mãos novamente, sentindo a barriga definida.

Talvez eu não precisasse abandonar totalmente meu lado rebelde. Deslizei as mãos por baixo do moletom e da camiseta, espalhando meus dedos pela sua pele nua. Um calor intenso se acumulou em mim, meu corpo de repente latejando de desejo enquanto eu me apoiava nele, querendo mais.

Quando percebi que já estávamos perto, puxei minhas mãos rapidamente e apontei para a próxima rua. Não era o caminho para a minha casa, mas seria apenas uma caminhada irritantemente longa por dois quintais, e então eu chegaria em segurança.

E deixar Rook saber onde eu morava parecia onde eu morava parecia ser só mais uma decisão burra para a minha coleção daquela noite.

Ele deu um tranco na moto outra vez, fazendo-me cair contra suas costas e me agarrar nele mais uma vez antes que eu começasse a bater freneticamente em seu ombro, sinalizando para que parasse em frente a uma casa aleatória.

Não perdi tempo antes de descer e devolver o capacete para ele.

— Por que você fez aquilo? — perguntei.

— O quê?

— Empinou a moto.

— Eu solto um pouco a embreagem e ela dá um salto — respondeu ele, como se fosse óbvio.

— Eu não gostei.

Ele sorriu de lado e arqueou as sobrancelhas.

— Eu gosto.

Balancei a cabeça, tentando não sorrir de volta.

— Obrigada… eu acho — disse, ajustando a saia e girando nos calcanhares para entrar na propriedade. Eu conhecia o senhor que morava ali, e ele não se importaria se eu cortasse caminho. — Até… nunca mais, imagino.

— Ei — gritou ele. — E se eu quiser te ver de novo?

Eu já estava negando com a cabeça antes mesmo dele terminar. Não era só pelo constrangimento, mas porque eu não sabia nada sobre ele, e o pouco que eu sabia não era lá boa coisa.

— Você não vai.

Consegui chegar aos fundos do quintal do vizinho antes de ouvir a moto arrancar. O som do motor ecoou pelo ar por uma eternidade até, finalmente, desaparecer.

Esperei mais alguns segundos antes de continuar. Dali, seria uma caminhada longa até a minha casa, mas, pelo menos, eu me sentia um pouco mais esperta por não ter dado a um estranho a localização exata de onde eu morava.

A mansão se erguia na noite, com as luzes acesas servindo de farol. Diferentemente das casas ao redor, a nossa ficava recuada, com uma longa trilha de acesso e milhares de metros quadrados de terreno garantindo uma privacidade absoluta em relação aos poucos vizinhos que tínhamos.

Meu coração disparou ao abrir a porta. Parte de mim sentia como se tivesse uma marca na testa anunciando o que eu tinha feito; a outra lembrava que, ali dentro, ninguém se importava com onde eu estava ou o que eu fazia.

O meu lado da casa permanecia vazio. Seis quartos, um escritório, uma cozinha enorme, sala de estar e de jantar. Cômodos intermináveis, e nem uma alma viva dentro deles. Nossa casa fora dividida. Este lado era praticamente todo meu agora: os quartos, a sala de estar e a cozinha. O outro lado fora construído depois pelo meu pai. Lá ficavam o quarto dele, um escritório, uma sala de estar formal e uma pequena cozinha, que só era usada quando ele chamava alguém para preparar suas refeições.

Bom, mais precisamente, todos os dias. E, ainda assim, não havia ninguém ali

que desse a mínima para mim.

Bufei enquanto subia a escadaria ridiculamente grande até meu quarto no andar de cima. Já fui tirando um *cookie* da caixa e discando o número da Harper no celular.

— Ei. O Elliot por acaso te trancou em algum porão? — perguntou ela.

— Não, mas acho que ele pode ter feito algo muito pior. E acho que eu também — respondi, trancando a porta do quarto atrás de mim.

Atirei-me na cama e comecei a contar tudo para Harper.

SEIS

REGAN



OUTRO DIA SE PASSOU COMIGO LARGADA EM CASA.

Não havia eventos, festas, nada — apenas dias intermináveis em que ninguém precisava de mim para absolutamente nada.

Acabei voltando para cá depois da faculdade para cuidar do meu pai. Ele soltava comentários de vez em quando sobre querer ajuda e não querer que eu ficasse longe, e eu logo entendi o recado. Então, em vez de ganhar o mundo depois de formada, voltei para casa para cuidar dele e esperar pelo dia em que ele me deixaria assumir alguma responsabilidade.

Mas ele parecia estar fazendo o máximo que podia com a ajuda de todos os seus médicos, e eu continuava apenas… esperando.

Minha maior contribuição para o mundo era a minha arte — e nem desenhar estava me animando naquela semana. Eu queria um propósito para me levantar da cama.

Em vez de fazer algo útil, joguei os pés sobre o encosto do sofá, assistindo ao próximo episódio do programa de crimes, de cabeça para baixo, como se isso pudesse tornar tudo mais empolgante.

— O que tá fazendo, Regan? Senta direito.

A voz do meu pai me assustou, fazendo-me virar rápido.

Ele raramente entrava nesta sala. Parecia passar a maioria dos dias trancado no escritório ou na sede da empresa, no centro da cidade. Mesmo quando estava aqui, eu raramente percebia sua presença.

Agora, ele estava sentado à minha frente, deixando-me nervosa enquanto arqueava uma sobrancelha.

— Onde você esteve ontem à noite que só chegou em casa à uma da manhã e entrou pelos fundos? — perguntou ele, com os olhos duros e furiosos.

— Saí com o Elliot. Eu te avisei… — disse, tentando respirar fundo para

controlar meu coração acelerado.

— Então por que você foi vista andando pelo quintal do nosso vizinho até o nosso? Ele ligou pra saber se você tava bem.

— O Elliot errou o trajeto e a gente discutiu. Achei que cortar caminho pelo quintal seria melhor do que passar mais um minuto dentro do carro com ele.

Seu rosto se suavizou um pouco, mas ele ainda não estava satisfeito com a resposta.

— Você acionou uma dúzia de alarmes de segurança e deixou meus funcionários em pânico. Tentei te ligar, mas você me ignorou. Quase tive um ataque cardíaco tentando controlar a situação.

— Eu tava no telefone com a Harper — menti, tentando parecer o mais inocente possível.

Eu não queria dar a ele nenhum motivo extra para se estressar.

— Isso é ridículo, Regan. Você tem tudo de que precisa aqui e, ainda assim, sou acordado no meio da noite com um alarme de invasão na minha propriedade.

— Você tem sensores no quintal?

— Tenho no muro que você escalou. Eu comando uma empresa de segurança, Regan. Acha mesmo que este lugar não é vigiado de ponta a ponta?

— Até imaginava, mas não tinha certeza.

— Não, claro que não. Você não pensa em nada além dessas suas pinturas e desse programa de TV ridículo — respondeu ele.

Aquelas palavras me magoaram. Talvez essas coisas realmente ocupassem muito do meu tempo, mas não eram as únicas que importavam para mim — e, se dependesse da minha vontade, eu estaria fazendo muito mais.

Mas não ousei retrucar. Irritá-lo ainda mais era a última coisa que eu queria. A saúde dele já parecia frágil e o estresse não seria bom para ele. Tudo o que eu tinha lido sobre sua doença dizia que o estresse só agravaria os sintomas, e eu não suportaria ser a causa de uma piora.

Afastei esses pensamentos dolorosos quando o telefone do meu pai tocou. Ele parecia tão absorto na própria raiva que atendeu ali mesmo, sobre a mesa.

Meu pai escondia muita coisa de mim, e logo percebi que esconderia aquilo também. Ele raramente, senão nunca, atendia ligações na minha frente. Costumava apenas olhar o identificador de chamadas e sair apressado para outra sala. Eu não tinha permissão para ouvir suas conversas, nem sequer para saber do que se tratavam. Essa constatação sempre me incomodava, mas agora me deixava ainda mais chateada.

— O quê? — perguntou ele, esperando a outra pessoa falar. — Como se eu me importasse com isso. Nós demos duas semanas, repito: duas semanas. Até a porra da hora marcada.

Ele ficou em silêncio de novo, pressionando os lábios com força.

— Se eu não receber o dinheiro, você vai perder muito mais do que apenas o seu negócio. O tempo tá acabando. Você já perdeu um dia.

Fiquei boquiaberta, chocada. Eu esperaria ouvir aquelas palavras de alguém como o Rook, não do meu pai, um diretor de empresa de terno e gravata. Só consegui encará-lo enquanto ele se levantava e me lançava um olhar furioso.

— Preciso ir — disse ele, voltando-se para mim. — Fica em casa neste fim de semana. Não quero você por aí, criando mais problemas. Você não deve sair de casa de jeito nenhum.

— E se eu precisar de comida? — perguntei, atônita.

— Peça pra entregar. Eu tenho coisas demais pra fazer, Regan. Tenho reuniões, viagens pra organizar. — Fez uma pausa, pigarreando. — Consultas médicas. Tenho muitos afazeres, e você não tá ajudando.

— Tem razão — respondi, cedendo, enquanto lágrimas começavam a encher meus olhos. — Me desculpa.

Ele apenas balançou a cabeça e tirou o celular do bolso enquanto seguia em direção à frente da casa.

Permaneci sentada, observando a porta bater atrás dele. Eu não queria chorar. Não queria encarar o quanto parecia ser um peso para ele, quando tudo o que eu queria era ser uma ajuda, mas não consegui evitar.

Eu era um fracasso — e nem ao menos tinha tentado ser alguém ainda.



Por mais que eu quisesse seguir as regras do meu pai e ficar em casa, era a Noite de Hallows, o festival anual de Halloween de Havenwood, e a gente nunca perdia. Então, escapei de casa, deixando a TV ligada e torcendo para que o barulho não levantasse suspeitas. Na verdade, eu nem sabia quantas câmeras havia em casa, e, a essa altura, acho que nem queria saber. Só esperava conseguir sair com a Harper sem ser pega.

Ela me buscou na rua de baixo e, dez minutos depois, caminhávamos pelo centro da cidade.

— Você acha que vai conseguir escapar da bronca? — perguntou Harper, ainda surpresa com a minha fuga.

Eu raramente desobedecia meu pai para não o desagradar, mas desta vez eu de fato não aguentava mais ficar presa entre quatro paredes.

— Não sei. Espero que sim. É como se a casa estivesse zombando de mim. Eu ando de um lado pro outro, sabendo que não posso sair porque meu pai ficaria

furioso, mas também não consigo ficar lá parada, porque eu mesma fico irritada com isso. Não entendo. Fiz tudo o que ele queria. Então por que não me deixa ajudar nos negócios? A quem mais ele confiaria essa tarefa?

Harper revirou os olhos, resmungando.

— A um homem, provavelmente.

Meu estômago embrulhou.

— Você acha que ele entregaria tudo pra um desconhecido só porque ele tem um pinto, em vez de pra mim?

— Acho que seu pai gosta de pessoas poderosas e parece achar que o poder só pertence aos homens.

Cerrei os dentes, sabendo que talvez ela estivesse certa.

— Posso ser tão poderosa quanto qualquer homem.

— Eu sei, mas será que mais alguém sabe? Você se esconde naquela casa e faz tudo o que seu pai manda. Talvez ele não saiba do que você é capaz.

— Mas, quando eu tento mostrar, ele fica bravo por eu não estar obedecendo. Como é que eu vou ganhar assim?

Ela deu de ombros.

— Acho que você precisa decidir o que quer e ir atrás.

— Mais fácil falar do que fazer.

Assim que dobramos a esquina da rua principal, eu sorri. Todo mundo parecia pronto para o Halloween. A festa havia tomado conta do lugar. Luzes laranjas e roxas cruzavam o céu, penduradas entre os prédios, e teias de aranha decoravam cada vitrine. Bonecos assustadores e bregas forravam as calçadas, e os gritos e risadas dos passantes me fizeram sorrir ainda mais. Com a via interditada para carros, fomos abrindo caminho entre as barracas de comida e os jogos que lotavam o lugar.

Harper gritou, agarrando minha mão e me puxando até o nosso grupo de amigos.

Entre eles, estava Elliot, que me olhou quando me aproximei.

— Oi — falei, sem direcionar a saudação a ninguém em particular.

— Onde você tava? — perguntou Elliot. O tom frio dele me fez torcer o nariz.

— Segura em casa, apesar do que você fez — respondi.

— O que quer dizer com isso? — retrucou ele.

— Acho que ela quer dizer que você largou sua namorada sozinha na rua com um assaltante e fugiu — disparou Harper. — Quer falar mais sobre isso?

A boca de Elliot se fechou na hora. O que quer que ele estivesse prestes a dizer morreu em seus lábios. Tentei focar no restante do grupo, que fazia planos para a noite e para a próxima semana, mas minha mente começou a vagar.

Ouvi o ronco das motos antes mesmo de vê-las. Meus olhos dispararam para o

Elliot, que pelo visto também tinha ouvido. Ele deu um tapa no peito de um amigo, apontando com a cabeça para a rua atrás de nós. Não fiquei nem um pouco surpresa quando ele saiu em disparada, com os amigos logo atrás, costurando pela multidão até desaparecerem.

O barulho dos motores aumentou e eu congelei.

Não podia ser o Rook. Ele não viria aqui atrás do Elliot… ou viria? Será que ele sabia que Elliot estaria aqui?

Mas, pensando bem, ele soube que Elliot estaria comigo na exposição de arte, então devia estar de olho nele.

O barulho de um motor e o *flash* de luzes chamaram a minha atenção. Embora a rua estivesse interditada, seis motos surgiram na avenida. Elas se dividiram, três de cada lado, subindo nas calçadas, sem se importarem com as pessoas que se afastavam de seu caminho.

Era difícil diferenciar uma moto da outra. Algumas tinham cores diferentes, mas, no geral, eram muito parecidas. Uma moto preta com luzes verdes disparou para o centro da rua, empinando a roda dianteira enquanto o motor urrava.

As pessoas gritaram, mas os motoqueiros não deram a mínima. Por um segundo, eu me perguntei se poderia ser o Rook no centro da rua, mas lembrei que a moto dele tinha luzes rosadas.

Então, eu o vi. A moto preta, o motoqueiro vestido todo de preto, as luzes cor-de-rosa. Soube que era ele antes mesmo de me perguntar se ele me reconheceria. Se é que me veria. Provavelmente nem lembrava mais do meu rosto.

O motoqueiro se ergueu sobre as pedaleiras, vasculhando a multidão enquanto outra moto se aproximava com um rapaz e uma garota na garupa, o cabelo loiro dela escapando debaixo do capacete. Ela não parecia prestar muita atenção em nada, estava ocupada digitando no celular.

Agarrei a Harper, tentando puxá-la para longe, mas ela estava concentrada demais no cara com quem conversava. A multidão tinha recuado ainda mais, todo mundo mantendo uma distância segura da rua para o caso de as motos voltarem.

A garota loira deu um tapa no ombro do rapaz à sua frente.

O *talvez-Rook* olhou para o lado e, por um segundo, achei que estivesse olhando para mim. O capacete escondia seu rosto como sempre, e eu quase pensei estar imaginando, até que ele acenou para os outros e apontou diretamente para mim.

— Harper — sussurrei.

Virei de costas para as motos e comecei a caminhar de volta para o meio da rua.

O ronco de todos os motores explodiu ao mesmo tempo, ensurdecedor, e o

grupo avançou na nossa direção. A multidão ao meu redor se dispersou em um piscar de olhos, deixando-me praticamente sozinha no asfalto.

As motos começaram a me cercar. Os pneus chiaram contra o chão até que eu não conseguisse enxergar mais nada além delas. Uma fez curva fechada, acelerou para longe e depois voltou direto em direção ao grupo.

Meus pés pareciam colados ao chão, mesmo enquanto a moto vinha a toda velocidade na minha direção. O motor rugiu cada vez mais alto até que o piloto freou a menos de um palmo de distância. A traseira da moto se ergueu, o capacete parando a poucos centímetros do meu rosto. Prendi a respiração, enquanto o cheiro de borracha queimada e gasolina invadia minhas narinas.

— Rook — consegui dizer, por fim.

A moto voltou ao chão, e ele tirou o capacete.

O que vi por baixo não foi nem um pouco reconfortante. Seu rosto estava pintado como uma caveira em preto e branco, manchado de tinta vermelha.

Pelo menos, eu esperava que fosse tinta.

Ele sorriu. A maquiagem macabra me deu vontade de recuar, mas não consegui. Medo e excitação se misturavam dentro de mim, até eu não conseguir fazer nada além de encará-lo.

Ele se inclinou ainda mais, nossos lábios tão próximos que eu poderia beijá-lo se quisesse. Sua expressão mudou, transformando-se em um sorriso malicioso enquanto seus olhos se tornaram pesados e insinuantes.

— Peguei você.

SETE

ROOK



ELA FICOU BOQUIABERTA, OS OLHOS PERCORRENDO MEU ROSTO, TENTANDO entender a maquiagem. Ou talvez o sangue espalhado sobre ela.

A noite já tinha sido cheia, e ainda havia uma última coisa na minha lista de afazeres.

E agora ela estava bem diante de mim.

O moletom rosa comprido se ajustava aos quadris e às coxas dela, destacando cada curva. Aquilo me trouxe de volta a lembrança das minhas mãos nela; de como eu adoraria me perder entre as pernas dela. Fiquei imaginando se ela usava alguma coisa por baixo ou se só estava de moletom.

A noite estava fria. As temperaturas de outono tornavam agradável andar de moto de capacete e jaqueta. Se ela estava sentindo frio nas pernas, não demonstrava.

Fazia dias que eu não tirava aquela garota da cabeça, e o fato de não ter conseguido descobrir nada a respeito dela estava quase me enlouquecendo.

— Se tá procurando o Elliot, ele fugiu assim que ouviu vocês chegando.

Eu ri, fazendo um sinal para o Aiden se aproximar.

— Chocante.

Aiden se aproximou em marcha lenta, tirando o capacete.

— E aí, qual é a situação?

— Elliot. Ele… deu no pé. Pra que lado ele foi? — perguntei.

Ela mordeu o lábio inferior, com os olhos arregalados e as mãos inquietas. Ainda parecia nervosa perto de mim, o que parecia me afetar.

— Em direção ao bar Hellfire, no fim da rua. Ele tem ido muito lá ultimamente.

Aiden assentiu, já colocando o capacete e indo em direção ao bar com o restante do pessoal.

— Olha só para você… já dedurando o ex.

— Bom, se o fato de ele estar por perto significa que você vai continuar aparecendo… por que eu não contaria?

— Você tem se escondido de mim.

— E?

— E eu não tô gostando disso. Você não me diz seu nome. *E* me fez te deixar em uma casa aleatória. Como espera que eu te encontre assim?

— Como sabe que aquela casa não era minha?

— Não é difícil descobrir quem mora lá quando se tem o endereço.

Ela respirou fundo e endireitou os ombros.

— O que você quer? Eu não te devo dinheiro nem nada.

— Quero seu nome.

— Não — recusou ela.

Uma onda de prazer me atingiu, o que me surpreendeu. Planejava encontrá-la e ver se ela continuaria o que tínhamos começado na moto, mas suas palavras despertaram algo mais profundo. Havia uma parte minha que apreciava quem sabia guardar segredos. Uma parte que já tinha gostado da forma como ela me enfrentou na noite em que nos conhecemos. E, acima de tudo, uma parte de mim que adorava ver aquela garota rica brincando de ser rebelde.

Até onde uma moça bem-educada estaria disposta a ir?

— O meu negócio gira em torno de vender informação — eu disse. — Engraçado como você já sacou o quanto um nome pode valer pra mim.

O nariz dela se enrugou e as sobrancelhas se franziram.

— Como assim… vende informações?

— Consigo informações valiosas. E as vendo — respondi, sem alarde, apoiando-me no capacete que estava sobre o tanque da moto.

— Esse é o seu *trabalho*?

— Entre outras coisas.

Ela deu um passo cauteloso para trás, mas eu avancei com a moto, encurtando a distância.

— Seu nome, Rebel. Fala.

— Por que eu diria, se você vai usar pra… não sei, arruinar minha vida, me perseguir, ou algo do tipo?

Mordi a parte interna da bochecha, com o gosto metálico do sangue inundar minha língua.

— A última pessoa que me negou informações hoje tá deitada na beira da estrada.

— Entao… *é* sangue de verdade.

— Achei que daria um toque de autenticidade ao visual.

— Um toque de loucura, talvez.

Ela recuou mais uma vez, tentando se distanciar, até que tropeçou no meio-fio. Seu pé ficou preso, fazendo-a cair na calçada. Eu me apressei para ampará-la, estendendo a mão para ajudá-la a se levantar, mas ela só me olhou.

— Tem sangue nela também?

— Eu não sou um animal. Lavei as mãos.

— Mas não o rosto?

— E quem teria coragem de estragar esta obra de arte?

Ela se levantou sozinha, afastando minha mão com um tapa seco.

— Vai fugir de mim de novo? — perguntei, sorrindo enquanto ela fazia cara feia.

— Vou.

— É minha parte favorita. Corre, corre, Rebel. Posso te caçar a noite toda.

— Você não tem nada melhor pra fazer?

— Não. Além disso, de que outra forma eu saberia quem você é? Já que você se recusa a me contar por vontade própria.

— E qual é o problema? Pelo visto, fiz a escolha certa.

— Não gosto que mintam para mim. Também não gosto de ser apalpado por uma garota na minha moto, sem ela sequer dizer o seu nome.

— Isso parece ser um problema seu — disse ela, sorrindo.

— Ah, e é — falei, inclinando-me mais. Seus olhos percorreram meu rosto, alternando entre a tinta e o sangue. — É problema meu, e pretendo resolvê-lo.

— Como? — perguntou ela, a voz soando um pouco mais trêmula.

— Foge. Mas, se eu te encontrar na próxima hora, você vai me dizer o seu nome.

— E se você me encontrar e, mesmo assim, eu me recusar?

Era o tipo de pergunta que eu só poderia sonhar que ela faria. Senti um tremor no peito com a ideia de forçá-la a responder.

— Então eu vou arrancar de você.

— Arrancar de mim? — gaguejou ela.

— Sim. Vou te obrigar a falar em troca da sua liberdade.

— Então, se você me encontrar, eu vou ter que te falar meu nome ou… o quê? Vou ser sequestrada?

Ela tentou desviar o olhar. Então passei minha mão enluvada pelo rosto dela, segurando seu queixo para forçá-la a me encarar.

— Você é tão inteligente, Rebel… e tão bonita.

Inclinei-me para perto de seu ouvido e ouvi a sua respiração aguda. Ela não se mexeu, e me perguntei se era por medo ou desejo. Suas mãos se moveram sobre os meus bíceps, usando-me para se firmar.

Eu me aproximei e mordi seu pescoço com força. Ela gritou, seus dedos cravando em meus ombros, empurrando-me para longe.

— E deliciosa.

— Rook! — gritou ela.

Não me afastei. Em vez disso, beijei o local da mordida até sentir o corpo dela relaxar contra o meu. Por fim, recuei, admirando a mancha vermelha na pele dela, agora borrada com a tinta preta e branca do meu rosto.

— Tá vendo? Bonita — falei, dando um passo para trás.

Passei uma perna por cima da moto, deixando o capacete preso ao banco atrás de mim. Eu queria que ela observasse meu rosto, que visse meus olhos naquele exato momento. Os dedos dela subiram para o pescoço, limpando a tinta e encarando a própria mão suja com uma careta.

— Ei, Rebel? — chamei, logo antes de ligar a moto.

— O quê?

— Foge.

Oito
REGAN



Minhas mãos tremiam enquanto eu corria em direção à esquina, e o nervosismo no meu peito me arrancava risadas involuntárias. Eu sabia que não precisava daquilo. Podia simplesmente ir embora; ele jamais descobriria quem eu era. Mas o fato de ele estar tão obcecado em saber o meu nome me deixava elétrica.

Eu poderia ter chamado um carro. Não seria difícil conseguir um em dez minutos, mas sequer toquei no celular.

Em vez disso, saí correndo por uma rua lateral. O centro da cidade parecia seguro o suficiente e, com tanta gente na rua por causa do festival, eu não estava em perigo. Por outro lado, havia um motoqueiro feroz na minha cola que parecia determinado a me capturar, o que me fez questionar seriamente meus instintos de sobrevivência.

Corri por mais alguns quarteirões até parar em frente a um restaurante para recuperar o fôlego. O fato de eu não ser uma boa corredora ficou evidente assim que meus pulmões começaram a arder e minha respiração falhou.

Uma moto acelerou ao longe, mas era impossível saber se era o Rook ou um dos amigos dele. A esquina parecia deserta, então me escondi ali por quase vinte minutos, até que o som de um motor se aproximou outra vez.

Meu coração disparou de novo conforme eu caminhava por outra rua lateral, prestando atenção nas motos à medida que passavam. Ele devia ter espalhado o grupo inteiro pela cidade; o ronco dos motores ecoava por todos os cantos, rebatendo nas paredes dos prédios. Ele estava jogando comigo, para que eu não soubesse para onde fugir. Onde quer que eu olhasse, havia uma moto à espreita.

Eu não sabia o que faria se Rook me pegasse — ou se eu, no fundo, queria ser pega —, mas eu queria jogar. Adorava a forma como meu coração disparava cada vez que o ronco de um motor se aproximava.

Pela primeira vez em muito tempo, minha vida monótona não parecia tão

cinza.

Comecei a me perguntar se Rook tinha esse efeito sobre mim.

Segui por outra rua, entrando em um beco que levava a algumas lojas escondidas, bem menos movimentadas que a via principal. Perguntei-me com que frequência ele ia para aquele lado da cidade e se conhecia os atalhos tanto quanto eu.

Aquela parte do beco não tinha acesso oficial para veículos; não era o tipo de lugar onde se podia dirigir livremente. Entrei na única loja que ainda estava com as luzes acesas.

— Estamos fechando — disse a moça atrás do balcão.

— A que horas?

— Agora.

Eu resmunguei, lançando um olhar para a calçada antes de colocar a cabeça para fora e conferir o movimento da noite. Eu já estava vagando por ali havia um bom tempo e ainda não tinha ouvido o motor do Rook. O prazo de uma hora que ele me dera estava chegando ao fim, e eu estava genuinamente surpresa por não ter sido encontrada.

Achei que ele se sairia melhor. Por outro lado, talvez ele tivesse encontrado Elliot e desistido do jogo.

A atendente resmungou de novo, então não insisti. Saí para a rua e virei à esquerda. Eu tinha entrado pelo lado oposto e esperava que ele ainda estivesse na outra extremidade. O centro da cidade se estendia por quatro longos quarteirões, com um parque no centro e ruelas menos movimentadas ramificando-se a partir deles.

Não era enorme, mas devia ser grande o suficiente para me manter fora de vista por mais alguns minutos.

Lá estava ele, em marcha lenta, acelerando na minha direção assim que coloquei os pés fora do beco. Ele sorriu ao se aproximar. A maneira como seus olhos brilhavam em contraste com a pintura escura do rosto me fez tomar uma rápida decisão. Disparei de volta para o beco. Com o coração acelerado, soltei um grito quando olhei por cima do ombro e vi o vulto da moto do Rook subindo a calçada, logo atrás de mim.

Cada vez que ele acelerava, o ronco da moto preenchia o beco com um rugido alto, disparando meu coração ainda mais. Desviei para outro beco estreito, meus pés batendo contra o asfalto. As paredes pareciam se fechar ao meu redor e a luz fraca lançava sombras sinistras que dançavam enquanto eu corria.

Minhas pernas doeram quando me comprimi contra a parede. Minha respiração vinha em arfadas irregulares e tentei me acalmar, ainda ouvindo o som da moto. O beco ficou em silêncio e, por um momento, pensei que o havia

despistado. Em seguida, uma rotação alta do motor ecoou pelas paredes de tijolos, e espiei na borda do beco, avistando a moto de Rook rugindo. Ele examinou o beco, os olhos atentos e concentrados. Prendi a respiração, sentindo o peito latejar. Ele diminuiu a velocidade, quase parando bem na minha frente. A moto escura e ameaçadora estava a apenas alguns metros; se ele virasse o rosto, me veria.

Esperei que ele avançasse mais um pouco antes de abandonar meu esconderijo. Eu precisava continuar em movimento. A via levava à avenida principal ou a um labirinto de becos; achei que me perder entre eles era minha melhor chance, já que a multidão dificultaria a passagem dele.

Disparei para uma entrada lateral, percebendo, com cinco segundos de atraso, que aquele era um beco sem saída. O pânico me atingiu em cheio quando girei e vi a moto do Rook vindo na minha direção. Ele chutou o suporte e saltou do banco em um movimento único para me encurralar.

Rook foi rápido. Envolveu meu braço, me girou e me prensou contra a parede. Ele me empurrou com força, me deixando sem ter para onde ir.

— Peguei você.

Os lábios dele encontraram meu pescoço, mordendo o outro lado agora. Suas mãos agarraram as minhas, prendendo-as acima da minha cabeça. Eu me inclinei contra ele, gostando da força de seu corpo contra o meu e da sensação de seu peito pressionando as minhas costas. Ele se comprimiu um pouco mais contra mim, minhas mãos presas nos tijolos sob as suas. Senti uma onda de calor descer pela minha espinha, fazendo minhas coxas se apertarem involuntariamente.

— Me solta — disse enfim, já me arrependendo antes que as palavras saíssem de minha boca.

— Não até você me dizer o seu nome. Você ouviu as regras. Se eu te encontrasse em uma hora, você me diria. Quanto tempo se passou?

Olhei para o relógio.

— Cinquenta e seis minutos.

— Eu venci. Agora, fala.

— Por quê?

— Não é da sua conta — disse ele, mordendo minha orelha. — Fala.

Ele me prensou com mais força. A respiração ofegante e o sorriso malicioso denunciavam o quanto ele se divertia com aquele jogo. E eu também. Adorava o fato de ele se importar tanto com quem eu era, mesmo que fosse apenas um nome. A energia selvagem e perigosa dele era inebriante, algo que eu nunca tinha experimentado. Era o tipo de emoção que eu jamais imaginei desejar, mas ali estava ela, me atraindo apesar de todos os motivos racionais para fugir. A luta interna dentro da minha cabeça era quase insuportável. Eu sabia que não deveria

me sentir assim, mas cada centímetro de mim ansiava por aquela intensidade.

— Regan! — gritei quando sua mão se enrolou em meu cabelo.

— Regan. — Ele respirou. — Até que não é tão diferente de Rebel. Regan do quê?

Não respondi, receosa do porquê ele queria saber o meu sobrenome.

— *Regan do quê?* — perguntou ele, com a mão me apertando.

— Fletcher! Regan Fletcher — gritei.

De uma só vez, suas mãos caíram, e Rook deu um passo para trás, interrompendo o contato físico. Suas narinas se abriram e seu peito se ergueu enquanto seus olhos me percorriam.

— Qual o seu parentesco com Cameron Fletcher?

— Conhece meu pai?

— Você é *filha* dele?

A pergunta, feita com tanto nojo, pareceu um tapa no meu rosto.

— Sim. Você o conhece?

— Não pessoalmente. Mas sei muito bem quem ele é. Tenho que ir.

— Por quê?

— Tenho mais coisas pra fazer esta noite.

Seus lábios estavam manchados dos beijos em meu pescoço, seus cabelos escuros caindo sobre a testa, seus olhos azuis mais brilhantes.

— Não pode esperar?

— Não.

Ele voltou para a moto e estava prestes a ligá-la quando corri até ele.

— Rook.

Ele já estava com o capacete, mas se virou para me olhar. Seus olhos se estreitaram.

— Por que tá fugindo? Como você conhece meu pai?

— Não tô fugindo. Tenho coisas pra fazer. Você acha que posso ficar brincando com você a noite toda? E eu não conheço seu pai, mas sei quanto dinheiro ele tem. Fica bem longe de mim, Regan.

Ele assentiu com firmeza, baixando o visor, antes de desaparecer na escuridão.

NOVE

ROOK



O GRUPO INTEIRO SAIU COMIGO NAQUELA NOITE. ERAM QUATRO MOTOS ME acompanhando, além do Kane em um carro atrás de nós, para apoio de transporte, e Evie na garupa da moto do Aiden. Ela tinha exigido vir, e eu não protestaria contra isso. A missão de resgate não parecia complicada — apenas um dedo-duro viciado que, com sorte, nos diria para onde um carregamento de drogas tinha ido parar.

A moto do Aiden rugiu antes que ele assumisse a frente. Mordi o lábio e apertei o botão do comunicador, conectando-me ao restante do pessoal.

— Por que diabos você sempre empina a moto com a Evie na garupa?

— Porque é divertido? — disse Evie. — Para de tentar estragar a minha diversão.

— Ela que me pede toda vez. Tá insinuando que eu vou fazer merda? — perguntou Aiden.

— Tô insinuando que, se ela cair, eu vou te arrastar pelo asfalto amarrado na minha moto.

— Ah, por favor — disse Evie. — Eu sei como me segurar nele.

Mason parou ao meu lado, apontando para Evie e Aiden.

— Acho que sabe se segurar nele bem até demais, se é que me entende.

— Não se atreva, Aiden. Evie, você vai voltar pra casa com o Mason.

— Eu não fiz nada! — gritou Aiden, me olhando.

Hero passou por nós, desviando na rodovia. Pude ver claramente a arma presa em suas costas, apenas parcialmente escondida pela jaqueta.

— Por que você trouxe uma arma tão grande, seu trouxa? É só um cara.

— Nunca se sabe.

— Armas não fazem parte do plano desta noite. Não surta e puxa o gatilho só pra se divertir.

Hero resmungou, emparelhando novamente comigo.

— Você é um desmancha-prazeres do cacete — disse Hero quando viramos na rua da casa noturna.

Ficamos sabendo que o cara estaria ali, escondido em um canto, bebendo e usando todas as drogas que conseguisse. Seria um lugar fácil para pegar alguém, e nós o usávamos com frequência para negócios, nunca para prazer. Deixei claro para todos que não misturaríamos as duas coisas em nosso próprio terreno.

O pulsar baixo da música da casa noturna se espalhava pela rua quando estacionamos as motos em frente e entramos. Kane ficou no carro e Evie lhe fez companhia, vigiando as máquinas. As luzes lá de dentro eram fracas; uma névoa de neon e fumaça girava sobre nós, e a música reverberava em mim. Quando passamos pela multidão, uma linda garota de cabelos longos e escuros e um vestido justo surgiu na minha frente, bloqueando meu caminho. Seus olhos brilhavam de interesse quando ela sorriu para mim.

— Oi. Quer tomar um drinque? — perguntou ela, a voz carregada de insinuação.

Olhei para baixo, mal registrando suas palavras. Por uma fração de segundo, a imagem de Regan passou por minha mente — seus olhos, seu sorriso, a maneira como ela tentava bancar a rebelde. Balancei a cabeça, tentando afastar o pensamento horrível.

— Não tô interessado — respondi, contornando a garota.

Ela bufou e se aproximou de novo.

— A gente podia dançar.

— Ainda não tô interessado — insisti, tentando contorná-la de novo.

O grupo havia desaparecido na minha frente assim que ela me parou, e eu esperava que já estivessem pegando o cara. Em geral, eu gostava de me divertir, mas não naquela noite. Não tinha motivo para estar em um lugar que me lembraria constantemente da minha atração pela filha de Cameron Fletcher.

O gosto amargo na minha boca quase me fez querer ceder e aceitar a oferta da garota, mas resisti. Eu odiava o fato de ela ser parecida o suficiente com a Regan a ponto de me fazer lembrar dela.

Os rapazes voltaram, e um homem meio magro os acompanhava.

— Rook, você vem? — perguntou Hero.

— Sim, logo atrás de você — respondi, tirando Regan da minha cabeça.

Não havia tempo para distrações.

Eu os segui, com meu foco afiado, apesar da inesperada intrusão de Regan em meus pensamentos. Tínhamos um trabalho a fazer, e eu não podia permitir que nada — nem ninguém — me distraísse.



A oficina estava iluminada por dentro. Tínhamos deixado a porta bem fechada, e o cheiro de sangue, suor e gasolina era tão forte que meu nariz se contraiu. O sujeito amarrado à cadeira no centro, porém, não parecia em condições de se importar. Hero deu um passo à frente; o sorriso cruel em seu rosto fez o homem se contorcer ainda mais.

Hero estendeu a mão, agarrou o mindinho do cara e o torceu até que o estalo dos ossos ecoasse na palma da sua mão.

Peguei a outra mão, escolhendo o dedo indicador.

— Por que um dedo diferente? — perguntou Hero, fazendo uma careta. — Não gosto dessa assimetria.

— Por que o mindinho? O indicador faz muito mais falta se estiver quebrado.

— Por que ele se importaria com quais dedos são úteis se vai estar morto antes de poder usar qualquer um deles de novo? — questionou Hero.

O homem gritou contra a mordaça, e eu bati em sua cara.

— Fala onde você está escondendo as drogas que valem milhões de dólares, que deixamos você ir embora — disse eu.

Nosso trabalho seria fazer com que ele revelasse onde seu chefe escondera as drogas que roubara de outro chefão do tráfico, mas meu coração não estava a fim de fazer nada daquilo. Mesmo assim, peguei o alicate e enfiei um soquete profundo na boca do homem para forçá-la a abrir, antes de agarrar bem o dente da frente e puxar.

Nós comandávamos nossos próprios negócios de várias frentes: atuando como mediadores em operações maiores ou mergulhados em esquemas de apostas e mercadorias falsificadas. Às vezes, éramos os intermediários — os homens que ficavam entre grandes empresários quando eles decidiam não jogar limpo. Da obtenção de informações até a venda, tudo funcionava perfeitamente para nós. Ganhávamos dinheiro e nunca deixávamos um só rastro.

No entanto, minha mente não estava ali.

Estava presa em Cameron Fletcher. O homem que eu mais odiava, aquele que incendiou a minha vida e conseguiu tudo o que queria. Não houve consequências para as atrocidades que ele cometeu, e que continuava cometendo.

Dez anos atrás, nós tínhamos tudo. Minha família não era comparável à dos Fletcher, mas tínhamos tudo o que queríamos e de que precisávamos. Até que, um dia, nossos negócios sofreram um golpe e, de repente, Cameron surgiu para nos salvar. Meu pai firmou uma parceria com ele, na esperança de que tudo fosse restaurado. Eles eram negociantes de arte, e eu descobri da pior forma que

Cameron usava o mercado legal como fachada para contrabandear peças roubadas. Que estratégia melhor do que se tornar sócio dos meus pais para lavar sua mercadoria? Mas, quando meu pai se recusou a ceder ao esquema, Cameron o destruiu.

Roubou a vida deles primeiro. Assim ficou fácil assumir o controle da empresa. De súbito, tudo se foi pelos ares.

Tudo o que possuíamos fora passado para o nome de Cameron antes da morte de meus pais, e ele assumiu o controle de tudo assim que pôde. De alguma forma, ele até encontrou uma maneira de influenciar a nossa guarda, já que éramos menores de idade, e Evie e eu fomos mandados para fora da cidade antes mesmo do funeral.

Agora eu descobri que a garota que eu estava perseguindo e tentando conquistar era sua filha? Só de pensar nisso, fiquei enjoado, minha mandíbula se contraiu e meu estômago revirou. Mas que caralhos. Eu havia colocado os lábios na filha dele e gostado?

Eu tive vontade de arrancar meus próprios lábios. Parecia uma traição a mim mesmo, aos meus pais e a Evie.

Deixei que Hero assumisse o interrogatório, e ele pareceu satisfeito com a tarefa. O som de ossos se quebrando sob os socos dele ecoava pela oficina enquanto eu caminhava até o velho sofá encostado na parede.

— O que tá acontecendo? — perguntou Aiden, caindo no sofá ao meu lado. — Não tá gostando do que vê?

— Um homem sendo torturado até a morte? É uma maravilha, mas tenho outras coisas em mente.

— Como a garota que tivemos de encontrar na outra noite? Você não conseguiu o que queria?

— Ah, eu consegui o que queria. Agora sei exatamente quem ela é.

— Então o problema é… qual, exatamente?

Respirei fundo, tentando encontrar um jeito de admitir aquilo.

— O nome dela é Regan. Regan Fletcher. Ela é filha do Cameron Fletcher — disse rapidamente.

As sobrancelhas de Aiden se ergueram e seus olhos se arregalaram. Ele conhecia a história. Sabia exatamente por que eu odiava o homem.

Aiden olhou para Evie, que estava sentada atrás do computador do outro lado da oficina.

— O cara que matou seus pais e tentou queimar vocês dois vivos, de quem você quer desesperadamente se vingar… Agora ele tem uma filha gostosa pela qual você tá obcecado, e você acha que isso é um problema?

Minhas mãos se fecharam em punhos. O comentário descontraído de Aiden

não era exatamente o problema, mas dizer que eu estava obcecado por Regan parecia errado. Talvez eu tivesse me esforçado para procurá-la, ido à cidade na outra noite em parte para encontrá-la. Mas eu não podia estar obcecado.

— Não tô obcecado por ela. Só não sabia quem era e tô muito feliz por ter descoberto. O pai dela matou meus pais. Tirou tudo de mim e da Evie, e ali estava eu tentando ficar com a filha dele na minha moto.

Aiden tentou segurar o riso, mas não conseguiu.

— A ironia aqui é grande. Mas qual é o problema, afinal?

— O que você quer dizer com isso? — perguntei, tentando me fazer de idiota.

O problema é que eu estava obcecado por ela. Pela primeira vez em muito tempo, eu me interessei por alguém.

— Bom, você tem se matado pra encontrar o Fletcher há anos. É sério que não tá pensando em usar Regan pra chegar até ele? Que melhor maneira de fazer isso, se não pela sua única filha? Você já tentou antes e nunca descobriu quem ela era. Não é uma coisa boa?

Eu já havia tentado encontrá-la antes, anos atrás, e, quando cheguei perto, ele a mandou para um colégio interno por quatro anos e depois para a faculdade por mais quatro. Eu nem sabia que ele a havia deixado voltar para casa até agora. Ele poderia até tê-la matado. Por que manter uma herdeira por perto se, mesmo morto, ele não queria abrir mão de sua fortuna?

Descobrir a identidade de Regan havia obscurecido minha visão a ponto de eu nem pensar na opção de usá-la. Agora, eu precisava vê-la como era: a filha do demônio.

O sujeito amarrado à cadeira gritou, interrompendo meus pensamentos e me irritando. Eu já tinha muito o que fazer para ouvir aquela merda.

Peguei a faca.

— Tô de saco cheio de você reclamar enquanto protege um merda de outro merda.

Bati com a lâmina, cortando o dorso de sua mão até que ela afundasse no braço de madeira da cadeira.

Ele gritou, com os olhos arregalados, vendo o que eu havia feito.

— Fala onde diabos você guardou tudo. Em troca, vou te dar cinco mil dólares e dizer pra todo mundo que você morreu.

Arranquei a mordaça quando percebi que ele queria dizer alguma coisa.

— Eles… vão querer ver meu corpo.

— Ótimo, vou dar um corpo pra eles. Minha oferta continua de pé. Aceita logo, ou você vai ficar acorrentado nesta oficina até morrer. Vou ter um corpo pra dar a eles de qualquer maneira.

— Tudo bem! Tudo bem! Eu aceito o acordo se você me deixar ir embora.

— Que gentil — falei, sorrindo.

— Zack, pega as informações, confirma tudo e depois deixa ele na rodoviária.

Peguei os cinco mil dólares da caixa de ferramentas e entreguei a Zack.

— Ele não vê um centavo até que a localização seja confirmada. Se ele estiver mentindo, apaga o desgraçado.

Voltei-me para o cara.

— Se você mentir, eu mesmo te estripo.

Aiden me alcançou enquanto eu me dirigia ao escritório dos fundos.

— Então, o que você vai fazer com isso?

— Com o quê? — perguntei, já sabendo o que ele queria dizer.

— Usar Regan pra chegar a Fletcher.

Sentei-me à escrivaninha, lembrando-me de Regan na festa de Halloween. Ela havia me pedido para ficar, e eu fui embora.

— Ela deve estar furiosa comigo agora. Já não era exatamente minha fã.

— Isso não responde à minha pergunta.

— É claro que responde. A garota não faz a menor ideia de quem eu sou. Ela é o meu passaporte, o meu acesso ilimitado ao Cameron Fletcher. Eu seria um idiota se não a usasse.

Aiden fez uma careta, olhando para mim.

— O fato de você ser um idiota nunca esteve fora de questão.

— Cala a boca e vai buscar a Evie e os rapazes. A partir de agora, quero saber onde a Regan vai, o que faz e com quem fala. Todos os dias.

— Que maneira de cortejar uma garota. Mandar um bando de motoqueiros vigiar cada passo dela.

— Você tem uma ideia melhor?

— Tenho. Persegue você mesmo, seu preguiçoso. A gente tem trabalho de verdade pra fazer por aqui — disse ele, sorrindo.

Peguei minhas coisas e voltei para a rua.

— Tem razão. Então, parabéns, você tá no comando dessa porra toda até eu terminar.

— Pera aí, não foi isso que *eu* quis dizer.

Eu já estava na moto, colocando o capacete e dando partida.

— E daí? Foi o que eu quis dizer.

— O que você quis dizer? — perguntou Evie.

— Que o Aiden tá no comando enquanto eu cuido de uma coisa.

Eu não ia explicar a ela o que faria ainda. Evie havia passado por seu próprio trauma ao perder tudo e todos, exceto a mim. Eu não a deixaria esperançosa de que eu poderia finalmente derrotar Fletcher até ter certeza de que seria capaz de fazer isso. No momento, eu tinha de descobrir mais sobre Regan e ver se

conseguiria me aproximar dela.

— Por que ele fica no comando, e não eu?

— Porque eu sei o que acontece por aqui e você não sabe. Volta pro computador, psicopata. Precisamos das informações que você tá procurando.

Ela o encarou, mas eu me virei para partir. Evie podia ficar brava. Mas, em se tratando de sua segurança, eu não dava a mínima para o que ela queria. Aiden sabia disso e sempre faria da segurança dela uma prioridade.

Peguei a estrada rumo à mansão Fletcher, mas, pela primeira vez, eu tinha um motivo claro para ir até lá. O vento me arrastava enquanto eu percorria as ruas escuras. Pela primeira vez em muito tempo, senti que tinha uma chance. Poderia ser, finalmente, aquilo de que eu precisava para obter a vingança que queria há tanto tempo.

Regan Fletcher seria minha escada para derrubar o homem que arruinou minha vida, e eu não desperdiçaria a oportunidade.

Dez
ROOK



Espionar uma garota que prefere ficar deitada na cama assistindo a filmes, lendo e pedindo comida era entediante. Já faziam quatro dias, e ela só tinha colocado os pés fora de casa duas vezes.

Como eu poderia espioná-la se era só isso que ela fazia? Eu estava acostumado a seguir pessoas; geralmente gente envolvida com o que havia de pior. Tortura, tráfico humano e outras atrocidades transformadas em rotina. O dia a dia deles costumava refletir essas fantasias macabras.

Mas Regan era diferente. A garota praticamente não fazia nada.

Ela saiu uma vez para ir à padaria e outra para ir a uma exposição de arte.

No sexto dia, eu já estava certo de que a rotina dela não mudaria tão cedo, e que continuar observando de longe era perda de tempo. Era uma noite de terça-feira e lá estava ela, esparramada no sofá, devorando mais um episódio de algum programa antigo de crimes reais. A garota parecia ter uma obsessão por casos de assassinatos de décadas atrás, e ficar vigiando pela janela já não estava mais me satisfazendo.

Apesar do tédio, uma parte de mim sentia inveja. Aquela correria interminável estava me exaurindo. Quando não estava caçando a Regan ou algum infeliz que nos devia algo, eu estava na oficina, tocando os negócios da Maverick Moto. Todos os caras ajudavam, mas nossa empresa parecia ter explodido do dia para a noite, e agora estávamos nos matando de trabalhar.

Tudo o que eu queria era poder me afundar no sofá, comer aqueles *cookies* absurdamente bons e assistir a um episódio de alguma série de crime real.

Mais cedo, eu tinha usado o computador da Evie para conseguir o número da Regan, torcendo para ter sido cuidadoso o bastante para não deixar rastros; a Evie odiava que eu mexesse nas coisas dela.

Eu estava do lado de fora da janela da Regan, observando-a desenhar em seu

tablet. Outro episódio estava passando ao fundo. O sofá parecia envolvê-la completamente, e eu sabia que estava a poucos segundos de arrombar a porta e me jogar ao lado dela. Só queria algumas horas de sono onde ninguém pudesse me encontrar e pedir minha ajuda para mais alguma tarefa. Meus ombros desabaram só de pensar em passar algumas horas ao lado dela, assistindo a seus programas enquanto eu dormia.

Mas, em vez de invadir a casa para dormir no sofá dela, tirei o celular do bolso.

DESCONHECIDO

Não é possível que goste de ver isso. Acho que você já viu esse episódio.

REGAN

??

Quem é?

DESCONHECIDO

Troca de canal. Coloca um filme? Algo assustador ou… que tal *Busca Implacável*?

Segundos se passaram até eu ouvir o sistema de alarme ser ativado.

DESCONHECIDO

Isso não funciona em filmes, nem vai funcionar agora.

REGAN

QUEM É?

DESCONHECIDO

Você devia começar a correr pela casa com medo de mim, Rebel. Depois, eu pulo com uma faca na mão, você grita e eu corro atrás de você.

REGAN

Rook???

Como conseguiu meu telefone?

E muita boa a sua inspiração no filme *Pânico*. A ligação tá vindo de dentro de casa? Você é um *stalker* ou um assassino?

ROOK

Acho que as duas coisas.

REGAN

Onde você tá?

ROOK

Por perto. E é muito fácil conseguir o telefone de alguém.

REGAN

Então primeiro você ficou bravo comigo e agora tá me seguindo?

Eu ri ao vê-la checando as janelas e o corredor.

ROOK

Prefiro pensar que tô de olho em você. Já faz dias.

Você devia ser mais observadora.

REGAN

Você é assustador, sabe?

ROOK

Ainda assim, você continua me dando bola. O que isso diz sobre você?

REGAN

Que tô cometendo um erro terrível?

ROOK

Ou que no fundo você gosta? Admite, você tá um pouco curiosa.

REGAN

Curiosa? Tentando descobrir como consigo uma medida restritiva, isso sim.

Ela adicionou uma carinha feliz, e eu sorri para a tela do celular.

ROOK

Boa sorte. Medidas restritivas são pra pessoas que seguem as regras.

REGAN

Então, qual é o seu plano? Me perseguir até eu chamar a polícia?

ROOK

Não sei ainda. Talvez eu só esteja… entediado? E chamar a polícia não vai ter impacto nenhum no que eu faço.

Eu também tinha usado o computador de Evie para instalar um aplicativo de segurança que se conectava facilmente ao sistema da casa de Regan, dando-me certo controle sobre ele. Também me ajudava a desativar algumas câmeras quando necessário.

Cliquei no botão, destravando todas as portas ao mesmo tempo.

— Rook! — gritou ela.

Eu queria chegar mais perto. Queria ver se ela estaria tremendo de medo ou se iria se aproximar.

ROOK

Sim, Rebel?

REGAN

Para com isso, tá me assustando.

ROOK

Você tá completamente sozinha.

REGAN

Obrigada, ajudou muito.

ROOK

Esta casa não deveria ter um monte de empregados? Seu pai não deveria tá aqui?

REGAN

Ele tá fora, a trabalho.

ROOK

Por quanto tempo?

REGAN

Alguns dias? Não sei.

ROOK

Você é esperta, mas precisa guardar esse tipo de informação com você. Sabe quantas pessoas me pagariam pra saber quando ele tá fora e quando você fica sozinha em casa?

REGAN

Por favor, não conta pra ninguém.

Por favor, Rook. Eu já odeio ficar aqui sozinha. Não piora as coisas.

ROOK

Isso quer dizer que você não tem mais medo de mim? Será que entendeu que existem coisas muito mais perigosas pra você… do que eu?

REGAN

Talvez você não seja tão assustador quanto pensa que é.

ROOK

Ou, talvez, você é que seja uma peste. Por que temer um igual?

Não era uma ideia tão absurda. O pai dela poderia tê-la criado para ser tão

implacável e destrutiva quanto ele. Eu me perguntava o quão sombrio o mundo dela era. Será que ele mostrava a ela como matava pessoas? Como protegia gente podre e destruía vidas para fazer dinheiro?

A raiva emergiu dentro de mim, mas a reprimi. Ela podia ser totalmente ignorante com relação a tudo isso, ou saber de cada detalhe. Eu precisava continuar investigando para descobrir.

REGAN

Igual? Acha que eu poderia matar você?

ROOK

Poderia? Não. Gostaria? Sim.

REGAN

Cansei do seu papo macabro. Vai embora.

ROOK

E eu cansei das suas roupas. Tira elas.

REGAN

Seu louco.

Não pode ficar me vigiando a noite toda. Vai ter que dormir alguma hora.

ROOK

Você ficar sentada no sofá com seu tablet e assistindo ao mesmo programa me faz querer dormir. O que você tanto olha na tela?

REGAN

Ia preferir que eu visse algum *reality show* ruim? E eu não tô olhando nada. Tô desenhando.

ROOK

O que você tá desenhando?

REGAN

Você tá mesmo me vigiando enquanto manda mensagens pra tentar me conhecer?

ROOK

Sim. Você não fica feliz por não estar sozinha?

REGAN

Eu ia preferir que ou você entrasse, ou fosse embora de vez. Onde você tá, aliás?

Coloquei de volta a máscara que havia levado e desci da varanda do segundo andar, voltando para a sala, onde ela estava.

A sala *principal* — porque, é claro, havia mais de uma — tinha me tomado a última hora, pois estive explorando a casa para entender melhor seu layout. Eu ainda não sabia como meu plano para derrubar Cameron Fletcher se encaixaria nisso, mas qualquer informação seria útil.

Fiquei em frente a uma janela, onde ela me veria de imediato.

O grito que escapou dela foi um bônus.

— Rook! Qual é a dessa máscara?

ROOK

Tem câmeras por todo lado. Acha que mostraria o meu rosto?

— Por que você tá aqui? — perguntou alto o bastante para que eu ouvisse.

ROOK

Mais uma vez: tô vigiando você.

Ela caminhou até a janela, escancarando-a.

— Se te peguei, quer dizer que você é um péssimo espião?

— Você não me pegou. Eu me revelei porque não aguentava mais assistir silenciosamente a mais um episódio desse programa sem gritar.

Ela se apoiou no parapeito.

— Eu poderia ligar as legendas, se ajudasse.

— Seria bom. Pelo menos eu saberia o final — respondi, sorrindo por trás da máscara.

— Você poderia entrar e realmente assistir.

— Tá me convidando para entrar e ver TV, mesmo sabendo que sou seu *stalker*? — perguntei.

Quando achava que estava começando a entendê-la, ela dizia algo assim e me desconcertava. Nunca sabia se sentia medo ou interesse… Ou se nem ela mesma sabia.

— Só tô dizendo que tenho uma TV e mais alguns *cookies*, então não é um mau negócio pra você.

— E o que você ganha com isso?

— Deixo de ficar sozinha nesta casa enorme. E de bônus não surto, depois de receber uma mensagem dizendo que vão invadir aqui.

Sorri de novo, grato pela máscara esconder isso.

Ela estendeu a mão, puxando a borda inferior da máscara com o dedo, erguendo-a. Seus olhos se arregalaram, percorrendo rapidamente meu rosto. Era, provavelmente, a visão mais detalhada que já tivera de mim.

— Achei que *stalkers* fossem velhos esquisitos e assustadores. Por que você tá me seguindo? Não tem coisa melhor pra fazer?

— Só tô curioso pra ver como vive a metade rica da sociedade — respondi, desviando o olhar para o luxo da sala. — E não, não tenho nada melhor pra fazer. Mas você ainda não respondeu à minha pergunta.

— Qual?

— O que você tá desenhando?

— Uma garota — disse ela, tentando evitar o assunto.

— Fazendo o quê?

Ela virou o tablet para mim, mostrando o desenho. Uma garota encarava o espelho, com uma corda de espinhos enrolada ao redor do corpo e uma mordaça sobre a boca. No reflexo, outra garota — perfeita e bela — sorria de forma

sinistra, com dois pequenos chifres saindo dos cabelos escuros.

— Tá incrível — falei, enfim conseguindo dizer algo.

— Não tá, mas agradeço mesmo assim.

— Você acha que eu saio por aí elogiando a arte dos outros?

Ela apertou os lábios, e a leve tonalidade vermelha em suas bochechas me fez continuar olhando para ela.

— Não. Imagino que não — respondeu, voltando a olhar para o tablet. — Eu respondi à sua pergunta. Agora, responda a minha: você veio mesmo só pra me ver?

Havia uma lista interminável de coisas que eu precisava resolver, e não existia uma forma decente de explicar que eu estava negligenciando tudo apenas para espioná-la, na intenção de matar o pai dela ou arruinar a vida dele.

Ou ambos.

Antes que eu pudesse responder, meu celular tocou.

— O que foi? — resmunguei.

— Precisamos de você aqui — disse Hero.

— Por quê?

— Problema com um contato.

— Tô indo. Chego em quinze minutos. — Encerrei a ligação e olhei para ela de novo. — Bom, você conseguiu o que queria, Rebel. Tenho que ir.

Ela estreitou os olhos para mim.

— Você volta hoje à noite?

— Não.

Seu rosto se entristeceu ligeiramente, e fiquei surpreso com a rapidez com que ela se recompôs. Será que ela de fato preferiria ter um *stalker* rondando a casa a ficar sozinha?

— Te vejo de novo em breve?

— Não — respondi.

Era mentira. Eu voltaria outra noite, e ela me veria de novo, mas a culpa corroendo minha mente me fez mentir. Eu a usaria, e ela pensava que eu estava ali por ela. Eu não sabia em que momento comecei a sentir culpa ou empatia, mas não me sentia confortável com aquilo.

Afastei-me em direção à moto, escondida na rua. Eu tinha trabalho a fazer, e cuidar de uma garota rica e solitária a noite toda definitivamente não estava nos meus planos.

ONZE

REGAN



EU NÃO SABIA O QUE ESTAVA FAZENDO. NO QUE EU ESTAVA PENSANDO?

Segurei Jake com mais força, meu estômago revirando diante da estupidez daquela ideia.

Isso não parecia em nada com andar de moto com Rook.

Rook era um motoqueiro selvagem, mas eu nunca tinha sentido que ia cair a qualquer momento.

Jake, por outro lado, estava me fazendo pensar se pular da moto não seria mais seguro.

A cada curva, eu me agarrava a ele, a moto balançando mais do que deveria, e ele acelerava sem parar, nos lançando para frente de um jeito, no mínimo, instável.

Depois de descobrir que o Rook estava me seguindo, comecei a sondar algumas pessoas. Queria encontrar alguém que soubesse onde os motoqueiros da cidade se reuniam, até que cheguei ao Jake. Ele dizia saber tudo sobre um lugar chamado Sindicato — um ponto de encontro semanal para corridas e socialização. Jake disse que ficaria feliz em me levar até lá… se eu aceitasse jantar com ele.

E eu aceitei, o que parecia ser a decisão mais estúpida que eu tinha tomado naquele mês, o que incluía ter saído com o próprio Rook.

Segurei firme, minha mente travando uma batalha de emoções conflitantes. Não dava para negar meu interesse por Rook, mesmo sabendo o quão problemático ele era.

Ele era tudo o que eu não era: selvagem, imprevisível e perigoso. Sempre fui a menina certinha, a que seguia todas as regras e nunca saía da linha. Minha vida fora previsível e entediante, até agora. Na faculdade, tudo o que eu fiz foi estudar para me formar com honras e mostrar ao meu pai o quanto eu era

dedicada. Mas, depois do diploma, a vida me mostrou o quão curta e frágil podia ser. Eu sabia que ele só queria me proteger… mas eu não podia viver numa redoma para sempre.

Rook representava tudo o que era errado. E, ainda assim, eu não conseguia ficar longe. A parte racional da minha mente gritava para eu me afastar, para voltar à segurança da minha vida previsível. Mas, sinceramente? Eu não queria mais aquela vida cinza. Amava a adrenalina que percorria minhas veias toda vez que ele aparecia.

Qual era o meu problema? Como eu podia me sentir tão atraída por alguém cheio de tatuagens, que ameaçou me sequestrar, quase me matou e ainda adorava perseguir pessoas? Parecia uma traição ao meu pai — e talvez a mim —, mas, de algum modo, eu gostava.

A viagem durou apenas mais cinco minutos antes de Jake desviar da rua principal e entrar em um estacionamento abandonado. O lugar era o puro caos: o ronco dos motores e os flashes de faróis deixavam tudo uma bagunça. Motocicletas ocupavam cada centímetro disponível; as luzes refletiam no metal e no cromo, misturando-se à fumaça no ar. No centro do pátio, alguns motoqueiros apostavam corrida, enquanto em outro canto, alguém fritava pneu, girando em círculos até que o cheiro de borracha queimada tomasse conta de tudo. Eu me perguntei como ainda sobrava pneu no fim. Olhei ao redor, o som pulsante da música e da multidão me mostrando o quanto seria difícil encontrar Rook em meio àquela desordem.

Ele tinha uma moto preta e em geral se vestia todo de preto. Provavelmente para facilitar o trabalho de perseguição. Até alguns dias atrás, na janela, eu nunca tinha visto seu rosto com clareza. Agora, eu me lembrava perfeitamente: os olhos azuis, o ângulo perfeito do maxilar, o jeito como seu cabelo escuro caía na testa… e o sorriso perverso, como ele pudesse me matar e ficar feliz.

Tentei ignorar esse último detalhe.

Jake foi se esgueirando pelas motos, e eu olhava cada rosto em que conseguia focar. Assim que paramos, pulei da moto, aliviada por sentir o chão firme sob meus pés outra vez.

— Volto em alguns minutos! — gritei para Jake, disparando antes que ele pudesse protestar.

Atravessei a multidão intimidadora, analisando cada moto, cada rosto, mas ele não estava em lugar nenhum.

Foi quando me aproximei de quatro motos cercadas de gente.

A luz dos faróis iluminou o rosto dele.

— Rook — sussurrei.

Notei as mulheres ao redor dele e, principalmente, a que estava sentada na

garupa de sua moto.

Dei mais alguns passos até romper a pequena multidão.

O semblante dele pareceu despencar ao cruzar o olhar com o meu. Meu coração falhou uma batida.

Ele não parecia nem um pouco feliz em me ver, o que, honestamente, não deveria ser surpresa. Eu não sabia por que ele me vigiava ou gastava tempo me perseguindo só para descobrir o meu nome, então por que eu achei que ele ficaria feliz?

Caminhei em sua direção, ergui o queixo e endireitei os ombros.

— Vejo que aprendeu a andar na garupa — disse, com um sorriso rude.

— Você é rápido. Ontem tava na minha cola e agora já tem outra na garupa.

Com um simples gesto de mão, a multidão ao redor se dispersou, e a garota sumiu.

Em menos de um minuto, estávamos praticamente a sós.

— Quase parece que você ficou com ciúmes de eu estar com outra garota — disse ele. — Tá achando que tem direito sobre mim ou sobre minha moto?

— Não. Só tô surpresa.

— Que triste. *Adoraria* ver você reivindicar alguma coisa. O que você tá fazendo aqui?

— Vim me divertir. Algum problema?

— Só se for mentira. Veio aqui me procurar?

O tom de sua voz me fez me encolher, mas eu não conseguia distinguir se ele estava ou não feliz.

— Não — respondi, colocando as mãos na cintura e forçando meus ombros para trás. — Não tô interessada em psicopatas que perseguem pessoas.

— Só nos que apontam uma arma e deixam você se esfregar neles?

Controlei a expressão do meu rosto.

— Algo assim.

— Bom, hoje eu não trouxe uma arma. Mas tenho uma faca. Quer que eu te ameace com ela?

— Não precisa. Também vim acompanhada.

O leve franzir das sobrancelhas dele quase me fez sorrir, mas me contive.

— Não, não veio.

— Vim, sim. E, aliás, preciso voltar.

Virei para me afastar em direção a Jake, mas uma mão agarrou meu pulso, me puxando de volta.

— Ainda não terminamos.

— Terminamos, sim. Você é quem fugiu duas vezes. Eu tô aqui com alguém, então é melhor me deixar ir.

— Com quem?

— O quê? — perguntei, fingindo que não tinha ouvido enquanto tentava me desvencilhar.

— Com quem você tá? — repetiu ele.

Olhei por cima do ombro, meus olhos vasculhando a multidão à procura de Jake, até vê-lo ainda parado perto da moto. Jake não era exatamente meu tipo, e, além do jantar com o qual eu tinha concordado, eu não pretendia passar mais tempo com ele. E, por mais que eu não quisesse mais subir em uma moto com ele, ainda assim achava simpático ele ter me trazido.

Rook deve ter percebido quem eu estava procurando.

— Jake? Você tá aqui com o *Jake*?

— Você o conhece?

— Conheço. E não tem a menor chance de você ir embora com ele.

— Posso ir embora com quem eu quiser. Depois de conhecer o cara que me abordou com uma arma, sabe como é… eu acabei pegando gosto por motoqueiros. Mas desta vez eu achei um que não tentou me matar.

— Ele destrói aquela moto uma vez por semana. Ele, sim, tá tentando te matar. E mais do que eu jamais tentei, pode ter certeza.

— Que pena. Eu vim com ele. E vou embora com ele.

Dei mais um passo antes de ser agarrada de novo. O braço dele se enroscou na minha cintura, puxando-me com força até meu corpo ficar colado ao dele.

— Não, você não vai.

Consegui me desvencilhar e corri em direção a Jake, que enfim pareceu perceber o que estava acontecendo. Seus olhos se arregalaram, e eu soube que era porque Rook estava vindo atrás de mim, furioso.

O meu corpo pegava fogo. Não podia acreditar que o tinha encontrado. Eu o vinha procurando, sem sucesso, e estava brava comigo mesma por não ter descoberto mais do que o primeiro nome dele. Isso deveria ter feito parte do nosso acordo, quando ele me perseguiu em troca do meu nome. Eu queria saber por que ele fugiu depois de ouvir meu nome e por que, de repente, agora parecia me vigiar o tempo todo.

Ali estava ele, correndo atrás de mim outra vez, e eu só podia me perguntar se ele continuaria me espreitando.

— Para de me seguir! — gritei.

Ele estendeu a mão de novo, mas desta vez agarrou a parte de trás do meu pescoço. Seus dedos me apertaram, puxando-me para trás e inclinando minha cabeça até que sua boca colidiu com a minha, áspera e urgente. Senti uma pequena ardência quando ele mordeu meu lábio inferior, forçando-me a abrir mais. Meus lábios se entreabriram para ele, permitindo que sua língua explorasse

cada centímetro da minha.

Eu só conseguia pensar no quanto queria aquilo. Apesar da brutalidade, ninguém tinha me tocado como se precisasse desesperadamente de mim, e eu não consegui resistir. Ele me beijava com força, sem se importar se deixaria meus lábios machucados. Na verdade, talvez esse fosse o objetivo — e, mesmo assim, aceitei de bom grado. Eu me perdi naquele beijo. Até então, ele só havia beijado meu pescoço, o que já tinha sido o bastante para me deixar querendo mais. Mas o beijo foi avassalador.

O ronco de um motor atravessou meus pensamentos, trazendo-me de volta à realidade. Empurrei o peito dele, tentando escapar outra vez. Um gosto metálico invadiu minha boca e percebi que o havia mordido até sangrar.

Ele afrouxou o aperto, mas seus dedos ainda cravavam em meu braço. Seus olhos percorreram meu rosto enquanto eu encarava o sangue manchado em seus lábios. Um sorriso perverso se formou enquanto ele lançava um olhar para Jake. E, naquele instante, percebi o tamanho do erro que tinha cometido.

— Levando a minha garota pra um encontro, Jake? — perguntou ele, arqueando as sobrancelhas.

— Eu não sou sua garota — sussurrei.

— Então fala isso mais alto, Rebel — retrucou Rook. — Fala pra ele que você não veio aqui só porque queria me encontrar.

Eu não disse nada. Os olhos de Jake estavam arregalados, fixos em Rook. Pelo jeito, eles se conheciam bem o suficiente para que Jake tremesse de medo. Comecei a me perguntar quantas outras pessoas ali sentiam o mesmo.

E, mais importante, o porquê.

— Toca nela de novo, Jake, e eu te mato.

— Chega, Rook — falei entre dentes, empurrando com força o peito dele, mas ele não cedeu. — Não acredito que deu esse show todo. Me. Solta. Agora.

— Shh — sussurrou ele, o hálito quente provocando arrepios na minha espinha. — Eu solto em um segundo.

Minha boca se abriu, os olhos se estreitaram, e consegui soltar uma mão para dar um tapa nele. O estalo ecoou, e a multidão ao redor silenciou. Mas a reação de Rook foi apenas um sorriso lento e ameaçador, o que só me fez temer que eu tivesse cometido um erro ainda maior do que beijá-lo.

— Não manda eu calar a boca — falei, orgulhosa pelas palavras pronunciadas quase sem gaguejar.

Eu sempre mantinha a boca fechada e raramente retrucava, mas não queria que ele passasse por cima de mim. Eu deveria estar com medo, mas a maneira como ele parecia se achar intocável só me dava mais vontade de provar que ele estava errado.

— Que gracinha, Rebel, muito bonitinha — zombou Rook, imponente sobre mim. — E, pra sua sorte, eu gosto da sua atitude. Mas, se eu soltar e você correr para ele, teremos problemas.

Seus braços caíram, soltando-me, mas seus olhos prometeram consequências. Assim que ele me deixou ir, virei-me e disparei em direção a Jake, com o coração martelando no peito. Cada passo parecia pesado pela certeza de que Rook não deixaria aquilo passar em branco. E uma parte distorcida de mim se sentia excitada com isso.

— Me desculpa. Eu não sabia que isso ia acontecer. Eu não sabia que ele ia tá aqui — falei para Jake.

Tecnicamente, eu não sabia se ele estaria ali. Tinha esperança, mas achei que isso não era importante naquele momento.

— Tudo bem — disse Jake. — Tá tudo bem mesmo. Eu não sabia que você tinha qualquer ligação com ele.

Ele olhou por cima do meu ombro, e eu soube que Rook havia se aproximado de novo.

— Desculpa aí, Rook. Eu realmente não sabia.

— Espera, então você não vai me levar pra casa?

— Nem fodendo — respondeu Jake.

— Que bom que esclarecemos isso. Vamos — disse Rook, agarrando meu braço para me arrastar com ele.

— Espera, por que você não me leva pra casa? Você me trouxe até aqui! Vai me largar aqui?

— Tenho quase certeza de que você já tem uma carona pra casa — disse Jake, acenando com a cabeça em direção a Rook.

— Eu vim com você. E se eu não quiser ir embora com ele?

Na verdade, não era bem assim que eu me sentia. Queria ir embora com Rook. Era praticamente o motivo de ter ido até ali naquela noite. Só não sabia exatamente o que queria que acontecesse depois, mas com certeza não queria subir de novo na moto do Jake.

Tentei puxar o braço para me soltar de Rook, mas ele me pegou no colo, jogando-me sobre o ombro.

— Você é uma peste. E o que tava fazendo aqui, hein, Rebel? Tava me procurando?

— Me coloca no chão.

— Fala a verdade. Se você nem sabia subir em uma moto até outro dia… e eu sei que não andava com esses caras. Então, me diz: tava me procurando?

— Talvez.

— Eu gosto disso, Rebel — gemeu ele, o som reverberando através de mim.

— Gosto muito.

Chegamos à moto dele, e ele enfim me colocou no chão.

— Parece que agora eu sou sua única carona pra casa. Vai me levar pra casa errada de novo, ou já superamos isso?

— Você já sabe onde eu moro. *Stalker*.

— E você já sabe por onde eu ando — respondeu, inclinando-se sobre a moto. Seu rosto ficou a poucos centímetros do meu, e só de pensar nos lábios dele de novo nos meus, meu coração acelerou. — *Stalker.*

— Eu não tô te *stalkeando*.

— Tá sim, Rebel — disse ele, roçando os lábios em meu pescoço. — Você passou a noite inteira me procurando e, quando me encontra, age como a riquinha metida que é. Como se fosse boa demais pra mim e pra este lugar, mesmo estando aqui só pra me caçar.

— Não tô — retruquei, irritada.

No fundo, eu sabia que estava um pouco, sim. De certa forma, eu estava dando o troco. Todo o meu lado racional gritava para que eu não fosse atrás dele… e, mesmo assim, eu fui.

— Tá, sim.

— E a garota com quem você veio?

— Namorada de um amigo. Precisava de carona, mas vai embora com ele.

— Ah.

— O quê? Ficou decepcionada por ter se descontrolado à toa?

— Eu não me descontrolei.

— Talvez não totalmente, mas chegou muito, muito perto. Agora vou ter que descobrir o que falta pra te fazer perder todo o controle de vez.

Seus lábios pressionaram meu pescoço, e o beijo enviou uma onda de calor direto ao centro do meu corpo.

O ronco súbito de uma moto que chegava chamou a atenção do Rook.

Logo em seguida, uma fileira inteira surgiu; os motores rugiam tão alto que o chão tremia sob meus pés. Vi os amigos de Rook indo em direção às máquinas, ajustando os capacetes e se preparando para partir.

O primeiro motoqueiro passou por nós sem capacete, arqueando uma sobrancelha enquanto seus olhos nos percorriam com malícia.

— Sobe na moto — disse Rook entre dentes.

— O quê? Por quê?

— A gente precisa ir.

— Mas eu acabei de chegar.

— Que pena — disse ele, tirando a jaqueta para me entregar e pegando o capacete. — Veste isto.

— Por quê?

— Porque vou acelerar, e se você cair, deve sobreviva se vestir isso. Veste.

— Rook! — gritei, empurrando a jaqueta e o capacete contra o peito dele. — Se essas são as minhas opções, então eu não vou com você.

— Eles já te viram comigo. E eu prometo: vão te pegar se acharem que isso pode me fazer voltar.

— Você voltaria pra me buscar?

— Quando você tem a opção de subir na moto agora? Não. Ou sobe na moto ou vira isca, se acha que essa é uma opção melhor do que vir comigo.

— Você realmente não voltaria…?

— Caralho, Regan! — disse ele, enfiando meu braço à força na jaqueta. — Agora não é hora de discutir se eu me importo com a sua morte ou não.

Ele empurrou meu outro braço para dentro da jaqueta, fechou o zíper e enfiou o capacete na minha cabeça.

— Ai! — reclamei.

A moto de Aiden passou por nós, gritando. A loira ainda estava na garupa, segurando firme enquanto ele empinava a moto em uma roda só. Ela fazia parecer muito fácil, mas eu já estava apavorada.

Rook não perdeu tempo.

— Assim que eu bater duas vezes na sua mão, segura como se a sua vida dependesse disso. Porque, literalmente, vai depender — avisou, montando na moto e esperando que eu subisse atrás dele.

Antes que eu pudesse fazer mais perguntas, o caos explodiu. O novo grupo de motociclistas já tinha estacionado, metade deles descendo das motos e distribuindo socos em quem estivesse muito perto, enquanto a outra metade fazia suas motos girarem, cobrindo tudo com fumaça.

A cena virou um borrão frenético de motos roncando e borracha queimando.

Quando coloquei meus braços em volta de Rook, empurrando-me contra o tanque para me firmar, ele já estava acelerando. O restante do grupo desceu a estrada conosco, seis motos nos cercando enquanto ele rumava para a rodovia.

Ele então deu dois toques na minha mão, lembrando-me de segurar firme, e eu me agarrei a ele, tentando conter um grito quando a moto disparou para frente. O capacete emitiu um ruído de conexão, e eu bati na lateral para conectar, como tinha feito da outra vez.

— Como você tá? — perguntou uma garota.

Virei a cabeça e vi a loira acenando para mim da moto ao lado.

— Sou a Evie, irmã do Rook. Tudo bem aí?

— O Rook tem uma irmã? Acho que tá… Quanto tempo isso vai durar?

— Uns bons quilômetros. O Aiden disse que tem gente na nossa cola. Talvez

seja melhor soltar um pouco o Rook — disse ela, rindo. — Pra ele conseguir respirar.

— Ele tá tentando me matar a essa velocidade.

— Tão tentando evitar que a gente seja morto. Rook é bom nisso. Ele não vai bater nem nada assim, a menos que alguém faça uma grande cagada.

As motos diminuíram um pouco a velocidade, o suficiente para que eu conseguisse me sentar direito e recuperar o fôlego. Mas eu não deveria ter feito isso, pois Rook bateu freneticamente nas minhas mãos de novo.

— Abaixa — disse Evie. — Acho que eles vão tentar despistar os caras antes que a coisa fique… você sabe. — Ela deslizou o polegar pela garganta, insinuando o que aconteceria.

— Só segura firme e não solta até o Rook mandar. Eu vou me afastar um pouco, porque não tô a fim de ouvir você berrar no meu ouvido.

— Como assim…?

A resposta veio antes que eu terminasse a pergunta. Um clique ecoou, e Rook arrancou com tudo. E eu gritei.

Fechei os olhos com força, sem querer ver a velocidade em que estávamos, enquanto o vento batia contra nós. Então, percebi. Eu estava usando o capacete do Rook. Ele estava sem proteção — e nós estávamos indo mais rápido do que eu jamais tinha andado na vida.

Então, gritei de novo.

DOZE
ROOK



EU MAL TINHA PERCORRIDO MAIS UM QUILÔMETRO PELA ESTRADA QUANDO O ronco das duas motos atrás de nós ficou mais alto. Os faróis refletiam nos espelhos, e eu soube que eles estavam perto demais. Meu coração disparou, com uma mistura de adrenalina e medo correndo pelas minhas veias. A ideia de Regan ser pega em um tiroteio me revirava o estômago de um jeito desconfortável.

Decidi que era hora de desistir de tentar despistá-los. Eu não conseguia enxergar nada naquela velocidade sem um capacete, e meu estômago se embrulhava só de pensar em forçar Regan a seguir tão rápido sem ela sequer saber o que estava fazendo. Pelo menos, ela tinha parado de me apertar até quase me sufocar cerca de dois quilômetros atrás.

Sinalizei para o restante do grupo e encostei, estacionando minha moto mais para trás, enquanto Aiden, Hero, Mason, Kane e Zack pararam ao meu lado.

Aiden parou a moto, tirando o capacete, com as sobrancelhas arqueadas de surpresa enquanto Evie sorria para nós. Ninguém esperava que Regan aparecesse no Sindicato. *Que inferno*, nem eu mesmo esperava. Muito menos esperava tê-la na minha moto esta noite.

Quem falou primeiro foi Mason.

— Olha só quem você encontrou — gritou, sorrindo para Regan, enquanto as outras duas motos desciam a estrada roncando. — Quer que eu a leve pelo restante do caminho?

— Mason, se você fizer uma piada que seja com a ideia de levar ela pra casa, eu vou…

Minhas palavras foram cortadas quando as outras duas motos se aproximaram e estacionaram atrás de nós. Foi bom para Mason, pois, pelo menos, agora eu tinha outro alvo para onde direcionar a raiva que senti com a sua provocação.

Regan olhou para mim com seus grandes olhos castanhos e lábios vermelhos,

a minha jaqueta pesada sobre seus ombros, os faróis a iluminando, e eu desejei poder aproveitar aquela imagem por mais um segundo.

— Mason — falei. — Se a coisa ficar feia, tira ela daqui. Mas não ouse encostar um dedo nela.

Ele assentiu com firmeza, sem humor no rosto desta vez, porque sabia exatamente o que eu queria dizer. Ele tiraria Regan dali se algo desse errado.

— Não desça da moto a menos que mandemos você fazer isso — falei, apontando para Aiden e depois para Mason. — Entendeu?

Ela assentiu, engolindo em seco, apertando os lábios com força.

Eu não tinha tempo para conversar mais com ela, pois os dois caras estavam se aproximando de nós em suas motos. Hero se colocou ao meu lado.

— Eu pego o da esquerda — sugeriu, mas eu balancei a cabeça.

— Mantenha o controle. Sem enfiar dedos nos olhos nem mutilações. Quero que isso acabe rápido e de forma limpa.

Eu conhecia aqueles dois, ainda que vagamente. Eram um grupo como o nosso, trabalhando para quem os contratasse. Atualmente, estavam trabalhando para o lado inimigo — e, por mais que eu adoraria levá-los de volta para a oficina e descobrir quem vinha roubando as drogas que estávamos sendo pagos para recuperar, naquela noite eu não tinha tempo nem energia para isso, especialmente com Regan ali.

Éramos muito bem pagos por qualquer um que nos contratasse. Tentávamos manter em segredo quem éramos, mas, de alguma forma, espalhara-se a notícia de que estávamos trabalhando contra eles. Em geral, isso não acontecia, mas estávamos ficando conhecidos o bastante para nos tornarmos um dos primeiros alvos desses caras. Nós sabíamos que isso podia ser a consequência do que fazíamos, e também sabíamos como lidar com isso.

O chefe deles esperaria um relatório sobre onde estávamos e onde estavam suas drogas, e não íamos deixá-los vivos tempo suficiente para levarem essa informação de volta.

Era um processo simples, que funcionava para nós havia anos.

A única diferença era que, agora, além de Evie, havia outra garota com quem eu precisava me preocupar. Os caras estavam olhando para ambas: Evie, na garupa da moto de Aiden, e Regan, na minha. Regan já tinha tirado o capacete há tempos, deixando ainda mais óbvia sua beleza, o que, definitivamente, não ajudava.

— Quem é a garota da vez? — perguntou um deles. — Trouxeram uma bonitinha pra gente conhecer?

Uma raiva cortante me atravessou ao imaginar qualquer um deles tentando tocá-la. Só o fato de pensarem nisso já me deixava furioso, mas a ideia de

descobrirem quem ela era tornava tudo muito pior.

Eu sabia que não seria o único a querer fazer Regan de isca para chegar até o pai dela. Quando descobrissem seu nome, encontrariam centenas de maneiras de usá-la. Talvez fosse melhor mesmo ela quase nunca sair de casa.

Ela tinha se metido nisso para me encontrar, e eu não ia deixar que nada acontecesse com ela agora.

Ela era a minha isca, não a deles.

O que significava que eles não poderiam sair vivos dali para dar com a língua nos dentes sobre ela. Ou sobre nós. Sabíamos que, se abríssemos precedente, o próximo passo seria uma emboscada contra um de nós sozinho. Contra a Regan. Contra a Evie.

Já havia acontecido uma vez. Tínhamos deixado um cara escapar, achando que aquilo encerraria a briga. Mas, dois dias depois, ele sequestrou Evie enquanto ela estava sozinha no balcão da Maverick Moto.

Por sorte, Evie soube se defender e já estava arrancando os olhos dele quando Aiden chegou.

Era por isso que raramente deixávamos alguém escapar de uma situação como aquela.

Era a desculpa de que eu precisava. Saquei a faca, mantendo-a oculta na palma da mão enquanto desferia o primeiro soco. O impacto no queixo dele o atordoou, garantindo o segundo que eu precisava para girar a lâmina e cravá-la na lateral do seu pescoço. Foi um movimento fluido, o mais limpo possível; precisávamos encerrar aquilo e sumir sem deixar rastros. O sangue jorrou, quente, manchando minha camisa antes que eu pudesse recuar. O sujeito engasgou, um som horrível de sufocamento que me fez retorcer o lábio antes de vê-lo desabar no asfalto.

Nunca decidi se gostava ou não dessa parte do trabalho. Não havia nada de atraente em tirar uma vida, mas isso tornava a minha existência mais simples. Deixava todos nós mais seguros, sem dúvida. Em alguns casos, eu sentia um prazer sombrio; eliminar os realmente podres parecia uma faxina necessária no mundo. Nos outros, eu apenas tentava não pensar a respeito.

Hero ainda estava envolvido na briga, desferindo socos antes de seguir meu exemplo e finalizar o homem à sua frente exatamente da mesma forma.

Ele sempre teve essa obsessão doentia por simetria.

Olhei para trás. Regan estava me encarando com os olhos arregalados, o rosto pálido. Desviei o olhar para Zack e Kane.

— Sumam com eles e com as motos, joguem do outro lado do morro. Eu preciso ir.

Eles já estavam cuidando disso, resolvendo tudo enquanto eu subia de volta na

moto.

Os corpos e as máquinas seriam descartados na ribanceira. O solo seria limpo, eliminando qualquer vestígio de luta ou sangue; se alguém os encontrasse, levaria semanas.

Regan não disse uma palavra, mas enfiou o capacete de volta na cabeça.

Voltei para a rodovia, mantendo uma velocidade um pouco menor ao seguir para a casa dela.

A mansão de Cameron Fletcher.

Ainda era difícil acreditar que Regan, logo ela, era filha dele.

Ela me seguira, tentando se aproximar como eu precisava que fizesse. E agora tinha me visto matar aquele cara. O horror estampado em seu rosto era tão evidente que eu não sabia como me recuperaria disso.

Eu tinha visto o desgosto em seus olhos, o choque virando o mundo dela de cabeça para baixo. Meu estômago se revirava enquanto eu me preparava para o inevitável surto que viria assim que ela descesse da moto.

— Claro que você sabe onde eu moro — disse ela, arrancando o capacete. — Quase esqueci que você é um *stalker*.

Ela tropeçou ao descer da moto, as pernas bambas como as de um bezerro, quase caindo de joelhos na tentativa de fugir. Pulei da moto, estendendo a mão para ajudá-la, mas ela me afastou com um tapa, os olhos arregalados fixos nas minhas mãos.

— Você é louco. Fica longe de mim.

— Regan — chamei, aproximando-me. — Fica calma.

— Calma? Por que eu me acalmaria depois do que acabei de ver? — gritou, os braços se agitando no ar.

— Você já sabia que eu fazia essas coisas. Você mesma disse.

— Saber que é uma possibilidade e ver acontecer são coisas completamente diferentes.

— Talvez. E daí? Vai fugir agora?

— Vou. Já tô fugindo. Adeus, Rook.

Fiquei parado, vendo-a correr pela calçada até desaparecer na noite. Ouvi a porta da frente bater com força. E, ainda assim, esperei.

— *Merda* — murmurei, sabendo que precisava ir atrás dela.

Ela não podia ficar com raiva de mim, não enquanto eu precisasse que ela continuasse me dando acesso à casa dela e ao pai dela. Se eu conseguisse encontrar qualquer coisa, qualquer prova de como eram sujos os negócios dele, teria uma chance real de destruí-lo.

Eu precisava encontrar um jeito de mostrar para ela que eu não era apenas um monstro — que havia mais em mim além da violência. Ou, ao menos, o

suficiente para que conseguisse voltar a ter contato com ela. Precisava que ela conhecesse as partes de mim que ainda eram boas, ainda capazes de algo além de destruição.

Precisava mantê-la na minha vida.

Então fui atrás dela.

TREZE

REGAN



DEZ MINUTOS DEPOIS, EU JÁ HAVIA TROCADO DE ROUPA E ESTAVA DEITADA na cama, tentando me enterrar entre os travesseiros e esquecer a cena horrível que acabara de presenciar.

Congelei quando ouvi a janela do meu quarto ranger ao se abrir. Uma bota preta passou pelo vão, seguida pela outra. Prendi a respiração quando Rook deslizou para dentro.

Puxei as cobertas até o queixo, minha mente dividida entre gritar ou mandá-lo embora. Mas eu não consegui fazer nenhuma das duas coisas. Paralisada, observei-o se aproximar, enchendo o quarto com uma mistura inquietante de medo e familiaridade.

— O que você tá fazendo aqui? — perguntei, a voz presa na garganta.

— A gente ainda não terminou de conversar — disse ele com calma. — Você não pode sair correndo daquele jeito.

— Terminamos, sim. E eu posso correr pra onde eu quiser. Não tem mais nada pra ser dito.

Ele balançou a cabeça, pousando o capacete em cima da minha cômoda antes de avançar até o pé da cama.

— Tudo bem, então. Não vamos conversar.

Eu queria ter medo dele, queria sentir pavor por ele ter me seguido, mas uma parte de mim se sentia confortada pelo fato de ele se importar o bastante para não me deixar sair daquele jeito, tão abalada.

Ele se aproximou ainda mais, me fazendo recuar pela cama até eu me encostar na cabeceira.

— Meu pai tá em casa hoje. Se ele te pegar aqui, vai chamar a polícia.

— Tudo bem. Eu sou mais rápido do que eles.

Revirei os olhos.

— Então, o que você quer? Veio me matar agora?

Ele sorriu, as sombras dançando em seu rosto sob a luz fraca. Era exatamente assim que imaginava um anjo da morte. Ele era bonito demais para matar alguém, mas lá estava ele, ainda com o sangue da última vítima nas roupas. E eu poderia ser a próxima.

— Você não devia tá aqui. Não deveria mais se aproximar de mim. Você é um monstro — falei, aliviada por minha voz não ter tremido.

Ele sorriu ainda mais, aproximando-se.

— Acho que você não conhece nem a metade do monstro, Rebel.

Ele parou ao lado da minha cama, os olhos cravados nos meus, e puxou a barra da camisa, erguendo-a devagar. Perdi o fôlego, e minha raiva foi morrendo no instante em que vi a pele queimada e marcada, misturada aos músculos e às tatuagens. A combinação me fez perder o raciocínio enquanto eu tentava absorver tudo aquilo.

— Uma visão monstruosa, não é? — perguntou.

Minha boca se abriu enquanto eu estendia a mão, traçando com os dedos a borda das cicatrizes.

— O que aconteceu?

— Fogo, acidentes, noites de embriaguez que resultaram em tatuagens… um pouco de tudo. Metade de mim ficou marcada por um acidente. Caí da moto na primeira vez em que fugi da polícia — disse ele, apontando para as cicatrizes do lado direito, já desbotadas. — A outra metade foi por causa de um incêndio.

— Incêndio? As queimaduras devem ter sido muito graves pra causar esse tipo de cicatriz.

— E foram — disse em voz baixa.

Ele não tinha se movido do lugar ao lado da minha cama. Mesmo quando eu o toquei, ele não se aproximou.

— Conta pra mim — sussurrei.

Eu não conseguia entender por que ele havia escolhido justo agora, entre todos os momentos, para me mostrar algo tão… horrível. Meu coração disparava conforme a verdadeira dimensão daquilo se instalava em mim. Eu queria entender o que tinha acontecido com ele.

Ele era realmente um monstro, ou alguém o tinha transformado nisso?

— Um incêndio em casa. Meus pais morreram, minha irmã era pequena. Eu fui até o quarto dela para buscá-la e não tive tanta sorte ao sair.

— Evie — murmurei. — Ela conseguiu sair ilesa?

— Sim. Sem nenhum arranhão ou queimadura.

— Rook… — falei, sem conseguir esconder a tristeza.

— Não precisa ficar com pena. Eu tô bem.

— Talvez agora. Mas, em algum momento, você não esteve… Ainda dói?

— Às vezes. Tem dias em que dói, em geral depois de noites longas de trabalho ou viagens longas de moto. — Ele deu um sorriso apertado. — Isso dificulta entrar em brigas hoje em dia. Aprendi da pior maneira que você não é um bom lutador quando metade do seu corpo é mais vulnerável.

As palavras trouxeram à minha mente uma imagem vívida de um Rook mais jovem tentando lutar. Seus braços golpeando o ar, o corpo tenso para vencer… até ser atingido nas cicatrizes.

Levantei-me até ficar de joelhos, sentindo o tecido macio da camiseta dele sob as minhas palmas enquanto puxava a peça por cima da cabeça dele e a removia. Então envolvi meus braços ao redor do pescoço dele.

Meu coração acelerou de antecipação e medo enquanto o puxava para um beijo, sentindo o gosto de menta em sua respiração. Ele hesitou brevemente, mas logo suas mãos encontraram o caminho até minha cintura, agarrando-a com firmeza enquanto me beijava de volta com uma intensidade feroz.

Um rosnado vibrou na garganta dele ao me empurrar de volta para a cama, prendendo meus pulsos acima da cabeça enquanto seus lábios percorriam minha mandíbula.

— Sentiu tanta pena de mim que resolveu me beijar? Acha que eu preciso desse nível de piedade?

— Hum-hum — sussurrei.

Ele se levantou e agarrou meus tornozelos. Dei um grito quando ele me arrastou até a beirada da cama e se ajoelhou diante de mim.

— Deveria me aproveitar disso? Fazer você se sentir tão mal por mim a ponto de eu tirar tudo o que eu quiser de você agora?

— Sim — respondi, tentando recuperar o fôlego.

As mãos dele subiram pelas minhas pernas, parando nas minhas coxas.

— E você quer ser fodida por um monstro? Quer o meu corpo arruinado sobre o seu? Quer minhas mãos em você, mesmo tendo sentido medo delas há apenas dez minutos?

Assenti.

— Talvez você não seja um monstro.

Ele empurrou o moletom largo que eu havia vestido, amontoando o tecido na altura da minha cintura e sorrindo ao ver que eu não usava nada por baixo.

— Talvez eu seja.

Ele olhou para mim com olhos pesados enquanto agarrava meus quadris e me puxava para a beira da cama.

Em um movimento suave, minhas pernas foram jogadas sobre suas costas e sua cabeça enterrada entre minhas coxas.

Arfei com o calor repentino de sua boca em mim, com a forma como sua língua se movia em um único movimento brusco. Ele não hesitou. Foi direto ao que queria. Alcançou meu clitóris, a necessidade ardente de tê-lo se movendo mais e mais rápido me deixando ansiosa, e ele correspondeu de imediato.

Minha pele se arrepiou com a sensação de sua mão deslizando pela minha coxa nua, deixando um rastro de arrepios. Eu deveria ter odiado o ritmo acelerado, mas só conseguia pensar no quanto ele queria me provar. Parecia que ele não podia esperar mais, e eu gostava de cada toque confiante.

Seus dedos encontraram o caminho até minha entrada, fazendo-me arfar enquanto empurrava dois dedos para dentro. Eu o encarei, sustentando o olhar intenso dele. Com um movimento firme, ele me arrastou até a beira da cama, posicionando-nos de modo que eu tivesse uma visão completa através do espelho alto no canto do meu quarto. Eu não conseguia parar de olhar. A visão da sua cabeça enterrada entre minhas pernas era melhor nesse ângulo. Pude ver os músculos de suas costas enquanto seus braços se flexionavam sobre as minhas coxas e as tatuagens se moviam no ritmo dele.

— Continua olhando. Veja o quanto você ama se perder na língua de um monstro.

— Para — sussurrei. — Para de se chamar assim.

— Por quê? Você acabou de me chamar disso.

— Retiro o que disse.

— Você vai se arrepender. Não grita, Rebel. Se seu pai entrar aqui, vou ter a desculpa perfeita para matá-lo.

— Ele não tá aqui — falei. — Eu menti. Então você não pode matá-lo, mesmo se quisesse.

Ele quase disse alguma coisa, mas sua cabeça abaixou de novo, lambendo e chupando como se não conseguisse se saciar — e eu também não. Minhas mãos se enterraram nos cabelos dele, puxando-o com força contra mim. Ele gemeu de satisfação, então eu puxei ainda mais forte.

Eu sentia o orgasmo se aproximando, a tensão crescendo como se eu estivesse caminhando até a beira de um penhasco… até que o pânico tomou conta. Algo naquela sensação parecia demais para mim, como se eu não fosse capaz de suportar o que estava prestes a acontecer.

Gritei, virando-me de repente e engatinhando para longe pela cama, mas Rook saltou para frente, sua boca descendo sobre meu clitóris de novo, sua mão me empurrando até que meu rosto afundasse no colchão.

— Aonde você pensa que vai?

Minhas mãos se agarraram aos lençóis e eu gritei contra as cobertas enquanto ele continuava seu ataque carnal. Ele me virou de costas outra vez.

— Tentando fugir, Rebel? Você não vai a lugar nenhum até gozar na minha língua.

— Rook… — gemi quando ele enterrou a língua em mim de novo.

Desta vez, deixei a sensação crescer, deixei que me dominasse enquanto meu cérebro se reduzia a nada além de gritos internos, implorando por alívio. Minhas mãos se enterraram de novo nos cabelos dele, puxando-o com força contra meu clitóris inchado enquanto cada músculo do meu corpo se contraía.

— Mais, Rook, agora. Mais… — quase gritei, incapaz de suportar a sensação de agonia, que pedia por libertação.

Seus dedos voltaram a me invadir enquanto sua boca cobria meu clitóris. Meus quadris se ergueram da cama e eu ofeguei, buscando ar. O alívio foi tão intenso que pontos pretos começaram a povoar minha visão, enquanto meu corpo se contraía. Meus dedos se fecharam com mais força, e a onda quente de líquido entre minhas pernas pareceu demais para suportar quando finalmente desabei de volta no colchão.

Ele subiu na cama, arrastando-se por cima de mim.

— Que boa menina, aceitando o que eu dou… Agora, sente o quanto você gostou da minha boca em você — sussurrou, os lábios descendo até os meus, forçando-me a provar meu gosto em sua língua. — Você fez uma bagunça do caralho, hein. Lambuzou meu rosto e a cama toda. Eu pediria desculpas, mas foi a coisa mais excitante que já vi na vida.

Senti as bochechas queimarem, mas o quarto estava escuro o bastante para esconder.

Meu peito subia e descia em respirações pesadas enquanto minhas mãos deslizavam pelas laterais de seu corpo, uma delas passando pelas áreas marcadas da pele.

— Dói? — perguntei.

— Não muito. Provavelmente incomoda mais você do que a mim — sussurrou contra meus lábios.

Ele se mexeu, tirando uma faca do bolso da calça jeans e colocando-a na minha mesinha de cabeceira enquanto me beijava. Meus olhos voaram para a faca e voltaram para ele.

Eu quase perguntei por que ele a havia deixado ali, mas então ele desabou ao meu lado na cama, como se não conseguisse mais se manter de pé.

— Tá cansado? — perguntei.

— Exausto.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, até que eu não consegui mais segurar meus pensamentos.

— Você tava sem capacete, sem jaqueta. Você deu tudo pra mim.

— Talvez isso responda à sua pergunta sobre se eu me importo ou não se você morrer.

Fiquei em silêncio, encarando o teto, enquanto meus pensamentos sobre o homem ao meu lado fervilhavam.

A porta se escancarou, me fazendo saltar. O rosto de Harper apareceu no batente, mas foi Rook quem prendeu minha atenção.

Ele se levantou de um salto, pegando a faca da minha mesinha de cabeceira e posicionando-a diretamente sobre o meu peito, pronto para cravá-la em mim se quisesse.

Meu peito subia e descia, e a cada movimento, a ponta da faca roçando o moletom.

Ele alternava o olhar entre mim e Harper, depois voltava para mim.

— Merda — murmurou ele. — Desculpa. Achei que pudesse ser outra pessoa, Regan.

— Quem, exatamente, entraria pela minha porta a ponto de fazer você querer me matar? — perguntei.

Ele já havia largado a faca, mas agora fui eu quem a agarrou. Minhas mãos estavam suadas. A raiva e o medo corriam pelo meu corpo. Eu tinha confiado naquele homem o bastante para fazer o que acabáramos de fazer. Agora, minhas mãos tremiam enquanto eu segurava a faca.

— Sai.

— Regan, calma. Eu não ia machucar você.

— Você tava prestes a enfiar uma faca no meu peito! — gritei.

Harper continuava parada na porta, imóvel, os olhos arregalados.

— Eu só fiz parecer que ia. Eu não machucaria você. E, não, também não vou machucar você — disse ele para Harper.

Ela não respondeu, apenas observava, ainda em choque, enquanto eu me levantava.

— Não, porque, se tentar, eu é que vou te atacar — falei, agora encarando-o.

Rook apenas sorriu enquanto vestia a camiseta.

— E eu deixaria, linda.

— Não me chama assim.

— E eu achando que você gostava quando eu era um cavalheiro. Especialmente depois de eu ter feito você gozar. Tudo bem.

Ele deu a volta na cama, e eu ergui a faca.

Mas ele não se importou. Avançou até a faca pressionar seu peito, colocando a lâmina entre nós.

— Vai em frente — disse, sorrindo. — Enterra bem fundo no meu peito. Me veja sangrar até a morte bem aqui no chão. Eu nunca mais te incomodaria, mas

você teria uma bagunça e tanto pra limpar, dependendo de onde me atingisse.

Ele ergueu a mão e agarrou um punhado do meu cabelo, forçando minha cabeça para trás. Olhei para cima, tentando pressionar a faca com mais força, mas com medo de realmente feri-lo.

— Eu não vou te machucar, Regan.

Ele foi brusco ao me beijar de novo, mordendo de leve meu lábio inferior, mas eu continuei imóvel, seus dedos ainda enrolados no meu cabelo.

— Te vejo depois, linda.

— Não volta.

— Me manda mensagem quando precisar de mim. Pra *qualquer* necessidade — disse ele, sorrindo para Harper e depois para mim. — Assassinato. Orgasmos. Tô à disposição.

— Você esqueceu sua faca — falei.

— Fica com ela.

— Por quê? É algum presente estranho pra me proteger de você? — perguntei, com sarcasmo escorrendo das palavras.

Ele pegou o capacete, já indo em direção à janela.

— Claro, Rebel. Tudo pra te proteger. Não que seja imprudente carregar uma arma por aí. Definitivamente, não é.

— Rook! — gritei.

Ele enfiou o capacete na cabeça e acenou antes de escorregar pela janela sem dizer mais nada.

— Rook! — gritei de novo, mas ele já tinha desaparecido.

Quando a adrenalina começou a se dissipar, a raiva tomou conta de mim.

Eu havia deixado Rook entrar na minha vida, e agora sentia que tinha cruzado uma linha da qual nunca poderia voltar.

CATORZE
ROOK



NA NOITE SEGUINTE, OBSERVEI DO ABRIGO DAS ÁRVORES ENQUANTO A REGAN emergia para a noite. A luz dos lustres da mansão a fazia brilhar contra as sombras, transformando-a em um alvo impossível de ignorar. Ela estava impecável: os cabelos escuros presos em um penteado sofisticado e um vestido vermelho que abraçava cada curva do seu corpo. Seria difícil não a notar, até impossível, e isso tornaria muito mais fácil encontrá-la quando chegasse ao jantar.

O BMW preto que ela parecia usar sempre estacionou, a lataria impecável refletindo a luz da lua. Daquela distância, eu não conseguia distinguir se ela tinha um motorista ou se era o próprio Cameron ao volante, mas os detalhes eram irrelevantes agora. Ele estaria com ela em algum momento daquela noite.

Descobri que Cameron iria a um jantar de gala no clube de campo, e Regan estaria com ele. Pelo que consegui perceber, ela era apenas um acessório nas festas dele. A maioria das pessoas não sabia nada sobre ela, além de que ela gostava de arte, e seu pai era esperto o suficiente para deixar todos acreditarem apenas nisso.

Ainda não acreditava que não a conheci antes. Eu passava mais tempo observando Cameron e seus negócios do que a observando, e ele parecia mantê-la afastada de tudo o que eu conseguia perceber. Quando ia a esses eventos, Regan era praticamente invisível para os outros.

Mas isso não aconteceria mais. Agora que eu a conhecia, seria impossível ela ser invisível. Mesmo que quisesse.

Coloquei um rastreador no carro, mesmo não me preocupando em perdê-los naquela noite. Ao menos me ajudaria a manter um olho nela sempre que saísse de casa. Seguir o carro de Regan a distância se tornara uma rotina, embora ela quase não saísse. Parecia que, além de ir a essas festas, realmente não tinha muita participação nos negócios do pai. Eu ainda não tinha certeza do quanto ela

desconfiava da podridão do Cameron, mas era óbvio que preferia o exílio da própria clausura.

Não levou nem dez minutos para chegarem ao prédio principal do clube de campo. Mantive distância, garantindo que o ronco da minha moto não denunciasse minha presença na cola deles. Regan desceu do carro, movendo-se com uma graça natural enquanto subia os degraus monumentais. Sua risada flutuou pelo ar da noite enquanto ela falava ao telefone, antes de guardá-lo rapidamente na bolsa.

O sorriso em seu rosto desapareceu por um momento antes de se espalhar de novo, agora de forma elegante.

Segui seus movimentos através das grandes janelas do saguão do prédio. Um rapaz da minha idade a parou, demorando o olhar para admirar seu vestido e seu corpo antes de se aproximar com um sorriso. Rolei os olhos, ainda observando enquanto ele flertava e a tocava até que ela enfim se afastou dele e desapareceu na sala de jantar.

Meu pulso acelerou, o prazer de caçar Regan de novo correndo nas minhas veias. Segui até uma entrada lateral, passando por ela sem ser notado. Já tinha estado ali algumas vezes para encontrar algumas pessoas e conhecia o lugar o bastante para saber onde podia e onde não podia me esconder. A equipe do local estava acostumada a atender a elite e não tinha tempo para prestar atenção em mim enquanto eu me esgueirava pelos corredores laterais até uma das salas menores que conhecia bem.

A sala estava vazia quando entrei, a suave luz de uma lâmpada lançando longas sombras por todo o ambiente. Estantes de livros antigos cobriam uma parede, e uma mesa de carvalho pesada ficava no canto, mas a principal atração era a mesa de sinuca de madeira que ocupava o centro da sala. Eu podia ouvir os murmúrios distantes do jantar, o tilintar de copos e conversas abafadas.

Tirei o celular do bolso enquanto me recostava na mesa de sinuca.

ROOK

Vem pro escritório dos fundos.
Última porta à direita.

Ela não disse nada por alguns minutos, mas vi quando surgiram os três pontinhos na tela.

REGAN

Por quê?

ROOK

Prefere que eu vá aí?

REGAN

Não.

ROOK

Você tem um minuto.

A menos que precise de mais tempo pra flertar.

REGAN

Eu não tava flertando.

ROOK

Mentirosa.

Regan entrou menos de cinco minutos depois, seus olhos se arregalando ao me ver ajeitando a mesa de sinuca.

— O que você tá fazendo aqui? — perguntou.

A surpresa em seu tom era esperada, mas não gostei do jeito que meu coração acelerou diante da curiosidade em sua voz.

— Quer jogar? — perguntei, estendendo um taco para ela.

Ela o arrancou da minha mão, arqueando uma sobrancelha.

— Sim, porque eu sei, com certeza, que posso vencer você.

— Uau, alguém tá confiante esta noite. É por causa do vestido?

— O que tem o vestido?

Meus lábios se abriram em um sorriso enquanto eu a medi de cima a baixo.

— Tenho quase certeza de que ele foi feito para fazer os homens se arrastarem atrás de você. Tô surpreso por você não ter uma fila de pretendentes implorando pra ver o que tem por baixo — comentei, alinhando minha primeira tacada.

Enquanto as bolas se espalhavam pela mesa, mantive os olhos em Regan, captando cada detalhe.

— Quem mais deu as caras esta noite? — perguntei, a voz calma, alinhando a próxima jogada. — Além do cara com quem você tava flertando.

Ela me lançou um olhar, arqueando a sobrancelha de novo.

Tinha todo o direito de estar desconfiada. Na verdade, eu quase gostava mais assim.

— Os de sempre. Sócios do meu pai, alguns velhos amigos. E, de novo, eu não tava flertando. Por que a pergunta?

— Tô curioso pra conhecer a concorrência — respondi, encaçapando outra bola. — Seu pai parece um homem ocupado. Deve ser importante manter as aparências.

Ela estreitou levemente os olhos, mas se posicionou para a sua jogada.

— Ele é. Sempre trabalhando, sempre apertando mãos e selando novos negócios. E você? Parece que sua agenda também é cheia. O que realmente faz aqui esta noite?

Inclinei-me sobre suas costas enquanto ela mirava a tacada, minha voz diminuindo de volume até um murmúrio baixo.

— Talvez eu tenha vindo te ver.

— E você espera que eu engula essa? — perguntou ela, soltando uma risadinha. — Você tá mentindo.

Eu queria rir e deixar passar, mas começava a pensar que talvez não fosse uma mentira completa.

— Tá bom, tudo bem. Você me pegou. Eu queria saber mais sobre os negócios do seu pai. Ouvi dizer que ele controla muita coisa.

Os olhos dela dispararam para os meus no mesmo instante. Vi a guarda dela subir.

— E por que você se importaria com isso? — retrucou, ríspida.

Dei de ombros, tentando desarmá-la.

— Chame de curiosidade profissional. Afinal, conhecer as pessoas certas pode ser muito… vantajoso. Gosto de informação. E talvez ele tenha alguma.

— Não tem. Pelo menos, não pra você.

Seus ombros continuaram firmes, e eu sabia que ela não cederia tão fácil desta vez.

— E você? Conhece todos os segredos dele?

Ela não se virou. Manteve o olhar endurecido fixo na mesa enquanto eu me preparava para a próxima jogada.

— Não.

— Hmm. Interessante. E por que não?

— E, se conhecesse, eu contaria pra você?

— Justo.

Ela se posicionou para a próxima jogada, acertando a bola perfeitamente. Depois de novo. E de novo. Enfim, afundou a última bola e venceu.

— Eu adoraria dizer que você me passou a perna, mas você foi honesta quando avisou que me daria uma surra. Acho que vou culpar o vestido.

— Sempre subestima mulheres de vestido? — questionou, arqueando as sobrancelhas.

— Não — respondi, rindo. — Em geral, não. Mas, pensando bem, acho que nunca vi uma mulher ficar tão deliciosa em um vestido.

Ela franziu o nariz.

— O que você é? Um canibal? Sempre diz o quanto eu tô "deliciosa", como se quisesse me devorar.

Soltei um gemido, mordendo o interior da bochecha com força.

— Você me dá as deixas perfeitas, Rebel. — Bati em uma bola de forma distraída, vendo-a rolar facilmente até o buraco. — É claro que eu te devoraria — murmurei, me inclinando até meus lábios roçarem seu pescoço. — E já sei que, de fato, você é deliciosa.

Suas bochechas coraram, e meu coração disparou ao perceber que aquele era apenas o começo.

— Eu não preciso de ninguém… fazendo isso — falou.

— Não? E aquele cara lá fora que não conseguia tirar as mãos de você? Acho que ele tá passando fome.

— Ele quer me levar pra um encontro. Qual o problema?

— Nenhum. Interessante você se sentir bem com ele te agarrando por aí. Por que, então, você tem isso aqui? — perguntei, puxando o brinquedinho que eu tinha encontrado na sua gaveta de cabeceira quando revirei seu quarto mais cedo. — Você precisava disso por causa do Elliot, ou é algo que guarda pros encontros realmente bons?

Ergui o vibrador, quase abanando-o na frente dela. Sua boca se abriu, em choque, e o rubor em suas bochechas se intensificou. Não era muito grande, cabia fácil no meu bolso de trás — e, para ser honesto, eu tinha ficado surpreso ao encontrá-lo.

Ela tentou arrancá-lo da minha mão, mas recuei, rindo.

— Qual é o seu problema? Entrou no meu quarto e roubou isso? — gritou ela. — Devolve!

— Sim, entrei — respondi, sorrindo ainda mais.

— Você não pode invadir o meu quarto, muito menos roubar minhas coisas!

— Posso e fiz.

— Mas, por quê?

Ela arregalou os olhos, o peito arfando. Parecia furiosa, e confusa, sem saber o que fazer com toda aquela raiva.

Agarrei sua cintura, colocando-a sentada sobre a mesa e ficando de pé bem à sua frente.

— Eu tava procurando outra coisa. Imagine a minha surpresa ao encontrar isto. Um pouco menor do que eu, o que dá uma bela levantada no ego.

— Você é louco.

— Por causa disso? — perguntei, passando o vibrador pela sua coxa e puxando o vestido junto. — Na lista de loucuras que eu faço, isso mal entraria.

— Rook — alertou ela, mas continuou imóvel. — Devolve.

— Caramba, tentando se aliviar antes do encontro? Não te culpo. Aposto que esses caras, o Elliot inclusive, são bem mais egoístas do que uma garota gostaria que fossem.

— E você não seria? — perguntou, com um sorriso malicioso no rosto. — Ou acha que as garotas com quem você dorme não correm pra casa pra terminar o serviço com isso? Por favor, me diz que seu ego não é tão grande.

Deslizei o brinquedo entre as pernas dela, até suas coxas se abrirem.

— De novo, você é quem me dá as deixas… Meu ego é grande, mas tenho outra coisa que é ainda maior.

Achei que ela fosse se irritar, mas, em vez disso, ela apenas sorriu, me deu um tapa no braço e arrancou o brinquedo da minha mão.

— Não me importa o tamanho. Se você não souber o que tá fazendo, pra mim não serve de nada.

— Ei, devolve — falei, quase rindo. — Achado não é roubado.

Estendi a mão para pegá-lo de volta, mas ela o enfiou rápido dentro da bolsa.

— Você já tinha terminado de brincar — falei.

— Definitivamente, não tinha. Agora vou ter que jogar fora. Quem sabe onde você o enfiou? — retrucou ela.

— Quando é o seu encontro com aquele cara? Assim eu sei quando te entregar um novo. Ou talvez seja melhor eu passar na sua casa depois — falei, subindo o vestido dela mais um pouco, revelando uma coxa perfeita, até encontrar a renda vermelha. — Tá planejando mostrar isso pra alguém hoje à noite? — provoquei.

Sua boca se abriu em choque.

— Isso não é da sua conta.

Sorri.

— Agora é.

Vozes masculinas ecoaram pelo corredor. Não era assim que eu queria que acontecesse a minha reaproximação com o pai dela, e eu não sabia quem estava

vindo em nossa direção.

Não que não fosse divertido imaginar o pai dela vendo a filha levantar o vestido para mim, mas ainda não era o momento. Eu precisava que ele não soubesse da minha existência por mais algum tempo.

— Salvos pelo gongo — falei, colocando-a de volta no chão.

— Salvos de quê?

— Bem na hora, antes que eu te deitasse na mesa e te devorasse.

— Ah — disse ela, e eu sorri ainda mais.

Não parecia nem um pouco contrária à ideia.

— Quem sabe deixamos pra outro dia? — perguntei, indo em direção à porta à nossa esquerda. Ela dava para um corredor pequeno, que me levaria direto até a saída, para a minha moto.

— Você vai embora?

— Infelizmente.

— E ainda não vai me contar nada sobre você? — questionou ela.

— Infelizmente. Mas tenho certeza de que você vai me ver de novo em breve.

— Vai continuar me perseguindo, é isso que quer dizer?

— Exatamente. Tenha uma boa noite, Rebel. Me manda mensagem quando for pro encontro. Vou garantir que você não passe a noite insatisfeita.

Saí rapidamente, assim que as portas se abriram. Ouvi vozes masculinas falando com ela, que respondeu, mas a porta abafou tudo, e xinguei em silêncio. Eu tinha ido para descobrir mais sobre a Regan, mas, mais importante ainda, para descobrir mais sobre Cameron.

Acabei falhando em ambas as missões.

Sorri para mim mesmo ao subir na moto.

Tudo o que descobri é que Regan gosta de brinquedinhos.

O que, pensando no contexto do meu plano de vingança, não era uma informação ruim de se ter.

QUINZE

REGAN



UMA SEMANA SE PASSOU SEM NENHUMA NOTÍCIA DE ROOK, NEM QUALQUER sinal dele aparecendo de repente na minha casa. Tentei me convencer de que isso poderia ser uma coisa boa, mas a solidão — a qual sumia sempre que ele aparecia — voltou rápido. Meus dias se tornaram intermináveis, a menos que Harper saísse comigo.

E, sendo a garota socialmente patética que sou, continuei olhando pela janela para ver se Rook apareceria. Será que uma pessoa pode se sentir tão solitária a ponto de querer a presença de um *stalker*? Acho que já nem poderia mais considerar o Rook um *stalker*, na verdade, não depois de eu mesma tê-lo convidado para entrar sempre que possível.

Soltei um gemido ao colocar meu vestido novo. O tecido rosa se moldava ao meu corpo, com recortes laterais e nas costas cobertos por uma renda preta que eu adorava. *Pelo menos, eu seria a garota mais bonita — apesar de ser a mais patética — do baile*, pensei, revirando os olhos.

Meu pai tinha mais um jantar de gala naquela noite e me convidara para acompanhá-lo. A animação, junto com uma centelha de esperança, borbulhava dentro de mim com a ideia de ele enfim começar a me levar mais a sério. E, talvez, também pela possibilidade de Rook aparecer de novo. Eu não me importei tanto com o fato de Rook ter aparecido com o jogo de sinuca, embora ainda estivesse um pouco irritada por ele ter mexido no meu quarto.

Aquela noite podia ser melhor do que nunca. Toda vez que meu pai me convidava para acompanhá-lo, eu não conseguia conter a ansiedade. Talvez aquela fosse a noite em que ele enfim me diria que eu poderia começar a aprender sobre a empresa, que confiava em mim o bastante para dividir os segredos e as responsabilidades que carregava. Eu alimentava o delírio de nós dois conversando abertamente; ele me apresentando aos seus sócios,

reconhecendo-me, finalmente, como sua igual. Imaginava entrar em um salão e não ser apenas a filha dele, mas Regan Fletcher.

No entanto, sempre havia uma sombra de dúvida. Cada convite parecia uma espada de dois gumes: trazia esperança, mas também o medo da decepção. Ainda me assombravam as inúmeras noites em que eu me arrumei, escolhi a roupa certa, aperfeiçoei o sorriso… apenas para acabar me sentindo uma peça decorativa. Não conseguia acreditar de verdade que aquela noite seria diferente, depois de tantas outras desperdiçadas na mesma ilusão.

A memória de festas anteriores ainda pairava sobre mim. Eu, sempre à margem, tentando me envolver em conversas que pareciam fora do meu alcance. A dor de ser ignorada e a frustração de não ser levada a sério corroíam meu peito. Ainda assim, apesar das decepções recorrentes, eu me agarrava à esperança. Então, como em tantas outras noites, eu me arrumaria, sairia com ele e agiria como se estivesse pronta para tudo. Talvez, desta vez, não fosse apenas um espetáculo.

Enquanto colocava os brincos, agarrei-me a essa nesga de esperança, que eu mantinha mesmo em meio às dúvidas.

Essa esperança morreu rápido, porém, quando desci as escadas e o encontrei de roupa casual, com os olhos pregados na tela do celular. A cena foi um soco no estômago, drenando minha energia instantaneamente.

— Tenho que ir — disse, sem nem levantar os olhos do telefone. — Surgiu uma consulta de última hora… o médico ligou me pedindo que voltasse pra Boston pra um exame amanhã.

— E o jantar? — perguntei, odiando o tom de desespero em minha voz.

— Você vai. Cumprimente todo mundo e explique minha ausência. Eu não posso perder essa consulta.

— Mas eles não tão esperando por você? — tentei manter a frustração discreta, mas ela escapou mesmo assim.

Não era culpa dele estar doente, mas, por nunca passarmos tempo juntos, eu não aprender nada sobre a empresa e sempre ter de ir a esses eventos sozinha, minha frustração só crescia.

Ele lançou um breve olhar para mim, depois voltou a se concentrar no celular.

— Ninguém vai notar minha ausência com você lá. Você tá linda, Regan. Vai ser o centro das atenções.

— Mas eu pensei que *você* fosse me apresentar… Eu queria conhecer as pessoas com quem você trabalha. Esta seria a oportunidade perfeita — insisti, meu coração afundando ainda mais.

— Sim, mas o médico parece achar que preciso de mais alguns exames. Acho que ele tá com algumas preocupações desde a última consulta. Sinto muito,

Regan. Você entende que a minha saúde é a prioridade.

— Claro. Sua saúde é mais importante. Eu entendo. É que eu tinha esperado ir com alguém. É estranho estar lá sozinha. Eu teria convidado a Harper.

— Você ainda pode convidá-la — falou, conferindo o relógio e começando a caminhar para a porta.

— É… Acho que vou fazer isso. Então, nos vemos daqui a alguns dias?

— Devo voltar no domingo. Eu aviso.

Ele quase saiu pela porta, mas pareceu mudar de ideia e voltou, beijando minha bochecha rapidamente antes de desaparecer.

Quando a porta se fechou, fiquei ali parada, sentindo uma mistura de raiva e tristeza crescer dentro de mim. Eu tinha passado horas me preparando, alimentando a esperança de que aquela noite seria diferente… só para ser decepcionada mais uma vez.

Essa decepção já era bem conhecida, mas nem por isso doía menos.

Afundei no último degrau da escada, encarando o ponto onde ele estivera. Por que eu continuava esperando algo diferente? Pensei em todas as vezes em que estive exatamente na mesma posição — arrumada, pronta — apenas para ser deixada de lado por mais um "compromisso urgente" ou reunião.

A solidão me envolvia como um cobertor sufocante.

Peguei o celular, pronta para mandar uma mensagem para Harper, sabendo que ela pelo menos tentaria me animar, mas desliguei o aparelho em vez disso. Eu iria à festa, colocaria um sorriso no rosto e cumpriria o papel que esperavam de mim. Se eu não conseguia nem ir a uma festa sozinha, como poderia um dia administrar uma empresa?

Eu tentaria de novo.

Como fizera todas as outras vezes.

Respirei fundo, limpando a lágrima que escapara, e me aprumei. Se meu pai não queria me apresentar ao mundo dele, eu teria de encontrar meu próprio caminho. Naquela noite, eu seria a convidada perfeita.

E, talvez, apenas talvez, alguém me notasse pelo que eu era, e não apenas como a filha de Cameron Fletcher.



O plano de ser a convidada perfeita durou pouco. Assim que entrei, já tinha me convencido a me recolher de novo, curvando os ombros e tentando me esconder.

O salão era tão grandioso quanto as pessoas lá dentro: homens ricos que nem se deram ao trabalho de me olhar, a menos que fosse para me encarar de forma

perturbadora, e mulheres que me lançavam olhares de desprezo sempre que eu tentava me aproximar e participar de suas conversas.

Na verdade, eu não conhecia ninguém o suficiente para puxar uma conversa particular, e também não conseguia pensar em um único assunto que tivesse em comum com aqueles estranhos.

Que ironia! Quando eu saía de casa, via que não tinha assunto para conversar com as pessoas.

Falar sobre uma partida de tênis que eles jogaram no fim de semana parecia muito distante da minha realidade, sobretudo se comparado a contar sobre meu *stalker*, por quem eu parecia ter uma queda, e que me levava para passear de moto.

Fui até a mesa reservada para mim e para o meu pai. Já estava meio cheia, e sorri para os outros convidados enquanto me sentava. Recebi sorrisos forçados em retribuição, mas ninguém se apresentou.

Aquilo era o inferno.

E mais uma prova de que talvez meu pai estivesse certo. Talvez eu realmente não fosse capaz de assumir os negócios. Ele lidava com homens muito mais poderosos do que os que estavam naquela mesa, e eu mal conseguia lidar com aqueles ali.

— Você veio sozinha? — perguntou o homem sentado à minha frente.

— Sim — respondi, tentando me endireitar. — Cameron Fletcher, meu pai, deveria estar aqui comigo esta noite.

O homem resmungou algo que não consegui entender e revirou os olhos.

— Então ele passou um batonzinho na filha e achou que isso bastaria pra nos agradar? — comentou ele, soltando uma risada rude. — As pessoas estavam esperando por ele hoje. Não vão aceitar uma substituta.

— Que maneira rude de falar com a mulher que poderia arruinar a sua vida, Williams — disse alguém, com a voz carregada de ameaça. — Sugiro que peça desculpas antes que ela resolva contar o que você anda fazendo nas noites de quinta-feira com o dinheiro que desvia do seu departamento.

As narinas de Williams se dilataram de raiva quando ele olhou por cima de mim.

Virei-me e dei de cara com Rook.

O brilho divertido em seus olhos quase me fez sorrir.

Meus olhos percorreram seu corpo: o terno preto perfeitamente ajustado o fazia se encaixar bem naquele ambiente, apesar das tatuagens que cobriam suas mãos e apareciam discretamente pela gola da camisa.

— Essa cadeira tá ocupada? — questionou Rook, com um tom casual, como se não tivesse acabado de ameaçar arruinar a vida daquele homem.

— Não — respondi, com o coração disparado.

Williams ainda não tinha dito nada, e, aparentemente, Rook não gostou disso.

— Você me ouviu? — perguntou ele, puxando a cadeira.

O terno preto o deixava impossível de ignorar ao se sentar ao meu lado.

— Desculpe, Srta. Fletcher. Foi uma brincadeira, mas peço desculpas.

— Não foi uma brincadeira — disse Rook, com frieza na voz. — E, mesmo se fosse, ela não é alvo de piada alguma.

— Sinto muito. Espero que não comente nada?

— Se nos deixar em paz, prometo manter a boca fechada — falei, sentindo-me corajosa com Rook ao meu lado.

— Vou pegar uma bebida — disse Williams, afastando-se rapidamente com o copo ainda cheio.

— O que tá acontecendo? — cochichei quando Rook se inclinou mais para perto. — O que tá fazendo aqui? E, mais importante, pra onde ele vai às quintas-feiras?

Rook sorriu, o rosto agora suavizado.

— Ele desvia dinheiro de contas do governo e gasta em um clube de *strip-tease*. Nada tão grave quando comparado a outras coisas, mas suficiente para fazê-lo perder o emprego. Sabia que isso o assustaria.

Contive uma risada, pressionando minha mão contra o braço dele por um segundo.

— E por que você tá aqui?

— Alguém me contou que você apareceu sozinha e parecia não estar feliz com isso.

Olhei ao redor, tentando identificar quem poderia estar ali com Rook.

— Você tem alguém me vigiando?

— Eu trabalho com mais da metade das pessoas nesta sala, Regan. Por cem dólares, eu conseguiria uma lista de todo mundo que tá aqui em minutos. Você já sabe que eu a tenho seguido. Isso ainda te surpreende?

— Acho que não — respondi. — Então você é um criminoso e trabalha com várias dessas pessoas respeitáveis daqui? Como?

Ele pegou meu copo, deu um gole no coquetel adocicado e arqueou uma sobrancelha antes de tomar outro gole.

— Não passam de criminosos de luxo. Basicamente, fazem as mesmas coisas que eu faço, mas pagam outros pra sujarem as mãos por eles. Você deveria se perguntar por que te deixam ir a lugares como este sozinha — completou Rook.

— Por favor, não me lembre de “sujar as mãos” — falei, enrugando o nariz involuntariamente.

Ele soltou uma risada seca, levantando as mãos para me mostrar que, no

momento, não havia sangue nelas.

— Você não parece se importar com o que minhas mãos fazem em outras situações.

— Shhh — falei, dando um chute discreto em sua perna sob a mesa.

Ele agarrou minha mão e a forçou sobre sua coxa.

— Isso significa que você finalmente aprendeu o significado de discrição? — perguntou, movendo minha mão para cima.

— Bom, sim, em lugares como este eu sei manter a discrição.

Ele sorriu de lado enquanto minha mão percorria seu colo, sentindo sua ereção endurecida.

— Será que poderíamos testar o quanto você consegue ser discreta aqui?

— Rook… — murmurei, cerrando os dentes enquanto ele movia minha mão sobre ele. — Por que você tá tão excitado agora?

— Porque alguém teve que usar um vestido que se molda ao corpo. Um corpo que eu já vi se contorcer e desmoronar sob minha língua — disse. — E porque tô morrendo de vontade de sentir aquele gosto de novo.

— Por que veio, Rook? Não consigo imaginar que este seja seu tipo de ambiente. E, pela forma como todos tão olhando, eu não sou a única a pensar isso.

Eu só ficava mais irritada com as respostas evasivas, e duvidava que ele fosse me dizer a verdade tão cedo.

— Porque você não deveria estar sozinha aqui.

— Por quê?

— Você é filha de um dos homens mais poderosos deste lugar.

— Então, você tá aqui pra quê? Ser meu guarda-costas? Irônico, vindo de quem tenta me matar.

— Você é obcecada em tentar descobrir se quero te matar ou proteger.

— É uma preocupação legítima. Você poderia muito bem fazer as duas coisas.

— Isso é verdade — concordou. — Pra ser sincero, talvez eu esteja colocando você em mais perigo estando aqui do que se não tivesse vindo.

— Como?

— Porque haverá muitas conversas esta noite sobre o motivo de eu ter aparecido aqui. Nunca mostrei meu rosto em um lugar como este. Qualquer um que tenha ligação comigo vai ficar preocupado, achando que alguém me irritou. E me vendo ao seu lado só farão mais perguntas. Nos próximos dias, vão querer saber o que tá acontecendo.

— Então você não vai me matar, nem me proteger. Vai me colocar em perigo e depois vai embora?

— Não farei nenhuma dessas coisas.

— Então, o quê? — perguntei, um pouco alto demais, vendo as sobrancelhas dele se arquearem.

— O que aconteceu com a discrição? — murmurou.

Apenas o encarei, esperando. Ele precisava ter uma razão melhor para estar ali, e eu duvidava que qualquer uma das que eu dei fosse a verdadeira.

— Tudo bem — disse ele, entre dentes cerrados. — Vim porque não gostei de te ver aqui sozinha. Não é mentira. E também gosto de saber mais sobre você.

— Achei que você tivesse dito que eu era entediante.

— Você é — respondeu ele, sorrindo. — Mas acho que tô com inveja do seu tipo de tédio.

Ele se levantou, visivelmente incomodado, ajeitando o terno e passando a mão pelos cabelos.

— Vamos. Vou te mostrar como lidar com este lugar.

— E como você saberia lidar com um lugar como este? Aposto que aqui são pessoas muito diferentes em comparação aos outros locais onde os encontra — perguntei, tentando manter a voz firme apesar da confissão dele ter me abalado.

— Não importa. Elas ainda são as mesmas pessoas, com os mesmos segredos.

Sua mão deslizou para a base das minhas costas, descendo sobre o meu quadril e subindo de novo. O toque íntimo fez minha pele formigar, e precisei lutar contra o impulso de me inclinar para mais perto dele.

— Você tá provocando um homem faminto — gemeu. — Vamos pra outra sala pra que eu possa te provar de novo.

Tentei manter a compostura, mesmo com meu pulso acelerando.

— Continua ajudando, contando esses segredos, e talvez eu te deixe fazer isso — murmurei.

Ele soltou um gemido satisfeito, o som reverberando dentro de mim.

— Tá vendo? Você já sabe exatamente o que tá fazendo e como lidar com esse tipo de gente. Usa tudo o que você tem pra me fazer ceder. Me encurrala até que a única saída seja fazer o que você mandar. Você deve jogar sempre. Cada um desses homens poderosos pode ser empurrado pro canto certo, e todos vão se curvar aos seus pés se você disser as palavras certas.

— E você sabe quais são essas palavras? — perguntei, quase maravilhada com a confiança dele.

Quando entrei, quis me esconder. Ele entrou querendo ser visto, querendo que todos se perguntassem o que ele estava fazendo ali. Querendo que todos o temessem.

— Pra muitos deles, sim. Pro restante, vou descobrir. — Seus olhos brilharam com uma promessa perigosa, que me empolgava e assustava ao mesmo tempo.

Eu me perguntei se ele tinha ido até ali para descobrir meus segredos. Para

descobrir algo que pudesse usar contra mim no futuro. Ele ficaria desapontado em descobrir que eu não tinha muitos segredos sujos. Até agora, o meu maior segredo era *ele*.

— Então, se você tem a informação de que preciso pra fazer com que eles se curvem a mim, como eu te encurralo, pra que você me revele o que sabe? — perguntei, inclinando a cabeça até os nossos hálitos se misturarem.

Ele sorriu, um som grave saindo do seu peito enquanto me puxava firmemente para o seu lado.

— Esse é o jogo, Rebel. Você precisa cavar e cavar até encontrar a coisa certa a dizer que me faça cair.

— E como vou saber qual é a coisa certa? Ameaço até acertar?

— Pode fazer isso — disse —, mas depois de uma ou duas tentativas erradas, esses homens se entediariam e deixariam de te levar a sério.

Os olhos dele não desviavam dos meus, o olhar intenso deixando minhas pernas bambas.

— Então, como eu descubro? — insisti, querendo entender a mecânica desse jogo perigoso que ele jogava com tanta facilidade.

— Você se treina. Fica implacável. Quanto mais devastadora a informação, melhor. Pode arruinar vidas? Pode tirar dinheiro ou poder? Você descobre do que eles precisam pra sobreviver e os ameaça com isso.

— Você precisa da sua moto. E se eu ameaçar quebrá-la? — perguntei, meio brincando.

— Isso não me faria ceder. Isso faria com que eu te punisse — respondeu ele, a voz caindo para um tom que me fez arrepiar.

Pensei nas formas como ele poderia me punir. De torturas dolorosas até me amarrar e me fazer gozar. E, sinceramente, não parecia algo tão ruim.

Passei a mão por seu abdômen, parando logo acima do cinto.

— E se eu contasse pra todo mundo aqui o quanto você tá desesperado pra me provar de novo?

Ele sorriu, um brilho perverso nos olhos ao se virar para mim.

— Eu te colocaria em cima da mesa e mostraria pra eles. Não me importo se as pessoas olharem. Pra falar a verdade, prefiro. Deixaria todo mundo ver minha cabeça sob seu vestido enquanto você geme e grita pedindo mais. Eles adorariam ver como enfia seus dedos no meu cabelo e me força contra si, desesperada pela minha língua.

O calor tomou conta do meu corpo, e a umidade entre minhas coxas não me surpreendeu, enquanto a tensão se acumulava dentro de mim.

Mudei de assunto antes que realmente o puxasse para algum canto.

— Sou péssima nisso — falei, gemendo enquanto me encostava mais nele.

O peso da noite já parecia pesado demais. E ser patética nesses jogos não ajudava em nada.

— É uma habilidade. Precisa praticar.

Ele se virou para mim, pedindo mais duas bebidas. Para ser sincera, minha boca salivava só de olhar para ele.

Rook sempre tinha sido perigosamente atraente, mas o terno preto levava isso a um outro nível, tornando quase impossível resistir a ele.

— Vou te dar algumas informações pra você praticar.

— De graça?

— Nada é de graça, Rebel. Mas, enquanto espero pelo pagamento… vamos irritar alguns homens muito ricos.

DEZESSEIS
ROOK



O VESTIDO QUE ELA USAVA, DEIXANDO SUAS COSTAS À MOSTRA, JÁ AMEAÇAVA acabar com a minha força de vontade. Sentir sua pele nua sob meus dedos fazia o desejo subir direto à minha cabeça. Cada toque enviava um choque pelo meu corpo.

Estávamos conversando com outro daqueles homens ricos idiotas com quem eu nunca tinha trabalhado, mas de quem sabia tudo. Eu deveria ficar atento, tentar captar qualquer informação nova que pudesse usar contra aquele tipo de gente, mas minha atenção estava toda em Regan.

Inclinei-me até seu ouvido, ignorando o jeito como o cara nos olhava. Ele pareceu me reconhecer, pois percebi a preocupação em seu rosto.

— Eu não trabalho com ele por um motivo — murmurei, mordendo de leve seu lóbulo. — Ele é nojento. Gosta de meninas tão jovens que existe uma investigação policial ativa contra ele.

Os olhos de Regan se arregalaram, ainda fixos nele. O pânico estampado no rosto dele era tão evidente que eu quase ri.

— Bom, diga ao seu pai que mandei lembranças — disse o homem, tentando encerrar a conversa.

Ela franziu o nariz.

— Prefiro não fazer isso. O senhor trabalha com o meu pai?

— Bem, sim… — respondeu ele. — Já fizemos alguns negócios juntos.

— Acho que não trabalhará mais com ele — disse Regan, a voz firme e fria. — Preferimos trabalhar com pessoas maiores de idade. Ao contrário do senhor, pelo que sei.

Minhas pernas quase cederam de tão perfeita que foi a execução. O jeito como os olhos dele quase saltaram da cabeça, levando-o a se afastar às pressas…

— Fiz direito? — perguntou ela, olhando confusa enquanto ele sumia no meio da multidão.

— Foi perfeito — respondi. — Agora tô desconfortavelmente excitado.

— Parece que ele se assustou e fugiu. De que isso vai adiantar?

Ri, guiando-a para o canto da sala.

— Medo. A ideia de que você não vai aceitar qualquer coisa deles, diferentemente de como te trataram quando você chegou. Quer ser respeitada, certo? Essa é uma maneira rápida de mostrar que não se deve mexer com você. Faz isso mais algumas vezes, e logo a notícia vai se espalhar. As pessoas vão se perguntar se você vai trabalhar com elas ou arruinar suas vidas. E, para se protegerem, farão o que for preciso pra te manter feliz.

— Mas ele não foi encurralado?

— Claro que foi. Ele sabe que você sabe. Se você fosse até ele agora e pedisse algo, provavelmente ele daria. Talvez precisasse pressionar mais um pouco, mas poderia lembrá-lo do que sabe. E que, por um preço ou um favor, manteria a boca fechada.

— Hmm — murmurou ela, olhando ao redor para os outros convidados. — E é isso o que você faz? Passa seus dias descobrindo informações pra usá-las quando for necessário?

— Às vezes. Outras vezes, eu as vendo. Se quisesse derrubar seu maior concorrente, não pagaria pra ter informações que te ajudassem a conseguir?

— Isso é assustador… e eficiente.

Eu já tinha planejado ir àquela festa. Achei que seria uma boa oportunidade para ver Cameron Fletcher — e descobrir se ele ao menos me reconheceria. Mas, quando soube que ela tinha ido sozinha, pensei que ainda seria uma boa ideia aparecer. Que melhor maneira de me aproximar dela do que salvá-la de uma noite entre os lobos?

Agora, porém, eu estava ali, em pé, revelando cada vez mais informações, sem esperar nada em troca. Cada vez que ela tentava intimidar um daqueles caras, eu ficava hipnotizado. Não deveria estar tão interessado na garota que estava usando para conseguir a minha vingança, mas parecia que ela implorava para aprender e ninguém queria ajudá-la.

Passei o restante do jantar com ela ao meu lado, respondendo a todas às suas perguntas sem hesitar.

Então, olhei para o celular. Já eram quase dez da noite. Ainda havia muito que eu precisava fazer, e, considerando o quão fácil estava sendo entregar informações para ela, achei melhor parar de falar antes que dissesse algo de que me arrependesse.

Para alguém cujo mundo exigia boca fechada, naquela noite eu tinha esquecido todas as regras.

— Preciso ir — falei, vendo seu rosto murchar. — Tenho mais trabalho esta

noite.

— Tudo bem. Você vai voltar logo?

Sorri de lado, enfiando o celular de volta no bolso.

— Tá perguntando se eu vou ficar rondando a sua casa?

Ela mordeu o lábio, desviando o olhar para a multidão em vez de me encarar.

— Talvez.

— Então a minha resposta também é talvez. Vai sair daqui a pouco?

— Sim, vou mandar mensagem pro motorista me buscar.

— Certo. Até logo, Rebel.

Ela me observou enquanto eu saía, e precisei lutar contra o impulso de olhar para trás.

Achei que seria tranquilo chegar até a moto, trocar de roupa e seguir para o trabalho. Mas, assim que subi na máquina, peguei a direção errada, virando à esquerda quando deveria ter virado à direita.

Meus dedos apertavam tanto as empunhaduras que os nós ficaram brancos. Cada instinto em mim gritava para eu voltar. Para passar uma noite entediante com Regan e descobrir se eu gostava tanto daquilo quanto imaginava. Mas eu não podia me dar ao luxo de ser fraco.

Não agora.

Sabia que ela não estaria muito atrás de mim, e, como eu ainda faria uma parada, precisava ser rápido.

Cada momento ao lado dela desgastava um pouco mais as minhas defesas, e eu precisava lembrar por que havia me metido nessa situação. Meus pais, minha irmã, nossas vidas arruinadas. Cameron Fletcher era o responsável por tudo aquilo, e Regan era apenas o meu degrau até ele, nada mais.

Fiz minha primeira parada em uma padaria e logo voltei para a rua, costurando o trânsito até parar em frente à enorme Mansão Fletcher. A visão trouxe de volta todas as memórias do que eu tinha perdido e de tudo pelo que ainda lutava. O contraste entre o meu mundo e o dela era brutal, e eu precisava me lembrar disso.

Levei menos de cinco minutos para entrar, deixar a caixa sobre o travesseiro dela e sair discretamente.

Fiquei parado por um segundo a mais do que deveria, olhando para o quarto, e uma pontada de culpa me atingiu. Será que ela era mesmo tão inocente? Será que não tinha a menor ideia de quão doente o próprio pai podia ser?

Ela parecia genuinamente chocada com o que eu fazia. Se soubesse das sujeiras do pai, não teria ficado tão surpresa, teria?

Enquanto dirigia para longe, uma mistura de satisfação e medo se agitava dentro de mim. Eu estava cada vez mais próximo dela, cada vez mais perto do

meu objetivo, mas não sabia por quanto tempo ainda conseguiria manter as duas coisas separadas.

Tecnicamente, minha vontade de estar perto de Regan se encaixava perfeitamente no meu plano. Mas isso não diminuía o incômodo crescendo dentro de mim, a certeza de que ela logo me odiaria.

Balancei a cabeça, tentando afastar a confusão. Isso não tinha a ver com ela, conosco. Era uma questão de justiça, de corrigir os erros cometidos contra a minha família.

Mas, conforme a mansão desaparecia no meu retrovisor, eu não conseguia afastar o pensamento de que a linha entre minha vingança e essa obsessão estava se apagando… e eu temia estar perdendo mais do que apenas o foco.

DEZESSETE

REGAN



ROOK AINDA ESTAVA ME RONDANDO. EU NÃO SABIA SE ELE REALMENTE TINHA se cansado de mim, mas, quando chegara em casa na noite anterior e encontrara uma caixa de *cookies* no meu travesseiro, soube que era dele.

Desta vez, em vez de ficar esperando que ele aparecesse, decidi inverter os papéis. Era hora de ele ser perseguido. Eu não sabia muito sobre ele, e não consegui encontrar nenhuma informação sobre quando seria a próxima noite de motos do Sindicato. Rook mencionara que ele e seus amigos eram donos de uma oficina de motocicletas na cidade, e eu sabia como era a moto dele — então achei que tinha boas chances de encontrá-lo assim.

O motorista encostou o carro, e eu entrei no banco de trás. Ele já tinha me levado algumas vezes, então eu o conhecia, mas, ainda assim, me inclinei para frente, pronta para dar as instruções.

— Preciso fazer algo hoje que eu preferiria que meu pai não soubesse. Isso é um problema?

— Não, senhorita. Não é problema algum. A senhorita me contratou para hoje. Hoje, eu trabalho para a senhorita.

— Perfeito. Quero começar passando por algumas lojas. Depois, talvez a gente fique fora o dia todo. Ainda não tenho certeza.

— Sem problemas — falou, saindo com o carro. — É só me dizer para onde ir primeiro.



Rodamos por mais duas horas, e eu ainda não tinha tido sorte. Passamos por três oficinas mecânicas diferentes, que definitivamente não eram a do Rook, e eu fui

ficando mais frustrada a cada uma delas.

Atravessávamos a cidade quando avistei uma moto alguns carros à nossa frente.

— Espera! — gritei, antes que o motorista virasse. — Segue aquele cara!

— Da moto?

— Isso, cola nele.

A moto não era toda preta como a do Rook, mas algo nela chamou minha atenção. Então percebi que o capacete e a jaqueta eram iguais aos que Rook usava. Não seria tão absurdo pensar que ele tivesse várias motos, mas eu ainda não tinha certeza se era ele mesmo.

Seguimos por algumas quadras, observando conforme ele costurava pelo trânsito até conseguirmos nos aproximar de novo. Depois de mais três quarteirões, estávamos logo atrás dele, esperando o sinal abrir para virarmos à esquerda.

O motoqueiro acionou o descanso, apoiando a moto para descer. Prendi a respiração quando o vi caminhando de volta em direção ao meu carro, abrindo a jaqueta e puxando uma arma, que usou para bater na janela do motorista.

— Por que tão me seguindo? — perguntou, encostando a arma na borda da janela.

— Ele não tá seguindo ninguém! — gritei, me sentindo mal pelo motorista. — Eu é que tô!

Ele inclinou a cabeça, o capacete ainda escondendo seu rosto, mas eu estava quase certa de que era Rook. Ele se endireitou e deu alguns passos até a porta de trás, abrindo-a e se inclinando para dentro sem dizer nada, apenas me encarando.

Finalmente, ele tirou o capacete.

Os cabelos escuros caíram sobre a testa, e o olhar cansado e irritado quase me fez sentir culpa por ele parecer tão exausto.

— Rook — murmurei, aliviada.

— Tá me perseguindo, Rebel?

— Tentando, mas você é difícil de encontrar.

— É, faço isso de propósito. Vai continuar me seguindo?

— Sim.

Ele sorriu de lado.

— Interessante. Tudo bem.

Ele se afastou, batendo a porta com força. A janela do motorista ainda estava aberta, e Rook se inclinou para o profissional.

— Sugiro que fique mais atrás na próxima parada. Eu odiaria que algo acontecesse com ela.

O motorista apenas assentiu, em silêncio, enquanto Rook voltava para a moto.

O sinal já tinha fechado outra vez, mas Rook partiu mesmo assim.

— Continua seguindo! — gritei, observando Rook acelerar pela rua.

Mantivemos a distância pelos dez minutos seguintes, até que o Rook parou bruscamente em frente a um armazém de fachada austera. Ele desceu da moto e lançou um olhar em minha direção. O aceno, fofo e sarcástico, contrastou de maneira brutal com a arma que ele segurava na outra mão. Fiquei congelada no banco, vendo-o entrar.

Ele sumiu de vista por uns dez minutos. Até que um estouro alto ecoou, e, então, ele saiu andando normalmente, montou na moto e arrancou como se nada tivesse acontecido.

— Aquilo foi um tiro? — perguntei, sem saber se o motorista me responderia.

— Acredito que sim — respondeu ele, enquanto voltava a seguir Rook, passando pelas ruas da cidade até estacionarmos em frente a uma oficina de motos.

Sentia como se tivesse prendido a respiração todo aquele tempo, a antecipação me matando.

Rook estacionou a moto e desceu, entrando no prédio sem sequer olhar para trás, mas eu corri para alcançá-lo rapidamente.

— Você não deveria estar me seguindo, Regan. Não vai gostar de nada do que descobrir.

Ele empurrou a porta e eu corri para dentro, seguindo-o até a recepção de uma oficina de motocicletas chamada Maverick Moto. Estava na minha lista, mas eu tinha encontrado Rook primeiro.

Olhei ao redor. O lugar era muito mais arrumado do que eu esperava. Ninguém jamais imaginaria as coisas horríveis feitas por seus administradores.

— Você me perseguiu. É justo que eu persiga você um pouco também — falei, quase gritando, enquanto ele passava para trás do balcão.

Ele se virou, e a raiva estampada em seu rosto me deixou com a boca seca. Foi rápido. Ele deu a volta no balcão e me pegou antes que eu pudesse dizer mais uma palavra.

Um braço me envolveu forte pela cintura enquanto a outra mão tapava a minha boca. Ele me arrastou pela porta dos fundos para uma garagem aberta, meus pés mal encostando o chão.

— Se você vai fazer parte da minha vida, vai ter que aprender a ser mais discreta — sussurrou entre dentes. — Já deixei isso claro.

Mordi a mão dele, mas ele não reagiu, então mordi ainda mais forte.

— Não vai adiantar de nada, Rebel. Quero dizer… a não ser que você queira deixar meu pau duro. Vai ficar quietinha agora?

Assenti, e ele enfim soltou a minha boca. Dei uma cotovelada no estômago

dele, conseguindo me soltar e girar para encará-lo.

— Quem disse que eu quero fazer parte da sua vida?

Ele balançou a cabeça, levando a mão ao peito por um segundo, antes daquele sorriso sombrio e ameaçador voltar ao seu rosto.

— Você disse, quando me perseguiu. Você é uma peste. E, infelizmente pra você, eu adoro quando você fica brava — disse ele, me agarrando de novo.

Ele girou o meu corpo e me jogou sobre o ombro antes que eu tivesse tempo de reagir.

A saia que eu usava caiu para o lado, deixando uma perna exposta para ele. Eu não conseguia vê-lo, mas senti o momento em que ele se virou e mordeu minha coxa.

Gritei, a dor irradiando antes de ele beijar o local.

— Desculpa, linda. Esses malditos pensamentos intrusivos venceram quando vi essa bunda linda.

Ele parou, me ajeitando com um pequeno impulso antes de seguir pelo corredor.

— Rook! — gritei.

Apenas deu um tapa na minha bunda em resposta, antes de enfim me colocar no chão.

— E isso foi por quê? — perguntei, me virando para ele.

— Por me seguir — respondeu, sentando-se atrás de uma escrivaninha e me observando enquanto eu analisava o cômodo.

Sua moto estava estacionada no canto do escritório, e ele não desviou o olhar enquanto eu me aproximei dela.

— Por que ela tá aqui dentro?

— Hoje usei uma moto reserva porque tava tentando não ser reconhecido. E não arrisco deixar qualquer cliente ou curioso mexer nas minhas coisas enquanto tô fora. Não tenho confiança em deixar ninguém entrar aqui.

— Nem eu?

— Ainda não decidi.

— Mesmo assim, me trouxe até aqui.

— Não tive escolha. Você tava gritando os meus segredos.

— Então, se eu tivesse só entrado e dito “oi”, você não teria me trazido pra cá?

Estendi a mão, pronta para passar os dedos pela moto, mas ele me deteve.

— Se tocar na minha moto, eu toco em você.

Senti-me corajosa.

A maneira como Rook tentava me assustar tinha funcionado… até agora. Minha mão caiu, e meus dedos deslizaram pelos manetes, até o tanque.

— É meio louco pensar na velocidade que você alcança com isso. Sem cinto de segurança, sem nada pra te segurar se cair… e, mesmo assim, dirige sem hesitação.

Fui até a parte de trás, onde o assento — o mesmo onde eu tinha me sentado — parecia ainda mais ridículo sob o meu peso. Eu ainda não tinha me sentado onde ele costumava ficar.

Olhei para ele por cima do ombro. Seu rosto era ilegível ao me observar, mas mesmo assim sorri.

— Por que cheguei em casa ontem à noite e encontrei meus *cookies* favoritos na cama? — perguntei, erguendo a saia e balançando a perna por cima da enorme moto para me acomodar no assento.

Ela estava inclinada de lado, sustentada pelo cavalete, enquanto eu apoiava os pés nos pedais.

Ele se recostou na cadeira, o olhar pesado e firme preso ao meu, a intensidade em seus olhos me fazendo arrepiar.

— Como eu saberia? — perguntou.

— Porque foi você quem os deixou lá.

— Pode provar?

— Não, mas não conheço mais ninguém que faria isso por mim.

— Interessante — disse ele, com um sorriso de canto. — Mas você também acha que vou te matar?

— É, eu já me perguntei sobre isso.

— Mesmo assim, você veio atrás de mim. Pra quê? Sentar na minha moto? Fingir que pertence a este lugar? Por que me seguir até aqui?

Inclinei-me para trás, apoiando as mãos no pequeno assento atrás de mim. O olhar escuro dele permaneceu fixo em mim, os lábios curvados em um sorriso astuto.

— Eu queria te agradecer.

— Por invadir sua casa? Disponha.

— Você sabe que não é isso que eu quis dizer. Pensei que, se eu tocasse na moto, você ia me tocar também.

— Ah, eu vou.

— Quando?

— Quando você implorar.

— E se eu não implorar?

— Então, quando você exigir.

Ele acenou com a cabeça para a saia que eu estava usando e perguntou:

— O que tá vestindo por baixo disso?

Escolhi algo que me fizesse sentir-me mais “perseguidora” do que as minhas

roupas normais: botas pretas, saia longa de tecido sedoso e camiseta.

— Nada — respondi enfim, sentindo-me mais atrevida.

— Sobe a saia.

Eu já a havia trazido até a altura dos quadris, mas a ergui mais ainda, sem hesitar ao ouvir o seu comando.

— Ótimo. Agora se inclina pra trás e abre mais as pernas.

Uma emoção eletrizante percorria o meu corpo.

— Pra quê? — perguntei, sem fôlego.

— Pra ver você se tocar.

O tom dele era de pura confiança. Ele gostava mesmo de cruzar limites.

— Aqui?

Ele se recostou em uma cadeira, os olhos pesados me observando.

— Sim, aí mesmo.

— E você vai ficar aí me olhando? — perguntei, ainda sem acreditar no que ele estava me pedindo para fazer.

— Sim.

— Eu vou ficar à mostra.

— Exatamente. Você é minha e deve ficar à mostra pra mim. Quero ver o seu rosto quando gozar. Minha cara tava enterrada em você na última vez.

— Você acha que sou sua?

— Acho que você tá no meu escritório, em cima da minha moto, se tocando pra mim enquanto pensa em mim tocando em você. Do que mais você precisa pra ser considerada minha? Vamos lá, Rebel.

Um tremor me percorreu ao ouvir suas palavras e, sem pensar em nada, minha mão se moveu para baixo e ergueu a camiseta mais ainda.

— O que devo usar?

— Você não gosta dos seus dedos? Quer algo que te preencha mais? — perguntou, sorrindo ao ficar em pé e dar uma volta na mesa, vindo na minha direção. — Ah, é verdade. Você gosta de brinquedinhos, não é mesmo, Rebel? Gosta de se sentir bem preenchida.

Eu assenti, na esperança de que ele fosse me preencher, mas ele só estalou a língua.

— Você tá ficando gananciosa demais. Abre a *bag* atrás de você.

— Por quê? — perguntei, já a vasculhando.

— Pega logo o que tá aí dentro — ordenou, sorrindo.

Obedeci, tirando de dentro uma chave inglesa. Arregalei os olhos quando ele se aproximou de mim.

— Você quer que eu use *isto*?

Ele riu, tirando-a da minha mão.

— Eu tinha outra coisa em mente, mas vamos ver se isso funciona.

O metal frio percorreu a minha coxa.

— Isso te excita? Você vai gozar forte, até melar toda a minha moto?

Suas palavras me acenderam, deixando-me molhada enquanto ele percorria as minhas coxas.

Balancei a cabeça, depois abri a boca quando ele foi subindo com a chave de metal até alcançar o meio das minhas pernas.

— Rook, é gelada — suspirei.

Ele empurrou mais, enfiando-a em mim com facilidade.

— Vamos, Rebel — disse ele, movendo meus dedos sobre o meu clitóris. — Pensa na minha boca em você.

Meus dedos moveram-se em círculo, meu corpo todo chacoalhando, desesperado para sentir o alívio que estava prestes a vir.

— Você é uma putinha linda, desesperada pra gozar de novo, não é? — perguntou, enfiando ainda mais a ferramenta. — Mas não é o suficiente pra você. Você quer ser preenchida e arrombada com força.

Eu só gemia. Meus quadris se projetaram para que ele enfiasse mais, enquanto eu continuava massageando em círculos o meu clitóris. O orgasmo estava vindo, fazendo a minha cabeça inclinar para trás e minha mão se mover mais rápido.

— Pronta? Quero que deixe a minha moto toda melada.

Eu balancei a cabeça de novo.

— Não. — Respirei com um gemido. — Não tô pronta.

Ele abaixou e meteu sua língua em mim enquanto tirava outra coisa da sacola. Eu me inclinei para trás de modo que seu rosto se enterrasse ainda mais entre as minhas pernas, mas ele se afastou, rindo.

— Esta boceta tá desesperada pra ser preenchida. Mal posso esperar pra você gozar no meu pau. Vai gemer e gritar quando eu te preencher. Quando eu enterrar fundo e arrombar você todinha. Minha putinha linda, usada e coberta de porra.

Ele pegou a minha mão e substituiu a chave por um vibrador novinho antes de recuar.

— Use-o — ordenou. — Quero ver você montada nele, melando a minha moto toda.

Nem liguei se era isso ou não que ele queria. Meu corpo estava tão febril, tão necessitado, tão desesperado para gozar. Eu me inclinei para trás, com a mão ainda massageando o clitóris, e liguei o vibrador, enfiando-o com força e fundo dentro de mim.

Gritei, pronta para gozar. Rook aproximou-se, com a mão segurando o meu pescoço e me forçando a me inclinar mais.

— Não goza se não for pra melar a moto. Não perca o meu tempo com um orgasminho rápido. Quero que fique melada, a ponto de eu conseguir lamber do chão, senão nada feito.

A mão dele apertou ainda mais o meu pescoço, sufocando-me o bastante para eu ficar um pouco tonta. Aumentei o ritmo, me fodendo o mais rápido que podia e esfregando ainda mais o meu clitóris. Levei segundos até estrelas brancas explodirem, e eu fechar os olhos. Meu corpo se contraiu, depois chacoalhou, e o mesmo jato de líquido saiu de mim conforme eu lutava para respirar nas mãos de Rook.

— Muito bem, linda. Você foi perfeita. Olha pra moto, toda molhada. Quero ajoelhar e lamber, mas vou limpar você em vez disso.

Ele se abaixou, chupando e lambendo cada centímetro de mim, até se afastar.

— Vem — falou, puxando-me.

— E essa bagunça toda?

— Bagunça? Isso é uma obra de arte. Nunca mais vou limpar a moto.

Ele se sentou na cadeira do escritório, puxando-me em frente a si. Eu fiquei ali em pé, um pouco desajeitada, ainda aérea por causa do orgasmo e sem saber o que fazer depois daquele show que dei para ele.

— De joelhos — exigiu.

Obedeci, abaixando até ficar de joelhos e indo direto ao botão de sua calça jeans.

Sua mão agarrou meu punho, e não consegui entender a expressão séria em seu rosto.

— Tem cicatrizes nas minhas pernas também. Pra que você não comece a gritar por causa disso.

Assenti, ainda abrindo seu jeans.

— Eu não gritaria.

Quando enfim cedeu, enfiei a mão dentro da calça e tirei seu pau. O tamanho por si só me deixou nervosa, e me perguntei se caberia.

— Ansiosa pelo meu pau, né, Rebel?

Assenti, lambendo os meus lábios ao acariciá-lo.

Ele agarrou o meu queixo, seus dedos apertando meu rosto.

— Essa sua boquinha já foi usada e fodida? Algum homem já a glorificou com o pau dele?

Tentei abanar a cabeça, mas ele a forçou a ficar quieta.

— Não. Nada parecido — sussurrei.

Ele se inclinou para frente, olhando para mim e apertando meu rosto com mais força até eu abrir a boca.

— Agora vai ser usada — disse, deixando um cuspe cair da boca dele até a

minha. — E você não vai parar até a sua garganta se encher de porra. Entendido?

Assenti de novo.

Ele puxou meu rosto até meus lábios tocarem a cabeça do seu pau, depois pressionou ainda mais os dedos nas minhas bochechas, deixando-as mais abertas conforme minha boca o engolia.

Gemeu alto, deslizando sua mão até que agarrasse meus cabelos.

— Ai, caralho — murmurou, puxando-me mais. — Quero te ver engolir tudo. Quero ver você se engasgar, linda. Mostra pra mim que quer tudo. Prometo que o que você engolir agora vai ser enterrado na sua boceta um dia.

Gemi em cima dele, engolindo mais e mais, até a minha garganta. Eu queria tudo. Queria que ele gozasse melhor do que nunca e que ficasse desesperado por mais, como eu estava.

— Boa menina. Gosto de ouvir você se esforçando tanto pra engolir tudo — gemeu, metendo mais fundo antes de desacelerar. — Você quer muito me agradar, não quer? Gosto de ver o que você gosta, e agora você tá fazendo o mesmo por mim. Quero a sua mão no meu pau, e quero que você chupe até sua boca doer.

Obedeci, colocando a minha mão na base e enfiando o restante na boca. Eu me movi com ritmo, minha mão deslizando conforme a saliva cobria seu pau. Ele gemeu, mexendo-se no meu ritmo até tirar a minha mão.

— Toma agora, linda.

Engoli-o mais fundo, a porra cobrindo a minha língua. Ele me segurou no lugar, fazendo-me engolir cada gota para eu não sufocar.

Continuei chupando, sem saber exatamente quando parar, quando ele enfim agarrou meu cabelo e me puxou.

— Tá tentando me matar?

— Só pra ter certeza de que acabou — falei, recuperando o fôlego.

Seu dedão percorreu os meus lábios, limpando qualquer resquício antes de fechar sua calça.

— Vem cá — ordenou, trazendo-me para o seu colo. — Deixa eu recuperar o fôlego.

— Isso significa que gostou? — perguntei, envergonhada, sem querer saber a resposta.

Ele riu baixinho, alisando a minha saia.

— O melhor que já tive. Não fica tímida. Acabei de ver você gozar em cima da minha moto. Não tem como ser tímida depois disso.

— Tem, sim, se eu estiver preocupada em parecer insignificante comparada às outras mulheres com quem você anda por aí.

Ele riu de novo, o leve sopro da sua risada fazendo cócegas no meu braço.

— Não é engraçado como sempre idealizamos certas interações na nossa cabeça? Pensamos que foram boas, talvez até ótimas. Mas, até termos algo realmente incrível, é difícil fazer uma comparação precisa. Depois que você experimenta o que é realmente incrível, é impossível voltar atrás e pensar que aquilo que veio antes era sequer aceitável, quanto mais ótimo.

— Não entendi — admiti, sentindo que ele poderia estar falando de mim.

Mas, em seguida, minha ansiedade tomou conta, e achei que era estupidez da minha parte acreditar naquilo.

Um baque me tirou dos pensamentos, e ambos olhamos em direção à porta.

— Rook! Temos que ir — gritou um cara do outro lado da porta.

— Não vou a lugar nenhum — disse Rook, passando a mão pelo meu pescoço.

— Não temos escolha. Agora, Rook.

— Merda — resmungou ele. — Odeio este lugar às vezes. Vamos, vou levá-la até a frente da oficina.

— Posso ir sozinha — respondi. A pontada do que parecia ser uma rejeição me fez lançar um olhar irritado para ele.

— E eu posso te acompanhar — retrucou ele.

— Se você me levar agora, desse jeito, as pessoas vão tirar conclusões sobre o que aconteceu — argumentei.

— Sim, vão, e eu tô empolgado com o fato de que algumas dessas conclusões estarão certas — disse ele, abrindo a porta. — A mocinha rebelde gosta de se excitar em cima de motos e de ficar de joelhos — continuou ele, aproximando-se por trás e me empurrando para fora do escritório. — Ela gosta de chupar até a boca ficar cheia de gozo.

— Rook — sussurrei —, cala a boca antes que alguém ouça.

— Não, eu quero que o mundo saiba que você veio atrás de mim só pra ser minha putinha linda — insistiu ele.

— Eu não vim atrás de você pra ser isso, coisa nenhuma! — gritei, vendo dois dos caras olharem em nossa direção.

— Pra mim, você é e sempre vai ser.

— E se eu não quiser ser sua? — perguntei entre dentes, enquanto a dor entre minhas coxas só aumentava.

A mão dele agarrou meu cabelo, me empurrando sobre a moto ao nosso lado.

— Então eu sugiro que não me persiga pra engolir o meu pau — disse ele, enquanto a outra mão deslizava pela lateral do meu corpo. — Assim você passa uma mensagem confusa.

— Rook, as pessoas podem nos ver.

— E daí? O que elas vão fazer a respeito? Elas já sabem que não podem te

tocar.

Ele me puxou de volta, girando-me para que eu o encarasse, e então me beijou.

— Por quê? — perguntei, tentando recuperar o fôlego.

— Porque você é minha. Proibida pra eles. Proibida pra qualquer um, até que eu me canse de você.

— Até que se canse de mim? — Revirei os olhos, embora meu estômago tivesse dado um salto. — Que romântico.

— Não é?

— E se eu quiser ficar com outra pessoa?

Ele deu um passo para trás, colocando a mão na minha lombar enquanto íamos para a frente da loja.

— Ele não vai gostar quando eu cortar cada parte dele que ousar tocar em você.

— Você não tá falando sério.

— Uma semana atrás, você ficou apavorada comigo por fazer coisas parecidas. Agora, parece que você acha graça.

— Acho que o meu senso de humor é um mecanismo de sobrevivência — respondi.

— Então, se eu começar a rir enquanto corto pedaços de corpos, isso conta como terapia?

— Não, fazer terapia conta como terapia. Esquartejar pessoas conta como assassinato.

Chegamos até o carro, e ele abriu a porta para mim.

— Você consegue imaginar a depressão que eu causaria em um terapeuta? — comentou ele, inclinando-se para me beijar rapidamente. — Obrigado por me perseguir. Nunca tinha percebido como pode ser divertido estar do outro lado. Falo com você depois.

Entrei no carro e partimos, mas olhei para trás algumas vezes enquanto ondas de calor percorriam meu corpo. Minha mente fervilhava de pensamentos sobre ele, cada qual só aumentando meu interesse por um mundo que eu jamais imaginei que me interessaria, mas ao qual eu não conseguia resistir.

DEZOITO

REGAN



SENTEI-ME COM O MEU TABLET, COLOCANDO UM EPISÓDIO DO MEU PROGRAMA favorito de crimes reais enquanto trabalhava no meu próximo desenho.

Ao contrário dos outros dias em que fizera isso, eu não me sentia apática. Talvez o que eu estivesse fazendo não fosse tão diferente, mas não parecia mais tão entediante. De repente, eu me senti estranhamente bem com o ritmo da minha vida.

As coisas tinham mudado, e aquele momento parecia mais uma pausa em meio ao caos do que mais um dia monótono. A necessidade de buscar algo excitante finalmente se aquietara, agora que eu me arriscava em coisas novas.

Meu pai invadiu a sala, a raiva estampada em seu rosto me fazendo encolher no sofá. Eu odiava quando ele ficava bravo comigo, e sabia que sempre dava o máximo de mim para tentar fazer as pazes com ele, mesmo quando eu não queria.

— O que aconteceu no jantar do último final de semana? — questionou ele da porta da sala, a voz gélida.

Meu estômago revirou, as lembranças de cada segundo com o Rook no escritório do clube passando como um borrão pela minha mente.

— O que quer dizer?

— Quero dizer… por que diabos um dos meus maiores clientes acabou de romper o contrato, aceitando pagar uma multa rescisória altíssima, e citou expressamente o seu nome como motivo?

— Ele disse que foi por minha causa? — perguntei, tentando manter a voz firme, mesmo já sabendo exatamente de quem se tratava.

O homem a quem eu havia dito que não trabalharíamos mais, porque gostava de meninas menores de idade.

— Disse. Pode me explicar o motivo e quem tava lá com você? Porque eu

ouvi histórias sobre isso também.

— Ah — murmurei, minhas mãos ficando suadas enquanto tentava pensar em uma desculpa. — Encontrei um amigo lá, e acabamos passando a maior parte da noite juntos.

— E o nome desse amigo? — pressionou, os olhos se estreitando.

Hesitei, sem saber se deveria revelar o nome de Rook. Tecnicamente, meu pai poderia estar na lista de pessoas com quem Rook trabalhava, ou na lista das pessoas cujos segredos ele conhecia.

Nenhuma das opções parecia boa.

— Jake — falei, torcendo para que a mentira colasse. — Não sei se o senhor o conhece.

— Não, acho que não. E ele tava causando confusão com você?

— Estávamos apenas nos divertindo. Alguns daqueles caras são péssimos, e eu apontei isso de maneira educada. Não estávamos causando confusão.

— Nós não apontamos nada de forma *educada*, Regan. Nós mantemos a boca fechada e trabalhamos. Esses homens mantêm a nossa empresa, são eles que nos pagam.

— Mas que tipo de negócio o senhor quer fazer com homens nojentos? — quase gritei, a frustração explodindo. — Protegê-los, ou proteger as coisas deles? Isso é repulsivo. Deveríamos deixar que se defendessem sozinhos, se são tão asquerosos. Ele é um verdadeiro pervertido! Por que querer trabalhar com alguém assim?

— Se eu me importasse com tudo o que as pessoas fazem a portas fechadas, eu não teria como ganhar dinheiro.

Meu estômago embrulhou.

Eu tinha visto Rook enfiar uma faca no pescoço de um homem, e até ele se recusava a trabalhar com aquele sujeito, por causa das coisas horríveis que ele fazia. Será que Rook tinha, de alguma forma, uma moral melhor que a do meu pai?

— Então, o quê? Eu deveria apenas agradar a esses caras, sabendo o que eles fazem? Deveria respeitar essas pessoas mesmo assim?

— Sim, exatamente. Porque você não é ninguém pra eles. Eles têm o poder, não você. É só uma menininha mimada, e eles não dão a mínima pra quem você é quando expõe os seus podres — gritou.

Encolhi-me ainda mais, surpresa com o tom furioso e odioso. Por mais falhas que meu pai tivesse, era raro ele gritar assim. Em geral, seus ataques eram frios e calculados.

— Acha que eles não te destruiriam, se tentasse revelar seus segredos?

Permaneci em silêncio, absorvendo aquelas palavras — completamente

opostas às que Rook havia me dito. Para Rook, os segredos eram poder. Para o meu pai, eles eram uma ameaça de destruição.

Eu não entendia como dois homens tão poderosos podiam ter visões tão diferentes sobre a mesma coisa. Rook me contara segredos. E, sabendo que eu conhecia esses segredos, os homens fugiram de mim, com medo de que fossem revelados. Para o meu pai, os segredos daqueles homens eram poder, mas eram poder *sobre* ele.

— Eu não tava tentando irritá-lo. Você deveria se acalmar antes que isso prejudique sua saúde — falei, tentando manter a calma.

Minha cabeça fervilhava enquanto ele continuava a gritar comigo.

Talvez essa fosse a diferença entre um negócio formal, como o do meu pai, e o tipo de negócios que Rook conduzia, sem seguir a lei.

Não tinha certeza. Mas o que eu sabia é que, para o meu pai, eu não passava de uma "menininha mimada". Era isso que ele via em mim.

— Não quero ser uma menininha mimada. Sou adulta. Uma mulher adulta e gostaria de ser tratada como tal — exigi. — Pedi inúmeras vezes pra ajudar. Eu odeio ficar aqui parada. Odeio te ver sofrendo enquanto eu poderia fazer alguma coisa. Quero aprender, quero fazer o que é certo. Mas, se continuar me excluindo, tanto da sua vida quanto da empresa, não tem nada que eu possa fazer.

— E por que diabos eu deveria querer ensinar a você qualquer coisa, se você insiste em falar de negócios com outras pessoas, quando nem sabe do que tá falando? — gritou ainda mais alto. — Você tem ideia de quanto dinheiro me fez perder? Quanto estamos perdendo agora, por sua culpa? Agora sou eu quem vai ter de viajar, encontrar o chefe dele e tentar consertar tudo. Por que você achou que retrucar seria uma boa ideia?

— Porque ele é nojento… E o Jake disse que ele não era uma boa pessoa — respondi, mais baixo.

Ele avançou dois passos, e, por um segundo, achei que fosse me bater. Meu pai nunca tinha levantado a mão para mim, mas havia algo diferente em seus olhos. Algo descontrolado. Sua mão chegou a se contrair ao lado do corpo.

Ele pareceu reconsiderar e parou a um metro de mim.

— Você acha que deve ouvir esse Jake, em vez de mim? Que a opinião dele importa mais? Escuta bem: eu não dou a mínima pra quem é uma boa pessoa ou não. Se nos pagam, isso basta. Eles pagam pelo nosso estilo de vida. Pagam pra você ficar aqui, confortável, assistindo a seus programinhas e rabiscando no seu tablet. Você não vai retrucar mais. Não vai se importar com a vida deles fora dos negócios. E, se acha que vai herdar minha empresa pra estragá-la com essa visão infantil, tá muito enganada.

Minha garganta apertou, mas ainda assim perguntei:

— Eu deveria ser herdeira da empresa, não deveria?

— Sim — respondeu, com a voz dura. — Mas não preciso de uma menininha mimada. Nem de uma artista bobinha. Preciso de uma filha implacável, que compreenda que o mundo não é bonito nem justo. Entendeu?

Assenti.

— Sim. Não vai acontecer de novo — disse. Eu entendia o que ele queria dizer. — Não posso ficar parada sem fazer nada, e, se eu quiser administrar um negócio, tenho que manter minhas opiniões pessoais fora disso.

Seus ombros cederam, e ele soltou um longo suspiro.

— É isso — disse ele. — Essa é a filha pra quem eu quero deixar a minha empresa. Fico feliz que tenha entendido. Eu sei que você é inteligente, Regan, mas precisa usar essa inteligência do jeito certo. Não estamos aqui pra julgar a vida das pessoas. Estamos aqui pra sermos pagos pra protegê-las ou proteger o que é delas. Não se trata de instalar alarmes residenciais; é um trabalho de alto nível, perigoso, pra homens que também podem ser perigosos. Você não deveria cutucar onças com vara curta. Não é algo que uma garota tímida e quieta consiga administrar ficando no canto e julgando os outros. Entendeu, Regan? — perguntou, com um tom condescendente demais, como se eu fosse incapaz de compreender a importância de tudo aquilo.

— Sim — respondi. — Sim, eu entendi. Achei que estivesse fazendo a coisa certa. Não vai acontecer de novo.

— Ótimo. Até eu resolver essa confusão, quero que você fique em casa e não cause mais problemas. Consegue fazer isso?

— Sim — assegurei, tentando endireitar os ombros.

Mas o peso de tudo aquilo me murchou. Eu só havia tentado fazer o certo e, ainda assim, o deixara mais furioso do que nunca.

— Ótimo. Vou ficar fora alguns dias. Não saia daqui nem cause problemas, e vai ficar tudo bem.

— Você vai me deixar ajudar mais com a empresa, pra eu não cometer mais erros? — perguntei.

Ele fez uma careta, já puxando o celular enquanto se dirigia para a porta.

— Vamos ver como as coisas andam, e conversamos sobre isso quando eu voltar, certo?

— Certo — falei, meio derrotada.

Eu sabia que tinha cometido um erro, mas ser mandada esperar mais uma vez doía demais.

— Te amo — falei, sem muita força.

Ele parou, olhando para mim com as sobrancelhas franzidas.

— Também te amo. Tenha um bom fim de semana.

Ele saiu em questão de segundos, e, para minha surpresa, a raiva começou a ferver dentro de mim.

Mais uma semana parada. Mais uma semana ouvindo que eu precisava ser boazinha para, talvez, receber alguma migalha. Se ele queria uma filha implacável, capaz de administrar uma grande empresa, será que ela ficaria parada, quieta?

Peguei o celular, já ligando para a Harper vir até mim. Não havia a menor chance de eu passar a semana trancada, sem fazer nada.



Na manhã seguinte, andei de um lado para o outro no quarto, o peso da curiosidade tornando difícil até pensar direito. Harper estava sentada de pernas cruzadas na minha cama, observando meus passos com as sobrancelhas erguidas. Ela ficara acordada comigo a maior parte da noite, me ouvindo desabafar. Meu desabafo ia de quase chorar porque tinha deixado meu pai nervoso enquanto ele estava doente até quase gritar que eu queria mais da vida. Harper aguentou tudo até que sentamos e traçamos um plano de verdade.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou pela terceira vez. — Quero dizer, é o escritório do seu pai.

Parei de andar e me virei para ela.

— Preciso fazer isso. Se ele não me deixa provar que posso lidar com o trabalho, vou ter que fazer isso sozinha. As consultas médicas dele estão ficando cada vez mais frequentes, e agora ele tem crises de raiva. Eu nunca tinha visto meu pai tão bravo comigo quanto ontem à noite, ou naquela ligação da semana passada. E, além de tudo, ele ainda não me dá nem uma migalha de informação sobre a empresa. E se estiver guardando segredos sobre as consultas porque tá piorando? E se ele morrer, e eu não souber de nada dos negócios?

— E, pra descobrir tudo isso, é preciso invadir o escritório dele?

— Tem ideia melhor? Eu fiquei esperando que ele percebesse que pode confiar em mim, mas não tá dando certo. Preciso tomar alguma iniciativa.

Harper assentiu com firmeza e se levantou.

— Então, vamos fazer isso.

Descemos pelo corredor, a casa estava silenciosa, como sempre, mas, desta vez, parecia mais sombria. Meu coração batia forte quando chegamos à porta do escritório do meu pai. Digitei o código enquanto Harper girava a chave. Ele não sabia que eu tinha uma cópia, mas, um dia, achei a reserva num esconderijo. A

chave era linda, parecia antiga, e eu não resisti. Só descobri para o que servia anos depois, quando vi uma idêntica nas mãos dele.

O clique da fechadura ecoou, e eu empurrei a porta.

O escritório era mal iluminado, as cortinas pesadas bloqueando o sol da tarde. Entramos de fininho, fechando a porta atrás de nós. Olhei ao redor, assimilando o ambiente — a mesa imponente, as paredes cobertas de estantes, o leve cheiro de madeira polida e couro. Eu já tinha estado ali muitas vezes, mas nunca sozinha.

— Por onde começamos? — perguntou Harper, sussurrando.

Apontei para a grande mesa de carvalho no centro do cômodo.

— Ali. Ele guarda tudo que é importante na mesa.

Harper começou a vasculhar as gavetas de um lado, e eu atacava o outro. Minhas mãos tremiam enquanto eu folheava os papéis, tentando ser silenciosa e eficiente.

— O que estamos procurando, exatamente? — perguntou ela, lançando-me um olhar.

— Qualquer coisa que pareça fora do lugar — respondi, tensa. — Algo que explique por que ele anda escondendo tanto a empresa… Papéis de consulta médica… qualquer coisa.

Depois de alguns minutos, abri a gaveta inferior do meu lado e encontrei um pequeno compartimento trancado. Meu coração deu um salto.

— Acho que encontrei uma coisa.

Harper se aproximou, olhando para o pequeno cadeado. Não parecia muito complicado, e minhas sobrancelhas se ergueram quando ela puxou um grampo do cabelo.

— Vamos ver se isso funciona — disse ela com um sorriso.

— Como você sabe fazer isso?

— Acha que a gente passa a vida assistindo a programas sobre crimes reais sem aprender nada? A pergunta é: como você nunca tentou fazer isso?

Em poucos segundos de silêncio, o cadeado se abriu. Levantei cuidadosamente a tampa de madeira, revelando uma pilha de documentos.

— Lugar estranho pra guardar mais papéis.

— Bem estranho. E, do jeito que seu pai é paranoico com segurança, duvido que ele guarde documentos muito importantes em um lugar assim.

— Então, o que são? Que tipo de papelada ele trancaria aqui se não achasse importante?

Retirei os documentos da pasta e comecei a passar os olhos pelas páginas, estreitando o olhar a cada linha. Eram listas exaustivas de nomes, endereços e identificações de embarcações. Reconheci alguns locais — pontos específicos

aqui mesmo em Havenwood —, mas a grande maioria apontava para Valeport, a cidade vizinha que abrigava o porto. Não havia muitos detalhes além de datas e nomes de portos, mas alguns tinham valores em dinheiro anotados ao lado.

— Talvez sejam embarcações que ele teve de proteger — sugeriu Harper.

— É plausível, mas estranho. Achei que ele só fizesse segurança de pessoas e prédios.

Peguei a página seguinte. As transações eram bem maiores em alguns casos.

— Esses nomes… *Pérola Negra*, *Bala de Prata*, *Estrela*… soam como apelidos.

— De quê? Um navio pirata? — comentou Harper. — O que isso significa?

— Talvez nomes de barcos? — Tirei uma foto com o celular e virei a página. — Esses pagamentos parecem altos demais pra simples proteção.

— Também achei… mas sei lá quanto ele cobra. Talvez foram itens mais caros.

Passei para a próxima pilha. Desta vez eram resultados de exames e anotações médicas. Meu peito apertou e lágrimas ameaçaram brotar. Odiava encarar o fato de que meu pai estava doente. Em poucos anos, eu estaria completamente sozinha.

Eu já estava tão solitária. O que faria quando ele partisse definitivamente?

Todos os exames tinham índices, a maioria em verde, mas alguns estavam marcados em vermelho.

— Por que ele manteria isso trancado? — questionou Harper.

— Não sei. Ele já me mostrou vários exames. Acho que já vi até estes.

— Então, qual é o segredo? Ele acha que alguém viria aqui roubar os exames?

— Acho que ele só não quer que muita gente saiba que tá doente.

— E se ele estiver piorando e não quiser que você saiba?

— Não sei. Vamos tirar fotos de tudo.

Harper me ajudou a organizar os papéis enquanto eu fotografava cada um. Um barulho do lado de fora nos fez pular de susto.

— Melhor colocar tudo de volta — disse ela. — Este lugar me dá arrepios.

Assenti. Mas minha cabeça estava a mil. Aqueles documentos levantavam mais perguntas do que as respondiam. Recoloquei os papéis no compartimento e fechei a gaveta. Saímos do escritório o mais rápido que conseguimos, o coração disparado de medo e adrenalina.

Rapidamente verificamos se tudo estava exatamente como encontrado antes de nos esgueirarmos para fora do escritório. Meu coração batia com um misto de medo e adrenalina enquanto saímos para o corredor.

— E agora? O que vai fazer? — perguntou Harper.

Engoli seco enquanto me jogava na cama.

— Acho que preciso cavar mais fundo. Esperei pacientemente por anos que meu pai me deixasse entrar, e ele não deixou. Ou eu sou incluída no que ele tá fazendo, ou sigo com a minha vida. Mas… será que consigo seguir com a minha vida? Não é como se eu pudesse simplesmente ir embora, sabendo o quão doente ele tá, mas também não posso ficar presa nesta casa esperando ele morrer. Isso é maluquice.

— Se eu fosse você, cavaria e tentaria descobrir o que tá acontecendo e por que ele não te deixa ajudar. Você devia tomar cuidado. Seu pai… me dá medo.

— Depois de ontem, eu entendo. Ele parece tão perfeito, poderoso… mas também pode ser assustador. Não quero irritá-lo. Se ele não quer que eu herde a empresa, que diga logo. Eu só queria passar o tempo que nos resta com ele de verdade. Queria tempo de qualidade, não ser usada como um acessório pra manter as aparências em festas de gala.

— Então é por isso que você sempre faz o que ele manda? Você tem medo dele?

Não era como se nunca tivéssemos falado disso, mas ela nunca tinha sido tão direta. Eu também nunca pensara de maneira tão clara.

— Acho que sim, de certa forma. Não que eu ache que ele vá me machucar… mas ele pode fazer da minha vida um inferno se eu o contrariar.

— E quanto às coisas que você quer pra si?

— Acho que finalmente percebi que o que eu quero e o que ele quer não são a mesma coisa.



Passamos algumas horas em casa depois de pedir comida, mas eu estava ficando inquieta. As palavras que meu pai me dissera ainda pareciam uma faca cravada no peito. Eu tinha feito a coisa certa, e mesmo assim arruinei algo para ele. E nem tinha sido intencional. Rook só estava me ajudando a lidar melhor com aquelas situações.

— Ele realmente me mandou não causar *mais* problemas? — questionei pelo que achava ser a centésima vez, fazendo os olhos de Harper saltarem em direção aos meus.

— Você tá bem, amiga? — perguntou.

— Não — respondi, firme. — Não tô. Ele me mandou ficar em casa e não causar problemas. Eu raramente causo problemas. Eu fico aqui, quieta, sem fazer nada, e, na única vez que faço algo, ele surta. E não é ficar irritado, é surtar mesmo.

Harper sorriu, ajeitando-se.

— Então, me escuta. E se você *ficar* em casa… e causar problemas mesmo assim? Isso conta?

— Acho que sim — respondi, rindo. — No que você tá pensando?

— Uma festa?

Ponderei. Eu não era muito fã de festas, por causa da quantidade de gente, mas seria uma forma de me divertir sem sair de casa.

E também seria uma boa desculpa para ver o Rook.

Vinte minutos depois, Harper entrou na cozinha com o celular na mão.

— Ok, temos umas vinte pessoas confirmadas, o que significa que são quarenta, porque todos vão trazer outra pessoa ou mesmo um grupo. Será que me esqueci de alguém?

Eu cutuquei o celular, a mensagem para Rook escrita, mas ainda não enviada.

— Eu meio que queria convidar alguém — falei.

— Quem? — perguntou, o sorriso crescendo no rosto dela.

— Rook.

— O motoqueiro? Achei que ele te desse medo.

— Bem, ele ainda me assusta às vezes, mas acho que ele não quer me machucar. Parece… se importar comigo, talvez? Não sei, mas ele tem sido quase fofo comigo.

— Isso é *quase* hilário. Eu ainda fico meio assustada com ele depois daquela história da faca no peito… mas é tipo assustador e engraçado, sabe?

— Então, tudo bem se ele vier? Provavelmente, ele vai trazer os amigos.

— Bom, eles não vão matar ninguém aqui, né?

— Acho que não.

— *Acha*? Tem como pedir uma garantia? — perguntou ela, tentando segurar o riso.

Dei de ombros.

— Acho que posso perguntar.

Ela se endireitou no banco, rindo.

— Pelo amor de Deus, pergunta! Eu preciso ver a resposta dele.

REGAN

Oi.

ROOK

Olá.

REGAN

Se te pedir um favor, promete não matar ninguém?

Harper soltou uma gargalhada tão alta que quase caiu do banco.

— Devia estar surtando! Eu surtei. Ele realmente faz essas coisas, Harper.

— Com quem? Estranhos aleatórios? Gente ruim?

— Eu não sei. Até onde vi, pessoas problemáticas, mas não faço ideia de quantas vezes isso acontece.

Meu celular apitou e Harper se recostou para ler a mensagem por cima do meu ombro.

ROOK

Parece uma armadilha.

REGAN

Ou o que pessoas normais fazem?

ROOK

Posso tirar uma noite livre por você.

— Você tá flertando sobre matar pessoas! — gritou Harper, gargalhando ainda mais. — Sua maluca! O que tá acontecendo? Um dia você tava com o idiota do Elliot, agora tá flertando com um motoqueiro tatuado que você achava que ia te matar!

O celular apitou de novo.

— Espero que seja uma confirmação de que ele vem, porque eu preciso ver isso de perto.

ROOK

Vai me dizer o que você quer?

REGAN

Te convidar pra uma festa, mas

assassinatos são proibidos.

ROOK

Onde?

REGAN

Minha casa. Meu pai tá fora, então vou dar uma festa.

ROOK

Que rebelde você, Rebel.

O que eu ganho com isso?

REGAN

Nada, além de diversão.

E de me ver.

ROOK

Ótimo. É pra eu ir sozinho, ou levar o pessoal?

REGAN

Todos tão convidados, mas devem se comportar, senão os expulso daqui.

ROOK

Uma mocinha rebelde contra seis motoqueiros? E Evie? Boa sorte pra você.

Harper espiou as mensagens por cima do meu ombro e assobiou.
— Seis motoqueiros gatos? Eu definitivamente quero estar nessa festa.
Lancei um olhar de advertência para ela.

— Tudo bem — disse ela, revirando os olhos. — Tira o Rook da conta e ainda sobram cinco. Não me importo. Tô dentro.

REGAN

Você vem ou não?

ROOK

Estaremos aí, Rebel. Você nos ouvirá chegando.

REGAN

Só mais uma coisinha. Será que você consegue desativar as câmeras por uma noite? Ele mudou a senha depois de eu ter atravessado o quintal e agora não consigo mais ter acesso.

ROOK

Ah, finalmente. A verdadeira razão do convite.

REGAN

Não! Quero que você venha. Mas pensei que você conseguiria fazer isso melhor do que eu, já que conseguiu desativar as câmeras antes.

ROOKS

Substituiremos por uma filmagem falsa. Me dá vinte minutos antes de receber pessoas. Chego em meia-hora.

— Certo. — Respirei fundo, as mãos suadas. — Eles vêm. Rook e todos os amigos dele vem aqui.

Harper saltou do banco.

— Então, vamos! Temos uma festa pra preparar.

DEZENOVE

ROOK



Mais cedo naquele dia.

ESTACIONEI A MOTO NA CALÇADA E SOLTEI O CAVALETE. ESSA ERA A ÚLTIMA tarefa na minha lista antes de ir para casa e dar a noite por encerrada.

Enfim eu teria algumas horas para relaxar, sem outro trabalho pendente. Só de pensar nisso, meus ombros cederam, pesados. Ainda estava exausto. Não tinha diminuído o ritmo e, somando toda a merda envolvendo a Regan, só estava mais ocupado.

Mas não naquela noite. Talvez eu até colocasse algum programa ridículo de crimes reais para assistir e dormir. A ideia de fazer isso com ela cruzou minha mente, e eu a sacudi enquanto tirava o capacete e olhava ao redor. O informante ainda não tinha chegado, o que era bom. Eu preferia ser o primeiro a chegar.

Eu ainda mantinha alguém seguindo Cameron. Sempre mantive. Desde o momento em que consegui alguns trocados a mais para pagar alguém para vigiá-lo, eu nunca deixei de manter os olhos nele. Ao longo dos anos, o vigia trouxera informações úteis — negócios ilegais, itens roubados que Cameron revendia no mercado ilegal. Às vezes, negócios maiores, como quando ele trouxera um navio inteiro cheio de animais exóticos para o país. Mas nada daquilo era suficiente. Nada parecia capaz de arruinar Cameron do jeito que ele destruíra a minha família.

Sim, eu poderia mandá-lo para a prisão, mas havia a chance de ele se dar bem lá dentro. Eu precisava tirar tudo dele. Eu precisava que ele soubesse que não havia mais nada para ele nessa merda de planeta inteiro. Eu precisava que ele queimasse e sofresse como meus pais haviam sofrido.

E, não importava o que eu descobrisse hoje, provavelmente ainda não seria o bastante. Mas o impulso de continuar era incontrolável. Estava me consumindo.

Eu não conseguiria deixar Cameron em paz. Não até vê-lo morto.

Agora, a única diferença era que eu tinha a filha dele… e ela continuava caindo perfeitamente na minha armadilha.

O informante enfim apareceu. Um sujeito magro, com um tique nervoso. Ele se vestia de forma comum, tinha uma aparência comum, mas nada nele era comum. Era rápido, inteligente e conseguia circular pela cidade despercebido. Por isso, continuava sendo o meu melhor cara para informações rápidas e confiáveis.

— Quer me explicar por que eu não soube que a filha do Cameron tinha voltado no ano passado? — perguntei.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Ela tá envolvida nos negócios dele?

— Não.

— Então, como caralhos eu saberia? Você me paga pra seguir o homem, não a vida familiar dele. E, antes que pergunte, também não sei se ele tem esposa ou amante. Se quiser essas informações, vou precisar de um aumento.

Balancei a cabeça. Eu mesmo poderia descobrir isso. A culpa era minha por não ter mantido um olhar mais apurado sobre a vida pessoal de Cameron.

— Conseguiu algo útil? — perguntei.

— Consegui — respondeu ele, tirando um cigarro do bolso. — Mas não sei exatamente o que é.

— Pode falar — respondi, puxando mil dólares do bolso e entregando para ele.

Ele não contou o dinheiro. Depois de anos trabalhando juntos, tínhamos criado uma espécie de confiança. Ele me dava informações verdadeiras, e eu nunca o passava para trás.

— Cameron tá envolvido em algo grande. Maior do que tudo o que já fez. Ele tem se encontrado com uns caras da cidade.

— Quem?

Ele me entregou uma lista rabiscada com quatro nomes. Eu conhecia todos eles.

— Esses são os caras pra quem eu trabalho como intermediário — falei, desejando não ter dito.

Eles eram os chefões do tráfico na cidade, exatamente os caras para quem eu estava trabalhando como intermediário. Dois deles já tinham perdido carregamentos, e os outros dois estavam prestes a declarar uma guerra entre si antes mesmo de perderem alguma coisa.

— Ele tá oferecendo segurança pra eles? — perguntei.

Não seria absurdo Cameron querer entrar no tráfico, mas essa parecia uma

maneira estranha de fazer isso. Trabalhar para eles implicava que você nunca os comandaria.

— Não sei. Ele entra no prédio, fica vinte minutos e sai com os seguranças.

— Quantos seguranças agora?

— Aumentou. Agora ele anda com quatro caras o tempo todo.

Assenti, sabendo que ele sempre viajava com um ou dois, mas o fato de ter adicionado mais dois não era um bom sinal. Também não era um bom sinal que ele não estivesse protegendo a casa deles. Regan ficava lá, sozinha, todo santo dia, com segurança mínima. Ele precisava de quatro marmanjos pra protegê-lo, mas ela era deixada por conta própria?

Não é como se ninguém soubesse onde ficava a casa dele. Ele basicamente tinha uma placa com o nome dele no portão.

Como caralhos ele achava que estava protegendo Regan?

— Parece que vai rolar outra reunião em breve, mas ainda não consegui descobrir os detalhes.

— Que tipo de reunião?

— Pelo menos dois daqueles caras aceitaram conversar com o Cameron.

— Quando?

— Como eu disse, ainda não sei nem sobre o quê. Tá tudo em sigilo.

— Com quem ele vai se encontrar?

— Asher e Cross.

— Um que já foi roubado e outro que ainda não.

— Como eu disse, é uma boa informação, mas não sei o que fazer com ela.

— Eu sei. Obrigado. Não precisa esperar até mês que vem. Se descobrir qualquer outra coisa, me manda mensagem na hora. Se Cameron tá se enfiando nisso enquanto os carregamentos continuam sumindo, eu preciso ficar em cima dele.

— Pode deixar. A gente se fala — disse ele, desaparecendo pela esquina.

Fiquei parado por um momento, absorvendo tudo o que ele tinha me dito. Alguma coisa estava acontecendo. As tensões estavam subindo. E lidar com traficantes já era ruim — lidar com traficantes furiosos e prontos para culpar alguém pelos milhões perdidos era ainda pior.

Coloquei o capacete, liguei a moto e a puxei para a rua. Precisava voltar para os caras e contar tudo isso antes de encontrar Regan.

Ela não podia continuar sozinha naquela casa. E, se o pai dela não iria protegê-la, eu a protegeria.



Depois de conversar com todos, enfim me joguei no sofá. Todos sabiam o que estava acontecendo, mas não tínhamos decidido o que fazer.

ROOK

Tá sozinha hoje?

REGAN

Harper tá aqui. Por quê?

ROOK

Só me perguntando.

Como ela não estava completamente sozinha, decidi que ainda ia tirar a noite para descansar. Liguei a TV, tentando me impedir de colocar aquele programa de crimes dela… mas acabei colocando.

Eu já estava ficando patético.

Como se Regan soubesse que eu ainda estava pensando nela, ela me mandou uma mensagem, convidando a gente para uma festa.

Mostrei para Aiden, que gemeu, mas assentiu.

— A gente devia ir — disse ele. — Com o Cameron fora de casa e todo mundo bebendo, talvez a gente consiga entrar no escritório dele. Evie pode acessar o computador e descobrir o que tá rolando.

— Verdade.

E eu queria ver a Regan.

Ou, mais precisamente, queria sentar e não fazer nada com a Regan do meu lado.

Mas Aiden estava certo. Com Cameron se movimentando daquele jeito, a gente não tinha tempo para ficar esperando a próxima informação cair no nosso colo. Precisávamos ir atrás. Nada fazia sentido nas ações de Cameron; assim que a gente achava ter encontrado a peça faltante para o quebra-cabeça, ele fazia outra coisa sem sentido. As remessas, os itens roubados, a empresa dele, e agora encontros com chefes do tráfico. Precisávamos entender como tudo se conectava.

Não só pela minha vingança, mas também porque isso significava que os negócios dele iam se misturar com os nossos. A gente trabalhava com essas pessoas, e eu não podia entrar em uma situação dessas de olhos fechados se

Cameron Fletcher estivesse envolvido.

Ter acesso ao escritório e ao computador dele podia mudar tudo. Eu estava com uma sensação estranha no estômago, e não sabia se era porque o meu mundo tinha colidido com o do Cameron… ou se porque eu estava animado demais para ir à casa dele ver sua filha.

— Acho que perdi o foco do que caralhos eu devia estar fazendo — falei, passando a mão pelo rosto.

— Talvez seja porque você tá saindo com uma garota gostosa, *stalkeando* essa garota, invadindo o quarto dela… e nem tá transando — disse Aiden.

— Você acha que eu deveria dormir com a garota que tô usando pra destruir a vida do pai dela… e, inevitavelmente, a dela também?

Ele deu de ombros.

— Não precisa ser com ela, mas, sim. Você esperou anos por essa oportunidade. Não pode ferrar tudo agora por causa de uma coisa tão estúpida.

Pensei nisso, tentando não imaginar Regan de joelhos na minha frente… e falhando por completo. Tocar nela de novo estava tomando conta dos meus pensamentos, e isso podia acabar com a clareza de que eu precisava para lidar com os problemas reais.

— Talvez você tenha razão. Vamos hoje à noite, damos uma vasculhada na casa, aí eu resolvo o resto.

O que eu precisava resolver era como colocar mais distância entre mim e Regan… sem me afastar a ponto de perder o controle do meu plano.

Ou, mais precisamente, eu precisava de um maldito plano.

— Vão se arrumar — gritei para todo mundo. — A gente vai a uma festa. E tentem ficar decentes. Não dá pra parecer um bando de animais selvagens.

— O quê? — gritou Evie, pulando por cima do encosto do sofá e se enfiando entre mim e Aiden. — Vamos pra uma festa?

— Regan convidou a gente.

Os olhos de Evie se estreitaram.

— Ela convidou a gente, ou foi você que a fez convidar? Porque tem uma grande diferença.

Virei o celular para ela.

— Tá escrito aqui, olha.

Ela deu um gritinho e pulou de novo por cima do sofá.

— Vou me arrumar. Meu Deus, pessoas além de vocês querendo sair comigo? Tô dentro!

— Então… eu vou ficar um pouco ocupado com a Regan, e precisamos de algumas pessoas vigiando a casa — falei para o Aiden. — Você sabe que Evie vai se jogar na festa antes de encostar no computador.

Aiden gemeu.

— Beleza. Eu fico de olho nela, mas, se ela aprontar, juro que a levo embora.

— Você podia fazê-la ir embora andando. Só seguir de moto atrás.

— Acho que vou fazer isso mesmo — disse ele, desaparecendo pelo corredor.

Eu não fiquei muito atrás, indo para o meu quarto para me trocar. Tirei a camiseta e peguei o reflexo do meu lado esquerdo no espelho. Eu não pensava muito naquilo. Nunca me importei com o que os outros falavam, e, até conhecer Regan, nunca tinha me preocupado em perguntar para alguma garota se isso a incomodava.

Nem ligava quando via a repulsa no rosto delas.

Mas a expressão da Regan não foi de repulsa. Foi de tristeza. Depois, ela parecia mais do que disposta a me tocar.

Eu não sabia mais o que estava acontecendo comigo. Tudo tinha parecido fácil no começo — usá-la para chegar até Cameron para encontrar algo que pudesse destruí-lo.

Agora, eu só conseguia pensar em foder Regan metade do tempo.

E isso estava tirando o meu foco.

Talvez Aiden estivesse certo. Eu precisava transar com ela e seguir em frente.

O que poderia ser conveniente, considerando que eu estaria na casa dela a maior parte da noite. Esse podia ser o meu plano agora. Eu transaria com a Regan enquanto o grupo procurava uma maneira de entrar no escritório do Cameron. Eu conseguiria duas coisas que queria e, em vez de correr por aí tentando ferrar com as pessoas, poderia relaxar por algumas horas.

Saí, encontrando metade deles prontos para ir.

Então, Evie apareceu.

— Que porra é essa que você tá vestindo? — perguntei, olhando para o vestido brilhante que era menos um vestido e mais um pedaço de tecido.

— E que porra é essa? — perguntou Aiden, apontando para a faca presa na coxa dela.

— Um acessório? É fofo.

Aiden olhou para mim e depois de volta para ela. Boquiaberto.

— Sua psicopatazinha. Claro que você acha uma faca fofa. Você vai assustar todo mundo na festa. Essas pessoas não são como os nossos amigos.

Ela deu de ombros, puxando seu longo cabelo loiro sobre o ombro. A pequena corrente segurando o vestido parecia fina demais.

— Fica com a faca, mas dá pra considerar colocar umas roupas? — sugeri.

— Vocês dois são um saco. Eu vou assim mesmo.

— Você vai na garupa da minha moto, Evie. Todo mundo vai ver a sua bunda — disse Aiden.

Ela marchou até a porta, pegando a jaqueta de couro de Aiden e vestindo-a. Em sua defesa, a jaqueta caía até a metade da coxa, cobrindo tudo. Para mim, já estava bom.

— Problema resolvido — disse ela. — Vou a uma festa que não é cheia de motoqueiros com um único neurônio. São os amigos de Regan, então tenho que imaginar que são todos homens ricos e sofisticados. Preciso estar linda.

— Caçando marido? — perguntou Aiden.

O sorriso doce dela era uma mentira, e todos sabíamos disso.

— Tenho que achar alguém pra cravar os dentes.

— Ou a faca — disse Mason, passando por ela até a porta da garagem.

— Isso também. Anda, vamos — disse Evie.

Só balancei a cabeça, pegando a jaqueta e o capacete para ir até a minha moto. Eu não me importava se Evie queria matar alguém, e Aiden podia cuidar disso. Não me importava se quisessem causar uma porra de uma matança. Tudo o que eu tinha de fazer aquela noite era manter Regan ocupada.

Enfiei o capacete com um sorriso.

Quem diria que se vingar da pessoa que arruinou sua vida poderia ser tão divertido?

VINTE

REGAN



O RONCO DAS MOTOS CHEGOU MUITO ANTES DE ELES REALMENTE APARECEREM.

Harper pulou, animada.

Ela estava mais empolgada do que eu com a chegada deles. Minhas mãos se contorceram, desejando encontrar outra coisa em que prestar atenção além dos sons das motocicletas. Eles deviam estar chegando à entrada da garagem.

Rook estaria aqui com todos os seus amigos, perto dos meus amigos.

— Onde eu tava com a cabeça? — perguntei, agarrando o braço de Harper. — Será que fiz merda?

— Talvez — disse ela com um sorriso —, mas acho que vai ser uma merda muito divertida, embora terrível.

As motos aceleraram, e meus olhos se arregalaram ao ver seis delas percorrerem a trilha ao redor da casa e estacionarem no pátio dos fundos. Corri até Rook, reconhecendo sua moto. Meu rosto se aqueceu ao perceber como eu conhecia bem a ele a sua moto, mas deixei isso de lado quando ele tirou o capacete. Seus cabelos escuros estavam desgrenhados por causa da viagem, emoldurando sua mandíbula afiada e seus olhos penetrantes. As tatuagens apareciam por baixo das mangas e da gola do seu moletom, e sua aura perigosa e confiante fez meu pulso acelerar.

— Eu disse pra estacionarem na frente — falei para ele, tentando não me derreter ao vê-lo.

Ele parecia ficar mais sexy a cada vez que eu o via.

— Bem, *olá* para você também, Rebel. Não vou estacionar minha moto fora da minha vista quando não conheço ninguém aqui.

— Ninguém aqui vai mexer nas suas coisas.

— Você pode garantir isso?

Eu conhecia a maioria das pessoas que já estavam ali, mas não todas. Amigos

de amigos que eu não podia garantir que não iriam mexer com a moto.

— Não — admiti. — Mas mantenha ela fora do caminho. Se alguém mexer com ela aqui atrás, o problema é seu.

— Que bom humor hoje, não? Achei que você ficaria feliz por estarmos aqui. Eu devia ter recusado o convite?

— Não sei. Quero dizer, não, eu queria que você viesse. Só tô… nervosa. Você não é nada parecido com os meus amigos, e eles não são nada parecidos com os seus.

Ele colocou o capacete no chão e as mãos sobre o coração, com uma careta.

— Own, nossa história de amor é impossível! Isso vai se transformar em uma briga de rua ou você e eu vamos nos matar no final, em nome do amor?

— *Ha ha*. Você faz piadinhas até querer dar um soco em um desses caras. E depois?

— Então eu dou um soco neles e sequestro você. Na verdade, esse parece ser um ótimo plano. Melhor do que o que eu tinha.

Evie desceu da traseira da outra moto, que eu tinha certeza de que era a de Aiden, e ficou ao lado de Rook com um sorriso.

— Oi — disse ela. — Prazer em conhecê-la fora da garupa de uma moto.

— Evie, imagino?

— Euzinha. Obrigada por nos convidar. Raramente saio por aí com pessoas que não…

Sua voz diminui de volume enquanto ela olhava ao redor.

— Que não fazem as coisas que nós fazemos, sabe?

— Bem, fico feliz que tenha vindo.

Evie tirou a jaqueta, revelando seu vestido e, aparentemente, uma faca presa à sua perna.

Harper se aproximou de mim, boquiaberta.

— Só vim me apresentar, mas, meu Deus, tô obcecada por você — disse ela a Evie.

O sorriso de Evie se alargou.

— Bem, então, também tô obcecada por você. Pode me apresentar todo mundo?

Harper concordou, pegando o braço dela e indo para o meio da multidão. Rook as observou por um segundo antes de olhar de volta para mim.

— Obrigado — disse ele em voz baixa.

— Pelo quê?

— Por serem legais com a Evie.

— Por que não seríamos?

— Não sei. Ela tem problemas com amizades. Com seu nível de loucura, o

modo como se veste e o fato de andar quase que exclusivamente conosco, as meninas tendem a não ser simpáticas com ela, ou tentam usá-la.

— Usá-la pra quê?

Seu rosto endureceu, seus lábios se apertaram com força.

— Pra chegar até a gente. Ela teve umas amigas de merda que a usaram porque gostavam de algum de nós. Depois, algumas que a usaram só pra entrar no grupo. Ela desistiu por um tempo, e acho que se deprimiu um pouco com isso. Ela não conseguia acreditar que tinha sido convidada hoje. — Ele sorriu para mim, e meu coração parou. Era um sorriso verdadeiro, não aqueles sorrisos maldosos que ele gostava de dar. — Tive que mostrar a ela sua mensagem pra provar.

— Ah — disse, olhando para Harper e Evie. Não sabia o que faria sem a Harper. Mesmo com todos os rapazes por perto, às vezes você precisa de outras garotas. — Será que ela gostaria de sair comigo e com a Harper algum dia?

— Tenho certeza de que gostaria — respondeu ele. — Não posso prometer que não vai esfaquear ninguém, mas ela provavelmente gostaria de uma folga da gente.

— Quem não gostaria?

Ele riu de novo, aproximando-se mais de mim.

— Se você queria ficar longe de mim, por que me convidou pra vir?

— É uma festa. Todos tão convidados.

— É claro, e você sempre convida pessoas como nós pra esses eventos?

— Às vezes — disse, enquanto ele se inclinava.

Suas mãos pousaram na minha cintura, puxando-me para mais perto até que seus lábios estivessem em minha orelha.

— E você deixa essas pessoas ficarem na sua cama nessas festas?

— Não. — Meus dedos se enfiaram no capuz que Rook usava, desejando que ele descesse um pouco mais para beijar meu pescoço.

— Felizmente, você vai abrir uma exceção esta noite.

— Quem disse? — perguntei, erguendo as sobrancelhas.

— Eu.

— E se eu disser *não*?

— E se eu disser que não me importo? — rebateu.

Suas mãos envolveram as laterais do meu pescoço, puxando-me até que nossos lábios se conectassem. Cada movimento lento de sua língua fez com que eu me abrisse ainda mais, meu corpo caindo contra o dele até que ele teve de me segurar para que eu não caísse.

— Com base neste beijo, acho que não teremos problema. Vou achar algo pra beber. Você pode me acompanhar.

— Como é que é?

— Algum problema? — perguntou ele, parando para me encarar.

— Sim. Você veio à minha festa, pediu pra passar a noite e depois me disse casualmente que eu poderia ir com você se quisesse? Por que não ficaria comigo a noite toda?

— Eu disse que você poderia me acompanhar se quisesse.

— Então eu tenho que perseguir você agora?

Ele agarrou minha nuca, puxando-me novamente até que nossos lábios estivessem a um sopro de distância.

— Por que eu não iria querer que você fizesse isso, se funcionou tão bem pra mim da última vez?

— Não vai acontecer desta vez.

— Aposto que vai.

— Aposto que não.

— Vou aceitar essa aposta, Rebel. Aposto que, no final da noite, você vai estar implorando pra que eu te leve pra sua cama. Aposto que estará pronta pra se ajoelhar e voltar a ser minha putinha linda. — Ele passou um dedo sobre meu lábio inferior, sorrindo, antes de se inclinar para me beijar. — Mal posso esperar pra ver você implorar por mim — sussurrou. — Tenho certeza de que vou ter você todinha pra mim logo, logo.

Antes que eu pudesse responder, ele se afastou, desaparecendo no meio da pequena multidão e indo em direção ao bar.

Se ele achava que eu ficaria esperando e correndo atrás dele, estava muito enganado.

Uma hora depois, rodando pela festa, tomando um drinque e conversando com amigos, fui até Evie, que estava sentada observando a festa ao seu redor.

— Tá se divertindo?

— Muito, na verdade. Mais uma vez, obrigada.

— Imagina. Eu queria saber se você gostaria de vir aqui de novo. Talvez sair comigo e com a Harper um dia.

— Rook forçou você a me convidar?

Eu ri, apoiando-me no balcão, ao lado dela.

— De modo algum. Na verdade, fui eu quem tocou no assunto.

— Ah. Bem, então, sim, eu adoraria.

— Vou enviar uma mensagem na próxima vez que planejarmos algo. Você tem uma moto?

— Eca, não. Em geral, eu ando com o Aiden. Rook me leva às vezes, mas ninguém quer ficar tão perto do próprio irmão.

— Então você não quer dirigir, e eles não se importam?

— Por que eles se importariam? Eles só se importam quando querem levar alguém pra casa, e Aiden parece não ter muito jeito com mulheres, porque essa é uma ocorrência rara.

— Hmm, você já olhou bem pro Aiden? Acho que ele não precisaria de muito jeito se quisesse levar alguém pra casa.

Ela olhou para ele, mas logo voltou a prestar atenção em suas unhas.

— Sim, acho que sim.

— Talvez ele queira levar você pra casa.

Ela revirou os olhos.

— Duvido muito. Ele se sente obrigado. Rook basicamente o tornou meu guarda-costas. Ele é forçado a ficar perto de mim.

— Eu não sabia. Tenho certeza de que ele poderia dizer *não*, mas não sei muito sobre o seu grupo de amigos.

— Ah, bem, você conhece o Rook. E o Aiden é o melhor amigo dele há dez anos.

Olhei para o Aiden. A confiança irradiava dele. Era musculoso, e seu cabelo loiro escuro havia sido cortado, mas ainda mantinha uma aparência bagunçada. Não exatamente como o cabelo desgrenhado do Rook. Ele tinha um daqueles sorrisos que faziam as garotas perderem a cabeça e tatuagens que serpenteavam por seus braços. Ele tinha o mesmo olhar calmo e autoritário do Rook, como se as pessoas fossem respeitá-lo assim que ele entrasse em uma sala. Eu me perguntava como eles conseguiam isso.

Ele olhou para Evie de novo, de cara feia, antes de voltar a falar com a garota que o acompanhava. Evie percebeu, mas ignorou.

— Hero tá ali no bar com o Mason. Ele tá com a gente há alguns anos, e o Mason também. Esses dois são próximos, mas completamente opostos.

Voltei minha atenção para eles. Hero era mais alto e mais magro, mas ainda assim musculoso. A primeira coisa que notei nele foram os olhos verdes. Eu não sabia se já tinha visto olhos tão verdes em um homem. Embora ele também fosse bonito, algo nele me deixava inquieta. Evie apontou para Mason ao lado dele. Ele se parecia mais com o Rook: cabelos escuros, roupas escuras, tatuagens nos braços e uma no pescoço. Parecia engraçado, mas o fato de ser sombrio e taciturno me fazia manter distância.

— Zack e Kane são os dois que estão ali perto da piscina — continuou Evie. — Eles tão com a gente há menos de um ano, então todo mundo ainda os mantém um pouco fora do circuito, mas eles são engraçados.

Aqueles dois não se pareciam tanto com o grupo, e eu me perguntei se isso se devia ao fato de serem mais novos. Tinham menos tatuagens, uma aparência menos ameaçadora e, embora ambos estivessem envolvidos com negócios

questionáveis, pareciam mais acessíveis.

— E você? — perguntei.

— O Aiden *carinhosamente* me chama de psicopata. Não saio muito e a única coisa em que sou boa é com computadores, o que não quer dizer muito.

Eu ri, quando ela se virou para mim.

— Você tá dizendo isso a uma garota que basicamente fica trancada em casa assistindo TV e desenhando o dia todo. Acho que isso é muito. Na verdade, parece bastante divertido.

Ela deu um sorriso tímido, mas se levantou.

— Vou buscar outro drinque e incomodar o Aiden um pouco mais. Boa sorte com o meu irmão. Ele é… meio demais, mas é o melhor. Juro.

Procurei o rosto do Rook no meio da multidão. Fazia tempo que eu não o via, e tentei não me perguntar se tinha sido de propósito ou não.

Meu coração ficou apertado quando não o vi, mas me obriguei a não dar importância. Se ele estava me ignorando, eu podia ignorá-lo. Peguei outro drinque, levei-o para perto dos meus amigos e o tomei rapidamente.

Mais uma hora se passara e eu já havia perdido a conta de quantas bebidas tinha ingerido. Fiquei com os olhos turvos, tentando dar a volta na piscina; imaginei que ele acharia o ponto mais afastado e ficaria por ali.

De repente, vi Rook e não gostei do que encontrei.

Meu estômago se revirou e minhas mãos se apertaram quando uma garota se inclinou para tocá-lo. A mão no braço dele era inocente o bastante. Ele se recostou, dizendo algo para ela, o que a fez rir.

Será que ele realmente tinha ido à festa, prometido que passaria a noite comigo, mas tinha se interessado por outra?

Ou talvez isso fizesse parte do jogo.

As palmas das minhas mãos ficaram quentes e coçando enquanto eu observava. Eu precisava me aproximar e ouvir o que eles estavam dizendo. Talvez ele nem percebesse se eu me sentasse perto deles.

Mas seus olhos brilhantes se fixaram nos meus quando me aproximei. Alguém chegou e se sentou no único assento livre, fazendo com que o pânico do constrangimento borbulhasse em meu peito. Não havia mais lugares disponíveis.

A cabeça do Rook se inclinou com um sorriso antes de ele abrir mais as pernas e dar um tapinha em seu colo.

Eu teria que ir até lá, na frente de todos, e me sentar em seu colo. Não era apenas um assento, e eu sabia disso. Seria uma demonstração clara de que eu estava ali com ele.

Ele queria me desafiar a ser rebelde e, como em todas as vezes anteriores, eu sabia que iria.

VINTE E UM
ROOK



REGAN NÃO PARECIA FELIZ COM A DISPOSIÇÃO DOS ASSENTOS, MAS AINDA assim foi até lá e parou na minha frente, com as mãos na cintura, como se fosse me dar uma bronca.

— O que você tá fazendo? — perguntou ela.

— Ficando de boa? Havia algo mais que eu deveria estar fazendo? — Ergui uma sobrancelha para ela.

Tecnicamente, havia algo mais que eu deveria fazer, mas eu não achava que ela ficaria no quarto comigo a noite toda logo de cara. Mason e Zack estavam andando pela casa, observando tudo que pudessem encontrar, enquanto Aiden, Evie e Hero planejavam invadir o escritório de Cameron assim que eu tirasse Regan do caminho.

Portanto, meu trabalho era garantir que, quando fôssemos para o quarto dela, não sairíamos de lá de manhã.

Eu já tinha certeza de que ela estava interessada, mas quis que ela me chamasse primeiro. Se ela me convidasse e me aceitasse, não haveria dúvidas de que eu seria bem-sucedido em meu plano.

— Por que eu tinha que sair te procurando?

— Senta, Regan — disse, não gostando da maneira como todos ao nosso redor podiam ouvir o que dizíamos.

A garota que estava tentando se aproximar de mim a todo instante nos olhou com ciúmes.

— Não tem lugares vagos aqui. Podemos ir pra outro lugar?

Inclinei-me para frente, agarrei seus quadris e a puxei para se sentar em meu colo. Ela quase caiu, mas, com um pequeno ajuste, conseguiu se apoiar nas minhas pernas.

— Olha só, Rebel. Parece que você encontrou um assento.

— Acho que fui forçada a me sentar neste assento.

— Desconfortável?

— Só porque todos tão olhando pra gente. Preciso de outra bebida — disse ela, pegando a minha ao lado.

Não me importei, mas ainda assim ri quando ela virou o copo de uma vez.

— Precisa de outra? — perguntei, e ela assentiu. — Eu imaginava que você adorava atenção. Você não tá sempre no centro das atenções, sendo uma das herdeiras mais ricas daqui? Ou você é a única herdeira?

— Eu não me dou esse título.

— Que título você se dá, então? Porque parece que você não gosta de nenhum.

Ela se inclinou, seus olhos se estreitaram e seu nariz quase tocou o meu.

— Regan.

— Rebel?

— Até que gosto desse.

— Minha. Linda. Putinha — murmurei, com os lábios roçando nos dela agora.

Ela respirou fundo, balançando-se no meu colo.

— Esse é… interessante.

— Tenho certeza de que vai se tornar rapidamente seu favorito.

— Por quê?

Subi a mão por sua coxa, passando os dedos sobre a renda de sua calcinha.

— Acho que você vai gostar do que acontece toda vez que ouvir isso.

— Parece que você tá tentando me treinar como um cachorro. É como se eu ouvisse “minha linda putinha” e saísse correndo.

— Não tem necessidade de correr. Mas você vai atingir o ponto.

Ela bateu de leve no meu peito, mas riu.

— Você fica com uma garota uma vez, e seu ego já é maior que esta casa.

— Meu ego já era muito grande.

— Isso é verdade. Parecia já ser assim na noite em que nos conhecemos.

Meus dedos continuaram subindo e descendo por sua coxa, e a pele macia me relaxou. Lembrei-me de quando a conheci. Quais eram as chances de eu conhecer a filha do homem que destruiu a minha família e, ainda assim, sentir algo por ela? Mesmo que tudo o que eu quisesse naquele momento fosse transar com ela, será que o universo estava zombando de mim por tudo que me tirou?

Sua mão segurou meu queixo, forçando-me a olhá-la. O sorriso preguiçoso em seu rosto me fez perceber o quanto o álcool a estava afetando. Eu não sabia exatamente o quanto, então decidi que deveria ser cuidadoso.

— Tudo bem. Tô aqui e não conheço ninguém. Me conta os segredos de todo mundo — disse eu.

— Os segredos não são gratuitos.

— Isso é verdade — respondi, puxando-a para mais perto. — O que você gostaria em troca, Rebel? Fala seu preço.

Kane nos trouxe mais duas bebidas, e Regan pegou a sua sem hesitar.

— Quero saber um segredo seu, em troca de todos dos outros. Um segredo bom, não um bobinho.

— Você já sabe um dos meus maiores segredos — lembrei-a. — Um segredo muito grande.

— Quer dizer isto? — perguntou ela, passando a mão pela lateral do meu corpo, onde a blusa escondia a marca que ela conhecia bem. — Talvez, mas você me revelou este de livre e espontânea vontade.

Ela não estava errada. Eu havia me rendido para que ela quisesse me manter por perto, e havia funcionado.

— Você tá ficando muito boa nisso — disse eu. — Muito bem. Quando meus pais morreram, Evie e eu fomos enviados pra viver com estranhos. Disseram que eram da família, mas não eram. Eu era mais velho, tinha quinze anos e Evie, dez. Decidimos que não queríamos ficar lá. O casal era horrível conosco, então começamos a pregar peças. Primeiro inofensivas, depois perigosas. Algumas foram sérias o suficiente pra mandá-los pro hospital. Eles ficaram tão assustados que mandaram a gente embora.

— De volta à casa queimada?

— De volta a esta cidade. Basicamente, fomos largados na rua em frente àquela casa.

— E o que fizeram? — perguntou ela, com a voz suave.

— Isso é mais do que um segredo, Rebel. Agora é sua vez de me contar sobre os outros.

Ela se curvou para frente, inclinando-se sobre mim, e começou a apontar para várias pessoas ao redor, revelando cada segredo que conhecia.

Mais uma hora se passou, e eu já estava quase entediado. Sem surpresa, todos os garotos ricos tinham segredos semelhantes e, honestamente, entediantes. Desde bater o carro do papai até acusações de drogas ou serem quase expulsos da escola antes que os pais pagassem alguém para resolver… Eram todos iguais, previsíveis.

— Por que você quer tanto que seu pai te deixe assumir o império dele? — perguntei, querendo saber mais sobre ela e menos sobre os outros.

— Por que eu não ia querer? Você não ia?

— Eu quis dizer: qual é o motivo? Você quer o dinheiro, o poder, o status? O quê?

Ela se mexeu de novo no meu colo, esfregando-se de forma inconsciente, e eu

gemi baixinho.

— Tudo isso — sussurrou. — Quero estar no comando da minha vida. Quero deixar um legado pra minha família. Quero dinheiro pra fazer o que eu quiser. Quero que as pessoas me vejam como algo mais do que uma garota rica e fútil. Quero que parem de observar os meus movimentos só pra me criticar.

— Você quer que tenham medo de você — provoquei.

— Não é medo, *Sr. Assassino em Série* — respondeu ela, sorrindo de lado —, é respeito.

A ideia de que ela queria algo semelhante ao que eu queria me deixou duro instantaneamente.

— Você sabe os segredos do meu pai? — perguntou ela de repente.

A pergunta me atingiu como uma faca no peito. Cameron era o motivo pelo qual eu havia voltado atrás dela, o único motivo pelo qual estávamos juntos naquela noite.

E agora a filha dele estava no meu colo, e eu estava prestes a levá-la para o quarto dela, na casa dele, para fodê-la e mantê-la ocupada enquanto meus amigos reviravam a casa.

— Sim — respondi. — Alguns.

— Você poderia me contar?

— Talvez… outro dia. Você contou a ele sobre mim?

Ela assentiu, a cabeça pesada contra o meu ombro.

— Um pouco, mas não contei seu nome verdadeiro.

Meu coração se apertou. Ela estava guardando meus segredos. Estava fazendo exatamente o que eu precisava que fizesse para que eu pudesse usá-la para destruir seu pai.

— Por quê? — perguntei.

Ela suspirou, afundando ainda mais contra mim, enquanto seu rosto abaixava.

— Achei que você não gostaria que eu falasse sobre você.

Inclinei a cabeça para trás, fechando os olhos enquanto minha mão acariciava sua perna sem pensar.

De repente, a parte de mim que era pura vingança entrou em curto-circuito. Seria possível que Regan fosse realmente leal a mim, e não ao pai dela? Eu nunca havia considerado essa possibilidade… mas ali estava ela, mentindo para me proteger.

Mantive meus olhos fechados, saboreando a confissão.

— Me fala se, de repente, alguém decidir que quer me matar — murmurei.

Ela deu uma risadinha abafada e ajeitou-se em cima de mim.

— Eu posso me mexer aqui, Rook.

Sem abrir os olhos, agarrei-a com mais força, mantendo-a presa.

— Não faz isso.

Felizmente, ela ouviu. Seus dedos subiram pelo meu peito e traçaram as tatuagens em meu pescoço. Eu não tinha nenhuma ideia sobre o amor. Nunca sonhei em me apaixonar um dia.

Mas parecia ser possível agora. Alguém que não contaria nossos segredos, com quem os momentos entre nós seriam apenas nossos. Alguém que sempre me apoiaria e enfrentaria o mundo comigo. Alguém que me permitiria me sentar em silêncio, quieta em meu colo, que me avisasse se houvesse algum problema.

Alguém que me daria dez malditos minutos de paz.

Não sei por quanto tempo fiquei sentado ali. A festa continuava ao nosso redor, mas não me importei até ouvir o som de outro drinque sendo aberto.

Meus olhos se abriram, observando-a enquanto ela tomava outro longo gole.

— Quer ficar bêbada? — perguntei.

— Acho que sim. Quantos eu já tomei?

— Já perdi a conta. Qual é o problema, Rebel? Tá nervosa demais por eu estar aqui?

Ela gemeu e bebeu mais.

— Nem me lembra disso.

— Sou realmente tão ruim assim? — Sorri, já sabendo que ela achava que eu era.

Ela se inclinou para trás, murmurando alguma coisa, mas não consegui entender as palavras arrastadas.

— Muito bem, Rebel. Acho que é hora de te levar pra cima.

— Não, acho que tô de boa — disse ela, mas o som de engasgo logo depois não me convenceu.

— Hum-hum. Vamos ficar de boa no seu quarto, então — falei, tirando as pernas de debaixo dela. — Tenta não vomitar em mim.

— Não vou vomitar — respondeu, embora a voz instável denunciasse que estava lutando contra a vontade de fazer justamente isso. — Certo. Você sempre bebe até perder a conta, fica cambaleando e depois começa a engasgar?

Seguimos para dentro da casa, mas Aiden me deteve, dizendo que precisava falar comigo. Coloquei Regan em uma cadeira da cozinha, certificando-me de que conseguiria ficar sentada por conta própria.

— Já volto, Rebel. Tenta não se mexer.

Ela murmurou algo, recostando-se na cadeira.

Aiden esperou perto da entrada da cozinha, virado para o outro lado.

— A porta do escritório do pai dela tem um cadeado difícil. Hero não sabe se consegue abrir.

— Hero nunca teve problemas com fechaduras.

— Esta tem chave e código. Você precisa dos dois pra abrir — explicou ele.

Dei uma olhada rápida para trás, certificando-me de que Regan estava quieta.

— Pede a Evie o código e a Hero que cuide da fechadura. Você, Kane e Zack podem ficar de olho. Ela estará ocupada durante a noite.

Aiden riu, olhando para Regan.

— Uau, você entendeu errado o que eu quis dizer com "mantê-la ocupada no quarto". Eu me referia a sexo, Rook, não a deixá-la tão bêbada que mal consegue ficar em pé.

Bati em seu braço.

— Idiota. Ela ficou nervosa e bebeu demais.

— Nervosa? Ou precisa ficar bêbada pra aguentar olhar pro seu rosto?

Revirei os olhos e observei Regan novamente. Ela estava ainda mais pálida.

— Vai se foder, vou levar ela pra cima. Vocês têm algumas horas, mas mantenham os telefones por perto. Onde tá a Harper?

— A amiga dela? — perguntou Hero. — Aquela que tá curtindo com o Zack?

— Devíamos ter colocado o Zack na missão de sedução, porque ele já tá quase fechando o negócio, ao contrário de você — provocou Aiden.

Quase bati nele de novo, quando um alarme disparou pela casa. Hero xingou alto, e Evie entrou correndo na sala, com os olhos arregalados.

— Eu acionei o alarme! Não sei o que aconteceu, mas foi sem querer.

— Como podemos desligá-lo?

— Precisamos do código, ou a polícia estará aqui em dez minutos.

— Mas que caralho! — praguejei, enquanto olhava para Regan, que agora estava alerta, os olhos arregalados.

— Regan — chamei, correndo para ajudá-la a se levantar. — Alguém acionou o alarme sem querer. Você pode desligar?

— Tem um código diferente pra isso — disse ela com dificuldade.

— Você sabe qual é?

Ela assentiu vagamente, deixando que eu a conduzisse até o escritório. Coloquei-a em frente à caixa do alarme.

— Aqui, linda, você pode digitar?

— Vai continuar me chamando assim? — perguntou, alcançando a caixa com a mão e segurando-se nela. Pus-me atrás dela, quase sustentando-a.

— Sim, linda — respondi, rindo. — Você sabe o código? Consegue desligar essa coisa?

Ela resmungou algo ininteligível e tentou digitar, mas o alarme continuava apitando.

— Você realmente sabe?

— Hum-hum — murmurou ela, tentando de novo. O alarme soou uma última

vez, antes de parar.

Ela se virou, tropeçando contra mim. Eu a segurei antes que desabasse.

— Já tá resolvido — murmurei. — Seja mais cuidadoso, porque essa foi por pouco pra caralho. Se não conseguir entrar, faz o que puder pra colocar uma escuta perto da porta ou algo assim. Precisamos de algo que nos dê mais informações sobre o que ele tá fazendo.

— Rook, não sei o que aconteceu. Nem se vou conseguir sem disparar tudo de novo — disse Evie.

— Dá o seu máximo. Você viu o código de desligamento que ela usou. Tenta abrir a porta, mas não deixa o alarme disparar mais do que uma ou duas vezes. Eu atendo o telefone dela se a empresa de segurança ligar, mas não podemos levantar suspeitas porque não sei quando vão ligar pro Cameron.

Regan resmungou de novo e eu me dirigi à escada.

— Manda uma mensagem se tiver progresso — falei para Aiden. — Eu aviso se algo mudar por aqui. Acho que ficaremos ok esta noite.

— Vou vomitar — murmurou Regan.

Acelerei o passo, tentando não a sacudir demais enquanto chegava à porta do quarto dela e entrava no banheiro que sabia ficar ao lado.

Mal a coloquei no chão e ela já se inclinou sobre o vaso, vomitando. Segurei o riso enquanto me sentava ao lado, e ela continuava.

— Quando planejei trancar você no quarto a noite toda, não era bem isso que eu tinha em mente — disse, puxando o cabelo dela para trás.

— Não? — perguntou ela, arfando. — Quais eram suas ideias? Matança ritualística? Tortura? Iniciar um culto?

— Bem, essas não foram minhas primeiras opções, mas gosto do que você tá sugerindo. Um culto poderia ser divertido. Quer ser a líder? Podemos começar com os assassinatos ritualísticos imediatamente. Devo presumir que essa atitude significa que você tá se sentindo melhor?

— Não. Tô me sentindo pior. Por que você ainda tá aqui?

Eu estava me fazendo a mesma pergunta. Provavelmente, eu poderia ir. Não era como se ela fosse sair desse banheiro por pelo menos uma ou duas horas, então eles ainda teriam tempo para vasculhar se conseguissem entrar.

— Achei que gostaria de companhia.

— Eu não gostaria. Ninguém que me viu fazer outro tipo de coisa precisa me ver fazendo isso também.

Ri enquanto ela tentava se arrastar de volta para mim. Peguei a garrafa de água que havia trazido da cozinha e a entreguei a ela, enquanto me recostava contra a parede.

— Eu aguento ver você vomitando, Rebel.

— Ah, é verdade — murmurou. — Você é corajoso. Isso não deve ser nada pra você.

— Honestamente, coragem e vômito andam juntos. Muitas pessoas vomitam quando você as corta em pedaços.

Ela se engasgou, inclinando-se para trás, e eu ri.

— Presumo que você não seja uma grande alcoólatra, então?

— Não. E também não gosto muito da parte de cortar pessoas. Podemos mudar de assunto?

Sentei-me no chão e a puxei para que ela se encostasse em mim. Ela gemeu, deitando a cabeça no meu peito.

— Por que tá sendo tão gentil? Você é sempre tão gentil com as pessoas com quem tá tentando dormir? — perguntou com uma risada embargada.

Sorri contra os seus cabelos, sentindo seu cheiro.

— Não. Em geral, não passo mais do que algumas horas com as pessoas com quem durmo.

— Oh — sussurrou ela, quase soluçando. — O que todos os seus amigos tão fazendo lá embaixo?

— Por que uma garota bêbada faz tantas perguntas? Seu cérebro não para nunca?

— Não quando tem tantas coisas que eu não sei. Passo tempo demais sozinha, sem ninguém pra responder às minhas perguntas.

— Eu mataria pra ter mais tempo sozinho.

Ela riu de novo.

— Má escolha de palavras. Eu tenho muito tempo sozinha e muitas perguntas.

— Sempre posso tentar responder a algumas. Mas talvez você não goste das respostas.

Ela suspirou, agarrando minhas mãos e as puxando para junto das suas, inspecionando minhas tatuagens.

— Mas eu prefiro a verdade. Sou deixada no escuro, com muitas perguntas sem respostas. Prefiro uma verdade feia a uma ignorância confortável.

Fiquei em silêncio, pensando em como ela provavelmente sabia tão pouco. Em como o pai dela claramente não queria envolvê-la. Antes que eu pudesse encontrar algo para dizer, ela ficou mole nos meus braços, quase caindo em cima de mim enquanto adormecia.

Mas, em vez de colocá-la na cama ou me mover, fiquei exatamente ali. Do lado de dentro, a casa estava silenciosa. Senti um conforto inesperado ao segurá-la — algo que eu não sentia há muito tempo. Ouvi sua respiração suave e constante, senti o sobe e desce do peito dela contra o meu.

Cada parte de mim queria permanecer naquele momento, então a abracei mais

forte, meus pensamentos desacelerando. Os problemas do mundo lá fora pareciam desaparecer. Me vi afundando em uma calma que eu nem sabia que precisava, e antes que percebesse, também tinha adormecido, segurando-a bem perto.

VINTE E DOIS

REGAN



MINHA LÍNGUA RASPAVA CONTRA O CÉU DA BOCA COMO UMA LIXA.

Pisquei os olhos, tentando me orientar, antes de perceber que estava de volta à minha cama e, mais importante ainda, que não estava sozinha.

Virei-me, surpresa ao ver quem estava ao meu lado.

— Harper? Onde tá o Rook?

Ela levantou a cabeça, olhando ao redor, ainda atordoada.

— Acho que ele foi embora depois de te deixar na cama.

— Ontem à noite?

— Cheguei por volta das duas da manhã, então… depois disso? Não sei. Eu não olhei o relógio.

Já eram oito horas. Isso queria dizer que ele ficara comigo a maior parte da noite. Não ouvi o barulho das motos quando foram embora, então saí do quarto. Verifiquei cada um dos quartos da casa e todos estavam vazios, mas as camas estavam bagunçadas. Obviamente os amigos dele haviam passado a noite ali.

O pátio dos fundos estava vazio, sem nenhuma moto, mas o lixo da festa ainda estava espalhado por toda parte. Suspirei. Eu nunca mais daria outra festa apenas porque não queria ficar sozinha… ou porque estava com raiva do meu pai por ele sempre estar fora, não importava o quanto eu precisasse dele.

Mas Rook tinha ficado. Ele tinha ficado mesmo enquanto eu estava vomitando. Por mais que eu quisesse me sentir grata, aquilo me deixava ainda mais nervosa sobre o que ele queria de mim.

Voltei para o quarto, vesti-me e sacudi Harper levemente.

— Vou sair um pouco. Você tá bem?

— Hum-hum — murmurou ela, enterrando a cabeça nos travesseiros.

Peguei a bolsa e fui até o carro. Eu não dirigia muito, mas adorava meu BMW M4, pintado em um tom de rosa choque, exatamente como eu queria. Meu pai

me dera o carro anos atrás, quando me formei no ensino médio, mas raramente precisei dele na faculdade. Além disso, ele insistia para que um motorista me levasse a todos os lugares, e o carro acabou encostado por mais tempo ainda.

As coisas, porém, tinham mudado. Se eu queria ter controle sobre a minha vida, controlar a forma pela qual eu me locomovia seria um primeiro passo fácil.

Dirigi até o centro da cidade e estacionei em frente à Maverick Moto. A loja já estava aberta. Eu levava uma caixa de *donuts* em uma mão e, na outra, o celular e as chaves.

Mason sorriu quando me viu. Aiden estava ao lado dele, também sorrindo.

— Olá — disse Mason, rindo. — Ouvi dizer que teve uma ótima noite.

— Foi uma noite muito boa — disse Aiden. — Esses donuts são pra pedir desculpas por ter vomitado em cima do Rook?

— Eu não vomitei! — exclamei, esperando que ele estivesse brincando.

Os dois riram, tentando abrir a caixa. Dei um tapa nas mãos deles, fazendo com que arregalassem os olhos e abrissem a boca.

— Depois desses comentários, acho que vocês não merecem *donuts*.

— Ora essa — implorou Mason. — Estamos de ressaca e ainda fomos obrigados a trabalhar.

Ambos fizeram bico, tentando conquistar a caixa de *donuts* com o olhar.

— Estamos brincando, Regan. Só achamos engraçado que o Rook tenha dado uma de babá a noite toda.

— Também não gostei disso. E nem assim vocês vão ganhar *donuts*.

— Certo, mas pensa pelo lado positivo: Rook preferiu cuidar de você vomitando a sair de moto. É uma grande coisa. Podemos zombar dele até ele tentar nos matar.

Aiden estendeu a mão, com um sorriso perfeito, esperando que eu entregasse a caixa.

— Você realmente acha que esse sorriso doce vai te render um *donut*? — perguntei.

— Se você me der um *donut*, não conto pro Rook o quanto você acha meu sorriso bonito. — Ele riu.

Como se tivesse ouvido seu nome, Rook apareceu.

Não consegui me mexer. O calor subiu pelo meu corpo até minhas bochechas arderem e minhas coxas se contraírem. Como ele conseguia estar tão bonito depois de uma noite sem dormir, cuidando de mim? A camisa escura colada ao corpo, a calça jeans pendendo perfeitamente em seus quadris. Os braços tatuados e o pescoço marcado apenas intensificavam meu desejo. Mal podia acreditar que eu ficara tão nervosa por passar a noite com ele que preferi me embebedar em vez de arriscar dormir ao seu lado.

— Regan? O que você tá fazendo aqui? — perguntou, contornando o balcão e vindo em minha direção. Sem hesitar, abriu a tampa da caixa de *donuts*. — Entrega?

Assenti e ele pegou um *donut* sem cerimônia.

Aiden e Mason gemeram.

— Tentamos pegar um e ela quase arrancou nossos braços. Ele pega um, e ela nem pisca. Vejo que temos um favorito — resmungou Mason.

— Claro que ela tem — disse Rook, rindo. — Se vocês acham que têm alguma chance de serem favoritos, precisam trabalhar mais.

Ele me puxou discretamente para longe deles, deixando a caixa para trás enquanto se voltava para mim.

— O que tá fazendo aqui?

— Vim me desculpar.

— Pelo quê?

— Hmm… — Olhei ao redor, verificando se alguém podia ouvir. — Por ter ficado tão bêbada que você nem conseguiu me colocar na cama direito?

Ele sorriu, um sorriso genuíno que quase fez minhas pernas cederem.

— Não tem nada pra se desculpar. Você tem todo o direito de se divertir.

— Mas você parecia querer fazer outras coisas…

— E isso te deixou tão nervosa que teve que se embebedar pra escapar?

Ele riu alto, e lhe dei um tapa leve.

— Rook, não foi isso — sussurrei. — Quero dizer, não foi pra me afastar de você.

— Tá tudo bem. Você tava se divertindo, sendo *rebelde*. O que vai fazer mais tarde?

— Hoje à noite? Tenho um encontro — menti.

Não sei por que disse isso, mas queria ver sua reação. Talvez me ajudasse a entender o que ele queria de mim — se era apenas sexo, ou algo mais.

O jeito carrancudo dele me fez rir, e eu fiquei me perguntando que coisas terríveis deviam estar passando pela cabeça dele. Quase me repreendi por estar tão animada com o fato de saber que ele estava pensando em coisas sombrias e perigosas só porque eu ia sair com outra pessoa.

— Com quem?

— Não é da sua conta.

Ele segurou a parte de trás do meu pescoço, me puxando para mais perto.

— Você tá sempre aparecendo por aqui e agindo como uma pirralha — disse ele, balançando a cabeça. — Isso é sim da minha conta. Que porra você acha que tá fazendo saindo pra um encontro com alguém?

— Sou uma mulher livre.

Eu queria me afastar, mas havia uma parte de mim, uma parte sombria e perturbada, que gostava da possessividade dele. Eu queria ser desejada, ser necessária para alguém, e o Rook continuava me dando isso. Era um jogo perigoso, um que eu sabia que não podia vencer, mas ainda assim, aqui estava eu, jogando.

— Talvez você não devesse ser — rosnou de novo.

O medo borbulhou involuntariamente na minha garganta. Eu sabia que Rook podia ser violento. Sabia que ele podia machucar outras pessoas, até matá-las, e tinha me permitido ficar confortável com isso. Tinha baixado a guarda e, então, caído direto nas mãos dele. Mas ele cuidou de mim a noite toda. O toque dele foi suave, e a presença dele comigo era um conforto. Eu não achava que ele me faria mal, mas agora ele me arrastava pelo corredor como se quisesse.

A mão dele estava firme na minha cintura. A outra ainda envolvia meu pescoço. Os dedos dele se cravavam em mim, e pela primeira vez em dias, me perguntei novamente se o havia julgado mal. Era fácil esconder quem você realmente era nos dias em que passávamos juntos. Não era como se ele tivesse me deixado entrar na vida dele de verdade.

As possibilidades do que ele poderia fazer, do que ele faria voluntariamente, me torciam o estômago com uma mistura de medo e excitação.

Chegamos ao escritório antes que ele dissesse uma palavra.

— Deita — ordenou, enquanto empurrava as coisas de cima da escrivaninha.

— Por quê? O que vai fazer?

Aquele sorriso sinistro surgiu em seu rosto, o mesmo que eu tinha visto na primeira noite em que nos conhecemos, e meu coração disparou.

— Deita, Regan.

Obedeci, com medo demais de descobrir o que aconteceria se não o fizesse.

Ele pegou um marcador de texto preto, subiu minha camiseta e abaixou um pouco a legging.

— Vou ser gentil e te dar só isso por enquanto — disse ele, inclinando minha cabeça para que eu não visse o que ele estava fazendo.

Ele se inclinou sobre mim, o marcador deslizando contra minha pele enquanto escrevia na parte inferior do meu abdômen. Quase fez cócegas, mas a pressão firme da ponta me fez prender a respiração.

— É isso que você tá fazendo?! — exclamei, olhando para o nome dele rabiscado na parte inferior do meu abdômen. — Droga, Rook, achei que você ia me estripar ou algo assim!

Ele riu e pulou para cima da escrivaninha, caindo sobre mim.

— Por que eu mataria você?

— Não sei… Talvez esta seja sua sala de assassinatos.

— Não. Esta seria uma péssima sala de assassinato. Tem papéis, minha moto, as escrivaninhas. Você limparia a bagunça?

— Tudo isso porque eu tenho um encontro?

— Não. Tudo isso porque te disse que você é minha, e você não me ouviu.

— Então posso sair com ele, mas aparentemente não devo me despir na frente dele?

Ele deu de ombros, beijando meu pescoço.

— Tecnicamente, você poderia… mas ele faria perguntas. E eu estaria lá pra responder a todas elas. Tem uma terceira opção.

— Qual? — perguntei, com o rosto corado, o calor subindo pela minha coluna por causa do beijo dele

— Sai comigo hoje à noite, em vez de sair com ele.

— Você tá… me convidando pra um encontro?

— Vamos todos sair pra dar uma volta e depois ir ao cinema. Você poderia vir comigo.

— Então, não é um encontro?

Ele suspirou, apoiando a cabeça no meu ombro.

— Chame do que quiser, desde que você vá.

— Isso não é uma resposta — resmunguei.

Fiquei imóvel debaixo dele. Em um minuto, eu estava com medo de que aquele homem pudesse me matar, e no seguinte, estava exigindo que ele me dissesse se íamos sair para um encontro ou não.

Ele desceu beijos pelo meu pescoço até chegar à minha clavícula.

— É resposta suficiente. Você vem? Ou vai sair com outro, e me forçar a te seguir a noite toda?

— Você não faria isso.

— Pode apostar que sim.

— Tudo bem. Vou com você — cedi, rindo. — Assim você não me persegue… e eu não acordo amanhã com uma tatuagem permanente do seu nome.

Ele soltou um gemido satisfeito e me beijou.

— Mudei de ideia. Vai ao seu encontro. Perseguir você, eliminar a concorrência e marcar seu corpo parece o encontro dos meus sonhos.

— Eu vou sair com você!

— Ótimo — disse ele, pressionando seu corpo contra o meu. — Agora vai embora, pra que eu possa trabalhar. Te busco mais tarde.

— Você vai mesmo sair comigo e me deixar ver um pouco da sua vida?

— Vou — respondeu ele, beijando onde tinha escrito seu nome em mim. Depois me colocou de pé, passou o braço pelos meus ombros e me levou de

volta ao meu carro. — Você veio dirigindo? Achei que teria um motorista te esperando — disse ele, olhando para meu BMW.

— Não, só eu e meu carro.

— Você o dirige com frequência? Acho ótimo, mas nunca tinha visto.

— Parece surpreso, e fico realmente feliz por ser eu quem tá te surpreendendo desta vez. E, pra responder à sua pergunta, não, eu não dirijo isso há anos.

— E por que hoje?

— Me senti… *rebelde* — respondi, sorrindo enquanto entrava no carro. — Vejo você mais tarde?

— Vai me ouvir chegando, Rebel.

— Ou você pode mandar uma mensagem como uma pessoa normal! — gritei, enquanto abaixava a janela.

— Não! — gritou, rindo, enquanto eu manobrava. — E trate de deixar essa nova tatuagem no lugar até hoje à noite.

Não consegui encontrar nada para dizer enquanto saía, olhando para trás mais de uma vez e vendo Rook ainda ali, observando e esperando enquanto eu ia embora. Eu o veria em algumas horas, e já desejava que não demorasse tanto.

Parecia que eu estava perdendo a cabeça. Um dia, eu estava vivendo minha vida perfeitamente normal, e no seguinte, subi na garupa da moto de um assassino, e desde então, vinha correndo atrás dele.

Eu não sabia se isso era uma descida lenta rumo à loucura ou se eu tinha simplesmente tropeçado e caído de cabeça nela. Mas, de qualquer forma… estava adorando.

VINTE E TRÊS

ROOK



NÃO PERDI TEMPO. PEGUEI TUDO DE QUE PRECISAVA E FUI ATÉ A CASA DA Regan. Ela havia me enviado três mensagens de texto, querendo saber quando eu chegaria, mas não respondi.

Em vez disso, apareci na minha moto por volta das seis horas e acelerei bem alto. Sabia que o eco do motor alcançaria a casa e que ela estaria ouvindo. Não demorou dois minutos para que Regan fosse até mim, acenando com os braços para que eu parasse.

— Meu pai tá em casa — gritou. — Não faz isso de novo, ou ele vai vir aqui interrogar você.

Meu coração disparou de imediato. Cameron Fletcher estava lá dentro. Não apenas em sua casa, mas em uma casa que agora eu conhecia bem. Uma casa na qual eu poderia entrar sem que ele soubesse… e matá-lo.

Passei a mão pela arma no bolso lateral. Seria muito fácil. Acabaria em menos de dez minutos, e eu não precisaria mais ver a Regan, nem continuar com aquele jogo. Mas eu já sabia que isso não seria suficiente. Eu queria que ele sofresse. Queria que as últimas horas de sua vida fossem como os últimos dez anos da minha. Precisava que ele conhecesse um pouco da dor que eu sentia por tudo o que ele nos fez passar.

Então, em vez de precipitar as coisas, decidi levar Regan para sair. Tentaria descobrir tudo o que pudesse sobre aquele homem e entender o que era importante para ele… para, então, destruir.

Mesmo que, ultimamente, eu não estivesse tendo muito sucesso em descobrir coisas novas a respeito dele.

Estendi o braço para trás, peguei o capacete rosa e preto no banco e entreguei a Regan.

— O que é isto? — perguntou.

— Seu capacete.

— *Meu?*

— Sim, seu — respondi, mostrando-lhe o pequeno nome em rosa escrito na lateral: *Rebel*.

— Você colocou isto aí?

— Tecnicamente, foi a Evie. Ela que manja dessas coisas de computador e imprimiu.

— E você pediu pra ela fazer isso? Ou ela fez por conta própria?

Senti as palmas das mãos esquentarem diante de sua insistência. Eu fazia as coisas para as pessoas de boas, mas o espetáculo que vinha depois sempre me deixava ansioso.

— Eu pedi — respondi rapidamente, tirando, da mochila que eu trouxera, uma jaqueta que fazia par com o capacete. — Isso aqui também.

— Rook — sussurrou ela, enquanto pegava a peça.

Era uma jaqueta de couro preta simples. Todos nós usávamos jaquetas semelhantes, e a dela não chamaria mais atenção do que as nossas. Nossos capacetes eram diferentes, mas combinavam entre si. Eu mantinha a maioria dos meus favoritos em preto básico, mas tínhamos algumas variações.

— São mesmo pra mim?

— São. Eu tava ficando irritado de compartilhar meu capacete e minha jaqueta — menti, sorrindo.

Aquilo nunca me incomodou, mas eu queria que ela tivesse os próprios, que lhe servissem direito.

Ela mordeu o lábio antes de dar um passo à frente, passando os braços em volta do meu pescoço e seus lábios encontraram os meus. A necessidade quente e desesperada de me afundar nela me dominou. Como se pudesse ler meus pensamentos, ela aprofundou o beijo, pressionando mais seu corpo contra o meu enquanto sua língua explorava a minha. Suas mãos deslizaram por baixo da minha camisa, tocando a pele marcada pelas cicatrizes. Ela hesitou por um instante, mas logo continuou.

— É melhor você subir na moto — sussurrei, deslizando as mãos pelas laterais do seu corpo até alcançar o botão de seu jeans.

Ela afastou minha mão com um tapinha de leve e pegou o capacete. Eu já havia conectado um fone de ouvido, mas permaneci em silêncio enquanto ela subia.

Seus braços envolveram minha cintura e zarpei. O motor rugiu embaixo de nós enquanto eu saía da propriedade e seguia para a rua principal.

— O capacete tá confortável? — perguntei, depois de perceber que ela estava murmurando algo para si.

Seus braços apertaram-se enquanto ela se reclinava mais sobre mim.

— Eu não sabia que você podia me ouvir. Por favor, diz que não ouviu o que eu falei.

— Não ouvi, mas agora tô curioso.

— Nada. Nadinha mesmo. Pra onde estamos indo?

— Primeiro — disse, acelerando um pouco mais do que estava acostumada, enquanto fazia uma curva fechada —, vou ensinar você a andar de moto da maneira certa. Depois, vamos encontrar o grupo. Evie planejou o rolê.

— Vamos aonde?

— Você vai ver. Por enquanto, apenas aprenda a andar sem cair nem me matar.

Passamos duas horas na estrada. Fiquei bastante tempo fazendo-a se equilibrar nas curvas, enquanto eu acelerava e desacelerava. Ela gritava toda vez que eu pisava nos freios, e a moto se inclinava de tal forma que ela caía ainda mais sobre mim, e xingava.

— O que você tá fazendo? — gritou, agarrando-se a mim. — *Não* faz isso de novo!

— Tudo bem, prometo que não — disse, sorrindo. — Mas é melhor você se segurar *firme*, Rebel. Eu odiaria ter que usar esse capacete novinho já no primeiro dia.

— O quê…

Ela não conseguiu terminar a frase, pois acelerei a moto e puxei-a para a roda traseira. Rebel gritou de novo, agarrando-se a mim com força, enquanto eu mantinha a moto em pé. Percorri cerca de trinta metros sobre uma roda antes de baixar. Suas mãos me soltaram assim que nos estabilizamos, e ela começou a bater nos meus ombros.

— Por que. Você. Fez. Isso?! — gritava a cada golpe.

— Porque você tava se saindo muito bem. — Ri. — Não achei que fosse cair. Pelo menos, não completamente.

— Você é péssimo!

— E, ainda assim, você sobe na moto toda vez.

Ela se calou, mas manteve os braços agarrados a mim.

Continuei pela estrada sinuosa, inclinando a moto nas curvas, até que ela enfim relaxou e começou a se mover junto comigo, sem rigidez. Logo, seus braços já não me apertavam como se quisesse me sufocar e seu corpo não ficava rígido como uma porta. Continuamos indo mais fundo na floresta, as árvores se adensando à medida que chegávamos à próxima cidade e subíamos a pequena montanha.

— Estamos indo pra algum lugar específico? — perguntou, suas mãos

deslizando do tanque da moto até minhas coxas, enquanto a estrada ia ficando mais reta.

— Sim. Como eu disse, algo que a Evie organizou.

Sua mão subiu mais, chegando perigosamente perto da minha virilha.

— Rebel — murmurei, tentando conter um gemido quando sua mão roçou sobre mim.

— Sim?

Diminuí a velocidade, porque ela continuava a exploração. Mãos macias deslizaram sob minha camisa, meu estômago apertando com o toque. Ela se moveu sobre as cicatrizes, seus dedos acariciando-as com um toque mais suave antes de subir e passar por cima do meu peito. Fiquei feliz que a moto escondesse o arrepio que me percorria. Suas unhas deslizaram para baixo. O leve arranhão sobre meu estômago até o topo do meu jeans me levou à loucura.

Sentei-me mais ereto e ela aceitou o convite. Mais uma vez, ela me surpreendeu. Toda vez que eu pensava que ela recuaria, Regan avançava e agia como a rebelde que eu sabia que ela queria ser. Desde a primeira noite, ela aceitara todos os desafios para fazer tudo o que eu pedi a ela. Eu deveria saber que ela iria empurrar isso também.

Suas mãos passavam sobre meu jeans, meu pau já duro de ser apalpado por ela. Eu raramente tinha alguém andando comigo. Não era que eu me sentisse desconfortável com alguém, eu simplesmente preferia ir sozinho. Regan, no entanto, estava finalmente pegando o jeito. Ela também estava pegando o jeito de me sentir quando eu estava indefeso em suas mãos.

Era uma tortura feliz, e eu não queria que parasse.

Ela apalpou meu comprimento novamente, um pequeno gemido apreciativo ecoando através do meu capacete e me excitando mais.

— Isso é por minha causa, ou você gosta tanto assim de andar de moto? — perguntou ela, quase rindo.

— Gosto da moto, mas juro que não é ela que tô pensando em foder.

Ela congelou, a mão pousada firmemente sobre mim, antes de pressionar ainda mais. Gemi, querendo esfregá-lo nas mãos dela.

— Você vai se arrepender assim que eu parar esta moto — avisei.

— Por quê?

Desviei a moto, serpentando entre as faixas. A noite já havia caído, e a lua surgia no céu.

— Porque eu vou pegar você, Rebel — murmurei enquanto ela passava o braço sobre o meu ombro, os dedos roçando minha nuca. — E vou usar cada centímetro disso.

A casa abandonada surgiu à nossa frente, escondida na escuridão. As janelas

escuras e a varanda arruinada tornavam o lugar ainda mais sinistro do que eu me lembrava. Costumávamos vir de vez em quando. Geralmente mais para festas. Agora era quando Evie queria mudar as coisas para qualquer evento que ela precisasse que celebrássemos.

A noite fria tomou conta de mim quando tirei meu capacete, o cheiro de decadência e chão úmido me fazendo relaxar. Gostava daqui, a calma e o sossego me fazendo sentir em casa.

— É pra *cá* que estávamos vindo? — perguntou Regan, descendo da moto.

— É.

— Por quê? É… assustador.

— Tenho certeza de que é o objetivo. Filme de terror, cenário de terror.

— Você me trouxe aqui pra assistir a um filme de terror, em um lugar que parece cenário de filme de terror? E achou que eu ficaria tranquila?

— Pra onde mais você iria, Rebel? Você tá aqui sozinha, sem uma carona pra casa. Tá presa, a quilômetros de outra casa e a quilômetros de qualquer pessoa que possa te ajudar.

— Para com isso — pediu ela, colocando as mãos na cintura, mas eu conseguia perceber.

Mesmo assim, percebi o leve tremor em sua voz.

Abaixei-me, pousando meu capacete no chão.

— Dizem que um médico louco morava aqui e fazia experimentos com humanos. Alguns dizem que um deles ainda vive por aqui. Será que fica dentro da casa? Ou escondido na floresta?

— E se eu estiver com medo demais pra entrar?

— Achei que eu fosse o monstro. Quem mais além de mim te agarraria?

— Não tem graça. Talvez a criatura meio humana. Pelo menos você é um humano inteiro.

— Então é melhor deixar que eu te ataque primeiro. Corre, corre, Rebel.

Avancei para alcançá-la enquanto seus olhos se arregalavam. Eu sabia que ela não estava de fato com medo de mim — se estivesse, não teria subido na moto comigo. Mas eu adorava a forma como ela arfava, como suas narinas se dilatavam e seu peito subia e descia depressa. Ela prendeu o cabelo atrás das orelhas.

— Rook — murmurou, recuando em direção à floresta.

A linha nítida de árvores cercava a casa e, assim que ela desapareceu nela, eu pude correr atrás dela.

Uma rajada de vento veio. A velha porta na frente da casa se abriu e bateu de volta, com um estrondo ao nosso redor.

Ela se sobressaltou e saiu correndo, desaparecendo na floresta.

Meu estômago revirou, meu coração já disparado. A emoção de alcançá-la pulsava em mim, mas tentei conter isso só o suficiente para deixá-la sair na frente.

Ela era minha, e não havia chance de eu não a alcançar.

Eu sempre a alcançaria.

VINTE E QUATRO

REGAN



MURMUREI UMA SÉRIE DE PALAVRÕES ENQUANTO CORRIA PARA A FLORESTA. Não estava indo muito longe, apenas o suficiente para dar a volta na casa e sair do outro lado. Eu não ia me arriscar a me perder naquela floresta, mas, mesmo assim, queria brincar. Queria sentir sua vontade louca de me capturar.

Eu não o ouvia atrás de mim; na verdade, nada além do ritmo do meu coração parecia existir.

Dei a volta pelos fundos da casa e encontrei uma cômoda velha encostada a uma das paredes, com gavetas compridas e um espelho alto — um esconderijo perfeito. Esgueirei-me para trás dela e agachei. Minha respiração estava irregular e meu coração batia como um tambor. Esforcei-me para ouvir qualquer sinal de que Rook estivesse se aproximando, mas o silêncio me envolveu. A expectativa de que ele me pegasse se enroscou no meu estômago, misturando medo e alegria.

Um galho estalou, chamando minha atenção. Prendi a respiração. Agora eu podia ouvir seus passos — movimentos lentos e calculados que me deixaram ainda mais alerta. Ele não corria sem pensar atrás de mim. Dava passos cuidadosos enquanto eu cambaleava pela floresta. Rook era um predador, e eu seria sempre a presa.

Isso deveria me enojar, mas não havia como negar o quão excitada eu ficava toda vez que ele queria me pegar. Ele sempre vinha atrás de mim.

Espiei por trás da cômoda bem a tempo de vê-lo virar a esquina e examinar a área com os olhos estreitos. Nossos olhares se cruzaram e ele sorriu.

— Oi, Rebel.

Sem hesitar, pulei do meu esconderijo e passei correndo por ele. Sua mão se estendeu rapidamente e agarrou minha cintura, puxando-me para perto e

girando-me até minhas costas baterem contra o seu peito. A outra mão envolveu meu pescoço.

— Rook! — gritei, mas ele me segurou firme.

Meu corpo pressionou-se contra o dele, e eu me inclinei, rendida.

— Peguei você — sussurrou, seus lábios arrastando-se pelo meu pescoço. Ele me mordeu, fazendo-me arquear contra seu corpo. O calor me inundou, minhas coxas pressionando com força enquanto ele apertava meu pescoço um pouco mais. — Sempre vou pegar você. O quanto você tá assustada, exatamente?

— Tão assustada que, se me soltar, eu vou gritar.

— Você vai gritar de qualquer maneira, Rebel.

Ele desabotoou minha calça jeans, puxando-a até os joelhos, e me empurrou para frente. Minha testa quase encostou no espelho da cômoda. Observei, pelo reflexo, enquanto suas mãos deslizavam pelos meus quadris.

— Você gostou do seu joguinho na moto?

— Que joguinho? — perguntei, tentando parecer o mais inocente possível.

Ele riu, um som profundo que fez meu corpo congelar. Um grito vindo da casa ecoou, o vento assobiando pelas janelas quebradas e aumentando o clima sinistro.

Ele se ajoelhou atrás de mim.

— Você gostou de tentar transar comigo na moto, Rebel? Ou ficou desapontada por não foder em cima dela?

— Sim — respondi, quase prendendo a respiração enquanto seus dedos desciam pela minha pele.

— Sim pra qual pergunta?

— Ambas.

Ele gemeu, enganchando um dedo no cós da minha calcinha e puxando-a, junto da calça, até os tornozelos. Abriu o zíper da jaqueta e a retirou, junto com a minha camiseta. O ar frio correu sobre meus seios, fazendo-me arfar.

— Fica curvada pra mim — ordenou ele.

Obedeci, apoiando-me na cômoda enquanto ele forçava minhas pernas a se afastarem ainda mais, antes de enterrar a cabeça entre minhas coxas. Sua língua se movia ao longo de mim, seus dedos cravados em minha pele para me abrir melhor. Cada toque da sua língua me fazia querer mais.

Ele me empurrou ainda mais para frente, segurando-me firme contra a cômoda. Meu coração martelava no peito enquanto minhas costas se arqueavam. Ele continuou, mas eu queria mais do que sua boca. Ele gentilmente chupou e lambeu ao longo de mim novamente antes de se afastar.

— Tá pronta pra mim agora, Rebel? — Sua voz grave de desejo.

— Sim — sussurrei, sentindo seu hálito quente acariciar as minhas costas.

Ele se levantou de novo, seus dedos subindo pela minha coxa até alcançarem meu centro. Gemi quando as pontas de seus dedos roçaram meu clitóris, fazendo meu corpo se contrair.

— Eu preciso disso, Rook. Por favor.

Ele riu, e ouvi o som do zíper de sua calça.

— Gosto de te ouvir implorando. Finalmente gosta de ser minha putinha?

— Só se você me der algum alívio e não ficar apenas me provocando.

Senti seu membro pressionado contra mim, deslizando provocativamente em minha umidade.

— Quero te ouvir dizer antes de te dar qualquer coisa.

— Ouvir o quê?

— Como gosta de ser minha. Como gosta de ser usada e preenchida.

— Eu gosto disso — confessei, ofegante. — Gosto quando você me faz subir na sua moto. Gosto de me ajoelhar pra você. — Minha respiração estava irregular, meu coração batendo forte quando encontrei seus olhos no espelho. O olhar selvagem dele me fez continuar. — Gosto de estar nua e em cima desta coisa, sabendo que você vai me preencher e tomar por inteira até me levar ao limite.

Ele pressionou a ponta, entrando em mim devagar, fazendo-me ofegar. Agarrou meus quadris, controlando seus movimentos enquanto avançava.

Meus dedos se cravaram na madeira da cômoda, e meu corpo se contraiu ao sentir seu tamanho me preenchendo. A sensação era intensa, a dor se misturando ao prazer.

— Sua boceta perfeita tá me abraçando tão bem… — murmurou ele.

Eu me movi, tentando acomodá-lo, mas ele foi mais fundo.

— Tá doendo, Rebel?

Assenti, incapaz de falar. Minha cabeça tombou contra a cômoda, mas, de algum modo, a dor também era boa.

Ele se retirou e empurrou de volta com mais força.

— Quero que arda. Quero que você sofra por mim. Quero que se lembre de mim enterrado em você a cada passo que der amanhã.

— Sim — sussurrei, quase sem fôlego. — Me dá isso.

— Vou te dar, mas gosto de te ver assim — disse ele, passando a mão sobre minha bunda e pressionando um dedo em minha outra abertura. — Isso também é meu. Quero tudo de você, Regan.

Não respondi. Não queria pensar no peso de suas palavras; só queria senti-lo. A luz da lua iluminava o espelho, mostrando nossas silhuetas. As sombras dançavam em seu rosto, tornando-o ainda mais selvagem e irresistível.

Ele meteu de novo, mais forte desta vez. Não parou nem desacelerou. Cada

estocada foi recebida com um gemido saído dos meus lábios, e eu empurrava o quadril para trás para acompanhar seu ritmo. A sensação de tê-lo me preenchendo por completo só me deixava mais excitada; era avassalador. Ele gemeu de prazer quando sua mão desceu entre minhas pernas, provocando meu clitóris já sensível.

Enquanto eu ofegava por ar, o orgasmo aumentou. Arqueei as costas, segurando a cômoda para me apoiar, e meus olhos o encontraram no espelho novamente. Ele estava lindo na luz, o prazer tão claro em seu rosto, que meu coração disparou ao perceber que eu era a única razão para ele estar naquele estado. Meu orgasmo estava se aproximando e eu não conseguia lidar com aquilo. Precisava de mais. Ele deve ter lido meus pensamentos porque acelerou o ritmo, estocando com mais força e mais rápido. Eu gemi, e sua mão envolveu meu pescoço, me puxando de volta para ele.

— Você é toda minha, Rebel — sussurrou ele. — Goza no meu pau e me torna seu.

Eu engasguei com as palavras dele, era impossível controlar o orgasmo. Gritei seu nome quando fui enviada para além do limite, sentindo as ondas de prazer me atravessarem, deixando-me sem fôlego.

Minhas unhas cravaram na cômoda, tentando encontrar um apoio enquanto o mundo desaparecia. Estrelas explodiram em meus olhos, meu corpo tremendo quando gozei. Olhei pelo espelho de volta para ele. Seu cabelo escuro caiu sobre a testa enquanto sua boca se abria com um gemido. Seus quadris empurraram com mais força, sua respiração ficando irregular.

— Você é tão apertada, Rebel — disse ele com a voz rouca. — Não vou aguentar muito mais.

— Ótimo — murmurei. — Não aguenta.

Ele sorriu, os olhos famintos por mim. Com um último impulso, soltou um gemido profundo, preenchendo-me por completo. Meu corpo estremeceu com mais um calafrio quando ele se inclinou sobre mim.

— Porra, Regan… eu devia ter planejado isso melhor pra que eu pudesse me deitar depois.

— É bom que você me leve pra casa, porque eu é que não vou conseguir andar. E você ainda vai ter que dirigir uma moto — brinquei.

Ele gemeu, afastando-se de mim e ajustando a calça jeans.

— Nem me fala isso agora. Tudo o que quero é me sentar com você e assistir a um filme.

Rook me girou para encará-lo, ajudando-me a limpar o que podia e puxar a calça jeans para cima.

— Você tá bem pra entrar?

— Se isso significar sentar um pouco, então sim — murmurei, ainda zumbindo de prazer.

Ele me envolveu com um braço, conduzindo-me para dentro da antiga sala de estar. Alguém havia improvisado ali uma série de coisas: cadeiras de acampamento, cadeiras infláveis e até um colchão onde Evie estava deitada com Aiden ao lado.

Rook apontou para uma enorme poltrona improvisada.

— Isto é… insano. Vocês trouxeram tudo isso?

— Sim. Evie queria. Ela adora fazer essas coisas.

— Pra quê? — perguntei, mas Mason nos interrompeu.

— Que bom que se juntaram a nós — disse Mason. — Ouvimos gritos. Não sabíamos se eram vocês dois, alguém sendo assassinado ou os fantasmas malucos que andam por aqui.

— Ótimo — resmunguei, pronta para me enroscar em Rook. — Agora seus amigos vão ficar me zoando a noite inteira.

— Fala pra ele calar a boca — disse Rook, sorrindo ao me abraçar.

— O quê? Não. Ele é seu amigo. Você que fale com ele.

— Eu falaria se você precisasse. Mas não precisa. Você tá no comando, Rebel. Manda ele calar a boca. Como se cada palavra fosse um soco.

Aceitei o desafio. Encarei Mason e disse com firmeza:

— Cala a boca, Mason.

Mason estreitou os olhos, curioso.

— Ou, o quê?

— Ou eu vou reclamar tanto pro Rook que ele vai aí te fazer se arrepender.

Mason riu, levantando as mãos.

— Você já vem com um cão de guarda. Não é justo.

— Um cão de guarda? — perguntei, olhando para Rook.

— Au au — sussurrou ele no meu ouvido, fazendo-me sorrir.

— É só isso? É só eu dizer, e você bate nele?

— Claro.

— Mas ele é seu amigo…

— Nenhum amigo meu vai desrespeitar você sem consequências. Mason tá só brincando. Mas, se você levasse a sério, ele teria problemas comigo.

Inclinei-me para ele, puxando o cobertor sobre o peito.

— Evie, você caprichou. Tá tudo assustador, mas perfeito.

Ela sorriu.

— Obrigada. Às vezes, eu fico entediada na oficina. Gosto de planejar essas coisas pra gente se divertir.

— O que você faz na oficina? — perguntei.

Evie olhou para Rook, buscando aprovação. Ele assentiu, e ela respondeu:

— Trabalho com informática. Sou boa em conseguir documentos e invadir locais quando necessário. Também cuido do site, das redes sociais e da lista de clientes.

— Pareciam coisas diferentes, mas eu não queria fazer mil perguntas logo que me deixaram participar.

— Ah, isso parece bem legal. Não sei como consegue se entediar.

Ela deu de ombros.

— Quando você pega prática, vira rotina.

O filme começou, desviando a nossa atenção.

Rook se inclinou em meu ouvido e murmurou:

— Ela é uma *hacker*. Consegue acessar qualquer local digital.

— Interessante. Você sabe fazer alguma coisa assim?

Ele riu baixinho.

— Nem um pouco.

O filme era um clássico do gênero *slasher*, um dos meus favoritos. Por mais que eu odiasse muitos filmes de terror, os *slashers* clássicos sempre foram bons. Os braços do Rook se apertaram ao meu redor, afundando-me ainda mais contra seu corpo.

— Assustada?

— Não. Tô dormindo com um monstro agora. De que mais eu teria medo?

VINTE E CINCO

ROOK



DOIS DIAS DEPOIS, EU ESTAVA NA OFICINA COM AIDEN.

— O que vamos fazer? — perguntou ele, olhando de volta para o jornal.

A casa em que morávamos juntos havia sido oficialmente vendida, e queriam que saíssemos em duas semanas.

— Sobre o quê? — perguntei, distraído.

Minha mente estava longe dali. Eu estava muito ocupado olhando para o telefone, tentando entender por que Regan não havia respondido. Tinha mandado uma mensagem para ela na noite anterior e, desde então, nada. Estive tão ocupado trabalhando que não consegui vê-la, mas não parecia um bom sinal ela estar me ignorando depois de termos transado.

— Nos mudar? Se eles venderam o lugar e querem que a gente vá embora, o que mais poderíamos fazer?

— Somos sete, Rook. Onde diabos vamos morar?

— Podemos comprar um prédio de apartamentos, quem sabe?

— Você quer seu nome estampado no financiamento? Quer que alguém nos investigue por cinco segundos e descubra onde todos nós moramos? A menos que sejamos proprietários de todo o edifício, não temos como garantir que seja seguro.

— Pagamos em dinheiro. Compramos uma maldita casa. Eu não me importo.

— Rook…

— O quê? — gritei. — Temos a oficina. Ficaremos aqui se for preciso, até encontrarmos algum lugar.

Mais cedo, Hero havia deixado cair uma lata inteira de produto de limpeza e, para levar um pouco de ar fresco para dentro, a porta estava aberta. Apesar disso, tanto eu quanto Aiden demos um pulo quando uma pessoa entrou por ela. Não

esperávamos que alguém aparecesse tão tarde. A luz iluminou seu rosto, revelando o visitante.

— Harper? — perguntei, surpreso.

— Ei — disse ela, dando um passo hesitante para dentro.

Seu rosto estava vermelho e manchado de lágrimas, mas ela endireitou os ombros para nos encarar.

Meu coração disparou. O que Harper estava fazendo ali, chorando e tão perturbada? Regan não havia me mandado mensagem, e agora isso. O pânico me invadiu, e eu agarrei o telefone com mais força.

— Regan? — perguntei, com a voz tensa.

— Ela não tá aqui, não tem a ver com ela — respondeu Harper.

— Ok — disse eu, respirando fundo. — O que você tá fazendo aqui, então?

— Preciso de ajuda e, pelo que vi e ouvi, vocês podem ser as pessoas certas pro que eu preciso.

Troquei um olhar com Aiden, que arqueou uma sobrancelha.

— Provavelmente, poderíamos ajudar você — disse ele. — Mas vai precisar ser mais clara.

— Tô sendo seguida. Um cara não me deixa em paz.

— E isso faz você vir até nós pra quê?

— Ele praticamente me atacou esta noite. Comecei um novo emprego porque preciso de dinheiro, desde que meus pais se separaram. E não posso evitá-lo, já que ele é meu gerente.

— Quão ruim? — perguntou Aiden, inclinando a cabeça para ela.

— Acho que, se algo não for feito agora, na próxima vez vou acabar no hospital.

— E por que não vai à polícia?

A família de Harper era rica. Desde o divórcio, a maior parte do dinheiro estava presa em uma briga judicial. Evie havia desenterrado muita coisa sobre eles; até mesmo uma série de escândalos públicos. Ainda era uma família respeitada, porém, com o divórcio e um processo por fraude, a maior parte de seus bens estava congelada.

— Meus pais acham que tô deprimida — explicou Harper. — Como pagam minha faculdade, sou obrigada a fazer terapia toda semana. Tenho medo de que me considerem instável e não façam nada. Eles nem sabem que eu tenho um emprego.

— Entendo… mas por que não se demitir?

— Foi difícil conseguir esse trabalho. Ninguém acredita que alguém com o meu sobrenome precise de um emprego. Não me levam a sério. Tô tentando encontrar outro, mas ele descobriu que eu queria sair e a situação piorou. Acho

que, mesmo que eu largasse o emprego, ele continuaria me perseguindo.

— Não é difícil imaginar. Uma mulher rica e bonita — disse Aiden. — Algumas pessoas fariam qualquer coisa pra tentar agarrar isso.

— E por que você pensou em nos procurar?

— Regan falou um pouco sobre vocês. Ela parece confiar em vocês… um pouco, pelo menos. Achei que poderiam me ajudar.

Eu queria perguntar mais sobre essa confiança, mas engoli as palavras.

— O que exatamente você quer que a gente faça?

Se ela sentia que ele não iria parar, mesmo se ela saísse do emprego, provavelmente estava certa.

— Fazer ele parar? Assustá-lo? Não sei… Vocês não quebram pernas, arrancam olhos ou algo assim?

— Você quer que a gente arranque os olhos dele? — perguntou Aiden, fazendo uma careta de desgosto. — Onde tá o Hero? Não preciso estar presente pra isso.

— Ele odeia arrancar olhos — comentei, sorrindo. — Preferimos métodos mais limpos, mas podemos atender a pedidos.

— Tudo bem, sem arrancar olhos. Mas tem algo que vocês possam fazer? Eu não aguento viver olhando pra trás o tempo todo.

Não hesitei. Eu não me importava de ajudá-la, era algo que já fazíamos. Mas pensei em pedir algo em troca.

Queria saber o que Regan estava fazendo naquela hora, por que ela não estava falando comigo.

Ainda assim, se pedisse isso, pareceria que eu me importava demais.

Mas isso tomaria mais uma noite da minha vida, o que significaria que eu não ia poder ver a Regan.

— Isso também ajudaria a Regan! — disse Harper, rapidamente. — Se ele tá me seguindo, inevitavelmente vai atrás dela também. Estamos juntas quase todos os dias.

— Eu já ia concordar, mas agora ficou ainda mais fácil — disse, sorrindo.

— Vamos precisar de todas as informações que você tiver — disse Aiden. — Talvez possamos pegá-lo esta noite. Temos outras coisas pra fazer amanhã.

Essas “outras coisas” envolviam um nome que continuava aparecendo nos papéis de Cameron. Havíamos invadido seu escritório recentemente, mas não havia muito o que encontrar além de alguns papéis, tudo estava trancado. Instalamos uma escuta no local, esperando que isso nos rendesse algo quando ele voltasse à cidade.

A única coisa que tínhamos encontrado, porém, era um mistério. Um nome, Candy Collins, continuava aparecendo, mas não conseguíamos encontrar um

único rastro dela além do endereço de um velho galpão na cidade vizinha. Não havia registro de nascimento, nem endereços residenciais, nada.

Não conseguíamos entender se era uma acompanhante do Cameron ou uma pessoa inventada que ele usava para manter os negócios escondidos. Talvez as duas coisas.

Não seria a primeira vez que um homem confiava demais na amante.

Tínhamos encontrado um papel com a data de amanhã e um horário, mas nenhuma indicação de onde algo iria acontecer. O galpão parecia a melhor aposta.

Aiden e eu iríamos ao galpão. Hero e Mason tentariam ficar de olho em Cameron, e Zack e Kane ficariam parados do lado de fora da mansão Fletcher, por precaução. Eu tinha pouca preocupação de que algum negócio estivesse acontecendo naquela casa. Pelo que Regan disse, ela estava sozinha lá noventa e cinco por cento do tempo, mas eu não queria arriscar.

Harper repassou as informações para Aiden, que trabalhava no computador de Evie.

Vinte minutos depois, sabíamos tudo o que precisávamos sobre o gerente.

Peguei as chaves, decidido a levar meu carro. Era mais fácil enfiar um sujeito no porta-malas do que bolar um plano para levá-lo nas motos.

— Fica aqui — ordenei a Harper. — Assim você vai ter certeza de que pegamos o cara certo.

Chamei Hero, que apareceu rapidamente.

— Pode ficar com ela até a gente voltar?

Hero assentiu e se largou no sofá, já distraído no celular.

Aiden e eu entramos no carro, mas parei na porta da oficina.

— Harper — chamei. — A Regan tá me ignorando?

— Sim. Ela tá surtando depois da festa e do encontro que tiveram. Não sei o que aconteceu, mas ela tá muito ansiosa. Dê a ela mais um ou dois dias.

Assenti e fui para o carro, grato por ter outra coisa em que focar por algumas horas.



O cara gritou e se contorceu quando abri o porta-malas.

Tinha levado duas horas, e já estávamos de volta à garagem. Estávamos lidando com tantas pessoas poderosas e perigosas que eu quase tinha esquecido como era fácil pegar uma pessoa comum.

Ele estava plantado em frente à TV, assistindo a uma tela dividida. Pornô em

uma, imagens de câmeras na outra. Mal tivemos que arrombar a casa, encontramos a porta lateral destrancada, e ele estava ocupado demais se satisfazendo para nos ouvir nos aproximar por trás.

— Se algum dia, e tô falando de qualquer dia, tivermos que pegar um pervertido se masturbando de novo, eu vou me revoltar — disse Aiden, saindo do carro. — Tô falando sério, Rook. Prefiro arrancar os olhos a assistir a um homem velho e desagradável se debatendo para puxar as calças e gritando de tesão. Essa imagem vai ficar gravada na minha memória. Prefiro arrancar os olhos.

Eu ri mais. Tinha sido uma visão pavorosa, de fato.

— Quer dizer que preferia ter esperado? Queria ver aquilo acontecer e depois sujar as mãos com o resultado?

— Ai, caralho. Não. Porra de pervertido — sussurrou as palavras — Ai meu Deus, isso é pior. Droga! Isso é muito pior — disse, curvando-se para respirar fundo.

Eu mesmo quase rachei de rir com a imagem, mas deixei para lá e abri o porta-malas.

— Ei, pervertido — disse. — Gostou da sua configuração de TV? Trouxemos algo ao vivo pra você.

Agarrei o sujeito pelo rabo de cavalo e puxei com força, levantando a metade superior do corpo dele do chão. Ele gritou quando Aiden o agarrou.

— Esta é a parte tranquila, cara. Então economiza o fôlego — disse Aiden.

Ele parou por um segundo, afastando uma das mãos para inspecionar o sujeito.

— Isso é nojento. Agora sinto como se estivesse tocando o esperma desse pervertido, não importa onde eu segure.

— Duvido muito que ele consiga acertar os próprios tornozelos.

— Você viu como ele tava. O cara brilhava sob uma luz escura. Não tem limpeza no mundo que limpe o que ele tava fazendo — insistiu Aiden.

— Por favor, para de falar ou eu vou deixar ele cair — eu disse com os dentes cerrados. Eu é que não queria mais encostar no cara.

— Tá vendo? Não é nada divertido quando você para pra pensar no assunto — disse Aiden enquanto o puxávamos para a cadeira.

Nós o prendemos sob um dos nossos elevadores hidráulicos. Isso facilitava muito o trabalho; a gente conseguia colocar as pessoas em qualquer posição que quisesse.

Harper se aproximou devagar, com os olhos arregalados. O rastro de medo que vi em seus olhos me deixou ainda mais puto.

— É ele.

— É ele — confirmou ela.

— Perfeito! Hoje é seu dia de sorte. Pegamos o cara certo.

Aiden estendeu a mão para bater na minha, mas paramos no meio do caminho.

— Melhor lavarmos as mãos primeiro — dissemos, em uníssono.

— Vocês não vão fazê-lo sangrar, vão? — perguntou Harper.

— Sangue e… outras coisas nojentas são muito diferentes — respondi.

Hero se aproximou, examinando o sujeito.

— Esse é o cara que tá tocando em você? — perguntou.

— Constantemente — respondeu Harper. — Ele me apalpa o dia todo e tentou me atacar no estacionamento.

O Hero fez o globo ocular do cara saltar. Aquele esquisito adorava arrancar olhos e eu nunca ia conseguir entender o porquê. Eu não questionava, mas também não entendia

— Você acha que é tão nojento que nenhuma mulher vai querer te tocar por vontade própria, e aí isso te dá o direito de forçar elas? — perguntou ele.

O cara balançou a cabeça violentamente, tentando dizer que não, e eu soltei uma risada seca.

— Não? E as câmeras assustadoras que você escondeu nos banheiros?

— Que nojo!

— Agora — disse Hero —, vamos garantir que você nunca mais se esqueça disso.

— Como vamos começar? — perguntou Harper, surpreendendo-nos.

— Tem certeza de que quer ajudar? — perguntei.

— Com certeza.

Hero pegou um taco de beisebol e entregou a ela. Harper agarrou-o com tanta força que, ao puxá-lo, acertou o rosto de Hero.

— Ai! — gritou ele. — Eu não sou o pervertido!

— Foi sem querer! — desculpou-se ela, olhando para mim, preocupada.

— Não se preocupa, ele provavelmente merecia. Tem certeza de que pode fazer isso? Não preciso de vômito no nosso chão.

— Não vou vomitar.

— Você vai limpar se vomitar.

Ela apoiou o taco no ombro e se aproximou dele. Eu achei que ela ia precisar respirar fundo algumas vezes, talvez até gritar com ele primeiro, mas ela só ergueu o taco.

— Garota zangada com um taco. Estilo Harley Quinn, porra — murmurou Hero, largando-se no sofá.

O lábio dele tinha partido um pouco e o sangue estava acumulando, mas, fora isso, ele parecia bem.

O bastão acertou em cheio as pernas do sujeito, que soltou um grito abafado contra a mordaça.

Eu sorri, olhando para a Harper, que estava ofegante. Mas não foi ela que roubou minha atenção. Foi a Regan.

Ela estava parada na porta aberta da garagem, com a boca aberta enquanto assistia à cena. Eu tinha certeza de que a última coisa que ela esperava era encontrar a Harper ali com a gente, fazendo aquilo. Ela não disse uma única palavra; apenas deu meia volta e saiu correndo, rumo à escuridão da noite.

VINTE E SEIS

REGAN



ROOK TINHA ME MANDADO MENSAGEM NA NOITE ANTERIOR, MAS EU IGNOREI. Ainda estava surtando com a noite na casa abandonada e, honestamente, com todos os dias que tinha passado com ele antes disso.

Parecia que toda vez que ele se aproximava, eu perdia o bom senso e cedia a todos os meus desejos. Eu não me importava com o que viria depois, nem com as consequências do que fazíamos.

Até acordar naquele dia e ter uma crise.

Rook não era alguém que eu poderia manter por perto. Ele não era alguém que ia me namorar ou ser leal a mim. Ele mesmo disse que eu seria dele até ele se cansar, e eu sabia que era verdade. O problema era que eu queria ficar com ele. Eu não conseguia entender o porquê, mas queria estar perto do Rook. Queria dormir com ele, sair com ele, conhecer mais sobre ele.

Eu queria namorar um assassino e não sabia como lidar com isso.

É provável que ele não pensasse duas vezes antes de me largar, e eu tinha consciência disso, mas ainda assim não parecia suficiente para me fazer parar de gostar dele.

Andei pelo meu quarto pela milésima vez, tentando decidir se deveria deixar a história continuar ou cortar os laços de vez.

Essa linha de pensamento me fez pegar a bolsa, chamar um carro e ir até o outro lado da cidade. Eu precisava falar com ele antes de enlouquecer. Precisava ter certeza de que ele de fato não queria nada sério, de que tudo aquilo era só por diversão.

Tentei afastar a esperança de que ele pudesse querer alguma coisa, e então percebi como era estúpido pensar que alguém como ele ia querer ficar comigo — ou, sendo honesta, que eu deveria querer ficar com alguém como ele.

A Maverick Moto já estava fechada fazia horas, mas eu sabia que Rook podia ficar lá até tarde. Dei a volta pelos fundos, vendo a porta de trás aberta. Mas, quando eu parei em frente a ela, não consegui entender o que estava vendo.

Harper com um taco de beisebol, um homem amarrado na frente dela. Rook e Aiden ao lado. Hero encostado na beira do sofá, assistindo enquanto ela gritava e balançava o taco no ar.

Era como se minha mente não conseguisse processar. Eu sabia, logicamente, o que estavam fazendo, mas não conseguia juntar como aquela situação toda tinha acontecido. Rook sorriu quando o taco acertou o cara. Hero gritou e Aiden riu quando o cara urrou.

Então, Rook me viu.

— Regan — disse ele, aparentemente tão chocado em me ver quanto eu estava de vê-los.

Eu virei as costas e saí correndo de volta para a escuridão, até o carro que me esperava, sem olhar para trás, rezando para não ouvir o som de uma moto me seguindo.



Quando cheguei em casa, já tinha perdido dezessete chamadas de Rook e Harper.

Eles tentaram de novo.

E de novo. E de novo.

Eu não conseguia falar com eles ainda. Minha cabeça girava, tentando processar o que eu tinha visto.

Não apenas o fato de que Rook e Harper se conheciam bem o suficiente para estarem ali juntos, mas para, aparentemente, torturar um cara juntos. Eu não sabia o que pensar para fazer a situação parecer mais razoável.

Ouvi a moto de Rook parar dez minutos depois de eu chegar ao meu quarto, mas me escondi. Eu não podia encará-lo, não enquanto mal conseguia organizar meus pensamentos.

A porta da frente bateu, e eu ouvi os passos dele subindo as escadas.

— Regan! — gritou, soando mais irritado do que preocupado.

Fiquei quieta, sem sair do meu esconderijo em um dos quartos vazios. Eu sabia que, se o visse, eu cederia, e não podia fazer isso.

Ele passou pela porta algumas vezes, gritando meu nome mais vezes.

Dez minutos depois, a casa ficou em silêncio. Abri a porta, espiando pelo corredor. Não ouvi nem vi nada, então saí.

A moto dele ligou, o ronco ecoando pela casa e me fazendo congelar.

Quando enfim o barulho da moto desapareceu e a casa ficou novamente em silêncio, voltei para o meu quarto e gritei. As palavras vermelhas escorrendo pela minha janela fizeram meu coração disparar.

Me liga.

Minhas mãos tremiam ao pegar o celular, discando o número de Rook.

— Esse sangue é seu ou de outra pessoa? — perguntei no segundo em que ele atendeu.

Dava para ouvir a moto ao fundo.

— Você tá em casa. Quer que eu volte, ou vai se esconder de novo?

— É seu ou de outra pessoa? — repeti.

— Isso importa? Funcionou. Você me ligou.

— De quem é?

— Meu. Por que tá se escondendo de mim? O que você viu não foi…

— Eu sei exatamente o que vi. Minha melhor amiga e o cara com quem eu acabei de transar matando alguém *juntos*. Que merda é essa? Nem quero saber como você convenceu a Harper a fazer aquilo. Ou o que você pensa que tá fazendo com ela. Eu não quero ver você agora, então nem ousa voltar aqui. E você vai respeitar isso, Rook. Vai respeitar que eu não quero ver você e vai me deixar em paz por enquanto.

— Regan, não foi isso que aconteceu. Nós estávamos…

— Cala a boca e não me liga de novo. E nunca mais venha aqui fazer essas coisas assustadoras.

Desliguei, jogando o telefone na cama antes de me jogar de barriga para baixo.

Talvez esse fosse o sinal do universo de que eu precisava. Um grande letreiro em neon piscando que tentar namorar um assassino em série talvez não fosse a melhor escolha de vida.



A luz da manhã invadiu o quarto, e eu ouvi a porta se abrir. Nem olhei para cima, já sabendo que seria Harper ou Rook.

— Precisamos conversar — disse Harper.

Espiei por debaixo do cobertor, vendo-a parada ao pé da cama, com as mãos na cintura.

— Eu sei.

— Eu devia ter contado pra você. Devia ter te levado comigo — disse ela, sentando-se.

— Não entendo por que você não contou. Ou o que tava fazendo. Rook obrigou você a alguma coisa?

Ela já estava negando com a cabeça.

— Não, nada disso. Eu arrumei um emprego — falou.

— Com Rook? — Meus olhos quase saltaram da cabeça.

Impossível ele ter contratado a Harper.

— Ah, meu Deus, não! De jeito nenhum. Em uma lojinha da cidade. Eu precisava de dinheiro, com meus pais se divorciando… mas o gerente é um velho nojento. Bem, você o viu… — Sua voz morreu, seu lábio se enrolando de nojo. — Ele tentou me apalpar, e eu fiquei com medo de não conseguir impedir.

— Então você foi procurar o Rook?

— Eu não tinha ideia de como contar. Sabia que você ia surtar. E com razão, mas eu só precisava garantir que ele não me incomodasse de novo. Lembrei do que você disse sobre Rook e os amigos dele, e você parece confiar nele, então achei que não faria mal pedir ajuda.

Lágrimas surgiram nos olhos dela, mas ela respirou fundo.

— Harper, me desculpa. Por que você não me contou que precisava de dinheiro? Ou que tinha arranjado um emprego? Ou que precisava de ajuda? Me sinto a pior amiga do mundo. Eu não sabia de nada disso.

— Não é culpa sua. Tá tudo tão confuso que eu nem sabia como falar sobre isso. Você não fez nada de errado. Sei que sempre posso contar com você.

— Mas eu deveria ter notado.

Ela sorriu.

— Você acha que eu não sei esconder as coisas? Até parece.

— Verdade. A rainha da dissimulação emocional. Então Rook e os outros cuidaram do cara?

— Cuidaram. E, como você viu, eu também fiz a minha parte.

— Você gostou? — perguntei, já vendo a resposta estampada no rosto dela.

— Gostei de me sentir no controle da situação. Quando ele tentou me agarrar no estacionamento, eu me senti impotente. Eu sempre me orgulho de saber lidar com as coisas, e foi horrível não conseguir fazer nada. Gostei de virar o jogo. Quero dizer, eu tive ajuda, mas isso não importou quando ele estava amarrado, implorando.

— E o que aconteceu com ele depois?

Ela deu de ombros.

— Não sei. Hero estava bem puto, e acho que ele arrancou uma ou duas coisinhas do cara. E Rook…

— Rook, o quê? — perguntei, prendendo a respiração.

Ela apertou os lábios, segurando uma risada.

— Rook tatuou “pervertido” nas mãos dele. Ele nunca vai conseguir esconder.

Fiquei boquiaberta.

— Meu Deus — disse, caindo de costas na cama.

— Você tá brava?

— Tô brava porque tô quase com inveja de ter perdido isso. E triste por ter perdido um cara sendo torturado? O que tem de errado comigo?

— Bem, eu gostei de estar lá ajudando, então, se tem algo errado com você, tem comigo também. Então você não tá mais brava?

Abri os braços, puxando-a para um abraço.

— Não. Eu queria que você tivesse me contado, mas entendo que é difícil falar sobre essas coisas. Só… da próxima vez que for falar com Rook sobre torturar alguém, me avisa, certo?

— Pode deixar — disse ela, rindo.

Suspirei, percebendo o quanto eu não sabia o que acontecia à minha volta. Não sabia do trabalho da Harper, nem ao certo o que meu pai fazia na empresa.

Eu não queria mais ser deixada de fora ou ser protegida da verdade.

— Me conta tudo, Harper. Coisas boas, ruins… coisas meio assassinas. Apenas me conta. Você é minha melhor amiga. Eu vou te apoiar, mesmo que envolva cortar partes do corpo de alguém com o Rook. Aliás, por favor, me avisa antes, pra eu me preparar mentalmente.

Ela gargalhou.

— Não acho que isso vá acontecer muito, mas, se rolar, prometo avisar. Quer relaxar aqui um pouco?

— Seria ótimo. Se importa se eu desenhar?

— De jeito nenhum. Nosso programa de crimes reais?

— Por favor!

Ela se acomodou na cama ao meu lado. Eu não tinha certeza se sabia de tudo que precisava, mas sentia que estava chegando mais perto.

VINTE E SETE

REGAN



MEU CELULAR APITOU PELA CENTÉSIMA VEZ, E, COMO TODAS AS OUTRAS vezes, abri a mensagem e fechei, ainda sem coragem de ler o que Rook tinha a dizer. Fazia dois dias desde que entrei na oficina e, embora eu não estivesse mais tão brava depois de conversar com Harper, ainda não sabia o que fazer em relação a Rook.

Mais um minuto se passou antes de o nome dele aparecer de novo — desta vez, uma ligação.

— Pode parar de me ligar, por favor? — falei entre os dentes. — Qual é o seu problema?

— Você — disse, a palavra arrastada. — Você é o meu problema. Você continua sendo o meu problema.

As palavras saíam de maneira trôpega, o que me fez hesitar antes de encerrar a chamada.

— Você tá bêbado?

— Um pouco.

— E por que tá me ligando?

— Porque eu quero que você venha aqui.

— Onde?

— Bar Hellfire.

— E se eu não for? — questionei, já sabendo que ele teria um plano se eu recusasse.

— Vou pegar minha moto no estacionamento e ir até aí, porque eles querem que eu saia daqui.

— Você não pode dirigir bêbado. E o que diabos você fez pra ser expulso do Hellfire? — perguntei.

O lugar era notoriamente problemático, e imaginei que seria necessária muita

coisa para ser expulso de lá.

— Posso e vou. E o dono tá bravo porque eu quero que ele pague a dívida dele comigo antes de eu pagar a minha com ele.

— Se eu for te buscar e levar pra casa, você vai parar de me ligar?

— Se eu lembrar de não ligar.

— Tá bem. Estarei aí em vinte minutos. Não se mexa.

Troquei minha roupa rapidamente para uma calça jeans e um moletom, peguei minhas chaves e saí da garagem, indo direto para o Hellfire. Eu sabia onde era, mas nunca tinha entrado.

Entrei esperando uma bagunça, mas era pior do que eu imaginava. A música estava alta demais, pessoas dançavam no meio do salão, garotas gritavam e caras puxavam elas para mais perto. As luzes baixas tornavam impossível enxergar com clareza, e aquilo estava começando a me deixar desconfortável. Eu não gostava de ir a lugares que não conhecia bem, e estar ali sozinha só piorava a situação. Vasculhei a multidão com os olhos, mas não vi o Rook em lugar nenhum. Precisei dar mais uma volta pelo bar até encontrar ele escondido em uma cabine no canto. Ele apoiava a cabeça com uma das mãos enquanto olhava para a pessoa à sua frente. Não consegui ver quem era enquanto me aproximava por trás; os encostos altos escondiam os dois completamente. Ele parecia um pouco entediado, e me perguntei se algum dos amigos dele tinha saído com ele. Quando contornei a cabine, o sangue sumiu do meu rosto ao ver uma mulher linda sentada bem na frente dele.

Ela estava produzida para conquistar qualquer homem que quisesse, e estava óbvio que ela queria o Rook.

Parei a poucos passos de distância, ouvindo Rook falar — as palavras ainda mais arrastadas do que pelo telefone. Três copos de uma dose vazios estavam à sua frente, e eu tinha certeza de que havia mais espalhados pelo bar.

— Como eu disse, já tenho uma garota. Não preciso de uma desconhecida pra me satisfazer — disse ele, o cabelo escuro caindo sobre a testa.

Não consegui segurar um riso.

— Você acha que eu sou sua? — perguntei, vendo sua atenção se voltar para mim. — Achei que isso tivesse acabado dias atrás.

— Regan — disse ele, se levantando e me beijando antes que eu pudesse impedir.

Mesmo bêbado, eu não me importei tanto, mas ainda estava um pouco irritada, o que não precisava mudar tão rápido assim.

— Vamos — falei. — Não tô com humor pra ficar aqui hoje. O carro tá lá fora.

— Ainda tá brava comigo? — perguntou, sem me dar tempo de responder. —

Você deveria estar. Eu tô usando você, linda. Não tem nada a ver com a Harper. Nem a conhecia até ela aparecer no seu quarto.

— E como exatamente você tá me usando, então?

Rook sorriu, ignorando a pergunta e jogando um braço sobre os meus ombros antes de olhar de volta para a mulher.

— Eu disse que tinha uma garota.

Tentei não rir do tom debochado, como se ele fosse colocar a língua para fora em seguida.

— Você não tem — falei, enquanto o puxava em direção à porta.

Percebi que a moto dele estaria lá fora e parei, pegando seu celular. Eu o fiz digitar a senha — que memorizei — e rapidamente procurei as mensagens dele com o Aiden.

ROOK

É a Regan. Ele tá bêbado, então vou levá-lo pra casa. Foi expulso do bar. Pode vir buscar a moto dele? Acho que não pode ficar aqui.

AIDEN

Que merda. Sim, estarei aí em vinte minutos. Pode ir embora quando precisar.

ROOK

Obrigada.

AIDEN

Precisa de ajuda? Soube que você não anda muito fã dele.

ROOK

Pode deixar. Pode ser que ele acorde com um olho roxo, mas tá tudo bem.

AIDEN

Dá logo dois socos.

Ele não fica bêbado com frequência, então vou pedir pra pegar leve com ele, mesmo que ele não mereça. Melhor não matar o cara desta vez.

ROOK

Vocês são os assassinos, não eu.

AIDEN

Você ficaria surpresa com como é fácil ser um assassino quando alguém ameaça algo importante. Não descarte a possibilidade. Me manda mensagem se precisar de ajuda.

Um cara esbarrou em mim, o ombro dele me empurrando contra Rook.

— Ei, qual é o seu problema? — gritou Rook. — Olha por onde anda!

Ele tentou se afastar de mim, mas eu o agarrei, puxando-o com força em direção à porta.

— Entra no carro, Rook — gritei, empurrando-o para a calçada em direção ao meu carro.

Ele obedeceu, enfiando-se no banco do passageiro e esperando enquanto eu corria até a porta do motorista. No segundo em que a porta se fechou, ele me puxou de novo.

— Minha garota — murmurou antes de morder meu pescoço.

Ele beijou e lambeu o caminho até minha orelha antes de descer de novo. Meu estômago se contraiu, e eu me inclinei para trás, dando mais acesso a ele.

— Chega — falei, recuperando o fôlego enquanto o empurrava de volta para o banco.

Ele se recostou com um suspiro, e eu revirei os olhos antes de engatar a marcha.

Quando cheguei à próxima quadra, ele já estava se inclinando de novo para o meu lado. Sua mão desceu, deslizando entre as minhas pernas enquanto eu tentava focar na direção.

— Eu tô dirigindo. Você precisa parar com isso.

— Você me apalpa enquanto tô pilotando a moto. Qual a diferença?

— A diferença é que eu não sei como você consegue manter a moto de pé. Eu, com certeza, não vou conseguir manter o carro reto — falei entre dentes, enquanto ele continuava.

— Você consegue, Rebel. Deixa eu continuar beijando você. Parece que já faz meses que não sinto seus lábios.

— Faz dias, Rook. Nem sequer uma semana.

— Ainda acho que foi tempo demais.

A casa não ficava longe, mas parei antes, pegando uma garrafa de água e um café para ele. Quando voltei para o carro, entreguei os dois.

— Aqui. Começa a beber agora, pra eu conseguir te levar pra dentro.

Dez minutos depois, estacionei na garagem anexa à casa e desliguei o carro. Rook se animou, já saindo cambaleando e vindo até mim. Suas mãos me pegaram pela cintura, me levantando enquanto me beijava.

— Não sei o quão bêbado você tá, mas me pegar no colo não parece uma grande ideia.

— Então me leva pra cama, ou eu me deito aqui mesmo.

— Vou te levar pra cama, porque tô achando que, se eu esperar, não vou conseguir.

Subi as escadas com ele, suas mãos e sua boca no meu pescoço o tempo todo, o que não ajudava a manter o equilíbrio.

— Senti sua falta pra caralho — murmurou ele sobre a minha pele. — Pensei em você a cada segundo nesses dois dias.

— Você tava me *stalkeando*, Rook. Nem deu tempo de sentir saudade.

— Observar você pela janela, a cem metros de distância, não é a mesma coisa que isso — disse, virando-se para me beijar, fazendo-me parar no meio do caminho. — Eu ajudei Harper porque ela é sua amiga e pediu ajuda. Aquele cara tava mexendo com ela, e, pelo que imaginamos, pretendia fazer algo ainda pior.

— Eu sei, Rook, não tô brava. Você ajudou ela. Foi até gentil da sua parte. Harper me explicou tudo logo depois.

— Então por que *caralhos* você não me respondeu mais?

— Eu só precisava… de um tempo.

— Tempo pra quê?

— Pra descobrir o que fazer com você.

Os olhos dele clarearam por um segundo.

— Você vai me odiar, Rebel. Me odiar por usar você, por tirar coisas de você.

— Por quê? O que você tiraria?

O sorriso bêbado voltou ao rosto dele enquanto ele se desequilibrava contra mim.

— Tô tentando arruinar sua vida, e vou conseguir. Agora me puna por isso. Me destrua. Me faça parar.

— Rook, do que você tá falando? Você não arruinou minha vida. O negócio com a Harper foi meio chocante, mas não acabou com a minha vida. Nem tô tão brava assim.

— Mas você deveria me odiar — repetiu.

Ele tirou a camisa primeiro, depois tentou sem muito sucesso tirar a calça e os sapatos.

— Quer que eu te leve pra casa?

Ele olhou em volta do quarto, confuso, antes de me encarar:

— Eu não tô em casa?

— Não. Você tá no meu quarto.

Ele deu de ombros e caiu de costas na cama.

— Aqui pode ser a minha casa agora.

— Não, não pode. Posso te levar pra sua casa.

Ele ficou quieto. E eu percebi que não conseguiria levantá-lo de novo tão cedo.

Troquei de roupa rapidamente para shorts e uma camiseta, deitando-me ao lado dele. Não fiquei surpresa quando ele me puxou para mais perto. Sua mão deslizou pela minha pele, sob o cós do meu shorts.

— Você tá bêbado, Rook. A gente não pode fazer isso.

— Pode, sim — rosnou. — Usa meu corpo, tem minha permissão. Eu mal mereço ser usado assim. Não mereço nem gozar. Por favor, pode me foder, me machucar.

Ele me puxou para cima dele, deitando-se de costas e levando meus pulsos até seu pescoço. E disse:

— Eu preciso de você.

— Para — falei, puxando as minhas mãos. — Você não manda aqui. Se quer que eu puna você por ser uma pessoa terrível, a decisão não é sua.

Ele soltou as mãos, deixando-as no colchão acima da cabeça.

— Tudo bem. Você é quem manda.

— Você vai abrir mão do controle assim tão fácil?

— Por você? Sim. Só por você. Eu me ajoelharia aos seus pés, Regan. Você sempre teve o controle.

Ele gemeu e empurrou os quadris para cima, me erguendo com ele. Eu gritei de susto, mas logo relaxei ao sentir o quão duro ele estava.

— Isso é por mim?

— É — disse, a voz rouca. — Só por você.

— Esse pau é meu, não é? Foi isso que você disse para aquela mulher no bar.

Que ele pertence a mim e a mais ninguém.

— Sim. Então me deixa enterrar em você.

— Não posso. Você disse que não presta. Que me usou. Que vai arruinar minha vida. É verdade?

— É — gemeu, tentando me puxar para si.

— E se eu disser pra você não fazer isso?

Ele hesitou, os maxilares travados.

— Talvez eu ainda assim precise fazer.

Peguei as algemas de pelúcia que Harper tinha me dado de brincadeira. Achei ridículo na época, mas agora… talvez devesse agradecer a ela.

Prendi uma ponta na cabeceira e outra no pulso dele. Seus olhos se arregalaram, lutando contra as algemas por um segundo antes de sorrir.

— E agora? Devo confiar que você não vai me matar?

— Sim.

— Não gosto muito disso.

— Eu gosto — respondi, sorrindo enquanto me inclinava para beijá-lo.

Ele tentou me alcançar, mas a algema não deixou.

— Você tem certeza disso, Rook? — perguntei.

— Como nunca tive de nada. Tudo seu. Tudo o que você quiser. Eu sou seu, Rebel. Não deveria ser, mas sou.

Eu me posicionei sobre ele, deixando seu membro deslizar em mim. Ele gemeu, erguendo os quadris.

— Por favor, Rebel.

— Talvez eu devesse usar aquele brinquedo que você me deu e só fazer você assistir.

Ele riu, o som mais claro agora, mas eu sabia que ainda estava um pouco bêbado.

— Acho que tô condenado a ficar preso entre amar quando você toma o controle feito uma rainha e querer deixar sua bunda vermelha por tentar me dar ordens.

— Eu ainda tô brava com você, portanto, eu é que mando. E você não vai gozar até eu deixar, Rook.

Eu desci, fazendo-o me penetrar devagar, enquanto meu corpo se ajustava ao tamanho dele. As mãos dele lutavam contra as algemas, desesperadas para me tocar. Passei minhas mãos pelo corpo dele, apreciando cada cicatriz, tatuagem e músculo.

— Eu gosto disso. De tudo isso — disse, subindo de volta até seu peito.

— Não precisa mentir. Eu vou fazer você gozar de qualquer jeito.

— Eu não tô mentindo. Eu gosto mesmo.

Ele se contorceu sob mim, os quadris subindo em uma tentativa desesperada de assumir o controle. Mas eu estava no comando, e saborear sua submissão era doce. Aumentei o ritmo, meus quadris se movendo mais rápido e mais forte. Sua respiração ficou entrecortada, os músculos das coxas tensos enquanto ele tentava acompanhar meus movimentos.

— Você é tão linda — grunhiu, a voz rouca de desejo.

Suas palavras só atiçaram mais minha vontade, me fazendo rebolar contra ele, provocá-lo em cada investida lenta e calculada.

Ele arfava, tentando puxar os quadris para escapar, mas eu me movia com calma, me afastando e descendo de novo devagar.

— Ah, caralho. Se continuar assim, eu vou gozar — disse.

— Você não tem permissão.

Ele quase choramingou, tentando afastar o quadril, tentando resistir. Eu me movi mais rápido, montando nele com mais força.

— Regan, por favor. Eu não consigo segurar se você continuar.

— Você tem que conseguir.

Inclinei-me, os seios roçando contra o peito dele.

— Você não pode gozar, Rook. Não até eu mandar.

Ele puxou com força, quebrando as algemas e me virando de costas para a cama.

Segurou meus quadris e enterrou-se fundo dentro de mim com um gemido rouco.

O impacto da força dele me deixou faminta por mais, e eu levei a mão até seu pescoço.

— Você só goza quando eu disser.

— Porra, linda, por favor — implorou, sem parar de se mover.

— Me faz gozar primeiro. Aí você pode — falei, enquanto ele enterrava a cabeça no meu ombro.

Ele me levantou de novo com um rosnado baixo e me atingiu com mais força; cada investida enviava uma sacudida de prazer por todo o meu corpo. Ele me preenchia completamente e, então, se abaixou, encontrando meu clitóris sensível e movendo os dedos em círculos ao redor dele.

Meu corpo inteiro se contraiu antes de eu finalmente gozar. Minhas unhas cravaram nas costas dele enquanto eu o segurava, perdendo o fôlego enquanto estrelas explodiam diante dos meus olhos. Eu me arqueei, querendo mais, enquanto o ritmo dele acelerava de novo.

— Vamos — disse ele, me levantando da cama logo depois. — Tô com uma ressaca horrível, pronta para me matar, e acabei de ter o melhor sexo da minha vida. Preciso me limpar e apagar.

Eu ri, deslizando meus braços em volta do pescoço dele enquanto ele me carregava para o chuveiro. Rook ligou a água, deixando que aquecesse antes de entrarmos, ainda me segurando. A água lavou nossos corpos assim que ele me colocou no chão.

— Obrigado por ter ido me buscar — disse ele. — Não lembro de já ter ligado pra uma mulher pra pedir resgate, mas talvez eu tenha que fazer isso com mais frequência.

Ele sorriu e me beijou antes de passar os minutos seguintes nos limpando. Logo, ele estava me carregando de volta para a cama, e eu não tinha certeza se já tinha me sentido tão em paz.



A luz da manhã invadia o quarto enquanto eu permanecia na cama, com Rook dormindo ao meu lado. Peguei o tablet e continuei trabalhando em um dos meus desenhos enquanto ele dormia. Era bom fazer o que eu sempre fazia, mas agora com o conforto de não estar sozinha.

Uma hora se passou até Rook rolar para o meu lado, gemendo ao levantar a cabeça com os olhos ainda pesados de sono.

— Regan?

— Sim?

— Graças a Deus — disse ele, deixando a cabeça cair novamente no travesseiro.

— Vou supor que você não se lembra de nada?

— Eu me lembro de tudo, mas tava bem preocupado que você fosse do tipo que não perdoa, então achei que talvez tivesse só imaginado que era você.

— Você pensou que tinha ido pra casa com outra garota e apenas imaginado que era eu?

— Era uma possibilidade, sim.

— Por quê?

Ele rolou, jogando um braço sobre mim e se aninhando ao meu lado.

— Não gostaria de ter ido pra casa com mais ninguém — murmurou.

— De novo: por quê?

— Você acha que eu não seria leal?

— Você nem teria obrigação de ser, já que eu não tava falando com você.

— Não é algo que me interesse — disse ele, virando-se para me encarar.

Ele lançou um olhar para o tablet na minha mão. Sua sobrancelha arqueou, e ele tentou pegar o aparelho antes que eu pudesse impedi-lo.

A imagem era de uma pilha de caveiras formando o tronco de uma árvore, de onde brotavam galhos cobertos de flores de um rosa brilhante.

— Você faz desenhos bem sombrios pra uma garota que ama coisas coloridas. Muito mórbido. Eu adorei — disse ele, soando genuíno.

— Gostou?

— Claro que sim. Eu tatuaria isso em mim.

— Você não faria isso.

— Faria — disse, olhando de novo para o desenho. — Farei.

— Nem pensa nisso — falei, virando o tablet de volta para mim.

— Não preciso pensar. Já decidi. Que horas são?

— Por volta das oito. Mandei mensagem pro Aiden dizendo que talvez você se atrasasse um pouco.

Ele gemeu ao se virar, olhando para o teto.

— Tirei uma noite de folga e desperdicei metade dela num bar em vez de aqui na cama com você. Que estupidez.

— Eu não diria que foi totalmente desperdiçada nesta cama. Nós passamos bastante tempo aqui.

Ele sorriu, rolando até me deixar sob seu corpo.

— Isso é bem verdade. Se eu sair pra trabalhar, posso voltar aqui hoje à noite?

— Ou eu poderia ir até sua casa.

Seu rosto se fechou, e ele franziu os lábios.

— Não dá. Pelo menos, não agora.

— Por quê?

Meu estômago se apertou, a ansiedade por tudo que ele escondia começando a me dominar.

— Não é por nenhum dos motivos horríveis que você tá imaginando. Só não dá agora. Talvez em uma semana ou duas. — Seus dedos afastaram meu cabelo, mas o gesto não teve o efeito calmante que eu esperava.

— Ah — disse, me afastando. — Entendi.

— Não pensa besteira. Não tem nada a ver com você e tudo a ver com alguns problemas que estamos resolvendo lá.

— Mas vou poder ir em breve?

— Sim, vai. Hoje eu preciso ir pra oficina e depois… tenho alguns trabalhos esta noite. Então, vou voltar aqui tarde.

— Tudo bem. Você sabe como entrar. Talvez eu já esteja dormindo.

— Sim, eu sei como invadir — disse ele, com um sorriso. — Me manda mensagem, Rebel. Vejo você mais tarde.

A porta do quarto se fechou atrás dele, e eu suspirei, me recostando nos travesseiros. Ainda tinha muitas perguntas, mas já sabia que tinha perdoado

Rook. Perdoando ou não, eu já sabia que estar com ele só complicaria ainda mais a minha vida dali em diante.

VINTE E OITO

REGAN



CAMINHEI ATÉ A PARTE DE TRÁS DA OFICINA DOIS DIAS DEPOIS, SORRINDO quando Rook se virou para me olhar, suas sobrancelhas se arqueando.

— Não esperava te ver aqui. Me *stalkeando* de novo? — perguntou, se inclinando para me beijar.

— Não. Eu não vim pra ver você.

Ele franziu a testa, olhando ao redor para os outros caras.

— Que porra isso quer dizer, ainda mais vestida desse jeito? Quem você veio ver?

— Você tá dizendo que tô feia? — perguntei, olhando para o meu vestido novo.

A mão dele deslizou pelo meu quadril, puxando-me para mais perto.

— Você tá linda. Tão linda que eu vou ficar com ciúme se for pra outro homem.

— É pra mim mesma, não pra um homem.

Evie saiu correndo da frente da oficina, indo direto na nossa direção. Ela empurrou Rook para o lado, fazendo-o cambalear.

— Vamos logo, fiquei presa aqui o dia todo e preciso de uma pausa — disse ela, sorrindo enquanto caminhava para a porta.

Rook segurou meu braço, me puxando com força contra o peito dele.

— Você vai sair com a Evie?

— Sim. Vamos buscar a Harper e sair.

— Pra onde?

Dei de ombros, e ele franziu ainda mais a testa.

— Não sei, vamos rodar pela cidade.

— Mas por onde, exatamente?

— Ainda não decidimos.

— Tudo bem, não me conta. Posso rastrear o celular da Evie, de qualquer jeito.

— Isso é muito perverso — disse, olhando para ele.

Ele sorriu, o azul brilhante dos olhos parecendo ainda mais nítido agora.

— Todos estamos configurados no computador da Evie, pra podermos ver a localização uns dos outros, se necessário.

— Bom, não é necessário. Nós só vamos sair pra tomar um drinque, talvez dançar e curtir. Nada perigoso nem mortal — falei, olhando além dele para as motos e caixas de ferramentas, que pareciam guardar mais do que apenas ferramentas de mecânico. — Diferentemente de vocês.

As mãos dele seguraram o meu queixo, me obrigando a olhar para cima.

— Eu definitivamente não sou o lado perigoso da história esta noite. Você tá saindo com a Evie, então, sim, haverá problemas. Me manda mensagem se precisar de qualquer coisa. *Qualquer* coisa, Rebel.

— Acho que não vou precisar de ajuda com nada hoje. Quem sabe até conheço alguém novo? Evie parece ter talento pra atrair pessoas divertidas — falei, sorrindo só para provocá-lo ainda mais.

O sorriso de Rook se torceu num jeito malicioso, seus olhos ficando pesados.

— Acho que você tá insinuando que pode conhecer outro cara. Talvez levá-lo pra casa? Engraçado, se você realmente acha que eu o deixaria passar da porta, que dirá chegar a um quarto.

— Você não poderia me impedir se fosse isso que eu quisesse.

— Impedir você? Não, linda, você é uma maldita rainha perto de mim. Eu não posso e nem vou te impedir. — Ele sorriu, me puxando para mais perto ainda, os nossos lábios quase se tocando. — Mas eu impediria o cara. E você não ia querer nem o beijar, muito menos fazer qualquer outra coisa, quando eu arrancasse a garganta dele e deixasse em cima do seu travesseiro. Muito sangue, pouco fôlego.

— Rook — avisei, fazendo uma careta.

Um rosnado baixo escapou dele quando enfim se inclinou e se aproximou para me beijar.

— Eu amo quando você fala o meu nome desse jeito. Como se quisesse enfiar as mãos na minha garganta.

— Talvez eu queira — sussurrei, beijando-o de novo.

— Ai, meu Deus, vocês dois — gemeu Evie. — Podem se apressar pra irmos logo? Vocês podem literalmente ir pro quarto depois.

— Vou invadir o seu quarto depois — disse ele.

— Vou gostar disso. Na verdade — falei, me inclinando ainda mais —, tem

algo que preciso conversar com você. Uma coisa para a qual talvez eu precise da sua ajuda.

Por horas, procurei informações sobre os registros que encontrei escondidos na mesa do meu pai, mas não achei uma única pista. Se eram relacionados a embarques de navios, eu não sei. Pesquisar sobre tarifas de empresas de segurança também não me disse nada sobre o tipo de serviço de alto nível que meu pai parece prestar. Minha última esperança era que Rook pudesse ter alguma informação — e que estivesse disposto a compartilhar.

Ele afastou meu cabelo, observando meu rosto.

— Qualquer coisa de que você precisar. Quer falar sobre isso agora?

Evie fez uma careta e me puxou pela mão, afastando-me dele.

— É noite das garotas, Rook. Ela pode falar depois.

— Tudo bem, mas você sabe onde nos encontrar se precisar — disse ele, beijando-me de novo antes que eu me afastasse para ir até o carro que nos esperava na frente.

Evie deslizou para o banco de trás, olhando para o motorista.

— Me sinto tão chique. Um motorista em um carro, não numa moto? Sou uma princesa hoje.

Ri enquanto seguíamos para buscar a Harper.

— Pode ser uma mudança agradável. Surpreendentemente, eu não fico mais com medo de andar de moto.

— Por causa da moto ou do motoqueiro? — perguntou ela, rindo.

— É estranho eu falar disso, já que ele é seu irmão?

— Eu não ligo. Acho fofo que ele tenha alguém de quem goste, mas, pelo amor de Deus, não me conta detalhes.

— Ele não tem muita gente de quem goste por perto?

— Nem um pouco. Ele gosta de trabalhar, de trabalhar e de andar de moto. Só isso ultimamente. Passa mais tempo cuidando da gente do que fazendo qualquer coisa por si. É protetor ao extremo. Juro que ele mal dorme.

— Por isso ele sempre parece que tá prestes a desmaiar? — perguntei, tentando não rir.

— É. Eles têm trabalhado tanto que ele dorme algumas horas aqui e ali. Você viu as cicatrizes dele?

— Vi, ele me mostrou.

— Então dá pra entender por que dói tanto. Acho que ele acaba trabalhando mais porque não consegue dormir com a dor. Mas ele nunca reclama.

Fiquei em silêncio enquanto Harper entrava no carro, e as duas começaram a terminar uma conversa que já tinham começado por mensagem.

Eu não entendia o Rook. Parecia ser violento, mas eu podia entender o que

Evie queria dizer quando falava que ele era protetor. Ele definitivamente não queria deixar nada acontecer comigo.

Assim que chegamos ao bar, o motorista nos deixou na porta, e fomos recebidas pelos seguranças que, após uma rápida olhada, nos deixaram entrar.

— Amo sair com vocês — disse Evie. — Têm ideia dos olhares que recebo quando tô cercada pelos caras? Nenhum homem se aproxima.

— Isso significa que você não teve muitos namorados? — perguntou Harper.

— Não, não mesmo. Já tive vários encontros. Teve até um cara com quem comecei a sair, mas aí Rook e Aiden deixaram bem claro que não era pra continuar.

— Por quê?

— Misturei negócios com prazer, digamos assim, e isso começou a atrapalhar. Tive que terminar. Nem sei se ele era mesmo um namorado.

— Sinto muito — disse, entrelaçando meu braço no dela. — Isso é horrível.

— Tudo bem. Nem acho que preciso de um namorado mesmo, né? Que diferença faz?

As luzes neon iluminavam nossos rostos enquanto saímos do corredor e entramos no salão principal.

— Tudo bem. Hoje é pra esquecer os problemas — declarou Evie, entrelaçando os braços com Harper. — Vamos dançar, beber e nos divertir!

O lugar estava lotado, a música alta vibrando pelo meu corpo. Eu já tinha ido a uma casa noturna como aquela antes e sabia que não era o meu lugar, mas, com Harper e Evie, a noite já era muito melhor. Fomos nos enfiando pela multidão e achamos um espaço no bar antes de pedir nossas bebidas.

— A uma noite de diversão pra esquecer de tudo — brindou Harper, erguendo o copo.

Dei um longo gole, saboreando a doçura da bebida. Era bom estar ali, desviar o pensamento das preocupações com meu pai, com a empresa ou até mesmo com o Rook. Era apenas eu, minhas amigas e a noite.

Levou menos de cinco minutos para Evie nos arrastar para a pista de dança. Fiquei junto com elas, dançando sem parar enquanto a música pulsava no chão sob nossos pés. Meu coração acelerava cada vez que algum cara tentava se aproximar, e comecei a me perguntar quão “comprometida” eu realmente estava. Eu sabia que Rook não ia gostar se me visse dançando com outro homem, mas também… nunca tínhamos definido nada oficialmente.

Como se meus pensamentos fossem um convite, um cara se aproximou, passando o braço pela minha cintura e tentando me puxar para o meio da pista.

— E aí, gata — disse ele, sua boca tão próxima do meu ouvido que senti seu hálito quente.

Tentei me afastar, mas ele apertou ainda mais o braço ao meu redor, me arrastando para longe da pista principal.

— O que você tá fazendo? Me solta! — gritei, empurrando a mão dele.

Ele me virou de frente para ele, e foi então que consegui ver melhor seu rosto. Cabelos penteados para trás, camisa aberta no colarinho. Ele parecia qualquer outro cara daquele clube, mas havia algo nele… algo errado.

— Você precisa me soltar — repeti, empurrando-o com mais força.

— Ou, o quê? Não vi seu namorado por aqui hoje.

Meu coração disparou no peito. Eu precisava pensar rápido. Se ele achava que eu estava sozinha…

— Eu não tenho namorado — disse, tentando soar firme.

— Não? Então eu devo ter me confundido quando vi você beijando o Rook na oficina. Bem fofo, aliás. Ouvi dizer que você gosta da… moto dele — falou, sorrindo de um jeito nojento. — Quem sabe eu também te leve pra dar uma volta?

— Sem chance — eu disse, com o impulso de recuar. O fato de ele saber que eu estava com o Rook fez meu sangue gelar; percebi que aquilo era muito mais do que um cara insistente dando em cima de mim em um bar. Meus olhos dispararam ao redor, procurando qualquer sinal da Evie ou da Harper, mas não vi nenhuma das duas. Eu nunca gostei de confronto, nem em um dia comum. A agressividade das pessoas sempre me deixava desconfortável o suficiente para me fazer fugir, mas eu não queria mais ser aquela pessoa. Eu não podia mais ser ela.

Eu precisava do Rook ali, mas não podia agir como se fosse impotente. Continuei saindo com ele mesmo sabendo o tipo de problema que vinha no pacote. Podia fugir deles e, consequentemente, fugir do Rook também. Ou eu podia lidar com a situação, mesmo que isso significasse pedir ajuda.

O cara se aproximou, passando o braço pela minha cintura para me puxar. Ele sussurrou algo, mas a música abafou as palavras.

O pânico subiu pela minha garganta e peguei o celular. A única maneira de conseguir olhar para a tela, porém, era envolvendo meus braços ao redor do sujeito, fingindo um abraço para que eu tivesse espaço e assim encontrasse o nome do Rook.

O FaceTime conectou e o rosto sorridente do Rook encheu a tela, um segundo antes de ele perceber o que estava acontecendo.

“Socorro”, articulei sem som.

Ele ficou sério. Seus olhos se estreitaram enquanto ele caminhava em direção à sua caixa de ferramentas, comigo ainda na tela do telefone.

Mudei rapidamente para o FaceTime, e enviei uma mensagem, já que o cara

parecia mesmo acreditar que estávamos dançando.

— Meu nome é Victor — gritou ele por causa da música, o braço apertando ainda mais a minha cintura.

REGAN

Ele sabe que tô com você.

ROOK

Morto.

Dá um chute nele e acha a Evie. Agora.

Voltei para o FaceTime e vi que ele já estava na moto. O Rook encaixou o celular no suporte antes de colocar o capacete, sem desligar a chamada nem por um segundo. O cara parou, agarrando meu pulso com força, e eu usei minha outra mão para enfiar o telefone no bolso de qualquer jeito.

Eu o chutei. Meu joelho acertou em cheio alguma coisa, mas ele só segurou meu braço com ainda mais força.

— Sua maldita. A gente sabia que vocês iam dar trabalho.

— *Vocês?*

— Vocês, meninas. Subam, agora.

Antes que eu pudesse protestar, ele me arrastou pela multidão. Quando finalmente chegamos a um lance de escadas, vi a Evie e a Harper sendo levadas à força por outros dois homens. Nós três fomos obrigadas a subir uma escada estreita; o barulho da música e o brilho das luzes do clube iam ficando para trás conforme a gente era empurrada para um escritório nos fundos.

O cômodo era mal iluminado, cheio de móveis caros e com uma janela enorme que dava vista para a pista de dança lá embaixo. Os homens jogaram a gente para dentro e fecharam a porta, ficando de guarda com caras de poucos amigos.

Meu coração batia forte e eu tentava respirar fundo para não perder o controle. Olhei para a Evie e para a Harper; as duas pareciam mais irritadas do que qualquer outra coisa.

— Eu já liguei pro Rook — sussurrei.

— Eles já tão vindo. — Evie sorriu para os caras que nos seguravam, um sorriso que não tinha nada de amigável. — Ah, vocês tão muito fodidos.

Um homem mais velho entrou na sala e o sorriso da Evie sumiu, dando lugar a uma carranca.

— Cross? — disse ela, dando um passo para trás. — Por que você prendeu a gente aqui?

— Você conhece esses caras? — perguntou Harper, confusa.

Evie deu um sorriso tenso, inclinando o corpo na nossa direção para falar baixo.

— O cara com quem eu meio que saí, aquele que misturava negócios e prazer, era o Asher. Ele é concorrente desse cara aí, então eu acabei sabendo tudo sobre eles.

— Concorrentes em quê? — perguntei.

— Os dois são traficantes em Valeport e se odeiam — respondeu ela, revirando os olhos. — O Cross odeia a gente.

— Eu odeio você — interrompeu Cross, a voz ríspida. — Porque você ficou do lado do Asher quando não devia.

— Sei lá. Acho que funcionou bem pra gente.

— Pera — eu disse, surpresa por estar conseguindo abrir a boca. — O que a gente tem a ver com isso?

— Preciso que os seus caras investiguem o roubo da minha mercadoria, e eles não tão me atendendo — explicou Cross, sem conseguir nos olhar.

— Então se toca — disse Evie. — Eles não querem falar com você e muito menos trabalhar pra você. Você é um dedo-duro e um porco.

— Eles não têm muita escolha agora, têm? Vão ter que vir buscar vocês, e aí a gente conversa.

— O Asher também não vai gostar nada disso — murmurou Evie.

— Foda-se o Asher. — Cross se sentou, encarando a gente.

— Posso gravar você falando isso? — perguntou ela. — Só pra manter ele informado depois.

— O Asher que vá pro inferno. Todo mundo tá com carregamentos sumindo, menos ele. Dá pra entender por que ele tá subindo rápido pro topo da minha lista de suspeitos.

— Como se ele quisesse as suas drogas de merda — rebateu ela.

— Você não devia… sei lá, ficar quieta? — sussurrei para a Evie, sentindo o clima pesar.

Ela revirou os olhos de novo.

— Sério, não se preocupa com isso. Ele não pode matar a gente. Ele quer que os caras ajudem a descobrir o que tá acontecendo, e ninguém tem os contatos que a gente tem. O Rook e o Aiden tão vasculhando essa cidade atrás de informação faz quase dez anos. Eles sabem exatamente onde tão os carregamentos, e ele sabe disso. Se a gente morrer, ele morre sem saber de nada. Certo, Cross?

Os lábios dele se repuxaram no que imaginei que deveria ser um sorriso.

— Isto aqui é só uma reunião amigável — disse Cross.

Tentei soltar meu braço, que o Victor ainda segurava com força.

— Então tira as mãos de mim — eu disse, puxando meu braço de novo.

Rook entrou na sala, examinando tudo num relance. Os olhos dele pousaram em mim, passaram rápido pela Evie e pela Harper, e voltaram para mim. Aiden, Mason, Hero e Zack vinham logo atrás. Zack e Mason se viraram de costas, guardando a porta por onde entraram, enquanto os outros encaravam todos na sala.

Rook sacou a arma, apontou com a mão firme e puxou o gatilho sem dizer uma única palavra.

Victor caiu. O sangue espirrou na lateral do meu vestido conforme o corpo dele atingia o chão. Apertei os lábios com força, sufocando um grito e a bile que subia pela minha garganta.

— Rook! — gritou Cross.

— Vou continuar atirando até vocês tirarem as mãos delas — avisou Rook.

Os homens soltaram a Evie e a Harper na mesma hora. Como se não desse a mínima para o que estava acontecendo, a Evie se afastou deles e cruzou a sala para ficar ao lado do Aiden e do Rook. Eu a segui, e a Harper ainda zombou do Cross enquanto caminhávamos até os meninos. O braço do Rook serpenteou pela minha cintura, me puxando com força contra ele antes de me empurrar para trás de si, me protegendo com o corpo.

— Você tem sorte de eu não te matar aqui mesmo — disse Rook. — Se você achou por um maldito segundo que isso ia te ajudar a conseguir nossa ajuda, você é um idiota. Eu sei exatamente o que você tá fazendo e não dou a mínima se os seus carregamentos sumirem.

— Rook, eu preciso de ajuda. Procuramos em todo lugar, perguntamos pra todo mundo, e ninguém sabe de nada.

— E eu vou garantir que continue assim. Você acha que pode mexer com elas e depois me pedir pra fazer seu trabalho sujo? Vai se foder. A única razão pra eu não te matar agora é pra não começar uma guerra. Mas faz uma merda dessas de novo e eu não vou pensar nas consequências.

Cross fez menção de se levantar, mas Hero ergueu a arma com um sorriso no rosto. Rook se virou para nós, acenando com a cabeça em direção à porta.

— Vão. Pra fora da sala. Fiquem com o Zack, o Kane e o Mason.

Eu segurei o braço dele, tentando puxá-lo de volta.

— Rook, eu…

— Eu já tô indo. Só vai.

Zack passou o braço pelos meus ombros, sorrindo enquanto a gente saía.

— O que ele vai fazer? — perguntei.

Evie caminhou ao meu lado, pegou a mão do Zack e a tirou do meu ombro até ele soltar.

— Não precisa encostar nela, Zack.

Ele revirou os olhos.

— Eu só tava levando ela pra fora, sem segundas intenções.

— Perto demais.

Evie entrelaçou o braço no meu de novo, com a Harper do outro lado.

— Eu mesma posso levar ela pra fora.

— Sério? — retrucou Zack. — Vocês três conseguiram ser sequestradas praticamente ao mesmo tempo.

Mason vinha logo atrás de nós.

— Só leva elas pra fora, Zack. Não precisa irritar mais ninguém esta noite.

Eu dei um sorriso grato para o Mason, mas olhei por cima do ombro mais uma vez.

— Eles não vão matar ele, se é isso que tá te preocupando — disse ele, lendo meus pensamentos.

— Eu tava mais preocupada com a chance de eles se machucarem.

Mason sorriu enquanto a gente caminhava para a saída.

— Eles não vão. Você quer ir na moto ou no carro?

— Eu não tenho capacete — respondi, já indo em direção ao carro.

Mason apontou para a moto do Rook; o meu capacete estava em cima do banco.

— Ah.

Fui até lá e vi que ele o tinha deixado amarrado na parte de trás. Não demorou nem um minuto para o Rook aparecer.

— Vai comigo? — perguntou ele, sem nem parar enquanto subia na moto.

— Se você não se importar.

— Eu prefiro. Vamos, o Kane vai levar a Harper pra casa em segurança.

Subi na garupa, e um alívio imenso tomou conta de mim no momento em que o abracei.

— Sabe, você pode até não ter problemas com mais ninguém, mas agora você tem um problema comigo — eu disse, perto do ouvido dele.

Ele soltou um gemido baixo.

— Tudo bem, Rebel. Deixa eu te levar pra casa e depois você acaba comigo. Vou aceitar minha punição de braços abertos.

Eu o apertei com mais força e não disse mais uma única palavra pelo restante da viagem.

VINTE E NOVE

ROOK



ELA SUBIU AS ESCADAS PISANDO FIRME ENQUANTO EU BATIA A PORTA ATRÁS de mim.

— Eu só queria sair por uma noite. Uma única noite, e alguém tenta me matar?

— Eu disse que iria até você, caso algo acontecesse.

— Achei que você estivesse falando de algum cara dando em cima de mim ou algo assim. Não achei que fosse no caso de você precisar atirar em alguém.

— Posso ser mais claro da próxima vez — respondi, tentando conter a risada.

— Próxima vez? Você acha que vai ter uma próxima vez? Acha normal eu não poder ter uma única noite entre amigas sem você por perto pra garantir que eu não morra?

— Não precisa ser eu, se quiser um descanso de todo esse meu charme. O Zack pode ir. Ou o Mason. Ele gosta de sair de vez em quando. Eu ofereceria Hero, mas ele começaria uma briga de propósito se nada acontecesse. Aiden já tá a um passo de ser segurança em tempo integral da Evie, então ele ia gostar de tirar uma folga.

— Você acha isso engraçado? Meu vestido tá coberto de sangue de um cara qualquer. Devo pagar pra lavar a seco? Ou esfregar com as próprias mãos?

Não faltava dinheiro naquele quarto, muito menos naquela casa, mas mesmo assim eu sorri.

— Eu pago a lavagem a seco do seu vestido. Ou compro um novo. Só queria acrescentar que fui lá pra te salvar. Às vezes, a coisa acaba em bagunça.

— Bagunça? — quase gritou, mas logo fechou a boca, soltando um grito abafado contra os lábios selados. — Você é maluco.

— Você já disse isso — respondi, me sentando na cama.

Ela sumiu no banheiro. Ouvi o chuveiro ligar e esperei.

— Precisa de ajuda aí dentro? — gritei.

— Se você der um passo sequer nesse banheiro, Rook, eu corto você.

— Com o quê?

— Ah, um homem idiota deixou uma faca enorme no meu quarto depois de tentar me matar com ela, e eu fiquei tão perturbada que a escondi. Dá pra pegar daqui. Nem tenta.

— Você colocou perto o suficiente pra alcançar do chuveiro? Escolha interessante. Tá ficando boa nessa coisa de ameaçar, Rebel. Daqui a pouco vai comandar um império, fazendo homens tremerem só de ouvir o seu nome.

Quando ela voltou pisando forte, meu peito apertou. Ela ainda estava brava, mas agora estava molhada, enrolada em uma toalha, e mais linda do que nunca.

— Não seja condescendente.

Ergui as mãos.

— Não tô sendo.

Eu gostava quando ela ficava brava. Gostava de ver a mulher selvagem que ela escondia do mundo e mostrava só para mim. Mas eu sentia que aquilo não seria exclusividade minha por muito mais tempo. Ela nasceu para estar no comando, e eu não achava que o temperamento dela ia ficar guardado entre essas quatro paredes quando ela percebesse que podia deixá-lo sair. Ela parecia confortável comigo, sem medo de me encarar e dizer exatamente por que estava furiosa.

Eu estava no quarto da Rebel, e ela se sentia à vontade o suficiente para tomar banho e se preparar para dormir comigo ali. Era algo tão doméstico e, vindo dela, eu adorava. Eu queria a minha mulher comigo todas as noites, me contando sobre o próprio dia ou perguntando sobre o meu. Eu queria alguém que estivesse ao meu lado e me ajudasse a comandar o nosso mundo. E eu sabia que isso ia incluir levar uns *esporros* dela de vez em quando.

— Eu te chamei pra me ajudar. Não resolvi tudo sozinha — disse ela, a tristeza na voz me incomodando.

— E? — perguntei, me aproximando. Levei a mão até seu queixo, acariciando-o. — Você é uma rainha. E, como toda rainha, não precisa lutar suas batalhas sozinha. Você tem um exército inteiro atrás de você. Talvez não muito grande, mas prometo que resolvemos qualquer problema que você tenha com qualquer um.

— E eu devo simplesmente confiar que você sempre vai aparecer?

— Podemos te ensinar a se defender. Ou você pode aprender a atirar. O que quiser, mas eu sempre vou aparecer. Você sempre pode contar com isso.

O rosto dela se fechou, e ela desviou o olhar.

— É nisso que eu devo confiar? Que você quer mesmo me proteger? Ou sua

solução vai ser me pedir pra não ir a lugar nenhum, nem fazer nada, pra minha segurança? Vou ter alguma voz nas decisões? Ou você vai dizer que sabe mais e dar a palavra final?

— Nunca. Isso não é uma opção pra mim. Sabia que meu nome vem do inglês e significa *torre*? E sabe o que uma torre faz no xadrez?

Ela balançou a cabeça, e eu a envolvi com os braços.

— Ela protege a rainha. Não pode derrubar, nem vencer ela; só pode proteger. Se você quiser ser a rainha de tudo, eu vou derrubar qualquer um que estiver no seu caminho. Não vou te impedir, nem te trancar. E, sim, vou matar com prazer qualquer um que te incomodar.

Ela deu um sorriso triste.

— Você atirou naquele cara.

— Atirei, sim, e adorei ver as mãos dele caírem de cima de você — respondi, beijando seu pescoço enquanto puxava a toalha. — Adorei o momento em que ele caiu, o instante em que as mãos dele pararam de te tocar.

Soltei um gemido. Gostava dela sendo minha, e tinha certeza de que faria praticamente qualquer coisa para mantê-la só para mim.

— Faria isso mil vezes se fosse preciso — completei.

— Você tá falando sério — disse ela.

Afastei-me, olhando para a cama e depois de volta para ela.

— Muito sério. Sabe, tem uma coisa que quero fazer desde que te conheci. Podemos fazer agora?

Ela deu um passo para trás, apertando a toalha contra o corpo de novo.

— Parece que você vai confessar algum fetiche estranho.

— O que conta como fetiche estranho?

Ela franziu as sobrancelhas, pensativa.

— Talvez uma coisa ilegal?

— Ah, então sim, com certeza tenho alguns fetiches estranhos — disse eu, indo até a cama.

— Certo, então preciso saber quais são antes de qualquer um de nós se aproximar dessa cama — respondeu ela, com um tom horrorizado que quase me fez rir.

— Eu tava pensando em exibicionismo, mas acho que sua mente foi pra um lugar bem mais nojento.

Ela voltou para perto da cama, pegando uma camiseta e vestindo antes de se enfiar debaixo das cobertas.

— Bem, não estamos em público, então o que é essa coisa que você queria fazer?

— Quero me deitar nesta cama ridiculamente grande e confortável e assistir

aos seus intermináveis episódios de crimes reais com você.

— Só isso?

— Por enquanto? Só isso.

TRINTA

REGAN



ROOK ESTAVA AO MEU LADO NA CAMA, TIRANDO O MOLETOM COM UM OLHAR pesado depois de pedir que eu assistisse ao meu programa favorito com ele. Eu não sabia se era uma manobra para algo mais, mas não me importava, de qualquer forma.

A camiseta veio em seguida, e eu respirei fundo. Eu adorava olhar para Rook. Ele tinha feito de si uma tela, cada pedaço especial contando uma história diferente sobre quem ele era. Os desenhos escuros sobre a pele se uniam em uma peça única e linda. O lado esquerdo sempre chamava minha atenção. O lado marcado do torso dele devia ser uma lembrança constante do incêndio que levou tudo embora. As cicatrizes eram ásperas e irregulares, um contraste gritante com a suavidade do restante da pele. Mas isso só o tornava mais interessante, uma imperfeição bela que eu poderia admirar como qualquer obra de arte. Cada vez que o via assim, eu não conseguia evitar de ficar maravilhada com cada parte dele.

Rook não disse nada, mas sorriu de lado quando percebeu que o encarava.

— Anda logo — disse ele, tirando as botas. — Liga a TV.

— Você só quer ver TV? — perguntei, já ligando a televisão enquanto me deitava.

— Hum-hum — respondeu, desabotoando o cinto.

Seus olhos continuaram presos aos meus enquanto tirava os sapatos e o jeans, ficando na minha frente apenas de cueca.

— Todas as noites em que estive aqui vigiando você, era isso o que você fazia. Bom, aqui em cima ou na sala, e eu morria de vontade de entrar e me deitar.

— Achei que você ficava entediado me observando.

— Ah, eu ficava, mas era bom. Vivo correndo atrás do pior tipo de gente,

fazendo as piores coisas. A gente não para. Na maioria das noites, nem dormimos. E, mesmo quando me deito, mal consigo pegar no sono. Tem coisa demais na minha cabeça.

— Que tipo de coisa?

— O tipo de trabalho do qual você não quer ouvir falar — disse ele com um sorriso torto. — Depois vem o trabalho da Maverick Moto, e agora fomos expulsos do lugar onde estávamos morando. Pelo jeito, tinha gente demais reclamando das nossas motos.

— Vocês não têm dinheiro pra arranjar outro lugar?

— Mais do que suficiente. Mas é difícil achar um lugar que aceite sete ou mais pessoas com motos barulhentas. Um lugar que também seja discreto, sem precisar divulgar nossos nomes. Acho que vamos ter que comprar um imóvel, então estamos correndo atrás disso.

— Poxa, sinto muito. Eu não sabia.

— Não sabia que eu não fico só por aí matando gente e que, na verdade, tenho casa? — perguntou, rindo baixo.

— É, acho que sim — disse, rindo com ele. — Você não fala muito sobre sua vida em casa, então eu não fazia ideia.

— Eu tenho um lar. Quero dizer, em geral. E eu durmo, às vezes. Não sou um vampiro. Embora isso tornasse minha vida mais fácil.

— Pela parte de matar ou pela parte de não dormir?

— Ambas. — Ele riu de novo, me puxando para ele enquanto se enfiava sob as cobertas ao meu lado. — Ainda tem medo de mim?

— Não. Não sei se tive medo de verdade. Talvez uma vez ou outra, mas agora não tem motivo. Você já teve chances de me machucar.

— Prometo que você nunca vai estar mais segura do que quando estiver comigo.

— Acho que hoje à noite prova que isso é mentira. Quando tô com você, pessoas morrem.

Quase ri, mas me segurei. Não era uma piada. Foi o que realmente aconteceu. Ele rolou para cima de mim, me prendendo debaixo dele.

— Ninguém vai te machucar se eu estiver com você. — Ele mordeu minha orelha antes de beijar meu pescoço. — Eu mato quem tentar. Nem levo um segundo pra decidir. É por isso que as pessoas morrem quando você tá comigo — disse, sorrindo —, porque eu não dou chance pra ninguém ferir você.

— Por quê?

— Porque você é minha, e eu vou proteger o que é meu até morrer.

— Isso é horrível… e quase fofo.

— Eu sou um monstro, Regan, mas posso ser o *seu* monstro. E, dentro destas

quatro paredes, com você, eu só quero ser doce. Quero que você se sinta segura, porque eu não deixaria *nada* acontecer com você.

— Então para um pouco com esse papo de assassinato.

— Então me conta como começou seu dia, antes de você achar que sair pra uma festa com a minha irmã não terminaria em assassinato — disse ele, beijando meu pescoço.

— Você quer mesmo ouvir sobre meu dia?

Ele assentiu, encostado em mim, passando as mãos nos meus quadris, de novo e de novo.

Contei as pequenas coisas que fiz antes de ir à oficina encontrar Evie, e ele murmurou perguntas e comentários até que percebi o cansaço em sua voz.

Como alguém podia matar um homem e depois vir deitar-se na minha cama para conversar?

Contei um pouco mais sobre meus desenhos e sobre sair com a Harper, mas, quando olhei de novo, os olhos dele estavam fechados. Estava dormindo.

Seu rosto estava relaxado, cada parte dele enfim expressava calma e paz. Os cabelos pretos caíam sobre a testa, e eu observei as tatuagens que subiam por um lado do pescoço.

Uma das mãos tatuadas repousava sobre a minha barriga. Os nós dos dedos estavam vermelhos, um deles rachado. Eu não sabia quando ele tinha entrado em uma briga, mas dava pra ver que fazia alguns dias. Ele não tinha me contado nada. Devia doer, mas ele não demonstrava incômodo.

Passei a mão pelo rosto dele, surpresa ao vê-lo se aninhar no meu toque.

— Oi, linda — murmurou.

— Achei que estivesse dormindo. Você parece bem menos perigoso dormindo.

Ele sorriu, ainda de olhos fechados, e virou a cabeça para morder a palma da minha mão.

— Ai — sussurrei, sorrindo. — Ainda sou perigoso.

— Tô apavorada.

— Você continua dizendo isso.

— E você continua fazendo coisas que me apavoram.

Os olhos dele estavam pesados enquanto ele se aninhava de novo contra a minha mão.

— Você é a primeira pessoa que eu não quero que tenha medo de mim, mas ainda preciso ser quem eu sou. Fazer as coisas que faço.

— Mas como vou saber quem você é? O cara lá fora fazendo coisas violentas ou o cara aqui, deitado comigo?

— Eu sou os dois. Tudo isso sou eu. Mas acho que ninguém conhece esse meu

lado. Ainda vou manchar minhas mãos de sangue nesta vida. Posso garantir. Mas não com o seu.

— Voltamos ao horrível, embora fofo.

— Acho que é isso que você tá aceitando ao ficar comigo.

— E se eu não aceitar nada disso?

Ele sorriu, fechando os olhos de novo.

— Então você vai ter um *stalker* muito puto ao seu encalço.

— Isso não é justo.

— Nem um pouco.

— Eu quero muita coisa com você, Rook. Acho que consigo lidar com o bom e o ruim.

— Acha mesmo?

— É, *acho* mesmo — falei, rindo enquanto ele me puxava para mais perto.

— Eu aceito isso — sussurrou, antes de voltar a dormir.

TRINTA E UM

ROOK



ANDEI DE UM LADO PARA OUTRO NA GARAGEM. A EQUIPE SE ESPALHAVA À minha frente, reunida no escritório.

— Que porra é tudo isso? — questionei.

— Se aconteceu algo naquele galpão naquela noite, a gente não viu sinal nenhum — disse Hero.

— Então, quem diabos é Candy? — perguntei, passando a mão pelos cabelos. — A gente realmente não encontrou mais nada sobre ela no escritório?

— Nada. Nem no computador dele — respondeu Evie. — Embora, do jeito que estava limpo, tô achando que as coisas mais importantes tão no computador do escritório.

— O que faria sentido, se ele se preocupa com Regan ficar fuçando — acrescentou Aiden.

— Acho que agora ele nem se preocupa mais com isso — falei. — Por que ele estaria se encontrando com Asher e Cross? O Cross claramente quer a nossa ajuda, então ele não tá tentando substituir a gente.

— Talvez ele esteja tentando — sugeriu Mason, levantando-se para andar comigo. — Se ele quer entrar nesse meio, é um bom caminho. A gente ajuda, mas não é mandado por eles. Sai todo mundo ganhando. Se Cameron ouviu falar da gente, talvez tenha percebido como é uma boa posição pra se estar.

Senti a raiva e a ansiedade crescendo.

— Se Cameron realmente acha que vai tomar nosso negócio, ele morre antes mesmo de ter a chance.

Aiden se inclinou, apoiando os braços nas pernas.

— E aquela sua vingança, e os planos grandiosos?

— Foda-se a vingança, nesse caso. A gente mata o cara antes que fique ousado

demais.

— Sua nova namorada não vai ficar um pouco brava por você matar o pai dela por causa de negócios? — perguntou Hero.

Meu peito apertou. Regan nunca me perdoaria se achasse que eu matei o pai dela por causa de uma simples negociação comercial.

— Mais importante ainda — começou Evie. — Você se importa?

Era uma pergunta carregada. Minha resposta mudaria não só minha vida, mas a de todos ali. Se eu dissesse que sim, todos saberiam que Regan agora fazia parte do nosso grupo.

A única coisa que superava minha lealdade era minha necessidade de proteger e cuidar das pessoas que amava. Se eu colocasse Regan nessa lista, todo mundo ali saberia que nada poderia acontecer a ela.

E isso me colocaria diretamente em conflito com a minha vingança, e talvez até com a manutenção do nosso negócio.

— Eu me importo — disse, enfim. — O que significa que isso vai ser resolvido com mais cuidado do que qualquer outra coisa que já fizemos. Nada acontece com Cameron até eu conversar com Asher e Regan. Precisamos de mais informações, e eu preciso encontrar uma forma de contar tudo pra Regan sem que ela me odeie ou corra pro pai.

Hero soltou uma risada seca.

— Boa sorte com isso. Você acha mesmo que ela vai ficar de boa quando souber do seu ódio de longa data pelo pai dela e da sua sede de vingança pra matar ele?

— Bom, seu idiota, eu obviamente vou escolher melhor as palavras — retruquei.

Evie se aproximou com aquele olhar determinado que sempre me deixava nervoso, enquanto os outros voltavam a conversar entre si.

— Escuta, eu gosto da Regan e entendo que, do ponto de vista dela, pode parecer que você tá fazendo algo horrível. Mas, por favor, lembre-se de que você não tá. Você não é mau e sempre faz de tudo pra decidir o que é certo pra gente.

— Dizer pra ela que tô fazendo a coisa certa vai ser difícil de engolir.

— Eu sei, mas não se menospreza e não coloca os *seus* desejos de lado só pra cuidar dela. Você também é importante nisso tudo, e, mesmo que ela fique brava, você tá fazendo o certo.

Evie raramente era outra coisa além da maluca sarcástica, mas eu sabia que ela se importava comigo, e eu valorizava isso.

— Vou tentar me lembrar disso o máximo que puder — falei. — E obrigado.

— Disponha.

Chequei o celular, olhando o rastreador no carro da Regan, que agora

mostrava que ela estava a poucos minutos. Era noite de Sindicato, e eu a tinha convidado para sair com a gente.

— Vamos, galera — gritei. — Vamos sair, porque eu preciso de uma porra de descanso desse caos.



O Sindicato estava lotado quando chegamos, e Regan segurava firme em mim enquanto eu fazia a curva. Ela estava bem mais confortável na moto, se inclinando e se movendo comigo, em vez de contra mim.

Estacionei enquanto o resto da equipe se alinhava ao lado. Ajudei Regan a descer. Fiquei me perguntando se iria me arrepender da decisão de dizer que me importava com ela, mas não senti nada. Estava, na verdade, bem animado.

Ela era minha, e poderia continuar sendo se eu soubesse agir certo.

Mas eu não tinha certeza se existia um jeito certo. Não era algo com que eu precisasse me preocupar naquela noite.

Meus braços envolveram Regan, puxando-a para perto.

— O que você quer fazer primeiro?

— Tem opções? Achei que era só isso mesmo.

— Podemos assistir às corridas, andar por aí olhando as motos ou só sentar e ver o que acontece.

— O que vocês vão fazer? — perguntou ela, olhando para os outros que se aproximavam.

— Ver a galera correr — respondeu Mason, sorrindo. — Vocês vêm?

— Sim — disse Regan, os olhos arregalados ao me encarar. — Quero ver como é essa coisa de corrida.

— Beleza — respondi, surpreso. — O que você quiser.

Meu braço passou pelos ombros dela, e o dela foi para a minha cintura enquanto caminhávamos. O caos do Sindicato rolava ao nosso redor, mas ela não parecia incomodada.

— Tá se adaptando bem ao seu lado rebelde? — perguntei.

— Só tô me sentindo mais à vontade. Vocês não são tão ruins assim.

Evie bufou, nos alcançando.

— Não fala isso ainda. Espera até passar mais tempo com eles e depois me conta o que acha.

Ela deu de ombros.

— Ah, qual é. Não somos tão ruins assim — disse Mason. — Aiden te leva pra tudo que é lugar, você não precisa se preocupar em ser atacada aqui, e

ninguém chega perto porque a gente manda matar quem se atrever a fazer isso.

— Isso é útil, mas acho que vocês deviam começar a deixar que eu resolva com alguns desses caras sozinha. Eu consigo lidar com eles.

— Que surpresa — comentou Aiden, revirando os olhos. — A garota maluca quer fazer coisas malucas.

— Você tem moral pra falar? Já faz essas coisas… — retrucou Evie.

— E você, Regan? — perguntou Kane.

Aquilo, sim, me pegou de surpresa. Kane não era de falar muito, e eu não esperava que ele fosse puxar conversa com ela.

— Que tipo de maluquice você curte? — perguntou Hero.

Evie deu uma cotovelada nele, revirando os olhos.

— Nenhuma?

— Ah — disse Hero, com visível decepção. — E o que você curte, então?

— Arte, acho.

— Boa arte. Eu vou tatuar um dos desenhos dela — falei.

— Não vai, não — respondeu ela.

— Vou, sim. Aquele da árvore feita de caveiras.

Mason se enfiou entre a gente.

— Quer dizer que você tá aceitando pedidos de desenho pra tatuagem?

Regan me olhou, e eu me inclinei.

— Não precisa esconder. Como eu disse, eu não ia sair por aí falando de arte se eu não achasse bom. Eles vão gostar do que você faz. Hero pode gostar daquela da garota com chifres que você me mostrou.

— Uma garota demônio? — perguntou ele. — Deve ser a única que me amaria, então é melhor tatuar logo pra dar sorte. Uma dessas aparece sozinha ou é preciso fazer algum ritual bizarro?

— Acho que é daquele tipo que exige ficar pelado dançando sob a luz da lua — falei.

Regan riu, e o som foi como um raio de luz na minha vida.

— Droga, eu tava torcendo por algo mais na linha do sacrifício ritualístico — murmurou Hero. — Mas ainda quero a tatuagem. Pode trazer na próxima vez que for à oficina?

— Posso, sim — respondeu ela, surpresa.

Chegamos à pista de corrida improvisada, o ar pesado com o cheiro de borracha queimada e gasolina. O ronco dos motores preenchia a noite, e os olhos de Regan brilhavam de empolgação ao ver dois motociclistas acelerando na linha de largada.

— Que insano — sussurrou ela, a voz quase inaudível em meio ao barulho. — Vocês simplesmente vêm aqui e correm aleatoriamente?

— Basicamente. Fazemos apostas, e os tipos de desafio mudam. Às vezes é quem faz o *burnout* mais longo, ou corridas cronometradas, ou quem consegue segurar a moto em uma empinada por mais tempo. Coisas assim. Um pouco insano mesmo, mas divertido.

Ela assentiu, apertando ainda mais minha cintura. As corridas começaram, as motos disparando em um borrão de velocidade. Eu queria me importar com as corridas, mas estava preocupado demais pensando nela. Regan se inclinou sobre mim, a mão escorregando por baixo da parte de trás da minha camisa, me acariciando de forma distraída, e senti um arrepio de contentamento. Eu percebia quando ela passava pelas cicatrizes e voltava para a pele normal, mas ela não parecia se importar.

Inclinei o rosto, os lábios perto do ouvido dela enquanto ela observava.

— Tá gostando?

— Das corridas ou de você? — perguntou ela, sorrindo enquanto espalmava a mão pelas minhas costas.

Eu mal consegui conter o quanto queria sorrir, torcendo para que ninguém percebesse.

— Das corridas.

— Tô adorando — disse ela, virando-se para me encarar.

Os olhos brilhavam ao buscar os meus, e eu prendi a respiração.

— E de mim?

Vi quando ela puxou o ar com força, os olhos se abrindo só um pouco mais antes de voltar a atenção para as corridas.

— Também não é nada mau — respondeu com um sorriso.

Meu aperto em sua cintura se intensificou, e lutei para soltá-la enquanto absorvia suas palavras. A ideia de que Regan poderia se importar comigo o suficiente para chamar isso de amor um dia parecia errada… e perfeita, ainda que de um jeito um pouco distorcido.

As corridas continuariam pela noite toda, mas eu já estava ficando entediado depois que a terceira briga estourou.

— Vamos voltar pra minha moto — falei, sem perguntar a Regan, enquanto a virava de volta pelo caminho que viemos.

Todos assentiram, metade ficando e a outra metade desaparecendo no meio da multidão de motos. Presumi que os caras estavam procurando alguma garota para passar o tempo e, por mim, Evie podia procurar algum cara. Eu só queria ficar com a Regan. Só com ela.

Quando chegamos à moto, ergui Regan sobre ela, meus lábios encontrando os dela de imediato, enquanto minhas mãos exploravam sua cintura e as laterais do seu corpo.

Ela me puxou para perto, as mãos agarrando a frente da jaqueta.

— Obrigada por me trazer.

— Claro — respondi, com as mãos repousando em seus quadris. — Eu te levaria a qualquer lugar que você quisesse.

— Qualquer lugar?

— Qualquer lugar — sussurrei, beijando-a de novo.

A língua dela deslizou contra a minha enquanto suas mãos voltavam a escorregar por baixo da minha camisa, subindo pelas minhas costas.

— Que tal me levar pra minha cama?

Eu já a estava colocando no assento e entregando o capacete.

— Você nem precisa pedir isso, Rebel.

Ela se apoiou nas minhas costas quando liguei a moto, e eu levei a mão ao peito, que doía.

Eu soube assim que a vi ali, rindo das minhas piadas e se entrosando com a galera. Soube quando ela envolveu meu corpo com o braço e se aninhou em mim, e de novo quando ficou de pé nos pedais da moto só para me beijar.

Eu já estava me apaixonando por Regan Fletcher e, fiel à tradição do nome Fletcher, ela estava destinada a arruinar minha vida.

TRINTA E DOIS

REGAN



NA NOITE SEGUINTE, ROOK ESTACIONOU A MOTO, ME AJUDOU A DESCER E não disse uma palavra enquanto entrelaçava sua mão na minha e me conduzia pela rua.

— Você planejou mesmo tudo isso? — perguntei.

— Sim. É tão surpreendente assim?

— Honestamente? É. Você não parece exatamente do tipo que planeja um encontro.

— Pois é, não sou. Esta é a minha primeira vez, então não me julgue com muita severidade.

A luz suave escapava das lojas ainda abertas, e o cheiro da comida dos restaurantes próximos enchia o ar. Aproximei-me dele, aproveitando cada segundo tranquilo daquela noite.

Ele diminuiu o passo na esquina seguinte, virando à direita, e eu o puxei para parar.

— O que você tá fazendo? — perguntei, olhando para a rua sinistra que eu conhecia bem demais.

— Levando você até onde nos encontramos pela primeira vez — disse ele, apontando para a rua escura — obviamente.

Ri, puxando-o de volta.

— Apesar de ser um ótimo começo de encontro, em geral a gente não precisa ser assaltado ou morto pra celebrar.

— Nada aconteceria com você.

— Isso é verdade. Ninguém me incomoda quando meu próprio assaltante tá comigo.

Ele sorriu, olhando de novo para a rua.

— Só quero deixar claro que nunca roubei você. Nem tentei.

— Mas agora você tá tentando tirar algo de mim? — perguntei.

As palavras que ele me disse quando estava bêbado ainda rondavam a minha mente, mas eu não tinha conseguido descobrir o que significavam.

Ele se endireitou, olhando nos meus olhos, e eu congelei.

— Sim, tô. — Ele puxou algo do bolso, e eu olhei para baixo. — Mas tenho muito a oferecer em troca.

— Você acha que presentes compensam tirar algo de mim?

— Não, mas achei que talvez ajudasse.

Ele abriu a pequena caixa em sua mão. Um pingente em forma de coração, cor-de-rosa claro, pendia de uma corrente que ele levantou.

— É pra mim? — perguntei, surpresa com o quanto era perfeito. — Eu adorei!

— Então, vira de costas.

Obedeci, esperando-o colocar em meu pescoço e o fechar. Virei-me em seguida, envolvendo meus braços em torno de seu pescoço para puxá-lo para um beijo.

Ele gemeu, me beijando com intensidade.

— Tenho mais uma coisa pra te dar, mas precisamos ir primeiro.

— Ah, então a rua sinistra onde nos conhecemos não é o ponto de encontro da noite?

— Não. Mas, se você quiser, fico feliz em dar uma volta. Tô com a minha faca.

— Sem arma de fogo?

— Tentei ser um cavalheiro hoje.

— Perfeito, então nada de respingos de sangue em mim, só em você.

Ele sorriu, me puxando para junto de si enquanto voltava a caminhar pela rua principal.

— Você tá ficando muito boa nisso, Rebel.

Sorri com o elogio, por mais estranho que fosse.

— Fico feliz que ache que tô lidando bem com o fato de você ser um assassino. É o sonho de toda menina. Vai me contar o que vamos fazer?

Ele balançou a cabeça, virando outra esquina até pararmos em frente à galeria de arte. Rook abriu a porta, fazendo um gesto para que eu entrasse.

— Aqui?

— Por isso tô aqui parado segurando a porta.

— Mas você também é o cara que disse que preferiria levar um tiro a ter de ir a uma exposição de arte. Acho que foi assim que você disse.

— E ainda diria isso, mas agora tenho uma garota que gosta de arte, então vou ter que aguentar.

— Eu não preciso ir com alguém que vai reclamar o tempo todo.

— Então acho que devia estar feliz por eu estar aqui. Já aguentei coisas muito piores sem dizer uma palavra.

Não consegui evitar olhar para onde eu sabia que a pele dele era marcada. Ainda desejava que ele me contasse mais sobre isso, mas, além de dizer que aconteceu, ele nunca compartilhava nada.

— Então você quer mesmo entrar, me ver olhando pinturas, e só? Vai ficar quieto enquanto eu aproveito?

— Vou aproveitar você também. É suficiente pra mim.

Ele estava mais arrumado naquela noite — pelo menos, para os padrões dele. A calça jeans escura e a camisa preta de botões caíam perfeitamente em seu corpo. O botão de cima aberto deixava à mostra parte das tatuagens no peito, e eu não estava conseguindo olhar direito para outras coisas.

Eu sabia do que ele era capaz, o que ele fazia — e, ainda assim, ele estava ali, bem-vestido, me levando a uma exposição de arte.

Ele me puxou para dentro, indo até a primeira fileira de quadros.

Não disse uma palavra, apenas segurou minha mão enquanto eu observava a primeira pintura. Fez o mesmo com a segunda e a terceira, e, quando chegamos à fileira seguinte, eu já estava prestando mais atenção ao homem silencioso ao meu lado do que às obras de arte.

— Você tá se divertindo ou contando os minutos pra gente ir embora? — perguntei.

— Tô me divertindo — disse ele, deslizando a mão pelas minhas costas.

— Sério?

— Sim. — Ele envolveu minha cintura por trás, os lábios perto do meu ouvido. — Se olhar pra essa arte te faz sentir um décimo do que eu sinto ao olhar pra você, então dá pra entender por que eu nunca ficaria entediado. Nunca vou me entediar com você, Regan. Não preciso gostar de mais nada ao redor. Se você estiver aqui, vou ter a minha forma de arte pessoal pra admirar.

— Mas você vive por adrenalina, emoção e perigo. Como isso pode ser divertido pra você?

— Nada daquilo se compara a você, Rebel. Nada, e nunca vai se comparar. Eu gosto da sua vida tranquila, e tô feliz de fazer parte dela. Você diz quando quiser ir embora. E, por favor, para de se preocupar comigo.

Segui para a próxima fileira de quadros, gostando da forma como ele me acompanhava em silêncio. E de como perguntava sobre cada pintura e se eu gostava dela.

Chegamos à última ala, mas eu o puxei em direção à porta.

— O que tá fazendo, Rebel? — perguntou ele, deixando que eu o puxasse.

Pegou nossos casacos e continuou andando.

— Não aguento mais olhar pra você — falei, arrastando-o para fora.

— Que jeito de terminar com um homem. Mas agradeço a honestidade.

Andamos mais uma quadra, e eu parei para abraçá-lo antes de me jogar em seus braços.

— Você é ridículo — falei, rindo. — Quero dizer que não aguento mais só olhar pra você. Quero mais.

Beijei-o com força, e ele girou, prensando-me contra a parede de tijolos do prédio. Minhas mãos deslizaram por suas costas, apreciando cada músculo que se contraía sob meus dedos.

— Podemos ir? Preciso tirar essa roupa — falei antes de beijá-lo de novo.

— Vamos.

Ele já estava me carregando em direção à moto.

— Ainda tenho mais uma coisa pra te dar antes de irmos.

— Na sua moto? Ou, de preferência, *em cima* da sua moto, pra gente ir direto pra casa?

— Fico feliz por você estar tão empolgada, mas espera só um pouquinho — disse ele, vasculhando a bolsa presa na moto.

— O colar já não foi o suficiente?

Ele pegou o pequeno coração que pendia no meu pescoço e o puxou. O metal deslizou até que a corrente se ajustou, apertada ao redor da minha garganta. Minha boca se abriu, surpresa por não ter notado antes como o colar era projetado.

— Você me colocou uma coleira? — quase gritei.

— Coloquei. E ela é tão linda que você nem percebeu — respondeu com um sorriso. — Mas tinha mais uma joia que achei que você fosse gostar.

Ele tirou uma pequena bolsa preta e me entregou. Meus olhos se estreitaram quando a peguei. Era mais pesada que qualquer colar ou pulseira. Abri a bolsa e, primeiro, tirei um coração de pedra rosa, antes de ver ao que ele estava preso.

— Meu Deus… Isso é o que eu tô pensando? É mesmo?

— É, sim. Achei que você fosse gostar do conjunto. Vira, Rebel. Você tem uma nova joia pra usar na viagem pra casa.

— Tá falando sério?

— Sim, vira e se abaixa, ou eu mesmo vou fazer isso.

— Você não faria. Aqui, Rook? Pessoas podem nos ver.

— Ótimo. Assim verão como você gosta de ser minha. Em cima da moto, Rebel. Abre as pernas.

Eu obedeci, meu coração retumbando no peito conforme eu erguia a saia.

— Boa menina, sempre fazendo o que eu mando. — Seus dedos moveram-se pela minha umidade, fazendo-me arquear as costas. — E já molhadinha? Você

quer tanto ser fodida, que me deixaria foder você aqui mesmo, né?

— Sim — murmurei, gemendo ao sentir seus dedos sobre o meu clitóris.

— Boa resposta.

O metal frio passou pela minha umidade até a cabeça do plugue ser pressionada contra a minha bunda.

— Rook, espera. Vai doer?

— Não muito, linda. Vai ficar gostoso bem rápido.

Eu podia sentir o metal entrando em mim. Ser preenchida onde eu nunca tinha sido me fez congelar sobre a moto.

— Respira, Rebel. Respira.

Eu obedeci, inspirando fundo antes de subir um pouco mais sobre a moto.

— Até que não é tão mau — falei, ajustando o corpo. — Posso aguentar.

— Que bom, porque este é o menor — disse ele, sorrindo de forma maliciosa. — Temos outros maiores pra testar.

Fiquei boquiaberta ao senti-lo me empurrando mais para cima da moto, pressionando a joia em mim.

— Pronta pra ir pra casa agora?

Eu assenti, respirando fundo.

— Você vai tirar isso de mim?

Ele se inclinou nas minhas costas, encostou os lábios no meu ouvido e riu.

— Nem morto vou tirar isso de você agora — respondeu, erguendo minha saia mais para cima.

O ar frio da noite soprou no meu traseiro nu.

Podia ouvir gente conversando na calçada e sabia que nos veriam se olhassem para a ruazinha onde estávamos.

— Rook, podemos ir? Aquelas pessoas vão ver a gente.

— Tudo bem. Podem ver o quanto você é safada pra mim.

Ele deslizou as mãos pela minha pele exposta, fazendo um arrepio percorrer minha espinha.

Com um movimento rápido, ele me virou, encontrando meus lábios no escuro.

— Vamos, sobe. Preciso te levar pra casa.

Dei um passo à frente e gemi, a sensação do plugue quase fazendo minhas pernas cederem.

— Porra… ser safada fica tão incrivelmente sexy em você — rosnou ele, passando os braços ao meu redor e me puxando contra seu corpo. — Sobe logo nesta moto, amor. Vamos deixar você encharcada, e eu prometo cuidar disso assim que a gente parar.

Montei na moto, quase soltando um gemido ao escorregar no banco e me acomodar atrás dele. Ele ligou a máquina e saiu devagar, pegando a rua principal

em direção à minha casa.

Eu mal aguentei cinco minutos. Com a vibração da moto e o plugue, já estava completamente excitada. Sentia meu corpo cada vez mais molhado, meu centro se contraindo só de imaginar ele me fodendo com o plugue ainda vibrando dentro de mim.

Minhas mãos deslizaram e enterraram-se em suas coxas, acariciando-as até alcançarem seu pau duro.

A onda de desejo me tomou, e eu passei a mão por seu comprimento uma vez. Não conseguia mais esperar e não tinha tempo para me conectar e conversar com ele. Bati na perna dele para que ele parasse no acostamento. Ele obedeceu, estacionando antes de arrancar o capacete.

— O que foi? — perguntou.

Eu já estava descendo da moto, movendo-me rápido para abrir sua calça jeans antes de erguer a saia o mais alto que pude sobre a moto, na frente dele.

— Ah, linda, você quer tanto assim? — perguntou, ajeitando-me em frente a ele.

— Sim — respondi, movendo-me até senti-lo me pressionar contra a minha entrada. — Quero tanto assim. Preciso.

Eu recuei, tentando tomá-lo inteiro, mas ele me parou. Pressionou mais o plugue, e eu gemi alto.

— Pode deixar, linda, vou cuidar disso.

Ele se agarrou ao guidão e o acelerador e meteu em mim com força. A vibração, combinada com a enfiada repentina, quase me fez berrar. Ele não parou de meter com mais e mais força.

Fiquei desesperada para me liberar, a necessidade crescendo dentro de mim até quase me fazer gritar. Cada estocada me deixava mais perto. Podia sentir meu corpo tremer, meu coração disparar.

Eu já estava à beira do orgasmo, e mais uma enfiada combinada com a vibração do acelerador me empurrou de vez.

— Rook — gritei, tentando achar algo a que me agarrar.

— Goza pra mim, linda — disse, com os movimentos mais frenéticos. — Só um pouco mais, e você vai ficar encharcada — rosnou na minha orelha, provocando arrepios na minha espinha. — Você é uma putinha tão perfeita, Rebel. Me implorando pra parar no acostamento e foder você bem aqui. Você é perfeita.

Quando ele meteu mais uma vez, perdi o controle. Meu corpo chacoalhou violentamente, a liberação crescendo ainda mais em mim. Onda após onda de prazer me tomou conforme me agarrava a Rook, sentindo-o pulsar dentro de mim. Finalmente, com um último tremor, suspirei em meio à respiração rápida.

O aperto do Rook se intensificou, mantendo-me perto enquanto ele diminuía a velocidade. O motor roncava enquanto eu tentava recuperar o fôlego. Ele me puxou para cima, aproximando-se do meu ouvido, e beijou meu pescoço.

— Sou viciado em cada parte sua, Rebel. Você é minha, e eu vou passar todos os dias lembrando você disso.

Não consegui encontrar palavras, meu corpo exausto enquanto me recostava contra ele. Ele beijou meu ombro, um lembrete simples de como também sabia ser gentil. Ficamos assim por um momento, e eu saboreei cada segundo.

— Vamos, Rebel — sussurrou ele, a voz baixa e rouca. — Vamos pra casa.

Assenti, e uma onda de contentamento me invadiu. Rook desceu da moto, me ajudando a voltar para o banco antes de subir de novo.

O motor rugiu, e envolvi os braços em sua cintura, sentindo a vibração constante da máquina sob nós. O ar da noite estava fresco contra a minha pele, mas eu me inclinei, descansando a cabeça em suas costas enquanto seguíamos para casa.



Rook tinha me ajudado a subir para o quarto na noite anterior antes de se deitar ao meu lado. Conversamos um pouco, mas não demorou até que eu adormecesse. Acordei sozinha, porém. Achei que Rook tivesse saído sem fazer barulho, até ver o capacete dele ainda em cima da cômoda.

Inclinei-me para o lado da cama. Suas botas ainda estavam ali.

— Rook?

Ele não respondeu, e eu não ouvi nada — o que não significava muito em uma casa tão grande.

Desci as escadas devagar, parando a cada poucos degraus para escutar, mas ainda sem ouvir nada. Meu coração disparou no peito, conforme eu me perguntava onde ele estaria e o que poderia estar fazendo. Nenhuma das opções que imaginei parecia boa.

E, quando virei o corredor em direção à enorme cozinha, realmente não esperava a cena diante de mim.

Rook estava de costas, a calça jeans pendurada baixa nos quadris enquanto ele abria armários e pegava ingredientes como se estivesse completamente à vontade. Movia-se com confiança pela cozinha, depois voltava ao fogão para mexer em uma das panelas. Era tudo tão simples… e surpreendente. Ali estava um homem cuja vida era cercada por perigo e escuridão, mas que, naquele momento, cozinhava o café da manhã como se fosse a coisa mais natural do

mundo.

— O que você tá fazendo? — perguntei, fazendo-o se virar para mim. A cozinha inteira cheirava a café e torradas, e eu dei mais um passo para dentro, inspirando fundo.

— Café da manhã.

— Mas… Por quê?

Ele sorriu, voltando-se para o fogão.

— Eu tava com fome. Achei que você também estaria. Então, o café da manhã pareceu a escolha mais lógica.

— E achou que deveria vir aqui prepará-lo?

— Algum problema? — perguntou.

Contornei a ilha até ele.

— Nenhum. Só tô surpresa.

— Surpresa por eu comer?

— Surpresa por você cozinhar — falei, sorrindo.

— E você não cozinha? Ou princesas ricas nunca precisam cozinhar?

— Eu cozinho! — disse, batendo de leve no braço dele. — Tá vendo algum chef particular por aqui?

— Não, e por quê? Seu pai é um dos homens mais ricos da cidade. Por que não ter um chef?

Dei de ombros.

— A gente tinha, quando eu era mais nova. Depois ele foi ficando mais paranoico com tudo à medida que eu crescia, até decidir que não teríamos mais empregados desse tipo. Acho que ele ainda tem alguém que entrega as refeições dele uma vez por semana, porque não consigo imaginar meu pai naquela cozinha preparando qualquer coisa que seja.

— Ele tem uma cozinha só dele?

— Tem. Tem alguma coisa neste lado da casa que ele parece odiar. Talvez tenha a ver com minha mãe, não sei. Ela morreu quando eu era pequena, então não sei muito sobre ela nem sobre os dois juntos.

A expressão de Rook ficou séria, a testa franzida.

— Eu tinha esquecido que sua mãe morreu.

— É, pouco depois de eu nascer.

— Sinto muito. É uma droga que você nunca tenha tido a chance de conhecê-la.

— É meio estranho. Eu queria ter tido a oportunidade, mas, ao mesmo tempo, é difícil sentir falta de algo que nunca se teve. Você sente falta dos seus pais?

— Sinto — disse ele, sem entrar em detalhes.

Ele se virou, colocando um prato cheio à minha frente. E não só não estava

queimado, como parecia delicioso.

— Você realmente sabe cozinhar.

— Eu assumi todas as tarefas quando voltamos pra cidade. Cozinhar, inclusive. Quando você pratica, aprende o básico. A pobre da Evie… ela não come hambúrguer até hoje porque fiz um tão ruim uma vez que ela vomitou.

Soltei uma risada, dando a primeira garfada nas deliciosas panquecas.

— Rook, tá maravilhoso.

— Fico feliz de te impressionar com uma das coisas mais fáceis de fazer — disse ele, olhando por cima da caneca.

Seus olhos azuis estavam brilhantes naquela manhã, o cansaço habitual não tão presente. O cabelo escuro ainda estava bagunçado, mas o sorriso suave em seu rosto quase me derreteu.

— Bom… e o que mais você sabe cozinhar? — perguntei.

— Algumas coisas. Vou estar ocupado esta noite, mas quer que eu prepare o jantar pra você amanhã?

— Não posso. Tenho um jantar com meu pai. Talvez no dia seguinte?

— Seu pai vai estar em casa?

— Achei que você quisesse conhecê-lo em algum momento.

Ele se levantou, levou o prato até a pia e voltou até mim. A cara fechada que eu bem conhecia voltou ao seu rosto, apagando a parte gentil de Rook com a minha pergunta.

— Acho que não.

— É um problema tão grande assim?

— É. O que você vai fazer hoje? — perguntou ele.

— Tenho um almoço com o meu pai e depois volto pra cá.

Ele estalou os ombros, o sorriso suave não voltando.

— Que tipo de almoço é esse com o seu pai?

— Não sei. Tenho que encontrar com ele no café Sweet Haven, perto do meio-dia.

Sua expressão fechou-se ainda mais, e eu ri.

— Isso é um problema?

— Talvez não, se for só isso mesmo. Você pode me mandar uma mensagem se tiver qualquer problema?

— Problema num almoço com meu pai no Sweet Haven? O café mais fofo da cidade? Acha que algo ruim poderia acontecer lá? — perguntei, sorrindo.

— Não sei, mas tô com um mau pressentimento e não sei bem por quê. Então, você pode só me mandar uma mensagem hoje e me dizer como foi?

— Tá bem — disse, agora mais séria. — Faço isso. Você tá bem?

— Hum-hum. Preciso ir. — Ele se inclinou e me deu um beijo. — Vou pegar

minhas coisas e sair.

Ele desapareceu no corredor antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, mas fui atrás dele.

— O que foi, Rook?

— Nada. Só preciso ir. Preciso sair desta casa.

— Por quê?

Chegamos ao meu quarto, e ele logo pegou as coisas.

— Já disse, tenho coisas pra fazer, Rebel.

— E é só isso?

— Só isso. Me manda mensagem.

Ele foi embora, e não demorou até que eu ouvisse sua moto arrancar. Fiquei ali por um tempo, ouvindo, mas não conseguia afastar o pensamento insistente de que, seja lá qual fosse o mau pressentimento do Rook, algo estava prestes a colidir com as nossas vidas.

TRINTA E TRÊS

REGAN



ESTACIONEI EM UMA VAGA NO CAFÉ SWEET HAVEN E DESCI DO CARRO, O cheiro de café já me envolvendo. A atmosfera acolhedora e quente do lugar contrastava fortemente com o frio da manhã. Escolhi uma calça preta fluida e uma camisa de manga comprida, optando por deixar o casaco de lado para parecer mais profissional — embora o ar gelado me fizesse repensar a decisão.

Meu celular apitou, e eu o peguei para ver duas mensagens de Rook já na tela. Achei que ele estivesse bravo comigo, pelo jeito como saíra naquela manhã, mas ele tinha me mandado mensagem logo cedo e continuava escrevendo.

ROOK

Já chegou?

E foi dirigindo sozinha?

REGAN

Sim. O que tá acontecendo, pra você surtar assim?

ROOK

Não tô surtando.

REGAN

Tá, sim.

Ele não respondeu, o que só me deixou ainda mais preocupada, mas não havia tempo para pensar mais a respeito. Endireitei os ombros e entrei. O cheiro de pães recém-assados se misturava ao aroma forte de café. A luz do sol atravessava as grandes janelas, lançando um brilho quente sobre as mesas de madeira e cadeiras estofadas.

Meu pai nunca havia me pedido uma reunião fora de casa — na verdade, em lugar nenhum. Mesmo quando me chamava ao escritório, era apenas para falar sobre onde eu precisava estar naquela semana. Aquilo tinha de ser diferente. Eu havia passado um ano inteiro esperando o momento em que ele me daria uma chance e, por mais que já tivesse desejado isso, pela primeira vez eu realmente me sentia pronta. Não queria mais me esconder e sabia que conseguiria lidar com as pessoas envolvidas nos negócios.

Meu pai tinha razão. Eu achava que estava esperando para cuidar dele, mas também estava esperando que a vida viesse até mim, em vez de ir até ela.

Agora, eu não estava mais fazendo isso. Fui atrás de Rook e enfrentei tudo o que ele me mostrou. Se eu conseguia lidar com todas as coisas terríveis que Rook fazia e com as pessoas que o cercavam, eu conseguiria lidar com os negócios do meu pai.

Quase ri ao empurrar a porta. Os homens com quem meu pai fazia negócios estavam começando a parecer ursos de pelúcia comparados aos caras com os quais Rook lidava.

Cheguei ao balcão da recepção, e apontaram para uma mesa no canto. Vi meu pai primeiro, e meu estômago despencou quando olhei para o homem sentado do outro lado.

Elliot estava ali, rindo enquanto meu pai conversava com uma mulher ao lado dele.

O gosto amargo subiu à minha garganta e minha confiança vacilou a cada passo. Entrei ali achando que meu pai e eu finalmente conversaríamos sobre meu futuro na empresa, mas agora eu sabia que esse não era o caso. Não havia nenhuma razão boa para o Elliot estar ali.

Será que ele estava tentando me reconquistar, e essa era uma forma esquisita de me forçar a isso? Ou talvez ele estivesse ali para contar ao meu pai sobre mim e Rook, mesmo que eu não soubesse se ele sabia de nós. Talvez soubesse. As pessoas daquela festa que dei na minha casa eram amigos em comum, mas Elliot andava sumido, e eu nem tinha certeza se alguém ainda falava com ele.

Sentei-me no assento vago ao lado de Elliot, sem esconder o desprezo no

canto dos lábios quando ele olhou para mim.

— Oi, Regan — disse ele, com aquele sorriso convencido que me dava vontade de arrancar da cara dele com um soco.

Eu quase tinha esquecido o que ele tinha feito comigo.

O encontro com Rook acabou sendo bom pra mim, mas Elliot não sabia disso. Ele me deixou sozinha para morrer depois de me conduzir por aquela rua perigosa.

Franzi as sobrancelhas, perguntando-me como tinha sido tão ingênua por não ter questionado aquilo antes. Tinha ficado tão envolvida com Rook que quase esqueci daquele detalhe.

— Bom dia, Regan — disse meu pai.

— Bom dia — murmurei.

A mulher ao lado dele me lançou um sorriso forçado, e eu a encarei em silêncio. Ela vestia roupas de estilo executivo, mas o blazer mal escondia os seios quase escapando para fora. Eu não sabia se ela estava ali para tratar de negócios ou por outro motivo.

Peguei o celular. Não me importei se era falta de educação mexer no telefone à mesa. O bombardeio de ter de encarar Elliot e aquela mulher desconhecida parecia muito mais grosseiro.

REGAN

Por que o Elliott queria me levar para aquela rua?

ROOK

Pra que você fosse morta? Pra te jogar da ponte? Tem poucas opções.

REGAN

Será que não tem algum mirante bonito lá?

ROOK

Ri alto aqui. Não, Rebel. Nada de bonito por ali, a menos que queira ver cadáveres. Ele tá chateando você? Vou atrás dele.

REGAN

Me chateando? Sim. Mas ele tá sentado ao meu lado, então não precisa ir atrás dele.

— Regan, você veio mandar mensagens ou conversar? — perguntou meu pai, a voz grave, soando como uma bronca.

— Pra conversar, claro. Só estou um pouco confusa sobre por que Elliot está aqui. E quem é esta mulher?

— Esta mulher — disse ele entre dentes — se chama Candy e agora é minha noiva, então, por favor, chame-a pelo nome.

— Candy? — Virei-me para olhar Elliot. — Como assim sua mãe, Candy?

Ele sorriu de lado.

— Parece que agora somos da mesma família.

Fiquei boquiaberta, sem conseguir controlar a minha expressão.

— E sua *noiva*? Você não achou importante ao menos me avisar que estava namorando alguém, que dirá noivar?

Meu estômago revirava conforme meus olhos saltavam entre eles.

— Eu não contei porque achei que você não lidaria bem em saber que estou namorando a mãe do seu ex-namorado. E, ao que parece, estava certo.

— Achei que éramos mais próximos do que isso! — gritei.

— Sério? Porque Elliot me disse que você está saindo com outro cara e não falou uma palavra sobre ele. Não seria a mesma coisa?

Minha boca finalmente se fechou. Dessa vez, ele tinha razão. Eu realmente não queria falar com ele sobre o Rook até saber mais sobre ele primeiro, e depois, quando descobri mais coisas, fiquei preocupada que meu pai o conhecesse e soubesse da sua reputação. Eu planejava apresentá-los em algum momento, mas ainda não tinha aparecido *o* momento.

— Bem, pela falta de resposta atravessada, acho que você entendeu essa parte — disse meu pai.

— A gente não poderia ter conversado sobre isso em particular primeiro? — perguntei, olhando de Candy para Elliot.

Meu celular vibrava sem parar na minha mão, e eu sabia que Rook devia estar furioso com a minha última mensagem.

— Não tive tempo para isso — respondeu ele. — E precisava falar com você antes de viajar com Elliot por uns dias.

— Viajar para onde?

— Temos uma reunião em Chicago com um novo… cliente.

— Você e o Elliot? — perguntei, incapaz de esconder minha indignação. — Eu vou também?

Ele franziu a testa.

— Por quê? Você precisa de algo em Chicago?

— Não, mas, se está levando Elliot pra uma reunião de negócios, eu também poderia ir.

— Não vejo por que você precisaria ir.

— Porque eu venho pedindo há meses, *meses*, para te ajudar mais com a sua empresa, e agora você simplesmente leva o Elliot sem hesitar?

Elliot olhou para mim e depois para o meu pai, dando uma risadinha.

— Por que você precisaria ajudar nos negócios? Eu vou assumir a maior parte agora, e não vejo como sua presença ajudaria. Melhor evitar confundir quem é que manda.

Meu coração afundou e meu estômago deu voltas. Eu torcia para ter ouvido errado.

— Ele acabou de dizer que vai assumir a empresa? — perguntei ao meu pai.

— Vai. Pelo menos, vai me mostrar se é capaz, por enquanto. Nada está prometido até ele provar que sabe se virar.

Elliot sabia que eu queria assumir a empresa. Nós já tínhamos conversado sobre isso. Ele sabia por que eu voltei depois da faculdade.

Segurei a faca e o garfo com força, contendo-me para não os enterrar na mesa.

— Eu perdi um ano da minha vida. Abri mão dos meus sonhos para voltar e ficar ao seu lado. Pedi diversas vezes pra ajudar na empresa e assumir o legado da nossa família, e você sempre me negou. Agora isso?

— Abaixe a voz — meu pai me repreendeu. — Estava esperando ver você fazer algo além de ficar largada em casa. Daí conheci Elliot, e veja só: ele teve iniciativa.

— Porque você deixou! — gritei.

— Talvez você também tivesse ajudado se tivesse se esforçado. Mas, não. Você terminou com Elliot e, segundo ele, foi logo procurar outro namorado. Só se preocupa com isso e com Harper. Eu prestei atenção e acredito que ele esteja certo.

— Como é? — perguntei, chocada. — Está de brincadeira? Terminei com ele depois que ele me deixou sozinha pra ser assaltada!

Meu pai olhou para Elliot, que revirou os olhos, como se eu estivesse falando absurdos. E realmente soava absurdo. Não havia como eu provar nada, a menos que envolvesse Rook na situação — e eu não julgava sensato.

— Então, só para deixar claro: eu não fiz nada além de esperar você me deixar ajudar. Coloquei minha vida em segundo plano, porque você estava doente.

Segui tudo o que você me disse para fazer, e agora me dizem que nada do que fiz foi bom o bastante para mostrar que sou capaz de assumir os negócios da nossa família.

— Vai ser o negócio das nossas famílias, agora que nossos pais vão se casar — disse Elliot, sorrindo.

Abaixei o tom de voz.

— Se você disser mais uma palavra, eu mato você.

Ele se endireitou, irritado.

— Ele não está errado, Regan. Podemos encontrar outra função pra você, um hobby talvez, mas não vou entregar um império só pra ser destruído.

Eu não sabia se tinha passado muito tempo perto do Rook e seus amigos, que pareciam não se importar com a violência, ou se eu realmente estava apenas encontrando coragem, mas o pensamento de enfiar minha faca no pescoço do Elliot estava soando cada vez mais realista. Eu deveria estar horrorizada comigo, mas só me perguntava como Rook reagiria se eu fizesse isso.

Talvez ele me ajudasse a limpar a bagunça.

Empurrei a cadeira para trás, a madeira raspando no chão enquanto eu pegava minha bolsa.

— Já volto.

— Ótimo. Aproveite para se recompor, precisamos conversar sobre o casamento — disse meu pai, como se não tivesse acabado de destruir minha vida.

Quase corri para o banheiro, trancando a porta e pegando o celular.

— O que tá acontecendo? — perguntou Rook quando atendeu a ligação.

Eu podia ouvir o som da moto ao fundo e me perguntei para onde ele estava indo, e desejei que ele estivesse comigo, mas havia coisas demais na minha cabeça para me preocupar em perguntar.

— Não é bom.

— O que houve?

— Elliot — consegui dizer antes de as lágrimas surgirem. — Meu pai quer dar a empresa pro Elliot.

Rook ficou em silêncio.

— Elliot? Por quê?

— Não sei. Parece que meu pai tá namorando a mãe dele, e agora eles acham que são uma família. Ele quer um homem no comando.

— E foi só isso que ele disse?

— Basicamente. E parece que isso já vem acontecendo há algum tempo… talvez até enquanto eu ainda namorava o Elliot.

— E Elliot sabe que você tá comigo?

— Ele sabe que tô com alguém. Disse pro meu pai que tô mais preocupada em arranjar um namorado do que com qualquer outra coisa. Como se eu me importasse. Só te conheci porque ele é um lixo. Nunca disse explicitamente que era você, e duvido que alguém ache mesmo que eu estaria namorando o cara que tentou roubar a gente, — eu disse. Rook deu uma risadinha, me fazendo sorrir, mas mais lágrimas escorreram. — Pessoas que ele conhece estavam na festa e nos viram. Não sei se alguém falou com ele, no entanto. Ele meio que sumiu do grupo de amigos. E agora, acho que é porque ele tava ocupado demais tomando conta da minha vida.

— Você devia descobrir se ele sabe quem eu sou — disse Rook.

— Quê? Por quê?

— Porque vai dar problema se descobrirem que você tá comigo.

— Posso perguntar, mas não sei o quanto vão me contar. Eu tô fora. Fui expulsa da minha própria família mesmo sem ter feito nada além de estar lá por ele. Fiz tudo o que ele pediu. Estive lá pra cuidar dele sempre que ele precisou.

— Cuidar dele?

— Eu nunca falei nada — eu disse, e mais lágrimas começaram a escorrer. — Nunca te contei porque ele não gosta que as pessoas saibam, mas ele tá doente. É terminal.

— Quando você soube disso?

— Ano passado, bem antes de eu me formar.

— E você foi com ele a todas as consultas, cuidou dele, e o agradecimento é esse?

— Eu fiz o que pude, mas ele ficou tão abalado que nem me deixou participar de muita coisa. E o que eu ganho com tudo isso? Um ano da minha vida jogado fora? Não tenho carreira, não tenho vida… só um pai que nem quer passar tempo comigo ou me deixar assumir o legado da família antes de partir. — O pânico na minha voz era evidente, mas eu tentava de tudo para conter o choro. — Não sei o que fazer.

— Você resolve uma coisa de cada vez — sugeriu, com a voz firme. — Vai falar com eles e vê se sabem quem sou eu. Descobre o nome dessa noiva. Pega todas as informações que conseguir e me encontra lá na frente. Eu te levo pra casa.

— Mas eu vim dirigindo.

— E eu vou te levar pra casa — repetiu ele.

— Em quanto tempo?

— Cinco minutos. Vai fazer o que você precisa e me espera no seu carro.

— Tá bom. Eu me sinto tão idiota…

— Não se sinta. Quem te traiu foi ele, não o contrário.

— Será que foi traição mesmo? Ou será que eu sou uma péssima pessoa?

— Não sei se isso ajuda, mas eu não estaria com você se você não fosse boa. Se não fosse óbvio que você sabe se virar e lidar com situações de merda. O Elliot é um inútil, e eu posso te provar isso se precisar de mais confirmação. Nem por um segundo, porra, pense que você não é a melhor escolha pra tocar qualquer negócio. Vai lá, pergunta o que precisa e exige respostas. Se quiser segredos pra ferrar o seu pai, Regan, eu te dou.

— Em troca de quê?

— De nada.

— Você disse que segredos nunca são de graça.

— Pra você, agora são. Quer eles? — perguntou Rook.

Mordi o lábio, sabendo que o que ele tinha para contar não seria nada bom. Eu não tinha certeza se estava pronta para lidar com mais um coração partido hoje.

— Quero, mas pode esperar?

— Pode — respondeu. — Vai terminar o que precisa. Eu chego aí na frente em um minuto.

Desliguei e respirei fundo. Eu podia enfrentar meu pai e o Elliot mais uma vez, porque o Rook estava certo: eu sempre seria uma escolha melhor do que o Elliot.

Mantive os ombros para trás e a cabeça erguida enquanto me aproximava da mesa. Todos os olhos se voltaram para mim; os do Elliot e do meu pai já transbordavam irritação.

— Vocês sabem quem é o meu namorado? — perguntei.

Eles se entreolharam e depois voltaram os olhos para mim.

— Não. Acha que precisa nos contar?

— Não. E vocês sabem que o Elliot é viciado em jogos de azar?

O Elliot balançou a cabeça na mesma hora, negando tudo.

— Ele é, sim. Então, se eu fosse vocês, tomaria cuidado com o jeito que ele gerencia as finanças da família. Agora, eu gostaria de ficar sozinha. Prefiro que não liguem nem me procurem na minha casa até que eu esteja pronta para conversar — eu disse. Minhas palavras soavam diplomáticas, mas por dentro eu só queria berrar.

— Tudo bem, Regan. Isso não vai ser um problema, já que vamos ficar fora pelos próximos dois dias. Conversamos quando a gente voltar.

— A gente conversa quando eu estiver pronta. Você me traiu quando eu não fiz nada além de estar disponível para ajudar. Foi você quem me pediu para ficar em casa, quem disse que eu não estava pronta e quem me mandou voltar depois da faculdade para continuar o legado da família. Eu não pedi nada disso. Eu me preparei para ajudar, e você não deixou.

Ouvi o ronco da moto do Rook lá fora e fiz uma careta quando o som chamou a atenção do meu pai. Olhei para trás a tempo de ver o Rook descendo da moto e caminhando em direção à porta da frente.

— Preciso ir. A gente se fala depois.

Saí praticamente correndo antes que ele pudesse responder, chegando à porta bem no momento em que o Rook entrava. Ele ainda estava de capacete, mas eu conseguia imaginar perfeitamente a carranca estampada no rosto dele.

— Vamos. Eu já cansei disto aqui.

— Tudo bem. Mudei de ideia. Quero falar com o Elliot e com o seu pai — disse ele, já tentando passar por mim. Eu segurei o braço dele, puxando com toda a minha força.

— Não. Você não vai. Me tira daqui — falei. Ele parou, claramente indeciso sobre o que fazer. — Agora, Rook. Eu quero ir embora.

Mais um segundo se passou antes de ele me envolver com o braço, me guiando de volta para a moto.

— Me entrega as chaves do seu carro. O Mason vem buscar.

Entreguei as chaves e peguei meu capacete, que estava preso na traseira antes de subir na garupa.

Eu não sabia o que faria a seguir, nem o que seria do meu pai, mas sabia que, naquele momento, eu só queria ir para casa e me esconder até descobrir como agir. Segurei firme no Rook enquanto ele acelerava, encontrando algum conforto no fato de que, não importava o caos, ele tinha ido me buscar.

TRINTA E QUATRO

ROOK



DEVERIA HAVER UM LIMITE PARA O NÚMERO DE VEZES QUE VOCÊ CHEGA À sua casa, ou a qualquer lugar que pareça seu lar, e a vê em chamas. Tinha chegado a esse limite uma vez, mas, ao parar em frente à Maverick Moto depois de passar a noite com Regan, percebi que alguém tentava testar esse limite.

A frente do prédio estava tomada pelo fogo. Os bombeiros já tinham chegado e tentavam controlar as chamas, mas dava para ver que não havia muito a ser salvo.

Uma fumaça preta e densa subia para o céu, enquanto as chamas queimavam intensamente, dominando tudo.

Joguei o descanso da moto para baixo, pulei de cima dela e corri até Aiden, que assistia ao incêndio em estado de choque.

— Ninguém tá lá dentro? — perguntei.

O pânico de ver a história se repetir me deixou enjoado.

— Não, todo mundo saiu — disse Aiden, ainda atordoado, enquanto Evie se aproximava, vindo de trás do caminhão dos bombeiros. Hero não estava muito longe dela.

— Que merda é essa?

Meu cérebro não conseguiu encontrar outra coisa para dizer, mas, com Aiden, eu nem precisaria.

— Evie e eu acabamos de chegar. Eles já tavam aqui controlando o fogo.

Evie veio até mim e me abraçou, lágrimas enchendo seus olhos. Ela não era de chorar, mas eu sabia que estava se lembrando daquela fatídica noite. Ela nunca falava sobre isso, mas não era algo fácil de esquecer — mesmo que ela ainda fosse uma criança quando aconteceu.

Hero se aproximou também, o maxilar tão travado de raiva quanto eu me sentia. Evie se afastou e se apoiou no Aiden.

— Eles acham que usaram acelerante na fileira de motos novas da frente.

— Perdemos todas? — perguntei.

— Todas aquelas da frente. As motos de trás talvez tenham se salvado. Eles acham que o fogo não se espalhou tanto pra lá ainda, mas tão com dificuldade pra controlar. Os produtos químicos e a gasolina espalhados por todo lugar continuam causando explosões e reacendendo focos de fogo. Eles não sabem quanto poderá ser salvo.

— Então, fomos expulsos de casa e agora nem aqui podemos ficar — disse Evie, virando-se para mim. — O que vamos fazer?

Cerrei os punhos ao lado do corpo, a raiva fervia logo abaixo da superfície. Se usaram acelerante, não tinha sido um acidente. Foi um ataque deliberado. Fiquei ali, em silêncio, assistindo às chamas consumirem cada vez mais do prédio. Era como assistir a alguém devorando sua vida. Centímetro por centímetro, metro por metro, o fogo lambia tudo o que havíamos construído.

— Eles têm certeza de que foi usado acelerante? — perguntei ao Hero.

— Se tá pensando no que eu acho que tá pensando: sim, foi intencional.

Assenti, respirando fundo para tentar me acalmar. Precisava ser fogo de novo? Não era a única forma de atacar alguém, mas parecia pessoal. Eu não tinha contado para muita gente de fora do nosso grupo o que tinha acontecido quando éramos mais novos, e, mesmo assim, só falava quando conhecia bem a pessoa, como foi com Zack e Kane.

Mas eu tinha contado para Regan.

Não achava que ela fosse capaz de fazer isso, mas talvez o pai dela tivesse ligado os pontos depois do encontro no Sweet Haven. Ou talvez ele tivesse nos encontrado por meio do trabalho que fazíamos. Eu não tinha provas, mas a voz insistente na minha cabeça começava a me perguntar se Cameron Fletcher não estava por trás disso.

Encostei na minha moto, puxando o celular do bolso.

ROOK

Seu pai tá por aí hoje?

REGAN

Não. Acho que já saiu. Por quê?

Aquilo não explicava nada. Ele poderia ter mentido para ela, e provavelmente tinha mentido. Inclusive sobre onde estaria. Não sei por que Regan contaria para

o pai sobre o meu passado quando nem tinha lhe revelado o meu nome, mas, ainda assim, eu precisava checar.

ROOK

Só me perguntando se ainda tava sozinha em casa.

REGAN

Tô. Você vem hoje à noite?

Olhei de volta para o incêndio, soltando um riso pelo nariz que fez todos se virarem para mim.

— Isso de repente ficou engraçado? — perguntou Evie.

— Regan perguntou se eu iria pra casa dela esta noite. Será que é exagero dizer que agora eu não tenho outra opção a não ser ir? — respondi.

Aiden começou a rir também.

— A casa dela tem quartos pra todos nós. Podemos todos ir pra lá?

Hero não riu, mas se virou para mim.

— Não é uma má ideia. Será que caberíamos nos quartos?

— A casa tem muitas câmeras, mas poderíamos colocar nossos bloqueadores falsos de novo — falei, considerando a possibilidade.

— Vocês são idiotas. Acham mesmo que poderíamos nos mudar pra uma casa e passar despercebidos? Onde vocês acham que vão guardar todas as motos à noite? — retrucou Evie.

— Verdade — concordou Aiden. — Não vou arriscar deixar minha moto exposta pro Cameron encontrar.

— Isso sem contar que nós mesmos poderíamos ser encontrados por Cameron — disse Evie, balançando a cabeça. — Idiotas.

Passei a mão pelos cabelos, tentando pensar em alguma solução que não nos fizesse ser expulsos ou mortos.

ROOK

Já tá com saudade de mim?

REGAN

íIsso seria ridículo.

ROOK

Você pode ser bem ridícula.

REGAN

Olha quem fala.

ROOK

Estarei aí, Rebel.

Eu não ia acrescentar que seis dos meus amigos também poderiam precisar ir para lá.

— Vamos ver o que sobrou daqui e então encontrar algum lugar pra passar a noite — falei. — Talvez Regan deixe a gente ficar lá até o pai dela voltar. Assim não vamos precisar esconder vocês, e ainda ganharemos tempo pra pensar direito.

Mason chegou, tirando o capacete e abrindo a boca, em choque.

— Como diabos isso aconteceu?

— Alguém tá atrás da gente — disse Hero. — E decidiu incendiar o prédio.

Assenti para Aiden, chamando-o para longe dos outros.

— Não quero falar isso na frente da Evie — pontuei, quando nos afastamos um pouco.

— Você acha que foi o Cameron — afirmou ele, sem nem soar como uma pergunta.

— Tô desconfiando. Parece muita coincidência isso acontecer justamente agora que começamos a sacar quem ele é e que eu tô me envolvendo com a filha dele.

— Não temos como ter certeza disso.

— Mas eu vou descobrir.

— Vamos esperar nossas vidas pararem de queimar diante dos nossos olhos antes de sair correndo.

Cerrei a mandíbula.

— Não preciso ficar aqui parado olhando pra isso.

— Talvez você não precise, mas acho que o restante de nós precisa de você aqui. Evie também.

Ele estava certo. Eu não podia fugir ainda, mesmo querendo caçar o Cameron

naquele mesmo momento.

— Tranquilo. Mas eu vou assim que puder.

— Posso ir com você.

— Valeu — respondi enquanto voltávamos. — Parece que tão conseguindo controlar o fogo. Vamos ver o que sobrou da nossa vida?

Aiden resmungou, mas nos acompanhou até o prédio.

Mais um dia da minha vida em que eu teria de revirar cinzas para ver o que ainda me restava.

Eu ia matar quem fizera aquilo. Era uma decisão fácil. Mas aquela voz insistente ainda me fazia pensar se o responsável não era o Cameron.

E, se fosse ele, o que eu faria seria muito pior do que a morte.



Algumas horas depois, o corpo de bombeiros foi embora, deixando para trás a carcaça fumegante do prédio. Perdemos todas as motos. Até mesmo a minha reserva. O escritório também estava perdido. Por sorte, a parte de trás da oficina era quase toda de aço e nossas caixas de ferramentas, embora chamuscadas, tinham mantido nossos equipamentos a salvo.

— Meu computador virou lixo — disse Evie, olhando para o canto onde ficava sua mesa. — Vou precisar de outro equipamento completo, e rápido.

— E onde, exatamente, você vai instalar tudo isso? — perguntou Hero. — Vai colocar milhares de dólares em equipamento em um beco?

— Cala a boca, Hero. Não preciso dos seus comentários idiotas — retrucou Evie.

— Ah, não? Porque eu tenho que aguentar os seus o tempo todo. Qual é a diferença?

— Vai se foder — disparou ela.

— Você adoraria me foder, né — respondeu Hero.

Eu sabia que ele estava brincando, mas eu não estava nem um pouco no clima para piadas. Aiden também não.

Ele marchou até Hero e acertou um soco bem no queixo dele.

Hero cambaleou para trás, já se preparando para revidar, mas eu congelei ao ouvir o som de pneus cantando no asfalto.

— Cala a boca! — gritei, virando para a rua.

O prédio estava tão queimado que dava para ver a frente com facilidade. Um carro arrancou em alta velocidade, a traseira desaparecendo antes que eu pudesse ver a placa.

Todo mundo enfim parou de brigar para correr até a frente. Um monte de roupas estava largado perto da rua. Continuei andando até ver uma parte de um braço caído para fora da pilha.

Meu coração parou.

Era um corpo.

Zack, Kane e Regan não estavam ali, o que significava que poderia ser qualquer um dos três. Saí correndo, virei o corpo e soltei um suspiro de alívio.

Que durou pouco, porque eu conhecia quem estava ali.

Era o meu informante, o cara com quem trabalhei durante anos. Agora, ele estava largado morto na nossa entrada.

Um bilhete ensanguentado estava grampeado ao corpo.

— Você é o próximo — Aiden leu por cima do meu ombro. — Isso é pra você?

— Pra mim ou pra todos nós — respondi, olhando o corpo.

Parecia que ele tinha sido espancado até a morte, mas não dava para saber se tinham atirado nele também.

— Então alguém incendiou a nossa oficina e ainda ameaçou a gente? — perguntou Mason.

— Parece que sim. E deve ter sido a mesma pessoa — falei, andando de um lado para o outro.

Eu precisava pensar. Precisava descobrir o que estava acontecendo. E rápido.

Mas eu nem sabia por onde começar.

— E agora, o que fazemos? — perguntou Hero, pegando o bilhete ensanguentado para analisar mais de perto.

Olhei para o prédio incendiado e para o corpo destruído do cara que confiava em mim. Ele não era nenhum santo, mas era um bom homem e não merecia o que fizeram com ele.

Eles o haviam torturado por minha causa.

E se um de nós fosse o próximo? Ou a Evie? Ou a Regan?

Não tínhamos mais um lugar seguro. Nem como nos proteger ou nos reagrupar. De novo, eu estava recomeçando a vida a partir das cinzas.

Peguei meu capacete e montei na moto.

— Vamos descobrir o que tá acontecendo — disse. — Procurem qualquer um que possa saber de algo. Aiden, você pode…

— Não deixar Evie sair da minha vista? — perguntou com um sorriso de lado. — Pode deixar.

— Valeu. Agora é guerra — falei. — Vamos derramar o sangue deles antes que derramem o nosso.



Estacionei a moto em frente ao prédio comercial. A ousadia daqueles chefões do tráfico que nem tentavam mais disfarçar me fazia revirar os olhos. Um prédio gigante bem no meio de Valeport.

Asher, um dos quatro maiores fornecedores da cidade, era quase um amigo agora. Ou o mais próximo disso que se pode ser de um traficante. Empurrei as portas de vidro e entrei, vendo a recepcionista sorrir para mim.

Ela era jovem, mas parecia acostumada com o tipo de gente que entrava ali.

— Posso ajudar? — perguntou, ainda sorrindo.

— Preciso ver o Asher.

— Quem não precisa — respondeu ela, balançando a cabeça. — Você tem hora marcada?

— Ele agenda horários? — perguntei, apoiado no balcão.

Muitas vezes eu passava direto pela recepção ou ignorava a recepcionista para falar com o chefe, mas não aqui. Eu não mexeria com Asher nem com as medidas de segurança que ele tinha. Estaria morto antes de conseguir passar pela porta.

Ela deu uma risadinha enquanto digitava no computador.

— Não exatamente, mas gosto de perguntar. Deixa-me ver se ele está. Seu nome?

— Rook. E é urgente.

Ela pegou o telefone, sussurrou algo e desligou com um sorriso.

— Aparentemente, ele já esperava que você aparecesse. Pode subir.

Não disse nada, só passei por várias portas e encarei uma subida ridiculamente longa de elevador antes de entrar no escritório de Asher.

Ele olhou por cima da mesa. De terno e gravata, parecia até engraçado.

— Virou um empresário de verdade, hein? — falei. — Bem diferente daquele galpão imundo onde você trabalhava de jeans e camiseta velha.

Ele sorriu, recostando-se na cadeira.

— Subi na vida, né? E você ajudou nisso.

— Então quer dizer que não é você quem tá tentando matar a mim e ao meu pessoal?

Sua sobrancelha se arqueou.

— Seu pessoal? Acho que você quis dizer sua garota também.

O gelo correu pelas minhas veias, e caí na cadeira em frente a ele.

— A Evie também?

Asher conhecia bem a gente e ainda tinha uma quedinha por Evie. Se alguém

quisesse machucá-la, ele não estaria envolvido.

— Ela também. Mas parece que você tem uma nova garota na sua garupa e andam chamando atenção. Ninguém sabe quem ela é, mas colocaram um preço na cabeça dela também. Na verdade — falou, mexendo no celular —, parece que vão pagar ainda mais se matarem só ela, por enquanto.

As palavras demoraram a ser processadas. Alguém queria me matar, e não só isso. Queria que eu sofresse antes. Queriam Regan morta, e que eu vivesse, provavelmente só tempo suficiente para sofrer antes que o preço pela minha cabeça aumentasse.

— Você só pode estar de brincadeira.

— Quem você irritou tanto assim?

— Eu irrito muita gente. E, com vocês tendo problemas nos carregamentos e me chamando pra resolver, a lista de quem me odeia só cresce.

Ele deu de ombros.

— É, tô ficando muito puto com quem quer que esteja mexendo nos meus carregamentos. Você descobriu alguma coisa?

— Considerando que o cara que eu botei pra ir atrás de informação foi encontrado morto na frente da minha garagem, que, inclusive, pegou fogo hoje, e ainda me deixou um bilhetinho dizendo que eu sou o próximo? Não. Não descobri nada. Tenho uma ideia, mas prova que é bom, porra nenhuma.

— Porra, você tá tendo um dia e tanto — disse Asher, abrindo um sorriso. — Alguém tá mesmo querendo o seu pescoço. Quer contar quem?

— Acho que é o Cameron Fletcher.

— Por quê?

— Tenho meus motivos — respondi. Não falei nada sobre o meu passado, mantendo tudo o mais nebuloso possível para não ser rastreado pelo que eu costumava ser.

Asher se mexeu na cadeira e relaxou o corpo.

— Ele apareceu aqui oferecendo ajuda com a minha segurança. Disse que quer outra reunião amanhã.

— E você aceitou a oferta?

— Claro que não. O cara é um rato. Ele ia enfraquecer minha segurança antes de ajudar. Fora que trabalha pra uns incompetentes e é um incompetente também.

— Ouvi dizer que alguns dos seus concorrentes aceitaram a oferta dele.

— Você tá brincando? — perguntou, boquiaberto. Eu neguei com a cabeça. — Esses idiotas de merda. Então eles aceitaram a oferta dele de segurança extra e agora tem rato correndo pela cidade roubando carregamentos?

— Que coincidência, né? — perguntei.

— E como isso se conecta ao seu negócio ser incendiado e à recompensa pela sua cabeça?

— História. Se ele soubesse quem eu sou, ia mandar me matar imediatamente. Tô te dizendo isso porque sei que você não colocaria a Evie em perigo.

Ele não disse uma palavra, mas assentiu firmemente.

— A garota na minha moto, a que vale uma recompensa maior, é filha do Cameron Fletcher.

A boca dele se abriu de novo antes que ele caísse na risada.

— Então estamos falando do próprio pai dela, possivelmente mandando matar ela sem nem saber? Caramba, isso é foda. Sinto falta de vocês. Tão sempre envolvidos em umas confusões doidas.

— Acho que ele a odeia pra caralho. Pode até saber que é ela e mesmo assim mandou matar.

— Que frio. Que pedaço de merda… Como vai descobrir se é ele? Se ele tá virando os outros chefes contra você, você tá ferrado.

— Ele falou alguma coisa para você sobre mim?

— Ainda não, mas como eu disse, ele vai voltar amanhã. E agora eu tô mais curioso do que nunca pra saber qual é a dele.

— Você vai se virar contra a gente também? — perguntei, sem acreditar de verdade que ele faria isso.

— Você pode fazer muito mais por mim e pelos meus negócios do que o Cameron jamais conseguiria.

— E quanto à recompensa pela minha garota? Porque não tem como eles saberem se é ela ou a Evie na minha moto.

— Espero que você saiba que, só porque eu tive um lance com a sua irmã anos atrás, não significa que eu me importe com ela agora.

— Eu sei disso.

— Mas, é… já falei pros meus caras ficarem de olho. Eles não vão receber, mesmo que façam o serviço. Só que não posso garantir nada, porque estamos falando de uma grana que mudaria a vida da maioria deles.

— Entendi. Agradeço. Tenho que resolver… bem, resolver essa porra toda. Você me mantém informado? Vou fazer uns serviços em casa, se isso não atrasar o fluxo das informações.

Ele sorriu, levantando-se junto comigo.

— Você sabe que eu gosto de guardar dinheiro, né? Pois é, vou te manter informado. Sugiro que você encontre um lugar seguro pra ficar alguns dias com seu grupo. A galera vai estar vasculhando as ruas atrás de vocês. Duvido que vão se preocupar se errarem o alvo e baterem no cara errado.

— Já tô cuidando disso. Ei, já que alguém queimou minha loja, conhece

algum prédio bom à venda?

Asher sorriu.

— Acho que conheço o lugar certo. Vou te mandar o endereço, mas você não pode passar por lá até essa merda toda acabar. Não quero perder minhas vendas por sua causa.

— Sem problema. Mais uma coisa: se descobrir alguma informação confirmada de que o Cameron está por trás disso, me avisa. A gente tem muita história, e eu quero ser quem vai acabar com ele.

— Sem problema. Pra mim é melhor se ele morrer e eu não tiver que limpar a bagunça. Isso tem a ver com você se envolvendo com a filha dele?

Segui rumo ao elevador, virando-me para ele.

— Não tô me envolvendo com a filha dele. Não ligo quem ela seja pra ele. Ela é minha, e ele acabou de ameaçar tirar ela de mim.

TRINTA E CINCO

REGAN



MAIS UMA NOITE, MAIS UMA FESTA PARA A QUAL IRIA SOZINHA. MEU pai me enviara uma mensagem mais cedo, dizendo que ficaria fora por mais alguns dias. No entanto, pela primeira vez, não me importei de ter de ir sozinha. Preferi assim.

Coloquei o colar de diamantes com o pingente de coração cor-de-rosa que Rook me dera pendendo com perfeição no centro. Empurrei os ombros para trás e dei uma longa olhada no espelho.

Pela primeira vez na vida, eu me senti como uma mulher adulta. Pronta não para recuar e me esconder, mas para ser vista e temida.

E eu seria.

Rook havia deixado claro que eu era capaz de me manter no controle, e suas palavras ecoavam na minha cabeça. Eu era capaz disso.

Então fui ao jantar sozinha, mas desta vez mantive a cabeça erguida.

Desci do carro na calçada, olhando para as luzes trêmulas na frente da enorme mansão. Eu não sabia mais o que estava fazendo, nem por que estava ali. Parecia que meu cérebro não conseguia juntar as peças do que tinha acabado de acontecer comigo, então eu simplesmente seguia no piloto automático.

Eu não tinha mais nada. Não havia outra carreira me esperando, nem outra família que me acolhesse. Eu nem sabia se tinha talento suficiente para transformar a arte em profissão. Tinha deixado isso de lado para ajudar meu pai, então não estava evoluindo nesse sentido.

Talvez eu ainda tivesse Rook, mas vai saber o quanto aquilo era real para ele.

Continuei olhando para o prédio. Outro jantar sem propósito, outro vestido que ninguém se importava em admirar, diamantes que mostravam riqueza e escondiam as coisas terríveis e repulsivas que estavam por trás da fachada. Passei os dedos sobre o coração rosa que Rook me dera.

Tudo o que ele fazia parecia especial, como se eu fosse especial para ele, mas suas palavras ainda me atormentavam. Ele tinha dito que me arruinaria, e acho que eu começava a entender que quis dizer.

E estava certo. Rook me arruinaria, porque eu estava disposta a deixar acontecer.

Subi mais alguns degraus, mas parei quando ouvi o ronco de um motor de moto. Era engraçado como eu já reconhecia os sons, quando antes eu nunca tinha me importado em escutá-los.

O barulho se intensificou, e o rugido do motor me fez virar para a rua. Alguns segundos depois, uma moto escura virou a esquina, com luzes em tom de rosa que fizeram minha respiração falhar. Eu não sabia se algum dia me acostumaria a ver Rook chegando até mim.

Ou ao seu beijo. Ou ao seu olhar.

Toda vez fazia meu estômago revirar, aquele pequeno surto de felicidade tornando impossível ficar parada.

Ele parou bem na minha frente, cortando meu caminho na calçada. Meu sorriso sumiu quando ele arrancou o capacete e eu vi a expressão fechada em seu rosto.

— Que diabos tá fazendo aqui? — perguntou.

— Olá pra você também. Vim pra um jantar.

Ele desceu da moto e agarrou meu braço, me arrastando para as sombras.

— Mas, por quê?

— Eu não sabia o que fazer — respondi, tentando manter a voz firme. Eu não queria recuar da minha decisão, nem queria que ele pensasse que podia me repreender pelas minhas atitudes. — Eu tava sozinha naquela casa, sem nada pra fazer.

— E tá feliz com essa escolha? — perguntou, ainda parecendo irritado.

— Talvez. Eu não sei. Eu desperdicei um ano da minha vida por este mundo. Não posso simplesmente desistir de tudo por causa de uma coisa só.

— Uma coisa só? Você podia ter desistido assim que ele olhou pra você e disse que você não era boa o bastante.

Meu peito se apertou.

— Eu sou boa o bastante.

— Eu sei disso, porra! Então, de novo, por que você tá aqui se fantasiando pra um homem que disse que você não é boa o bastante pra administrar a empresa dele, mas boa o bastante pra desfilar e manter as aparências? Um homem que, aparentemente, acha que você é bonita, mas que não tem um cérebro.

Dei um passo para trás, as palavras me atingindo com força.

— Você precisava mesmo dizer isso? — perguntei. — Acha mesmo que eu

preciso ouvir isso de novo?

— Considerando que você ainda tá aqui, sendo a mocinha obediente que ele quer que você seja sem receber nada em troca, sim, acho que precisava ser dito.

— E você é perfeito? Você nunca faz nada que não deveria? O que eu *deveria* estar fazendo, Rook? Eu não tenho nada…

— Você pode fazer e ter qualquer coisa que quiser, e eu já te disse isso.

— Mas só se você me der.

— Não. Eu vou te ajudar a começar e, depois, você vai conquistar tudo sozinha. Não tô prometendo uma vida de luxo falsa como ele faz. Mas uma vida real. Uma vida em que, em alguns dias, tudo é uma merda. Você não dorme, fica coberta de sangue, mas, no final, você tá no topo. No final, você comanda o mundo ao seu redor. É uma vida real, Regan, não brincadeira de se fantasiar como uma boneca idiota.

— E vida real não é sair por aí matando pessoas sempre que tá um pouco irritado — quase gritei, e ele me lançou um olhar feroz.

— Às vezes é, se você quiser continuar vivo.

Uma moto chegou derrapando atrás dele, até parar. Achei que fosse alguém do grupo, mas Rook olhou da moto para mim, os olhos arregalados de preocupação.

— Entra. Corre — disse, indicando a porta com a cabeça. — Agora!

— Por quê? Quem é?

Eu não reconheci a moto, mas ainda não sabia exatamente qual moto cada um deles pilotava e, para ser sincera, com os capacetes, todos pareciam iguais.

— Entra, agora! Encontra um lugar pra se esconder por um tempo.

— Eu não vou embora. Me diz o que tá acontecendo.

Ele me empurrou para trás, me escondendo atrás da moto enquanto apontava para o prédio.

— Eu explico depois, mas agora preciso que você vá.

O motociclista estacionou, erguendo a camisa e puxando uma arma. Eu quase ri da ironia daquela cena, tão parecida com a forma como eu e Rook tínhamos nos conhecido, mas nada naquela situação parecia hilário.

Rook se posicionou na minha frente, bloqueando minha visão, e eu não me apressei para ver nada além dele.

— Eu já sei por que você tá aqui e vou pagar o dobro — disse Rook.

— O que isso significa? — sussurrei, mas ele não respondeu.

O motociclista fez um som estranho, mas eu não conseguia ver o que ele estava fazendo.

— Merda — disse Rook, e foi quando enfim me estiquei para espiar por cima de seu ombro.

O motociclista havia tirado o capacete e estava sorrindo para mim. Ele não

parecia diferente de Rook ou dos amigos dele, mas minhas mãos se fecharam com força na camisa de Rook enquanto o medo me dominava.

— Eu não preciso do dinheiro tanto quanto preciso ver você morto — disse ele.

— É, faz sentido… E você vai matar nós dois ou só a mim? — perguntou Rook.

— Como é? — perguntei, pressionando contra ele.

— Ambos. Assim eu ganho o valor máximo pelo mesmo trabalho.

Rook avançou, mantendo-se entre mim e o homem.

— Por que você tá andando na direção da arma? — sussurrei, torcendo para que isso significasse que ele fosse sacar a própria arma primeiro.

Essa esperança morreu rápido quando vi a arma dele presa a um pequeno coldre amarrado na moto.

O motociclista levantou a arma, mirando o peito de Rook, e meu coração martelou. Eu não suportaria aquilo. Não conseguiria vê-lo morrer.

Rook era tudo o que eu tinha. A única pessoa no mundo que parecia se importar o suficiente comigo para se colocar entre mim e uma arma. Eu não podia vê-lo morrer por isso.

Olhei novamente para a arma e depois para Rook. Ele não se virou para mim nem por um segundo, mantendo os olhos fixos no motociclista.

— Mesmo que você me mate, não vai conseguir o que quer com isso — disse Rook. — Não vai ocupar o meu lugar.

— Talvez não de início, mas posso tentar — respondeu o motociclista.

— Você vai matar ele? — perguntei, sentindo que precisava de uma confirmação antes de cruzar a linha. Antes de tomar uma decisão que eu nunca esqueceria.

— Você também, princesa — respondeu o motociclista, com um sorriso perturbador.

Eu peguei a arma presa na moto e dei a volta, aproximando-me deles por trás. Rook estava um pouco de lado agora, o motociclista diagonalmente entre nós e a moto. Levantei a arma.

Ele sorriu. O riso que escapou dele me fez perceber que ele não tinha medo de mim. Ninguém tinha.

— Já sei que você não vai atirar, princesa.

Eu não sabia atirar, mas conhecia a teoria. Firmando a mão, respirei fundo uma vez antes de puxar o gatilho.

O disparo ecoou, rompendo o silêncio da noite antes de tudo voltar a ficar assustadoramente quieto. A arma caiu das mãos dele no instante em que o tiro o acertou. Rook observou o homem desabar, o sangue espirrando em nós enquanto

meu estômago se revirava, ameaçando devolver tudo o que eu havia comido.

— Que tiro do caralho — disse Rook, voltando-se para mim. — Você realmente matou um cara por ameaçar me matar?

— Matei — respondi, puxando o ar em respirações duras e irregulares. — Aiden tava certo.

As sobrancelhas de Rook se arquearam.

— Sobre?

— Que é surpreendentemente fácil fazer isso quando ameaçam algo importante.

Ele deu três passos largos até mim, envolvendo meus braços e me puxando para o seu peito. Seus lábios encontraram os meus, em um beijo desesperado e profundo que me fez esquecer, por um segundo, o que tinha acabado de acontecer. Ele gemeu, deslizando as mãos pela minha nuca para me manter ainda mais perto.

— Você tá tão linda, Rebel — murmurou. — Tão linda, coberta de sangue e diamantes. Eu disse que você é uma porra de uma rainha.

— Você acha isso… atraente?

— Sim, infelizmente. Acho sexy pra caralho ver minha garota metendo uma bala na cabeça de alguém pra me proteger. Desculpa, mas ganhar flores não tem o mesmo efeito em mim.

— Pode ter certeza de que vai receber muito mais flores do que cadáveres daqui pra frente.

— Então vou precisar beijar você por mais alguns minutos pra aproveitar ao máximo este aqui.

As mãos dele deslizaram pelas minhas costas, puxando-me ainda mais para si enquanto o beijo se aprofundava. Eu sentia a urgência nos movimentos dele, o desejo cru que ele tinha por mim, acelerando meu coração. Ele se afastou um pouco, só o suficiente para me olhar nos olhos, seu hálito quente nos meus lábios.

— Você me surpreende sempre, Rebel. Toda vez que eu penso que já vi tudo o que você tem pra oferecer, você faz algo assim e me mostra, de novo e de novo, o quanto é forte. Você me mostra o quanto quer ser uma rebelde — disse ele.

Seus lábios voltaram a encontrar os meus, em um beijo intenso e selvagem. Enlacei os braços ao redor do pescoço dele, sentindo o calor entre nós se intensificar. Suas mãos deslizaram até a minha cintura, levantando-me ligeiramente do chão enquanto nos movia contra a parede para nos apoiar.

Ele encostou a testa na minha, respirando com dificuldade.

— Precisamos sair daqui — disse ele, com a voz suavizada. — Mais deles vão aparecer.

— Então eu gostaria de ir, porque não quero mais fazer isso.

— Não posso prometer que uma situação assim não vai acontecer de novo. E gostaria de pedir que, se acontecer, você mate de novo quem tentar me matar.

— Mas foi aterrorizante. E se eu não conseguir?

— Se você quer governar o mundo ao meu lado, Rebel, vai precisar se manter de pé sozinha. Ao meu lado, mas sozinha.

— Então, você mentiu? Não vai me proteger?

— Até meu último maldito suspiro, mas essa não é a questão. Você é forte, inteligente e capaz. Não pode ser um ponto fraco em nossas vidas, na minha. Ninguém pode pensar que você é uma peça frágil ou uma moeda de troca. Eles precisam saber que vão morrer se encostarem em você.

— Ou morrer se encostarem em *você*? — perguntei.

Ele gemeu, puxando-me de volta para seus braços.

— Droga, é a coisa mais sexy do mundo. É isso mesmo, eles vão saber que minha pequena rebelde não gosta que tentem me matar.

— E se eu não quiser matar pessoas?

— Então eles precisam saber, pelo menos, que você tem poder suficiente pra mandar alguém fazer isso.

Mudei de posição, a resposta clara me dando uma sensação de controle.

— Eu posso fazer isso. Ou, pelo menos, acho que posso.

— Eu sei que pode. E não vai precisar fazer isso o tempo todo, mas eu preciso saber que, se for necessário, você vai ser capaz. Você acabou de provar que é, sem que eu sequer precisasse pedir.

— Se eu tivesse que escolher quem queria ver morrer, seria ele. Eu não acho que suportaria ver algo ruim acontecer com você.

— Eu entendo. Eu mesmo não quero nem que olhem pra você de maneira errada sem querer quebrar alguns ossos. Obrigado, Rebel.

— Eu diria “sempre às ordens”, mas estaria mentindo.

Ele riu, limpando algo do meu rosto. Eu preferi nem perguntar o que era.

— Que tal você prometer que só vai fazer isso de novo se for uma situação parecida, e eu não conseguir pegar minha arma a tempo?

Fiz uma careta.

— Depende de quão irritada eu estiver com você no dia.

O sorriso que se espalhou no rosto dele quase me destruiu. Aquele homem, que se jogava entre mim e uma arma sem hesitar, que se matava para proteger seus amigos e sua irmã, parecia genuinamente surpreso por eu querer protegê-lo também.

— Quer me levar pra casa agora? — perguntei.

Eu estava coberta de sangue demais para sequer considerar ir à festa. Não que

eu realmente quisesse.

— Quero — respondeu ele, passando a mão pelo meu queixo. — Mas precisamos conversar.

— Isso não soa nada bom.

— Tecnicamente, não. Mas, depois do que acabou de acontecer, é muito melhor do que eu imaginava. — Ele olhou por cima do ombro para o corpo caído na calçada. — Acho que preciso cuidar disso antes de irmos.

Eu não queria nem olhar. Em vez disso, me virei, encostando na moto enquanto encarava o prédio.

— Pode fazer o que for preciso. Eu espero aqui.

— Quer ligar pro seu carro voltar? Vou fazer o que der pra adiantar e depois esperar os caras chegarem pro resto.

— Não, tô bem aqui. Posso esperar.

Ele se inclinou sobre a moto, beijando meu pescoço antes de encostar os lábios no meu ouvido.

— Eu prometo que vou fazer a espera valer a pena, Rebel.

— Não faça promessas que não pode cumprir.

— Eu nunca faço promessas que não posso cumprir.

TRINTA E SEIS

ROOK



HOUVE ALGUNS MOMENTOS, NAS ÚLTIMAS SEMANAS, EM QUE ME PERGUNTEI se algum dia conseguiria contar a verdade para Regan. Se conseguiria dizer por que fui atrás dela quando descobri seu nome, e o que eu vinha tentando fazer desde então.

Pensei nisso muitas vezes, e nenhum dos cenários terminava com Regan feliz comigo.

O que eu não esperava era que Regan me escolhesse.

Ela foi muito além dos meus sonhos mais loucos e me protegeu, e agora parecia que eu tinha uma chance. Parecia que talvez Regan fosse mais leal a mim do que ao próprio pai. De repente, eu vi uma verdadeira saída para esse caos.

Eu poderia conseguir minha vingança, e seria ainda mais doce quando Cameron descobrisse que sua única filha estava tão apaixonada que mataria por mim.

Ela se agarrou a mim com mais força enquanto eu acelerava pela rua em direção à casa dela. Tudo seria tão fácil: eu a levaria para casa, passaríamos a noite juntos e eu poderia contar tudo.

Meu coração disparou quando estacionei a moto.

A raiva cega que senti por Cameron Fletcher foi inesperada. Eu sabia que Regan não fazia ideia do que o pai andava fazendo. Sabia que ela era ingênua quanto a tudo que ele fazia, e ele tinha construído um mundo perfeito para que continuasse assim. Mantinha-a por perto, inocente e ocupada o bastante para não se preocupar nem perguntar sobre nada. E, quando ela questionava, ele lhe dava uma desculpa perfeita para ela continuar perto, mas sem incomodá-lo. Mantenha os amigos próximos e os inimigos mais próximos ainda…

Regan era inimiga dele. Era a falha no seu mundo, a única pessoa que não

aceitaria as coisas terríveis que ele fazia e que poderia arruinar tudo. Ele a via como um fardo, incapaz de transformá-la em um bem vendável. Era ciúme puro — ele sabia que herdaria tudo um dia e não suportava lhe dar nem uma fração do que tinha. Por isso, a mantinha presa a uma coleira curta.

Bem, agora ela era minha, e a minha mulher jamais ficaria presa em uma coleira. Ela poderia se insurgir contra o mundo inteiro, e eu estaria ali para parar quem quer que tentasse interferir.

Ela não sabia a verdade sobre o próprio pai. Não que eu pudesse culpá-la, uma simples busca no Google não revelaria todas as coisas depravadas que ele fez ou ajudou a fazer, mas ela precisava saber. Precisava entender antes que eu acabasse com ele, ou então nunca ouviria o que eu tenho a dizer

Parte de mim vibrava com a ideia de que ela pudesse acreditar em mim. Talvez até ficar do meu lado. Ajudei-a a descer da moto, e ela me lançou um sorriso hesitante.

— O que você queria conversar comigo? — perguntou.

— Primeiro vamos até o seu quarto. Tenho uma surpresa lá pra você.

— Você esteve no meu quarto? — perguntou, olhando de mim para a casa.

— Trazendo presentes. Achei que você gostasse disso.

— Eu gosto, mas… depois de tudo o que aconteceu hoje, e especialmente depois de você dizer que *precisamos* conversar, não parece muito animador. Se você terminar comigo depois de eu… atirar em alguém por sua causa, eu juro que vou ficar furiosa.

— Você acha mesmo que eu terminaria com você depois de você salvar a minha vida? — perguntei, rindo.

— Eu acho que você tá estranho, e eu já tô assustada. Então, sim, tô preocupada.

Ela continuou parada, mas eu a puxei para perto, deslizando meu braço sobre seus ombros e guiando-a para dentro da casa.

— Tô aqui, imaginando a nossa vida juntos, Regan. Não pretendo me afastar de você tão cedo.

— Sempre tão romântico — resmungou enquanto subíamos as escadas.

Eu ri, puxando-a para perto e beijando seu pescoço rapidamente.

Regan já tinha me mostrado várias vezes que estaria ao meu lado, que seria leal a mim e aos meus segredos. Ela conhecia cada lado meu, e ainda assim parecia amar todos eles.

Pelo menos, era o que eu esperava.

Eu nunca confiava nas pessoas. Levava anos para deixá-las se aproximarem, e, mesmo assim, muitas ficavam a uma distância segura. Mas, com ela, era diferente.

Girei-a de frente para a cama, acima da qual pendurei uma tela.

— O que é isso? — perguntou ela, olhando a pintura com os olhos arregalados de admiração.

Aquela expressão dela me acalmava.

O quadro sempre me lembrava de *Noite Estrelada*, com os redemoinhos de preto e azul no céu girando ao redor de uma lua brilhante. O campo abaixo era repleto de estrelas azuis brilhantes, e uma figura fantasmagórica se erguia ao fundo.

A arte nunca tinha feito muito sentido para mim. As pessoas sempre buscavam significados profundos nas obras, mas, para mim, era apenas… arte. Só que aquele quadro sempre me tocava. Havia algo nele que me fazia me sentir… sozinho. O fantasma era, ao mesmo tempo, assustador e belo.

Fiquei ao lado dela enquanto ela analisava a pintura.

— É a última coisa que tenho da minha antiga casa, da casa dos meus pais — murmurei.

— E você trouxe para cá?

— Sim — respondi, aproximando-me da pintura. — Não tenho outro lugar seguro para colocá-la.

— É linda — disse ela. — Pode deixar aqui. Eu não deixaria nada acontecer a ela. Por que seus pais tinham essa pintura?

Andei até a poltrona no canto do quarto e me sentei, enquanto ela continuava de costas para mim, observando o quadro.

— Eles eram corretores de arte. Trabalhavam principalmente com quadros de alto valor. Tínhamos centenas pendurados em casa — expliquei, tentando conter a raiva que ameaçava transbordar. Não era culpa dela, era do pai dela, que tinha tirado tudo de mim. — Às vezes, eu me irritava com a quantidade de coisas que eles penduravam nas paredes, mas… tudo acabou queimado. Eu encontrei apenas duas pinturas intactas, e esta foi uma delas. Evie ficou com a outra, escondida em algum lugar. Não sobrou nada da nossa casa além de cinzas.

Cerrei o maxilar, sentindo o lábio se curvar com desgosto, fazendo Regan dar um passo para trás. Tentei controlar a expressão, mas reviver aquilo trazia de volta toda a dor e as memórias.

— Não sobrou nada dos meus pais além de cinzas.

Os olhos dela se arregalaram, mas ela não olhou para mim. Ainda mantinha o olhar preso à pintura.

— Imagine isto: tudo o que resta da sua vida é uma pilha de pó. Eles tiveram de vasculhar entre as cinzas pra encontrar os ossos queimados da sua família.

Isso a fez finalmente se virar para mim. Seu rosto desabou em tristeza, e ela veio até mim sem que eu precisasse pedir, sentando-se no meu colo. Ainda havia

respingos de sangue nela e no vestido, mas eu já tinha limpado a maior parte do rosto.

— Rook, me desculpa. Eu sinto tanto…

— Esses pecados não são seus pra se desculpar, não é?

— Não… — murmurou ela. — Mas eu queria que isso nunca tivesse acontecido com você. Só sobraram duas pinturas?

— Só duas. O incêndio queimou tudo. Não sobrou mais nada.

— Como? O corpo de bombeiros não chegou a tempo?

— Chegou — disse, encarando seus olhos. — Mas incêndios queimam mais rápido e mais quente quando quem os inicia usa acelerante.

— Alguém iniciou o incêndio de propósito? — perguntou ela, a voz carregada de nojo.

— *Alguém* iniciou, sim. E, *esse alguém*, ficou feliz com isso.

— Você sabe quem foi?

Minhas mãos apertaram com força as coxas dela, a preocupação súbita de que ela pudesse querer fugir fazendo-me segurá-la mais firme.

— Sei.

— E? Vai me contar quem foi, ou é mais um segredo?

A voz dela era tão suave, a tristeza evidente apertando o meu peito.

— Sempre foi segredo — admiti. — Mas acho que você merece saber.

— Isso me assusta — disse ela, com um sorriso triste. — Mas eu gostaria que você me contasse. Você me manteve de fora de tanta coisa… Eu fiquei pensando que era porque isso tudo acabaria logo. Como se não quisesse que eu me entrelaçasse à sua vida, assim seria mais fácil me tirar dela depois.

— Não, Rebel. Eu te entrelacei à minha vida mesmo quando eu não queria.

— Mas agora você quer?

— Quero.

— Então, me conta.

Respirei fundo, puxando-a ainda mais contra mim. Eu não sabia se conseguiria deixá-la partir, mesmo que ela quisesse.

— Eu sei quem fez isso — comecei — e sei exatamente onde ele tá hoje. Tá no topo do mundo. Nada de ruim jamais aconteceu com ele. Esperei pela justiça, pelo carma… e nada. Ele só ganhou mais. Mais dinheiro e mais poder.

Ajustei-a melhor no meu colo, apertando suas coxas com tanta força que devia estar deixando marcas.

— Foi seu pai, Regan.

Senti o corpo dela enrijecer, o jeito como ela quase parou de respirar ao ouvir minhas palavras. Mais um batimento acelerado do meu coração, e ela já estava lutando para escapar.

— Você acha isso engraçado, Rook? Eu já tenho problemas demais com o meu pai. Não preciso de piadas assim.

— Não é uma piada. Seu pai usou meus pais e, quando eles se recusaram a ajudar, ele os matou.

— E você tem certeza? Ou só tá tentando encontrar alguém pra culpar?

— Tenho certeza. — Ela se debateu de novo, mas eu a segurei firme. — Para de se mexer, Regan. Você não vai a lugar nenhum até entender.

— Eu não vou embora, mas você vai. Você precisa sair daqui.

— Você entende que eu sei disso há anos? — continuei. — Desde que me largaram na frente da casa em ruínas, eu investiguei quem poderia ter feito aquilo. Seu pai matou meus pais. E tentou matar a mim e a Evie também.

— Meu pai não faria isso. Sei que ele foi duro comigo algumas vezes, mas ele não mataria ninguém. Ele não tentaria matar crianças! — gritou ela.

— Ele faria isso, e fez. Minha família não foi a primeira que ele destruiu — afirmei. — E eu sei que não foi a última.

— Isso não pode ser verdade. Ele protege pessoas. Tem uma empresa de segurança, protege pessoas e seus bens, não machuca ninguém.

— É… ele protege, sim. Mas não da maneira que você pensa. Ele protege gente nojenta, gente que não consegue um serviço de segurança decente em lugar nenhum. Quer saber o que mais ele fez? — puxei meu celular. — Hoje ele causou um incêndio na nossa oficina, porque descobriu quem eu era. E descobriu que eu tô com você.

As sobrancelhas dela se franziram ao olhar para a tela e depois para mim. Por um segundo, achei que ela poderia ficar do meu lado.

— Você pensava isso desde o começo? — perguntou ela, afastando-se de mim.

Deixei que se afastasse, pensando que talvez precisasse de um pouco de espaço antes de voltar.

— Sim — respondi.

— Naquela noite em que revelei o meu nome, vi o jeito como seu rosto mudou e como você foi embora furioso. Achei que você queria distância de mim, mas depois você voltou, passou a me seguir. Eu nunca entendi o que aquilo significava e, estúpida, nem pensei em perguntar. Estava tão feliz por você se importar comigo, mesmo que de uma forma torta.

— Eu me importo com você — disse, esboçando um sorriso, torcendo para que ela voltasse para perto. — Não só de uma forma torta, embora isso também faça parte.

— Cala a boca, Rook! — gritou, os olhos arregalados. — Você sabia que eu era filha dele, e foi por isso que veio atrás de mim! Porque você tem essa ideia

idiota de que ele matou sua família… o quê? Há dez anos? Foi por isso que ficou rondando a minha casa. Eu achei que você me queria, mas na verdade você só tava atrás dele!

— Eu tava procurando um ponto fraco na vida dele, sim, e achei que fosse você. Mas não da forma que imaginei. Eu queria destruir a vida dele do mesmo jeito que ele destruiu a minha, e achei que poderia usar você pra isso — admiti, caminhando até ela. Ela recuou, mas eu não me importei. Segurei suas mãos e as coloquei contra o meu peito. — Usar você rapidamente se transformou em precisar de você.

— Não, não, não — disse ela, arrancando as mãos de mim. — Você não pode agir como se isso tudo não fosse um plano doentio pra atingir meu pai. Você ia me matar? Era isso o tempo todo? Todas aquelas vezes em que eu me perguntava se você ia me matar… Era verdade, não era? Você ia me tirar dele, pra fazê-lo sentir a sua dor.

— Honestamente? Não. Isso pode ter passado pela minha cabeça no início, mas eu percebi que você valia muito mais do que ser um sacrifício pra acabar com ele. E eu tava certo.

— *Passou pela sua cabeça?* — Ela cuspiu as palavras como se o gosto fosse amargo. — Você é doente. Você tem um plano? Pra quê? Matar meu pai? Destruí-lo? Me usar pra arruiná-lo e depois simplesmente ir embora quando minha vida estivesse em ruínas?

— Tudo isso.

— Então ainda é esse o seu plano? Você quer matar o meu pai?

— Quero que ele veja a vida inteira dele desmoronar diante dos próprios olhos. Quero que ele saiba que não restou nada pra ele neste mundo antes de morrer.

A boca dela se abriu, chocada.

— E como foi que eu ajudei nisso sem saber?

— Você me deu acesso à agenda dele, à casa, à vida dele. Eu descobri que ele e Elliot tão roubando carregamentos de drogas dos maiores traficantes da região. Seu pai quer se tornar um deles. Sei que a Candy é mais uma peça nesse jogo. Ele usa o nome dela pra registrar depósitos e galpões onde esconde as drogas roubadas. Aposto que ele nem queria se casar com ela, só precisava mantê-la por perto.

Aproximei-me mais, mesmo sabendo que ela não acreditaria. Nem eu acreditei de primeira, quando fui juntando tudo, peça por peça.

— E sei que ele incendiou a Maverick Moto porque descobriu quem eu era depois de nos ver no Sweet Haven. Eu sabia que isso podia acontecer, mas não me importei. Eu tava preocupado com você, não com ele. Não imaginei que ele

destruiria o meu negócio. Também sei que o homem que você matou hoje veio atrás de nós porque seu pai mandou ele matar a gente. Colocaram um preço na minha cabeça. E vão pagar ainda mais se matarem você primeiro e me deixarem vivo um pouco mais, pra depois me matarem. Ele tá pagando pra me fazerem sofrer, Regan.

A raiva dentro de mim crescia, queimava, e eu senti que podia explodir a qualquer momento. Mas me obriguei a me conter.

— Você acha que meu pai mandou me matar? A própria filha? E que ele pagaria ainda mais pra me ver morta porque acham que você se importa comigo? Você perdeu completamente a razão? Eu entendo que você esteja envolvido nesse mundo sombrio e distorcido, mas o restante de nós não vive nele, Rook.

— Eu tô contando tudo isso porque você me mostrou que pode ficar do meu lado. Quer a verdade? — perguntei, ainda mais irritado. — Você não quer ser deixada no escuro? Então vai precisar entender que o mundo é um lugar sombrio e distorcido. Você foi protegida disso a vida toda. Uma princesa ingênua, que eu achei que queria saber o que acontecia à sua volta. Nada do que eu te disse é mentira, e cada palavra pode ser provada.

— E você achou que agora era um bom momento para me incluir nesse plano? Não semanas atrás? Não quando eu tava chorando por você, dizendo que não queria ser enganada nem deixada de lado?

— Você também disse que conseguiria lidar com a verdade. E, semanas atrás, eu não sabia que você ia se apaixonar por mim. Também não sabia que eu me apaixonaria por você. Então não, naquele momento não era uma opção.

— Eu *não* tô apaixonada por você. Você é doente. Acha que meu pai mata pessoas, que mandou matar a própria filha. E a você, só porque estamos namorando? Você enlouqueceu? Sai da minha casa e não volta.

— Eu sei que você me ama, Regan. Não tem como negar. Você jamais teria feito o que fez se não me amasse. Eu já gostei de você na primeira noite em que nos conhecemos. Já tava perseguindo você *antes* mesmo de saber quem você era. Não se esqueça de que eu só descobri sua identidade depois da noite do Halloween.

— Isso não importa! Você ainda me usou depois. E talvez eu achasse que te amava naquela época, mas você acabou de deixar uma coisa muito clara pra mim.

— E o que foi? — perguntei.

Ela endireitou os ombros, erguendo o queixo, mas vi a dor em seus olhos.

— Que você nunca me amou. Nunca se importou de fato comigo. Nem de perto. Eu fui só uma peça no seu jogo, e isso é algo que você não pode mais mudar. Isso não é algo que se faz com quem se ama. Agora sai.

Balancei a cabeça e já fui me encaminhando para a porta. Não estava indo embora de verdade, mas precisava de cinco minutos para organizar a cabeça.

— Eu te amava e ainda te amo. Eu realmente planejei te usar como uma peça no meu jogo, mas esse plano logo se desfez. Agora tenho um novo plano. E, sim, você faz parte dele.

Bati a porta com força, tudo se encaixando de forma tão fácil na minha mente.

Infelizmente para Regan, eu ainda estava convencido de que ela me amava e, querendo ou não, ela ainda era minha.

TRINTA E SETE

REGAN



EU NÃO OUVI A MOTO DO ROOK DEPOIS QUE ELE DESAPARECEU. NÃO SABIA por que ele enfim havia cedido e ido embora, mas parecia mais irritado do que triste quando bateu a porta ao sair.

Caminhei até o espelho, o mesmo na frente do qual eu estivera parada poucas horas antes, determinada a provar para mim mesma que era forte o suficiente para erguer a cabeça e seguir em frente. Queria provar, primeiro para mim, que conseguiria suportar ser derrubada e ainda assim me levantar depois.

Mas tudo o que eu havia provado era que sou uma assassina.

Eu não consegui suportar ver algo acontecer com Rook, e fiz minha escolha. Por um momento, eu me senti bem com isso. Voltei para casa com ele, cheia de alguma ilusão de que ele talvez se importasse comigo, e eu certamente me importava com ele.

Ele me provou o contrário tão rápido que mal compreendi o que havia acontecido entre nós. Ele achava que meu pai era assim tão monstruoso a ponto de ter matado a família dele? E, ainda assim, estava apaixonado por mim?

Abri o zíper do vestido, pronta para jogá-lo fora. Passei tempo demais ao lado do Rook e precisava me lembrar de que nada daquilo era normal. Eu devia estar com alguém que não matasse, perseguisse nem manipulasse ninguém.

Quis ligar para a Harper, mas eu nem sabia por onde começar. Em vez disso, tomei um banho rápido e me enfiei na cama, ficando ali deitada, encarando o teto por horas. A moto do Rook ainda não tinha feito barulho nenhum, e eu me perguntei se ele estaria parado do lado de fora da minha janela ou apenas sentado na moto. Não que isso importasse.

Eu não queria desejar que ele estivesse ali. Não queria me sentir mais segura com ele por perto, especialmente se alguém estivesse de fato tentando me matar.

Virei de lado, enroscando-me nos cobertores como se fossem uma camisa de força. Será que existia mesmo alguém disposto a pagar para me ver morta? Ou para matar o Rook?

Quero dizer, fazia sentido alguém querer Rook morto, considerando o tipo de gente com quem ele lidava. Mas por que me incluir na lista?

E como sabiam que ele estava com alguém? Eu não andava com ele por aí o tempo todo, para que todos vissem. E não parecia que Rook fosse sair contando para quem estivesse fora do círculo de amigos dele que éramos namorados.

Que tínhamos sido namorados, quero dizer.

Virei de novo. Ele disse que tinha provas, mas não me mostrou, e eu também não perguntei. Era demais tentar lidar com a ideia de alguém querendo me matar, mais ainda acreditar que meu pai tivesse algo a ver com isso.

Joguei os lençóis de lado e me levantei, enrolando-me em uma manta sobre os ombros e calçando um par de botas antes de sair pela porta da frente, no frio da noite.

O inverno na minha cidade nunca era tão rigoroso, mas à noite a temperatura facilmente caía para perto do zero grau, e, depois de sair do calor da cama, o frio parecia congelante.

Tremi, pois a pequena manta não era suficiente para me proteger do vento cortante. Sabia onde Rook teria estacionado a moto e fui naquela direção. O céu noturno estava quase escuro, as nuvens grossas escondendo qualquer fiapo de lua. Tremi de novo, desta vez pelo medo do que poderia estar escondido na escuridão.

Quando me aproximei mais, gritei:

— Rook, eu sei que você tá aí! Você me deixou apavorada com essa história de que alguém quer me matar, então, por favor, apareça até eu chegar à sua moto!

Foram menos de três segundos até Rook sair de trás das árvores e vir na minha direção. Os olhos dele me examinaram de cima a baixo enquanto tirava a jaqueta de couro.

— O que você tá fazendo aqui fora? — perguntou, deslizando a jaqueta pelos meus ombros.

Eu não recusei; me enrolei nela, aproveitando o calor.

— Vim ver quais provas você tem.

— Do quê, exatamente?

— De alguém querendo me matar.

Ele assentiu, sem discutir, puxando o celular do bolso e clicando rapidamente antes de me entregar.

Li as mensagens. O número não tinha nome salvo. A primeira mensagem

trazia uma lista com os preços oferecidos por cabeça, minha e dele, e a segunda avisava que me matando primeiro o pagamento seria ainda maior. Meu estômago revirou. Era uma sensação horrível perceber que havia gente disposta a pagar para me ver morta.

— Isso não prova muita coisa pra mim se eu não souber quem mandou.

— Então liga pro número.

— De jeito nenhum. Eu nem sei quem é.

— É o Asher. Um dos homens mais poderosos da cidade. Um amigo nosso.

O nome soava familiar, mas eu não conseguia me lembrar de onde.

— E se for só Mason, Aiden ou Hero fingindo ser outra pessoa? — perguntei.

— Liga pra ele. E vai saber que não é nenhum deles — respondeu Rook.

— Ele não tá dormindo a essa hora?

— Talvez. Não sei — disse Rook.

Ele parecia triste agora, bem diferente de mais cedo.

— Eu não vou ligar pra algum ricaço poderoso no meio da noite pra perguntar isso.

— Então não sei o que mais você quer que eu diga pra provar. Você não tá acreditando em mim.

— E por que eu acreditaria? Você mentiu pra mim o tempo inteiro, desde que me conheceu! — gritei, minha voz ecoando na noite.

Ele olhou ao redor, mas não tentou me mandar calar a boca.

— Como é que eu sou o vilão aqui, quando você já tava brava com o seu pai? Você sabe que ele é um babaca com você. Sabe que ele acha que você não vale de nada, já que tá entregando a empresa dele pra um idiota como o Elliot em vez de confiar em você. Nem se deu ao trabalho de contar pra você que ia se casar! Você já se perguntou por que ele tá se casando, se tá tão doente a ponto de não conseguir cuidar de você, mesmo depois de você ter aberto mão de tudo por ele? — Rook deu mais um passo na minha direção, me encarando de cima. — Ele consegue arranjar uma esposa e um novo filho, mas tá doente demais pra garantir que você fique bem?

Ele se aproximou ainda mais, e eu não consegui me mexer.

— Para de questionar só a mim, Regan. Comece a questionar seu pai também. Aí você decide quem realmente quer manter você segura.

Ele ergueu a mão, deslizando-a pela minha mandíbula, e eu odiei não ter forças para afastá-lo.

— Fico feliz que esteja me questionando — continuou —, e vou te dar qualquer prova que você quiser, mas não faça essas perguntas só pra mim.

Eu não aguentava mais. Do jeito como o cabelo dele caía sobre a testa, da forma como me olhava, até o cheiro da jaqueta dele ainda me envolvendo. Eu

não conseguia ficar perto dele sem querer me render.

Tirei a jaqueta de cima dos ombros e a entreguei para ele sem dizer uma palavra, antes de me virar e voltar para dentro de casa.

Talvez eu precisasse fazer algumas perguntas ao meu pai, e talvez precisasse fazer mais algumas ao Rook também, mas, por enquanto, eu só precisava ficar sozinha.



Rook não tinha aparecido o dia inteiro.

Eu havia andado de um lado para o outro no quarto, chorado e tentado entrar em contato com a Harper, mas ela aparentemente estava ocupada, porque ainda não tinha me respondido. A noite caiu, e eu estava tentando não permitir que o medo que já sentia aumentasse ainda mais. Conferi a trava da janela primeiro, certificando-me de que estava bem fechada, antes de trancar a porta do quarto. Eu não sabia o quanto uma trava frágil em uma porta de madeira poderia impedir Rook — ou qualquer outra pessoa determinada a isso — de entrar, mas pelo menos me dava a sensação de que eu estava tentando manter as pessoas do lado de fora.

Mas eu não deveria me surpreender por isso não ter impedido Rook.

Ele entrou no quarto como se a porta nem existisse, muito menos estivesse trancada.

— O que tá fazendo aqui? — perguntei, lançando-lhe um olhar furioso.

— Vim ver se seu pai tava em casa, mas o lado dele da casa tá bem silencioso.

— Porque ele não tá aqui.

— Que pena. Eu esperava resolver logo toda essa história esta noite, pra podermos seguir com nossas vidas.

— O que isso quer dizer? — perguntei, já temendo a resposta.

— Quer dizer que vim ver se conseguia matar seu pai hoje e forçá-lo a te contar a verdade. Agora, teremos que esperar.

— Você sabe, porque já te disse antes, mas você é um monstro, Rook.

— Não, eu apenas não quero passar mais uma noite longe de você, e ele tá me impedindo. E não venha agir como se você também não fosse uma assassina agora.

— Eu fiz o que precisava porque não queria ver você morto. Mas não gostei — disse.

— Então, o que é que você não tá entendendo? Eu faço o que for preciso pra manter você segura — disse ele, dando um passo cauteloso em minha direção.

— E isso inclui matar meu pai?

— Talvez. Se ele estiver tentando matar você. Você é minha, e eu vou proteger o que é meu. Esse é o meu trabalho.

— Você acha que seu trabalho agora é me proteger?

— Não, eu sei que é. Você pode me odiar, Rebel. E ainda assim vou te dar tudo o que você quiser.

— Eu quero que você vá embora — falei, minha respiração falhando quando ele se inclinou, pressionando os lábios no meu pescoço.

— Tem certeza?

Cada pelo do meu corpo se arrepiou, um calafrio percorreu minha pele quando seus dedos deslizaram pelos meus quadris. O toque leve fez com que eu quisesse ceder. Ele subiu pelo meu pescoço antes de entrelaçar as mãos no meu cabelo, puxando-o até forçar o meu rosto a encontrar o dele.

— Sim — falei, mesmo com o meu corpo me traindo ao se inclinar ainda mais contra ele.

— Eu não sabia, Regan. Não sabia que você era inteligente e forte. Não sabia que você queria mais da vida. Não sabia que você queria governar o mundo, ou entender a minha vida, ou matar por mim. — Ele sorriu com a última parte. Meu estômago revirou, e eu o empurrei com força. Ele ainda manteve o aperto no meu cabelo, mas deu um passo para trás. — Vamos lá. Eu sei que você tá mais furiosa do que isso. Você quer arrancar meus olhos, quer me machucar, então faz isso.

— Não. Eu não sou um monstro como você.

Ele riu, puxando-me de volta contra si.

— Sim, você é. Não existe mais nenhuma porra de auréola sobre a sua cabeça, Regan. Você é uma assassina agora. Pode me punir como quiser, mas não pode esconder a realidade. Pelo menos, não de mim.

As palavras dele foram a faísca que faltava para me levar ao limite, deixando-me cega sobre o certo e o errado. Eu havia cruzado linhas que nunca imaginei cruzar, tudo por ele. Para mantê-lo seguro, e ele jogava isso na minha cara. Em um impulso de raiva e desejo, torci em seu aperto, empurrando-o até que ele caiu na poltrona onde, horas atrás, tinha destruído a minha visão de mundo.

Parei diante dele. Seus olhos percorreram meu corpo até encontrarem os meus. O desejo e a necessidade em seu olhar fizeram meu corpo se contrair. Eu odiava aqueles olhos azuis, e o jeito como gostava das tatuagens que cobriam seu pescoço e braços. Eu o odiava pelo que ele dizia, por como me provocava, me instigava a querer mais da vida dele.

Aproximei-me mais, levantando a mão. Quase me surpreendi quando minha palma se chocou contra a bochecha dele, o estalo ecoando pelo quarto.

Os olhos dele se tornaram pesados, e ele se inclinou para a frente, agarrando meu top com força e rasgando-o, fazendo as alças estourarem.

Meu peito arfava enquanto ele puxava mais o tecido, deixando meus seios expostos.

Nossos olhos se encontraram antes de ele se levantar. Suas mãos deslizaram pelas minhas coxas, subindo até me envolverem, erguendo-me com força. As minhas costas bateram contra a parede, a dor aguda arrancando um gemido dos meus lábios, mas eu me inclinei para a frente, mordendo seu pescoço com força.

Ele gemeu, me segurando com mais força. O som me incendiou ainda mais, minhas coxas se apertando com o calor súbito que me tomou. Eu me agarrei a ele, cravando as unhas em suas costas enquanto ele arqueava o corpo.

Sua boca encontrou a minha, a língua tomando posse como se fosse a dona — e eu temendo que fosse mesmo. Eu não estava lutando. Estava aceitando.

Mais do que aceitando, eu estava exigindo. Desci a mão entre nós, invadindo o espaço de sua calça até encontrar seu membro, já duro e esperando por mim. Minhas coxas se apertaram mais ao redor dele. O desejo de me afundar nele era esmagador.

O olhar dele sobre mim não ajudava na minha determinação, se é que ainda havia alguma. Não havia raiva ali, nem o brilho ameaçador que às vezes me assustava. Havia doçura.

Ele me olhava com o olhar que qualquer uma sonharia em receber de alguém como ele. Um homem que provavelmente nunca olhara assim para ninguém.

Meu coração parou. Empurrei-o, escapando por baixo de seu braço, horrorizada por estar cedendo mais uma vez.

— Vai embora, Rook.

Ele não disse nada, apenas deixou que seus olhos corressem pelo meu rosto. Nenhuma raiva, nenhum sinal de irritação, apenas um breve aceno.

— Não vou ficar longe — disse, sua voz rouca fazendo minhas pernas fraquejarem.

— Por favor, vai pra casa. Eu não preciso de você por perto.

— Não existe a menor chance de eu sair da vista desta casa. Quer você acredite, quer não, tem gente por aí tentando te matar, e eu não vou permitir.

— Fora, Rook.

A porta bateu atrás dele, e eu desabei na cama. As sombras dançavam lá fora enquanto eu puxava o cobertor ao redor de mim, como uma armadura. Agora eu teria de passar a noite inteira ali, perguntando-me se Rook seria realmente o único na escuridão.

TRINTA E OITO

ROOK



FIQUEI ENCARANDO A CASA. QUANTO MAIS TEMPO PASSAVA ALI, MAIS A raiva ardia dentro de mim.

Eu não tinha outro lugar para ir, nem outro lugar onde quisesse estar. Não havia um lar para mim, e o restante do grupo estaria esperando por notícias sobre o que faríamos a seguir.

Regan me odiava, mas porque ela não compreendia a verdade.

O verdadeiro monstro era o pai dela, e, brava comigo ou não, as pessoas ainda estariam à caça dela. Deixá-la sozinha ali estava fora de questão. Só havia uma opção para mim agora — e eu a aceitaria de bom grado.

Peguei o celular e abri o nosso grupo de mensagens.

ROOK

Arrumem-se. Venham pra mansão Fletcher.

EVIE

Vamos nos mudar, ou é temporário?

AIDEN

Acha que vamos nos mudar, e aí? Dividir a casa com Cameron Fletcher?

HERO

Ele vai adorar. Vamos organizar jantares em família.

MASON

Que acolhedor.

HERO

Será muito acolhedor ver Rook enfiando um garfo no olho dele.

AIDEN

Vai se foder, Hero. Por favor, para com esse seu fetiche nojento de mutilação de olho. Não aguento mais.

HERO

Não é um fetiche. É só uma fixação. Não seja nojento.

AIDEN

E quando acaba?

HERO

Quando eu encontrar outra fixação?

ROOK

Calem a boca e venham pra cá. Tragam tudo.

Uma sequência de palavrões e saudações passou pelo chat antes que ele ficasse em silêncio, e eu me recostei.

A luz do quarto de Regan ainda estava acesa, e eu sabia que ela devia estar furiosa comigo. Talvez nem só comigo, mas com ela mesma também.

Regan se entregou ao ódio e ao amor por mim tão rápido que não conseguiu evitar.

Eu conseguia entender por que ela estava brava por eu não ter contado toda a verdade, mas ela não podia me culpar por quem o pai dela realmente era.

E também não podia focar toda a raiva em mim, quando ele estava fazendo algo muito pior com ela.

O grupo chegou trinta minutos depois e desligou rapidamente as motos, como eu havia mandado. Eu não queria que Regan soubesse o que estávamos fazendo até ser tarde demais para nos impedir.

— O que vamos fazer? — perguntou Aiden.

— E por que eu tive que arrumar todas as minhas coisas? — perguntou Evie, apontando para o carro cheio.

— Nós vamos nos mudar — respondi.

As bocas se abriram, em choque, todos me encarando como se eu tivesse enlouquecido.

— Só pra deixar claro, nós vamos nos mudar praí… permanentemente? — perguntou Hero, apontando para a mansão dos Fletcher.

— Sim, praí — confirmei.

— E o Cameron tá… de boa com isso? — questionou Aiden.

— Não, ele não tem ideia.

— E você não acha que a polícia vai invadir o lugar assim que ele chegar e encontrar a gente aqui?

— Não. Ele não vai ter a chance de chamar a polícia. Por isso estamos nos mudando e nos instalando antes de ele voltar.

— Isso quer dizer que a Regan tá de acordo? — perguntou Evie.

Sabia que minha cara tinha piorado.

— Não, ela tá brava comigo. Contei tudo pra ela.

— Merda — disse Aiden. — Tudo?

— Tudo — confirmei.

— E ela não vai expulsar a gente? — perguntou Hero.

— Regan vai ficar trancada no quarto até resolvermos tudo. Depois disso, ela pode escolher o que quiser fazer.

— Rook, não é assim que se conquista uma garota — disse Evie, revirando os olhos enquanto pegava uma mala do carro e começava a arrastá-la pela entrada de pedra.

— Eu consegui um lugar pra você morar, Evie. Dá um desconto, vai.

— Você roubou um lugar pra gente morar, tem uma grande diferença — retrucou ela, mas com um sorriso. — De qualquer forma, tô animada por ter um quarto tão bonito. Eu pegaria o quarto ao lado da Regan, mas acho melhor ficar bem longe.

— Concordo plenamente — disse Aiden.

— Tentando ficar no quarto do lado do meu, Aiden? — provocou ela, sorrindo.

Ele resmungou alguma coisa enquanto pegava outra mala e a seguia pelo caminho de pedra.

Mason veio até o meu lado, encarando a mansão.

— Você vai trancá-la lá dentro?

— Por enquanto.

— Já tá feito?

— Não, ela acha que eu ainda tô sentado do lado de fora.

— Surpresa — disse ele, sorrindo, e foi atrás dos outros.

Entramos no saguão, todos largando as malas e olhando ao redor.

— Querida — gritou Hero —, chegamos!

Dei um tapa no braço dele.

— É sério isso? Eu queria ser um pouco mais discreto.

— Por quê? Você tá invadindo a casa dela pra tomar conta. Melhor fazer barulho.

Balancei a cabeça, mas não pude evitar de sorrir quando vi Regan indo até o mezanino que tinha vista para o saguão.

Seus olhos se arregalaram ao nos ver, com todas as malas e bagagens.

— O que vocês tão fazendo aqui? — perguntou ela.

Não respondi. Já estava subindo as escadas em direção a ela.

— Precisamos conversar — falei. — No seu quarto.

Peguei seu braço, mas ela o arrancou de volta com uma expressão fechada no rosto.

— Você não tem mais permissão pra entrar no meu quarto. Precisa ir embora.

— Eu não vou a lugar nenhum. Ou você entra no seu quarto, ou eu vou carregar você pra lá.

— Não vai me carregar — disse ela, com as mãos na cintura.

Não esperei. Me abaixei e a joguei sobre o ombro, continuando a caminhar em direção ao quarto.

— Tem razão. Não vou te levar pro *seu* quarto. Mas pro *nosso* quarto.

Ela começou a me bater nas costas.

— O que você tá fazendo, Rook? Por que tá todo mundo aqui?

Bati a porta atrás de nós e a joguei na cama. Ela quicou uma vez antes de se erguer de joelhos e me encarar.

— Qual é o seu problema?!

— Estamos aqui porque precisamos de um lugar pra morar e a minha namorada tem uma das maiores casas da cidade, que por sinal fica vazia a maior parte do tempo. E é privada. Ninguém pra reclamar das nossas motos, e ainda

tem uma garagem linda onde podemos trancar nossas coisas.

Ela bufou e se sentou.

— Você acha que vai se mudar pra cá?

— Não acho. Eu *vou* me mudar. Todos nós vamos.

— Não vão, não — disse ela, incrédula, com a boca entreaberta.

— Qual é o problema? Você disse que não queria mais ficar sozinha nesta casa enorme. Agora talvez nunca mais precise — falei, rindo. — Estamos todos ocupados, mas com tanta gente aqui, sempre vai ter alguém em casa. O que é ótimo, porque você não pode sair até eu tirar a recompensa da sua cabeça.

— Você acha que vai me trancar aqui?

— Eu sei que vou.

— E o meu pai?

— Tá fora.

Os olhos dela se arregalaram.

— Você matou ele?

— Não, Rebel. Ele nem voltou pra cidade ainda. Mas vai ficar fora desta casa. Se ele botou fogo na minha, tecnicamente me deve uma casa.

Ela balançou a cabeça.

— Você realmente acredita nisso. Acha que meu pai incendiou sua casa, matou sua família, depois incendiou sua oficina e ainda colocou uma recompensa pela nossa cabeça? Como você sabe que foi ele?

— Quando voltei e me estabeleci de novo aqui, comecei a investigar. Amigos, pessoas que trabalhavam com meus pais, qualquer pista que pudesse encontrar… eu fui atrás. Seu pai foi quem mais lucrou com a morte deles. Ele assumiu a empresa e a dissolveu em seguida, colocando cada centavo e bem no nome dele. Fez parecer que meus pais nunca nem existiram.

— Por que seus pais passariam tudo pra ele? — perguntou Regan, e fiquei aliviado por ela estar fazendo perguntas, tentando entender tudo.

— A empresa deles ia bem, mas tavam endividados. Isso impedia o crescimento, e eles tavam procurando expandir. Cameron prometeu tudo de que eles precisavam se o colocassem como sócio. Era pra ser uma sociedade silenciosa, pelo que entendi. Nunca encontramos o contrato original, mas Evie logo vai procurar no escritório dele.

— Então, é isso? Você vai se mudar, me trancar aqui e vasculhar a vida do meu pai tentando provar essas suas teorias ridículas? E depois?

— Eu vou te dar provas incontestáveis. Quando você acreditar em mim, vai concordar que podemos viver aqui. Depois, vou destruir a vida do seu pai e teremos nosso futuro juntos.

— Eu tô brava com meu pai, mas não quero a vida dele arruinada.

— Por quê? Ele arruinou a sua.

— Não, ele não arruinou.

— Arruinou, sim. Você tá feliz? Não. Tá fazendo o que queria fazer da vida? Também não. E por quê? Porque ele te mandou ficar aqui por ele.

Desbloqueei o celular e disquei o número de Asher.

— Asher é um amigo, mas ele não se importa se eu morrer ou não. Pelo menos, não muito. Ele vai te contar a verdade sobre a recompensa, mesmo que isso me prejudique.

— Alô? — disse Asher.

— Ei, Regan tá aqui. Ela quer saber quem tá tentando matar ela — falei.

Ela já estava balançando a cabeça.

— Como eu sei que você não pagou pra ele mentir?

— Porque eu tenho mais dinheiro que o Rook. Não preciso de trocados pra mentir sobre uma coisa tão simples — disse Asher.

— Eu não sei como confiar em nenhum de vocês dois. Pelo pouco que ouvi, você é só mais um criminoso, e ele me trancou na minha própria casa.

Asher bufou.

— Você devia confiar um pouco no cara que tá tentando te manter viva. Rook já veio até o meu escritório me convencer a não aceitar a grana que tão oferecendo por você. Por sorte, eu tô satisfeito com a ajuda que ele me dá, e ele me rende mais dinheiro vivo. Você, não. A única razão de não ter uma dúzia de homens caçando você esta noite é porque Rook ofereceu serviços de graça pra deixar claro que eles não deviam ir atrás de você.

Regan arregalou os olhos, e torci para que ela finalmente percebesse que aquilo tudo era verdade.

— Então tem mesmo alguém disposto a pagar pra matar a gente?

— Tem, sim — disse Asher. — Deveria se sentir lisonjeada, é uma quantia considerável. Em geral, só vejo esse tipo de valor pra gente importante. Alguém realmente quer você fora do caminho.

— Quem? — perguntou Regan.

— Quem quer você morta? Tenho quase certeza de que você o conhece bem.

— Quem? — repetiu ela.

— Cameron Fletcher fez o pedido. Rook e a garota que anda de moto com ele. Ele deu as descrições, as roupas, a moto.

Ela desabou no sofá, o rosto vazio enquanto encarava o nada.

— Ele deu o nome da garota?

Asher riu.

— Esperando que o papai não queira te matar?

— Você não estaria? — rebateu ela, e meu peito se encheu de orgulho por vê-

la enfrentando Asher sem medo.

— Não — respondeu ele. — Se alguém quiser me matar, eu mato antes.

— Mesmo se fosse seu pai?

— *Especialmente* se fosse meu pai. É melhor você descobrir quem seu pai é de verdade antes que ele tenha a chance, porque eu o conheço bem o bastante pra saber que ele vai aproveitar a primeira oportunidade. Metaforicamente, pelo menos. Seu pai é covarde demais pra matar alguém com as próprias mãos.

Regan ficou boquiaberta.

— Chega.

— Agora acredita em mim?

— Acredito. Chega.

— Me mantenha informado, Asher.

— Gostaria de dizer o mesmo pra você, mas acho que vai estar ocupado tentando manter a garota viva. Mas me avisa se trancar ela em casa funcionar, porque tô precisando de uma esposa e não consigo manter nenhuma por perto.

Revirei os olhos.

— Até agora, não tá dando certo, mas eu aviso. Falamos depois.

Guardei o celular no bolso e me virei para Regan.

— Você acredita em mim agora?

— Acredito.

— Acredita mesmo?

A esperança encheu meu peito, e me forcei a não tocar nela.

— Acredito, mas é óbvio que meu pai não sabia que era eu. Ele só falou da garota na garupa. Não tem como ele saber que era eu. Em que mundo eu estaria namorando um criminoso que anda de moto?

Fui até ela, puxando-a com força contra mim.

— Neste mundo — falei, segurando o queixo dela e levantando até nossos lábios se encontrarem. — Neste mundo, é esse cara que você tá namorando. Tá namorando agora, e isso não vai mudar tão cedo. Você merece não estar mais presa, Regan, mas, pra isso, coisas terríveis precisam acontecer — continuei. — Vou mostrar tudo pra você. Só preciso que você fique aqui pra não ser morta.

Pressionei meus lábios contra os dela, surpreso quando ela respondeu com ainda mais intensidade, mas durou pouco. Suas mãos me empurraram com força, afastando-me.

— Sai daqui. Tô cansada e não quero falar com ninguém.

— Não posso deixar você sair.

— E você não pode me forçar a ficar. Sai, Rook.

Vi quando ela se encolheu na cama, virando de costas pra mim.

— Se quiser descer e conversar, a gente estará aqui a noite toda.

— Ótimo — murmurou ela.

— E eu vou fazer o jantar.

— Não tô com fome.

— Então saia quando estiver pronta pra me despedaçar.

Bati a porta e desci até onde o grupo estava.

— Parece que foi ótimo — disse Evie com um sorrisinho debochado.

— Cala a boca, Evie. Agora você tem uma casa, não tem?

— Se você queria se mudar pra casa da sua namorada, existem jeitos melhores de fazer isso — disse Mason. — Sei lá, talvez comprar uma casa antes, depois pedir com educação.

— Prefiro invadir e avisar que agora moro lá. Menos bagunça emocional, mais lógica — disse Hero.

— Parabéns — comentou Aiden. — Você perdeu tanto o juízo que até o Hero concorda com você.

— A casa é minha agora, então, se não quiserem ser expulsos dela — falei —, gostaria de parar de ouvir as opiniões de vocês. Vou sair por uns trinta minutos. Se eu não voltar, me procurem. De preferência, vivo. E, se Regan sair, me avisem na hora.

— Pera aí — disse Evie. — Você não pode sair também. Tem gente querendo te matar, lembra?

— É só um recado. Eu volto. Só fiquem de olho em qualquer um que possa aparecer por aqui.

Peguei meu capacete e as chaves, indo até a moto.

A incerteza do meu plano fez meu peito apertar. Olhei mais uma vez para o quarto de Regan. A luz estava apagada. Eu sabia que ela me amava. Ou que já tinha me amado.

E eu a amava. E faria qualquer coisa para mantê-la segura.

Qualquer coisa.



Eu estava sentado em uma daquelas poltronas esquisitas e gigantes na sala de estar pessoal do Cameron Fletcher, depois de voltar da casa de Asher. Não entendia a ideia de ter duas salas de estar, e menos ainda de enchê-las com móveis tão desconfortáveis.

Aiden andava de um lado para outro perto da janela, enquanto Hero e Mason tentavam descansar nos sofás.

Evie entrou bufando de raiva e me entregou o tablet.

— O que é isso?

— Consegui acessar o computador do Cameron e agora que tenho mais tempo, consegui me conectar ao celular dele também. Encontrei as mensagens, Rook. Ele é doente.

Eu rolei a tela até os trechos que ela apontou. A maioria era de conversas com o Elliot.

— Então ele definitivamente incendiou a nossa garagem — falei pros outros.

Ela se inclinou, rolando as mensagens, aparentemente procurando uma mensagem específica.

— Eles fazem piada sobre terem matado nossos pais, Rook. Piada.

— Com todo respeito — disse Hero —, a gente também faz piada sobre assassinato.

— Hero, vou enfiar uma faca em você. Cala a boca — respondeu Evie.

— Tá vendo? Exemplo perfeito de uma piada sobre assassinato.

Evie virou-se de forma brusca, os olhos arregalados enquanto avançava em direção a Hero. Aiden pulou na frente deles.

— Calma, psicopata. Conte logo o que mais você encontrou antes de sair no tapa.

Ela bufou e voltou a olhar pra mim.

— Ele mandou matar você e Regan. Não diz se ele sabia quem era ela ou não, mas ele deu a ordem.

Minha cabeça caiu para trás quando soltei um suspiro pesado. Eu finalmente tinha a prova. Agora não teria como Regan não acreditar em mim.

Um baque no andar de cima fez todo mundo congelar e parar para escutar. Nada por alguns segundos, até que ouvimos um leve arrastar de pés no telhado.

— Alguém encontrou a gente? — perguntou Mason.

— Ou a Regan tá tentando fugir — acrescentou Evie. — É o que eu faria.

— Merda — murmurei, já me levantando e devolvendo o tablet para ela. — Vocês três, chequem a parte externa. Eu vou ver a Regan.

Subi correndo as escadas até o quarto dela, xingando baixinho quando não a encontrei lá dentro. A janela estava fechada, mas a abri e encontrei Regan tremendo de frio, em pé no telhado.

— Que porra você tá fazendo aí fora, Rebel? — perguntei, estendendo a mão.

— Como você consegue subir e descer desse telhado com tanta facilidade? — gritou, quase.

Quando se virou para mim, a frustração já estava estampada em seu rosto.

— Eu pulo.

Ela olhou para o beiral e de volta pra mim.

— Desse exato lugar?

— Deste mesmo.

A boca dela se abriu, chocada.

— Como é que suas pernas não tão quebradas?

— Não é tão alto assim. Quer entrar antes de morrer congelada?

— Não. Quero fugir daqui.

Tentei conter a risada.

— Você tá tentando fugir?

— Tô. Você me trancou aqui. E agora tô puta da vida.

— Eu entendo, mas pular do telhado não vai ajudar. Vamos, entra.

— Não. Você vai continuar me prendendo aqui.

— Só por uns dias. Nem vai perceber.

— Você mesmo disse que eu não devia ser trancada. Claro que eu vou perceber.

— Entra logo, Rebel. Você não vai pular do telhado, e, mesmo que pule, eu vou te caçar de moto só pra te arrastar de volta para este quarto.

Ela revirou os olhos, mas voltou para a janela e entrou.

— Você é péssimo — disse ela.

— Eu sei. Mas gosto da sua cabeça inteira, então vamos conviver com isso. Agora, vem. Tenho uns episódios de crimes reais pra assistir e preciso da sua opinião pra entender as pistas.

— Você acha mesmo que eu vou deixar você ficar aqui?

— Acho que você precisa de um segurança agora, pra não fugir de novo, e eu tô me oferecendo. Então, sim, vou ficar.

Ela se jogou na cadeira e ligou a TV, sem dizer nada, enquanto eu me jogava na cama e começava a assistir.

Mesmo brava comigo, eu ainda gostava da companhia — e de saber que ela não poderia fugir. Tudo em que eu conseguia pensar era o quanto nossas vidas estavam prestes a melhorar.

TRINTA E NOVE

REGAN



EU ME DECIDI NA NOITE SEGUINTE, QUANDO OUVI UMA MOTO PARANDO EM frente à casa e vi Rook se aproximando da porta da frente.

Não podia ficar brava com o Rook sem saber se ele estava sendo sincero ou não, e ficar no meu quarto chateada não ajudaria em nada. Se ele de fato me amasse, responderia a mais perguntas.

Rook olhou para cima, vendo-me pela janela, mas não acenou nem me cumprimentou, o que só aumentou ainda mais a minha determinação.

Abri a porta com força e fui até o portão assim que Rook entrou.

— Então você pode continuar saindo, mas eu não? — gritei, fazendo com que ele olhasse para mim. Pude ver as olheiras escuras ao redor de seus olhos de novo e notei a forma como seus ombros caíram. Fiquei imaginando se ele havia dormido nas duas últimas noites, ou se estivera apenas me vigiando. — Pensei que alguém estivesse tentando te matar também.

— Sim, eu posso porque, pra começar, você não se importaria se eu estivesse morto. Você talvez ficasse até feliz. E, depois, tô tentando descobrir como deixar você menos irritada, e a única coisa em que consigo pensar são nesses malditos *cookies*.

— Eu matei uma pessoa porque ela ia te matar — falei, as palavras deixando um gosto ruim na minha boca. — Como pode dizer que quero que você morra? Evie saiu da sala de jantar, com Mason logo atrás dela.

— Você tá falando sério? E deixou isso de fora da conversa, Rook? Que diabos? — perguntou ela, olhando para mim. — É impossível você não ser a minha melhor amiga agora. — Ela olhou pra mim, depois de volta para Rook. — Se você conseguir superar o fato de ele ser um idiota às vezes.

— Tô tentando não ser um idiota — ele disse. — Por isso, os *cookies*.

Eu não sabia se era o fato de já ter chorado todas as minhas lágrimas ou se porque parte de mim estava assimilando tudo o que acontecia ao meu redor. Eu sabia que meu pai conhecia o tipo de gente que matava pessoas por dinheiro, o que por si só já era chocante. Eu sabia que Rook achava que ele estava por trás da morte de seus pais e sabia que meu pai estava guardando segredos de mim.

Eu só não tinha percebido que tipo de segredos. Ou quantos. Também sabia que alguém poderia fazer coisas terríveis e ainda assim ser uma boa pessoa.

— Você vai trazer esses *cookies* para mim, ou eles vão ser colocados na minha porta pra que eu me sinta de fato em uma prisão?

Ele sorriu quando começou a subir as escadas, dois degraus de cada vez, o sorriso arrasado em seu rosto porque eu estava lhe dando uma pequena chance. Eu queria dar uma chance a ele. Queria voltar no tempo, para como tudo estava indo antes de ele me contar todas as coisas terríveis que havia escondido de mim.

O sorriso apagou-se um pouco conforme ele subia os degraus, seus olhos pesados de exaustão quando ele me entregou a caixa.

— Quando foi a última vez que você dormiu? — perguntei, percebendo o quanto eu me importava com ele.

Apesar do que estava acontecendo, eu ainda me importava.

— Que dia é hoje?

Revirei os olhos, já caminhando de volta para o quarto.

— Você vai dormir se eu deixar você entrar no quarto?

— Depende — respondeu. — Tenho que me preocupar com o fato de você sair fininho? Ou você vai ficar aí o tempo todo?

— Se você dormir, eu fico — disse eu, já pegando meu tablet e indo para a minha poltrona no canto do quarto.

— Regan, pera — disse ele, puxando-me de volta. Suas mãos seguraram a minha mandíbula, o toque suave contrastando com o sulco de raiva em sua testa. — Sinto muito.

— Sente por me contar todas essas coisas terríveis ou por suas tentativas de sequestro?

Ele deu um sorriso forçado, que ainda não parecia feliz.

— Lamento que essas duas coisas tenham te magoado. Você disse que sempre quis a verdade, e eu tô tentando te dar isso. E o sequestro é só porque eu quero que você fique segura. Bom, não é ruim pra mim ter você por perto o tempo todo, mas eu realmente não quero que nada te aconteça.

— Não é seu papel me proteger.

Seu peito arfou, suas narinas se abriram enquanto suas mãos apertavam meu rosto.

— É, sim, porque você é minha. Não vou te deixar ser morta na minha frente. Vou fazer qualquer coisa pra te manter segura, inclusive isso.

A frustração borbulhou em minha garganta. Eu queria que tudo aquilo fizesse sentido. A sensação angustiante de que eu estava tão perto de entender tudo, mas que ainda não tinha chegado lá, estava me fazendo perder a cabeça.

— Mas por que você acha que precisa fazer isso? — perguntei.

Como se eu tivesse dito a coisa errada, suas mãos se afastaram de mim, e ele deu um passo para trás.

— Porque eu amo você, Regan. Até achei que não seria possível, mas eu te amo.

— Com tudo o que você me disse, agora acha que devo confiar em você porque diz que me ama? — perguntei, meu coração acelerado com as palavras diretas. Ele havia dito que tinha se apaixonado por mim, mas, depois de sua confissão, não achei que fosse verdade. — Não acho que devamos mentir para as pessoas que amamos.

— Eu te disse que tava tirando tudo de você. Só não podia dizer como.

— Isso não significa que você esteja me dizendo a verdade. Você também disse que tinha muito a me dar em troca. Onde tá tudo isso?

Ele me agarrou, puxando-me para mais perto enquanto forçava minhas mãos contra seu peito.

— Eu tô te dando mais. Tô *me* entregando a você. Cada parte de mim. Isso não é suficiente pra você?

— Em troca de tirar tudo de mim? De me prender? Você concordaria se o jogo fosse invertido?

Seu lábio se contraiu.

— Isto é temporário. Um momento de nossas vidas, enquanto eu construo uma vida melhor pra gente. Uma vida mais segura. Sem um preço por sua cabeça. Não vou deixar que você ande por aí na mira de uma bala. Quando eu matar o homem que fez isso, você vai ficar livre de novo.

— Você não pode sair por aí pensando que é meu protetor. Eu não pedi pra você ser. Você acha que precisa proteger todos com quem se importa a ponto de me trancar no meu quarto?

— E você não pode abrir mão de quem você é só pra fazer tudo o que mandam você fazer — disse ele, quase gritando. — Mas é isso o que você faz.

— Eu não faço isso! — gritei de volta, afastando-me. — Eu me defendi. Aprendi e tô tentando me sair melhor agora. E quanto a você? Não tá tentando manter todo mundo preso e chamar isso de segurança?

Ele se voltou para mim, com o rosto coberto de raiva, enquanto caminhava em minha direção.

— *Não* vou perder mais ninguém com quem me importo e, com certeza, não vou perder pessoas pro Cameron de novo. Não sei o que faria se perdesse você agora, Regan.

Cada parte de mim estava em desacordo com o fato de amar Rook e não querer acreditar que meu pai de fato seria capaz de fazer tudo aquilo.

Meus ombros caíram, o tom de raiva em minha voz desapareceu e eu cedi. Estava cansada demais para continuar lutando contra ele, para continuar correndo nesse círculo de raiva e mágoa, e depois de volta a amá-lo. Sabia que ele estava aborrecido, e deveria estar pelo que aconteceu com ele. Ele só não precisava ficar com raiva do meu pai.

— Por que você é tão doce a ponto de me trancar como uma prisioneira? — gritei então, sentando-me em minha poltrona, respirando com dificuldade.

Ele sorriu, caindo de volta na cama.

— Tenho que ser um pouco charmoso pra me safar das coisas que faço.

Revirei os olhos, peguei meu tablet e me sentei. Ele me observou por um tempo até que olhei de volta e percebi que ele havia adormecido.

Fiquei em silêncio, trabalhando por mais duas horas em meu desenho, até que ele rolou para o lado, abrindo os olhos.

— Que horas são? — perguntou ele.

Dei uma olhada no meu celular.

— Passa um pouco das onze.

— Por que você ainda tá acordada?

— Tô desenhando — disse eu, sem esconder o tom cortante na voz.

— Desenhando o quê? — perguntou ele.

Ele sempre perguntava. Ele sempre elogiava os meus desenhos e agia como se eu fosse uma artista de verdade. Olhei para a pintura que estava pendurada acima de sua cabeça, meu coração doendo um pouco.

— Você — respondi, enfim. — Todas as suas tatuagens são interessantes. Tô tentando reproduzi-las em um retrato seu, mas é mais difícil do que eu pensava.

— Mostra pra mim.

Sua voz ainda estava grave e rouca de sono, o que me fez querer me deitar ao lado dele. Eu me aproximei, virando o tablet de frente. Ele ficou quieto, olhando. Isso sempre me fazia sentir como se ele estivesse de fato interessado.

Ele enfim sorriu.

— Você realmente é talentosa, Rebel. Vai ter que começar a desenhar as tatuagens que quisermos fazer. Vão ficar incríveis.

— Não posso fazer isso.

— Você pode e deve. Mas, por enquanto, vamos lá. Vem pra cama. Quero dormir mais.

— Vou ficar na minha poltrona esta noite — falei.

Eu realmente não confiava em mim dormindo ao lado dele e não fazendo nenhum movimento a mais. Como se tivesse lido minha mente, ele sorriu.

— Preocupada em não conseguir manter as mãos longe de mim?

— Não. Só tô me perguntando por que você não pode ir dormir em outro quarto.

— Segurança e tudo o mais — murmurou. — Vamos lá. Não vou te morder desta vez, prometo.

Ele ergueu os cobertores, e eu deslizei para perto dele. Ele tentou me abraçar, mas eu me afastei, deixando bastante espaço entre nós.

Não demorou para que Rook atravessasse a cama e me abraçasse de novo.

— O que tá fazendo?

— Eu disse que não ia morder, não que não tocaria em você.

— Rook — avisei.

— Rebel — disse ele, empurrando-se com mais força contra mim. — Você pode se arrastar pro outro lado da cama se precisar de espaço.

— Ou você pode dormir lá do seu lado — eu disse, sem me mexer.

— Que fofo já termos lados da cama, mas eu não vou a lugar nenhum. — Seu braço se apertou mais ao meu redor. — Sabe, tudo o que tenho que fazer não vai ser bom nem fácil. Não quero que você fique chateada comigo o tempo todo, mas tenho coisas que precisam ser feitas.

— Entendo, mas matar minha família não pode estar na sua lista.

— Já tava na minha lista de afazeres muito antes de você.

— Se diz que me ama, pode tentar não matar meu pai? Independentemente dos seus planos de antes, Rook. Eles não mudaram agora?

— Sim, mudaram.

— Então isso também pode mudar.

Ele gemeu.

— Esse plano existe há dez anos, Regan. Não posso ficar sentado e não fazer nada. Ele tirou tudo de mim, tudo de nós e merece enfrentar algum tipo de consequência pelo que fez.

— Diz que não vai matar ele e eu fico aqui. Vou passar esta noite aqui, e muitas outras depois disso — disse.

Ele riu e apertou o abraço.

— Se você passar todas as noites ao meu lado pra sempre, *talvez* eu não o mate.

— Eu passo todas as noites ao seu lado e você me garante que não vai matar ele — falei, propondo uma barganha.

— Que tal eu concordar em não o matar sem permissão?

— Tudo bem — eu disse rapidamente.

Pelo menos isso me daria mais tempo para encontrar provas. Ele se levantou e inclinou sobre mim, os lábios encontrando os meus no escuro.

— Bem-vinda à eternidade, então, Rebel, porque acho que não tem nada que eu não faria pra você continuar sendo minha.

QUARENTA

ROOK



ACORDEI COM REGAN ABRAÇADA A MIM. SUA PERNA ESTAVA JOGADA SOBRE a minha, a mão sobre minha barriga e a cabeça entre meu braço e meu peito. Nunca acordei e amei minha vida tanto quanto agora. Estava tão perto de ter tudo o que queria, mas precisava me esforçar um pouco mais.

Não podia mais esperar. Precisava dar um jeito no pai dela para que pudéssemos seguir com as nossas vidas. Os cobertores deslizaram para fora de mim e Regan quando saí da cama. Eu me troquei antes de seguir para a cozinha.

Não demorou muito para que Regan aparecesse, com o cabelo bagunçado e vestindo meu moletom. Meu peito se apertou quando ela se aproximou e passou os braços ao meu redor.

— Vai me preparar o café da manhã de novo? — perguntou ela, sonolenta.

— Sim, Rebel. Logo estará pronto pra você.

Ela continuou me abraçando, andando comigo pela cozinha enquanto eu cozinhava. Como eu poderia arriscar que isso me fosse tirado agora? Eu teria que escolher entre ela e me vingar do pai dela?

Ela se sentou, observando-me em silêncio enquanto eu lhe entregava um prato.

— Que bonito — disse ela, dando a primeira garfada. — Se continuar assim, não vou me importar de você ficar aqui.

Balancei a cabeça, rindo ao caminhar para me sentar ao lado dela.

— Vou me lembrar disso. Tenho uma pergunta séria pra você — falei.

Tinha ficado acordado metade da manhã pensando naquilo, e precisava saber o que ela achava.

— Sou toda ouvidos.

— Se não foi seu pai quem fez tudo aquilo… o incêndio da minha casa, da minha loja, dos meus pais… por que ele me mataria? Por que especificamente

eu? Qualquer pessoa em nosso mundo sabe que somos um grupo e representaria todos nós.

Ela pareceu pensar no assunto, mas não me olhou nos olhos.

— Talvez ele tenha nos visto juntos no Sweet Haven e não tenha gostado de você. Você não causa uma ótima primeira impressão…

Ela quase sorriu, mas depois pensou melhor.

— Se essa fosse a situação, ele saberia exatamente quem era a garota que estava na garupa da minha moto antes de tentar me matar.

Regan não disse nada, preferindo dar outra grande mordida em suas panquecas. Enfim, ela engoliu e olhou para mim.

— Não sei. Talvez ele quisesse atingir um de vocês, e não pagar por todos. — Fala sério, Regan.

— Fala sério, o quê? Preciso de mais provas, Rook. Ele é meu pai. Tô muito chateada com os negócios e com o Elliot, mas não posso pensar que ele é um monstro assustador sem provar isso. Ele ainda é meu pai.

— Tudo bem. Come depressa, pra gente dar uma olhada no escritório.

Seus olhos se estreitaram para mim enquanto ela terminava de se arrumar antes de sair e ir direto para o escritório.

Evie e Mason passaram a maior parte da noite ali, montando o cantinho de guerra de Evie. Seus novos computadores custaram uma pequena fortuna, mas, supostamente, seriam perfeitos para colocá-la em qualquer canto da internet que quiséssemos. O restante do cômodo permanecia praticamente intocado.

Eu não queria que Regan tivesse motivo para não confiar em mim.

— Se formos examinar o escritório, tenho uma pergunta. Harper e eu descobrimos algo quando o vasculhamos. Eu queria perguntar sobre isso antes, mas depois de tudo que aconteceu, não tive a oportunidade.

— Sim, o que foi?

— Aqui — disse ela, dando a volta na grande escrivaninha de madeira. — Tem uma gaveta trancada aqui que a Harper conseguiu abrir. Os documentos que tão lá dentro… não sei o que significam. Se quiser que eu acredite em você, comece abrindo ela e me diz o que são.

Olhei ao redor em busca de algo afiado o suficiente para enfiar e abrir a fechadura, feliz por ela ter se aberto antes com facilidade.

— Pelo menos o fato de você ser um criminoso é vantajoso às vezes.

— Só às vezes? Acho que você já se beneficiou disso muitas vezes — falei, abrindo a gaveta e colocando a mão na massa.

— Também quase me matou muitas vezes.

— Justo.

Joguei a pilha de papéis sobre a mesa enquanto o grupo inteiro entrava no

escritório. Felizmente, o local era grande o suficiente para que todos pudessem se espalhar. Eu folheei as páginas, absorvendo cada palavra antes de dizer qualquer coisa.

Listas de remessas, quantias de dinheiro variadas, grandes e pequenas, e nomes diferentes. Página após página de listas, até que cheguei a uma com quatro nomes de remessas com grandes somas de dinheiro listadas lado a lado.

O grupo ficou esperando. Inclusive Regan ficou quieta, até que entreguei para todos verem.

Eu não manteria aquilo em segredo. Passaram de mão em mão, até que Aiden se virou para mim.

— Você sabe o que é isso? — perguntou Regan.

— Pode contar pra ela? — pedi a Aiden. — Porque acho que ela não vai acreditar em mim.

— São remessas — começou Aiden. — Carregamentos que desapareceram neste mês e que estamos tentando ajudar a achar. — Ele apontou para os maiores. — Pegamos esse depois que um transportador deu a dica. Os outros não foram encontrados ainda. As quantias em dinheiro ao lado são os valores das remessas.

— O que tão transportando que vale milhões? — perguntou ela.

— Drogas. Você conhece o Asher e ouviu a conversa que tivemos com o Cross. As remessas tão desaparecendo rápido e causando tumulto. Nenhum dos chefões tá satisfeito com isso, claro, e começaram a culpar uns aos outros.

— Por que meu pai teria a lista? — perguntou ela.

Eu entendia por que ela não queria entender, mas não tínhamos mais tempo para que ela continuasse sendo ingênua em relação a isso.

— Pelo mesmo motivo que seu pai também tá oferecendo seus serviços aos mesmos caras de quem ele tá roubando. Ele tá se passando por uma pessoa de confiança pra esses caras e, ao mesmo tempo, roubando deles. Eu apostaria tudo o que me resta que ele também tá vendendo essas remessas que tá roubando pra começar a conquistar um novo território. Quando tiver dominado um pouco dos negócios e a confiança de todos os quatro, ele vai colocar uns contra os outros e esperar que acabem se matando entre si. Assim, ele ganhar um lugar de destaque.

Ela já estava balançando a cabeça.

— Meu pai quer ser o que você tá chamando de chefe do tráfico? Isso é ridículo.

Hero segurou os papéis, sacudindo-os.

— Então por que diabos você acha que ele teria esses papéis?

Hero foi um pouco abrasivo, mas fiquei feliz por ele ter sido claro em suas

palavras. As provas estavam se acumulando, e seria difícil para ela continuar a insistir em não acreditar na verdade inevitável. Estendi a mão para a dela, segurando-a com força. Parte de mim tinha medo de ela fugir, e a outra parte se sentia mal pelo fato de o mundo que ela conhecia estar ruindo.

— Pode parecer ridículo, mas o pai que você conhece não é o que todo mundo conhece. Ele te manteve reclusa por um motivo, Regan — disse Evie. — Ele achava que você não concordaria com as coisas que ele queria fazer e encontrou alguém que ele achava que concordaria. Rook disse que ele viu vocês dois no Sweet Haven. Ele sabia quem era a garota que tava com o Rook e ainda assim ordenou que você fosse morta.

— Porque você é inteligente, e ele sabia que você era a única pessoa próxima o suficiente pra arruinar o plano dele, e que faria isso — acrescentei.

Regan não chorou nem disse uma palavra, mas também não me soltou.

Eu a puxei para mais perto até que ela caiu em meu colo, e a ajustei ali enquanto folheava mais papéis. Evie deu um passo à frente.

— Acho que você deveria ver isso, Regan — disse ela. — Todos nós sabemos disso e acho que você também merece saber, mesmo que não queira. Consegui conectar este tablet ao telefone do seu pai, com acesso às mensagens dele.

Regan começou a percorrer as provas que eu já tinha visto. As que mostravam que ele tinha incendiado o nosso prédio e mesmo as que detalhavam que ele colocara fogo em nossa casa dez anos atrás, e até que havia mandado nos matar.

— Ele não sabia que era eu… — murmurou ela. — Mas ele fez mesmo tudo isso?

— Parece que sim — disse Evie, e fiquei grato por mais alguém ter entrado na conversa.

Eu me sentia impotente. Não queria que Regan se magoasse, mas ela também não podia se esconder da verdade. A porta da frente da casa se abriu e se fechou com força, e todos nós congelamos. Acenei para o grupo enquanto passos vinham em nossa direção. Todos deram um passo para trás, com Hero e Mason perto da porta e Aiden se aproximando de Evie. A mão livre de Regan foi parar na minha e prendi a respiração, imaginando se Cameron entraria e tudo acabaria logo.

Mas foi o rosto de Elliot que apareceu na porta, e senti Regan se remexer em cima de mim. Ele olhou em volta, com as sobrancelhas franzidas.

— Que porra vocês tão fazendo aqui? O que você tá fazendo, Regan?

Ela não disse uma palavra, e ele logo sacou o celular. Hero e Mason o agarraram antes que ele pudesse fazer qualquer coisa, forçando-o a entrar na sala até que estivesse sentado na cadeira à nossa frente.

— Ei, Elliot — falei, sorrindo com Regan em cima de mim. — Veio visitar o

querido padrasto e ver se arruma algum dinheiro? Eu não pensava que você tava atrás de um *sugar daddy*, mas eu não deveria ter descartado a possibilidade.

— Ah, vai se foder. Ele é um parceiro de negócios, não um *sugar daddy*.

— Ah, não? Você não faz nada além de correr atrás dele, e ele, em troca, paga tudo pra você. Isso não é coisa de um *sugar daddy*?

— Acredito que sim, mas geralmente tem sexo envolvido — disse Hero, olhando para Elliot.

Eu juro que Hero olhava para as pessoas como se elas pudessem ser seu próximo experimento científico, como se ele estivesse as inspecionando para descobrir a melhor maneira de cortá-las em pedacinhos.

— O que vocês vão fazer comigo?

— Depende — falei.

— Do quê? — perguntou ele.

— Do que a Regan quiser. — Ela olhou para mim, com os olhos arregalados. — A decisão é sua, Rebel. O que você quer que seja feito com ele?

— Rebel? — perguntou Elliot. — É assim que ele te chama? E você gosta disso, Regan? Você sabe o que ele faz e concorda com isso?

— Concordar? — perguntei com uma risada. — Vou colocar ela pra gerenciar os negócios.

— E, sim — disse ela, sentando-se mais ereta —, eu gosto.

Levantei a mão, tirando o colar que ela ainda estava usando. Peguei o coração e o apertei entre os dedos antes de puxar seus lábios até os meus.

— Acho que dizer que você gosta pode ser um eufemismo, Rebel. — Senti suas coxas se contraírem e tentei domar meus pensamentos. — Eu te disse que você deixou uma joia preciosa na rua. Eu a peguei para mim, e realmente tenho que te agradecer, Elliot. Nunca teria conhecido a mulher dos meus sonhos se não fosse por você.

— Acha que ela é a mulher dos seus sonhos? Ela é chata e inútil.

— Tá ouvindo isso, Rebel? Ele te acha inútil. Quer nos dizer o que gostaria que fizéssemos com ele? Devemos matá-lo agora? Tirar alguns dedos primeiro? Talvez apenas cortar a língua dele por dizer essas coisas pra você… Por que não nos diz o que quer que a gente faça com ele?

— E vão dar ouvidos a ela? — questionou ele, com os olhos arregalados.

Evie se aproximou, atirando-se na cadeira ao lado dele.

— Não gosta que uma mulher que você tentou matar tenha controle sobre o próprio destino? — perguntou ela, antes de sacar uma faca e bater com ela na cadeira, bem no meio das pernas dele.

A faca não atingiu nada, mas ele ainda assim gritou como se ela tivesse penetrado sua pele.

— Cala a boca — gritou Regan, indo para a beira do meu colo. — Por que você me levou para aquela rua? Tava tentando me matar?

Os olhos de Elliot estavam arregalados quando saltaram da faca entre suas pernas para Regan.

— Não! — gritou ele, com o pânico borbulhando em sua voz. — Bem, não, eu não ia te matar, mas achamos que, se você desaparecesse, pouparia trabalho pra mim e pro seu pai!

— Que fofo. Covarde demais pra matá-la você mesmo, e estúpido demais pra saber se a pessoa com quem você a deixaria a mataria ou a levaria embora. Nunca fiquei tão feliz em arruinar os planos de alguém. O que você quer que façamos com ele, Rebel?

— Podemos começar calando ele? — perguntou ela. — Não consigo ouvir mais nada disso.

— A língua, então? — perguntou Hero, já puxando a faca para fora da cadeira e se inclinando sobre ele.

Aiden agarrou sua cabeça, inclinando-a para trás para que Hero pudesse forçar sua boca a se abrir.

— Esperem! — exclamou Regan, tentando levantar-se, mas eu a puxei de volta. — Deixem a língua dele por enquanto! Apenas o amordacem.

— Por quê? — perguntou Aiden. — Não nos importamos em fazer isso, se é o que você quer.

— Podemos precisar de mais informações dele.

— Muito inteligente, Rebel. Tudo bem, vamos manter a língua — Hero revirou os olhos. — Mas juro que, se você não me deixar…

— Ah, para com isso, Hero — disse ela, quase com carinho. — Você vai ter tempo de sobra pra fazer suas coisas estranhas.

Ele sorriu de volta, afastando-se para se encostar em uma janela enquanto Aiden amordaçava Elliot.

Meu peito se encheu de orgulho. Ela não estava se esquivando ou com medo. Estava pronta para enfrentar o mundo, e eu só esperava que nada a impedisse de fazer isso ao meu lado.

Como uma rainha. Eu sorri para ela enquanto ela fazia uma careta para Elliot. Meu colo poderia ser o trono dela.

A porta da frente bateu mais uma vez, e minha frequência cardíaca disparou. Acho que enfim chegou o momento da minha vingança.

QUARENTA E UM

ROOK



NUNCA SOUBE QUAL SERIA A MINHA VINGANÇA CONTRA CAMERON FLETCHER, embora tenha pensado sobre isso durante anos. Pensei em incendiar a casa dele, arruinar sua vida, sua família e seus negócios, pensei em destruir tudo que ele amava.

Mas nada se compararia ao fato de ele entrar no próprio escritório e ver sua filha sentada em meu colo atrás da mesa.

Seu rosto se fechou na mesma hora, e o mundo parou quando Aiden e Kane o agarraram.

— O que tá acontecendo? — perguntou ele, com os olhos voltados para todos. — O que tão fazendo aqui? O que tá fazendo com ele, Regan?

Evie arregalou os olhos, a raiva e a dor eram tão vívidas que eu queria matá-lo naquele momento só por isso. Eu sabia que o rosto de Regan estampava o mesmo horror. Apertei mais a mão dela, tentando me lembrar de que havia prometido a Regan que não o mataria, mas, *porra*, como eu queria matá-lo.

— Ela tá exatamente onde deveria estar. Estamos aqui porque moramos aqui agora. E o que tá acontecendo é que seu castelo de cartas caiu. Todos os seus segredos foram revelados, Fletcher.

— Não sei quem você é ou o que pensa que tá fazendo, mas precisa dar o fora daqui. Você sabe quem eu sou e acho que sabe que isso não vai acabar como você espera.

Eu coloquei Regan em pé, mantendo-a ao meu lado enquanto eu me levantava e puxava a camisa, mostrando as cicatrizes que marcavam a lateral a minha barriga.

— E você sabe exatamente quem eu sou.

Não houve nenhuma reação da parte dele. Não pareceu chocado, e eu sabia que estava certo.

Senti Regan ao meu lado e me sentei de novo, dando a ela a escolha de se

sentar comigo de novo.

— Você sabe quem ele é, não sabe? — perguntou ela.

— Sei, e não consigo entender por que diabos você o deixou entrar na nossa casa — disse Cameron com violência, e ela se retraiu.

— Eu não gritaria com ela se fosse você — ameacei.

— Sou o pai dela. Posso gritar com ela se ela deixar criminosos entrarem em casa.

Regan se colocou à minha frente de novo, sentando-se em meu colo.

— Se não pudermos lidar com criminosos — disse ela —, então acho que todos nós precisamos ir embora.

Eu sorri, olhando para ela antes de me voltar para ele.

— O primeiro cara que aceitou sua oferta falhou. Minha linda garotinha rebelde o matou antes que ele pudesse me pegar. — Levantei a mão, passando-a pelos cabelos dela e depois arrastando os dedos por seu pescoço e seu peito. — Ela não gostou de você ter ameaçado a minha vida, e eu não gostei que você tenha ameaçado a dela.

— Você não me respondeu — disse Regan, observando-o. — Você sabe quem ele é?

O pai dela revirou os olhos e se recostou na cadeira onde foi colocado, desistindo de tentar se impor.

— É claro que eu sei quem ele é.

— Então presumo que você se lembre do meu pai, Michael Emberson. Ou talvez da minha mãe, Andrea?

A erupção de medo foi breve, o sorriso cruel assumindo o controle tão rapidamente que quase não percebi.

— Ah, eu lembro, sim. Eles tão mortos, certo? Morreram queimados em um incêndio na sua casa, se lembro bem.

— Sim, eles — eu disse, deixando a lembrança me atingir, alimentando o ódio e a satisfação do que viria a seguir. — Como você pode ver, quase fui queimado vivo junto com a minha irmã, mas conseguimos escapar.

— Eu lembro das duas crianças órfãs, mas achei que elas tinham sido enviadas pra uma avó. Tô surpreso que você tenha voltado pra cá.

— Um fato interessante é que todos os nossos avós estavam mortos. Fomos enviados pra viver com estranhos, que rapidamente perceberam seu erro e nos enviaram de volta.

— É muito triste voltar pra casa e ver apenas escombros e dívidas. Papai não te deixou um centavo, não foi?

Eu não olhei para Regan, mas sua mão segurou a minha. Queria ver como ela se sentia ao amar um homem monstruoso como aquele, mas não consegui a

encarar.

— Como você pode dizer essas coisas? — perguntou ela. — Você sabe que ele perdeu os pais, e fala sobre isso assim?

— Porque foi ele quem os matou queimados — eu disse. — E você tem orgulho do seu trabalho, não é, Cameron?

Ele zombou.

— Tenho orgulho de ter transformado a empresa em algo maior. Seu pai era um merdinha na administração dos negócios, e não sei se sua mãe tinha um cérebro pra outra coisa além das obras de arte.

Evie se levantou, com os olhos brilhando com o ódio ardente que eu sabia que ela tinha por ele. Ela pegou a faca que havia enfiado entre as pernas de Elliot e a ergueu para trás. A lâmina caiu no chão, raspando na coxa de Cameron antes de se cravar na madeira.

— Quem é essa? — gritou ele. — Você me cortou!

— *Ops*. Você sabe, tal mãe, tal filha. Eu não tenho um cérebro pra outra coisa além de objetos bonitos, como facas brilhantes. Eu gostaria de dizer que não vai acontecer de novo, mas prometo que vai acontecer, sim.

O lábio dela se contraiu, e Aiden se aproximou mais, abraçando-a e levando-a de volta para perto da janela.

— Então, é isso? — perguntou Regan. — É tudo verdade? Matar os pais deles, queimar a casa, a loja deles? E quanto ao roubo das drogas?

Joguei os papéis que havíamos encontrado sobre a escrivaninha, e ele arqueou uma sobrancelha quando os viu. Resmungou algo, e o tom de irritação fez com que meus dedos se cravassem no braço da cadeira. Ele tinha a coragem de ficar bravo com ela, mesmo quando ela havia descoberto que seu mundo inteiro não passava de uma mentira?

— Como diabos você conseguiu isso? — Hero desceu do assento da janela em que estava. — Como você dirige uma empresa de segurança e acha que o compartimento de uma gaveta falsa é um bom lugar pra esconder coisas? A Regan e o Harper os encontraram em minutos — concluiu.

— Mexeu nas minhas coisas? — perguntou ele, olhando para Regan.

A boca de Aiden se abriu, com o choque de tudo aquilo atingindo a todos nós.

— Acho que já passamos da fase de repreendê-la por mexer nas suas coisas — falei.

— E, de qualquer forma, agora são as coisas dela — disse Evie, atirando mais um papel na frente de Cameron.

— O que é isso?

Ele leu o jornal, com seu rosto se contraindo de raiva.

— Eu não dei a casa pra Regan.

— Não? — perguntou Evie, inclinando-se. — Aqui diz que você a colocou no nome dela há um ano. Muito gentil da sua parte. Foi um presente de formatura?

— Eu não fiz isso. Como isso foi acontecer?

— Evie é boa com computadores, então, sim, você fez — disse. — Você também vai devolver as drogas que roubou. Dinheiro, se as drogas tiverem sido vendidas. Asher tá ajudando com isso.

— Vocês não podem fazer isso. Falaram com o Asher sobre isso?

Seus olhos viraram-se para Regan.

— Querida, você precisa impedi-los. Podemos conversar sobre os negócios. Eu juro, podemos conversar sobre isso. Podemos conseguir o que você quer.

Eu ergui Regan, fazendo-a ficar ao meu lado mais uma vez. Eu sabia que ela ia odiar isso, mas eu precisava de uma coisa. Uma grande coisa para mostrar a ela que ele nunca faria a coisa certa, porque o homem diria e faria qualquer coisa para escapar de uma situação inconveniente.

— Em vez de implorar a ela, tem outra maneira de se livrar desta situação — disse eu, sacando a arma que havia trazido. Deslizei-a pela mesa em direção a ele.

— Podemos chegar a um acordo. Não precisa fazer tudo isso, Rook. O que você quer? Mais trabalho? Mais dinheiro? — Ele sorriu como se pudesse me dar qualquer coisa. — Mais poder?

— Eu precisar de alguma coisa de você? A ironia, Cameron, é que você não queria deixar ela entrar em sua vida porque temia que ela estragasse o seu trabalho árduo e se tornasse uma delatora. Você temia que ela te denunciasse e arruinasse tudo, mas, então, eu a deixei entrar na minha vida. Mostrei a ela todas as coisas desprezíveis que fazemos, e sabe o que ela fez?

O rosto dele endureceu, olhando para ela com repulsa.

— O quê?

— Ela gostou. Ela queria mais, e depois perguntou se poderia administrar a porra toda.

— Então, que tal outro acordo?

— Eu não quero nada de você. Pelo menos, não as coisas que você tá disposto a oferecer. Acho que só tem uma maneira de tornar isso justo. Uma vida por uma vida. Você matou minha família. Mate um dos seus, e eu o deixarei sair daqui sem nenhum outro arranhão ou perda. Um acordo do tipo olho por olho.

Ele olhou para Regan, e depois rapidamente para mim.

— Por quê?

— Eu pensei sobre isso por dez longos anos, Cameron, e acho que você precisa sentir o que eu senti quando você roubou de mim a minha família. Há dez anos, convivo com a agonia da morte dos meus pais naquele incêndio, e

acho que você precisa ter uma imagem como essa gravada na sua mente. Talvez assim fiquemos quites. Além disso, você já a envolveu no golpe que deu na minha vida. Acredito que as palavras foram: “Acabe com ele e, se ela morrer, paciência”. Você já deve ter se conformado com a morte dela. Ela sabe que você nos viu no Sweet Haven naquele dia, e sabe que você contratou um assassino de aluguel pra mim e pra ela. Você sabe que, se ela estiver morta, ninguém poderá tocar em você ou no seu dinheiro. Não haveria mais ninguém no seu caminho pra te incomodar ou revelar seus segredos. Tem algum problema em tornar isso uma realidade agora? Então, eu te deixarei em paz com sua fortuna. Talvez eu até ofereça meus serviços a você e à sua empresa.

— E tudo o que você quer que eu faça é matar ela?

— Uma bala no crânio dela, e você terá tudo. Seu negócio e sua fortuna… só pra você.

— Por quê?

— Não estamos apenas escalando até o topo, Cameron? Um acordo com você não me renderia mais dinheiro, não me daria mais poder? Você acabou de dizer isso, então deve entender.

Cada palavra saía da minha boca tão facilmente, cada uma o induzindo a morder a isca.

— E se eu não concordar?

— Vou expor cada um dos seus malditos segredos sujos até que seu negócio vire cinza. Mais ou menos como o que você fez com a minha casa e com os meus pais. Acho que as duas opções são justas. Mais do que justas, até.

— Eu posso ir pra cadeia se você contar essas coisas pra todo mundo.

Dei de ombros.

— Você não se importou em mandar duas crianças pra um estranho depois de queimar os pais delas vivos. Por que eu me importaria de mandar você pra cadeia?

Regan me tocou, com seus dedos cravados em meu ombro.

— O que tá fazendo?

— Sinto muito — sussurrei para ela. — Mas eu amo você e espero que entenda exatamente o quanto. Eu nunca deveria ter amado você, Rebel, mas amei, e não posso deixar que ele tire você de mim também.

O pai dela olhou novamente para a arma e depois para ela, tentando fazer sua escolha. Pelo menos ele estava pensando duas vezes, mas a decisão dele seria a minha.

— Por favor, Rook — sussurrou Regan. — Você acabou de dizer que me amava. Por favor, não o obrigue a fazer isso.

— Não tô obrigando ninguém a fazer nada. Ele tem uma escolha. Uma

escolha clara.

Minha voz permaneceu baixa, não querendo que ele ouvisse.

— A escolha dele é me matar ou perder tudo? — perguntou ela, com a voz soluçando enquanto lutava contra as lágrimas.

— E? Não tem escolha quando se trata de você, Regan. Eu queimaria toda a minha vida de novo se isso significasse ficar com você entre as cinzas. Ele não deveria ter a mesma opinião?

— Talvez, mas essa é mesmo a maneira de que eu preciso pra descobrir?

O pai dela pegou a arma, com o rosto endurecido para nós.

— Tudo bem, mas eu juro que, se você não desfizer qualquer dano que tenha causado a mim ou à minha empresa, eu é que irei atrás de você com todas as minhas forças — disse Cameron.

Regan recuou, seus olhos arregalados conforme ele ergueu a arma para encará-la.

— Você não tá falando sério, tá? — perguntou ela. — Você me mataria pra salvar os negócios?

— Sinto muito, mas trabalhei a vida inteira e sabia que você seria a minha ruína. Se não for hoje, será um dia.

— Eu não aceitaria nada de você! Voltei pra casa pra te ajudar. Voltei porque você tava doente e precisava de alguém. Eu vim por você! Por que jogar tudo isso fora, agora que temos mais tempo juntos?

— Ah, pelo amor de Deus, Regan. Eu inventei a doença pra que você não metesse o nariz nos meus negócios. Assim, você me ajudaria, cumprimentando as pessoas em festas, enquanto eu podia ficar em casa sempre que precisasse. Não me preocupava com a possibilidade de você descobrir algo sobre os meus negócios e não corria o risco de você se afastar demais também. Mas, o que você foi fazer? Trazer o problema pra dentro de casa. Como eu poderia confiar em você de novo? Sou um bom atirador. Não vai doer.

— Você inventou! — gritou ela, recuando contra a parede. — Você inventou que tava mortalmente doente. Perdeu a cabeça?

Respirei aliviado ao ver a raiva em seu rosto. Ela enfim entendeu. Seu peito arquejou enquanto seus olhos se arregalaram, saltando dele para mim.

— Rook, para com isso agora mesmo. Já entendi.

— Ele não pode voltar atrás agora — disse Cameron. — Eu preciso do meu negócio, e ele me prometeu isso.

Ele acionou a trava de segurança e puxou o gatilho.

Eu só consegui sorrir enquanto a arma clicava repetidamente, mas nada acontecia. Ele se deu conta disso e eu me levantei, virando-me para ficar em frente a Regan. Ele atirou a arma com força na direção dela, mas só atingiu as

minhas costas.

— Você entendeu agora?

Os rapazes agarraram Cameron mais uma vez, forçando-o a se sentar enquanto ele gritava.

Eu me inclinei para baixo, beijando seus lábios com força.

— Vou fazer tudo o que você quiser, Rebel. Se quiser que ele morra, ele tá morto. Se quiser que ele seja mantido vivo, ele será. Você tá no controle agora, e o que você quiser, eu vou fazer acontecer.

Seus olhos se arregalaram quando suas mãos pousaram em meu peito.

— Jura?

— Juro — eu disse, com o alívio me percorrendo enquanto ela se movia para seus dedos dos pés, beijando-me novamente.

— E a vingança que você tanto queria? Eu vi as mensagens. Não te culpo, Rook.

— Percebi que ter você ao meu lado dia e noite é mais importante.

Ela me beijou de novo, e eu a puxei para perto de mim, esperando que estivéssemos chegando ao fim de toda essa confusão.

— Espera! — gritou o pai dela atrás de mim. — Eu tenho uma oferta melhor!

QUARENTA E DOIS

REGAN



HOUVE MUITAS OCASIÕES EM MINHA VIDA EM QUE OLHEI PARA O MEU PAI e o perdoei. Quando ele dizia ou fazia algo que me magoava e eu simplesmente deixava para lá.

Até aquele momento, eu não havia percebido o quanto havia me tornado resiliente.

No dia em Sweet Haven, ele me olhou nos olhos e me disse que eu nunca iria administrar sua empresa, que eu era uma inútil, e o que eu fiz? Deixei para lá e fui para uma festa. Não havia nada ali para mim, mas eu fui para que ninguém pensasse que ele não se importava por não poder comparecer.

Eu o estava ajudando a se relacionar bem com as pessoas para que sua campanha transcorresse sem problemas no próximo ano, e, em troca disso, ele só dizia coisas cruéis.

Talvez eu tivesse me tornado insensível aos meus sentimentos e desejos, talvez eu fosse fraca e covarde, ou talvez eu fosse forte o suficiente para lidar com tudo aquilo. A cada vez, eu tentava esquecer e seguir em frente.

Mas será que seria forte o bastante para ver meu pai apontar uma arma contra a minha cabeça e puxar o gatilho?

Meu peito pesou quando empurrei Rook para o lado, ficando em frente ao meu pai.

— Não queremos nenhum acordo que você tenha a oferecer — falei. — Você me mataria? Pelo quê? Sua empresa? Pra que o Elliot possa administrá-la um dia e eu não? Por quê?

Ele lutou contra Aiden e Hero, que o estavam segurando. Embora eles o tivessem soltado, não o deixaram se levantar.

— Elliot nunca assumirá os meus negócios. Vocês, jovens, são tão estúpidos

que eu não poderia confiar em nenhum de vocês pra administrá-los. Elliot morrerá no minuto em que os chefes descobrirem o que fizemos, e eu preciso colocar a culpa em alguém.

Olhei para o Elliot, que estava lutando contra as amarras e a mordaça, com ódio e medo em seu rosto enquanto olhava para o meu pai e para mim.

— Mas, por quê? Por que não passar os negócios pra própria filha?

Meu pai zombou, olhando para mim com pura malícia nos olhos.

— Porque, Regan, você não nasceu pra ser nada além de uma marionete. Você serviu pra melhorar a minha aparência diante da sociedade, nada mais. Mas você tinha de trazer todo esse problema pra casa, não é? Tá tentando arruinar tudo.

Eu mal conseguia me mexer, sacudindo a cabeça ao me virar para Rook.

— Não tem mais nada pra arruinar agora — disse Rook com um sorriso. — A casa pertence a Regan. Asher sabe do seu roubo e já tá trabalhando pra desfazer os danos e acalmar os chefões. Ele também tá ajudando a garantir que você não tenha mais negócio nenhum.

Meu pai arregalou os olhos.

— O que você fez?

— Contei a verdade a todos os seus clientes e parceiros. Que você tava roubando eles. Agora não querem fazer mais nenhum negócio com você. Tudo o que restou foi doado. Dinheiro, bens, edifícios. Tudo isso foi doado esta manhã pra pessoas cujas vidas você ajudou a arruinar. — Rook se recostou na cadeira, sorrindo. — E o melhor de tudo é que sua filha, alguém do seu próprio sangue, agora é leal a mim. A única pessoa neste mundo que poderia salvá-lo tá agora sentada deste lado da mesa, pronta pra decidir seu destino, e eu cumprirei qualquer destino que ela decidir pra você. Sinceramente, achei que te matar seria a única coisa no mundo que me faria me sentir melhor em relação ao que você fez, mas isso, Cameron… sua própria filha me dizendo como ela quer que sua vida seja arruinada, e eu ser capaz de fazer isso por ela… esta é a melhor vingança que eu poderia desejar.

Seus olhos saltaram para mim de novo.

— Regan, me perdoa. Por favor, não deveria ter feito as coisas que fiz, mas você sabe como nosso legado é importante pra mim. Você sabe o quanto esse negócio é importante pra mim.

— Acho que já passamos da fase do perdão — falei. — Não quero que você toque mais em negócio nenhum. Fico feliz que ele tenha tirado tudo de você.

Rook se levantou e foi para o meu lado, mas eu não me virei para encará-lo.

— Sinto muito — eu disse, sem tirar os olhos do meu pai — por não ter acreditado em você.

— Você não devia ter acreditado mesmo. Fico feliz que você tenha esperado

por provas, Rebel. Eu não gostaria de nada menos do que isso e não tenho nenhum problema em provar a verdade pra você.

Antes que eu pudesse responder, um estalo alto ecoou pela sala. Elliot conseguiu soltar uma das mãos e agarrou a faca que Evie havia enfiado na cadeira do meu pai. Seu rosto se contorcia de raiva ao encarar o meu pai.

— Você acha que vou ficar aqui sentado e deixar que você me jogue na jaula dos leões? — rosnou Elliot. — Você acha que eu vou morrer depois da bagunça que *você* fez? Você me disse que eu herdaria tudo, mas não passei de um fantoche pra você.

Meu pai arregalou os olhos, em choque, mas, antes que ele pudesse reagir, Elliot enfiou a faca com força em seu peito. Ele gritou e caiu no chão, o sangue se espalhando sob seu corpo.

Um silêncio atordoante tomou conta da sala. Meu coração batia forte no peito enquanto eu o encarava estirado no chão. Eu sentia que deveria fazer algo. Correr até ele e ajudá-lo, mas não conseguia me mexer.

Rook se virou para me abraçar, escondendo de mim aquela visão. Eu não queria ver, mas parte de mim sentia que precisava ver a prova do que tinha acabado de acontecer.

Evie gritou, e Aiden ordenou que Hero agarrasse Elliot. Lutei contra Rook, forçando-o a me deixar ver o que estava acontecendo.

Elliot estava no meio da sala, com uma faca ensanguentada erguida, balançando-a violentamente na direção de quem se aproximasse.

— Não — gritou ele. — Vocês não vão me impedir. Ele tá morto. A empresa já tá preparada pra eu herdar. Eu preciso ir embora daqui.

— Rook — falei, afastando-me mais. — Detenham ele. Ele vai matar mais alguém. Apenas impeça ele de fazer isso.

— Detê-lo, ou…

Sua voz se arrastou, e seus olhos se arregalaram para os meus.

— Sim, detê-lo nesse sentido.

— Você sabe o que isso significa… — disse ele, com a mão descendo pelo meu braço.

— Sim, eu sei o que isso significa. Se deixarmos ele ir embora, ele vai culpar a gente por tudo isso e vai atrás da herança. Faça o que tiver que fazer — eu disse.

Rook assentiu e deu um passo em direção a Elliot, que ainda estava abanando a faca no ar.

— Chega. Hora de baixar essa faca.

— Não se aproxima! — gritou Elliot, com os olhos marejados de desespero.

Eu sabia que ele mataria qualquer um aqui dentro e não sentiria um pingo de

remorso.

Rook seguiu movendo as mãos para cima, em um gesto não ameaçador.

— Abaixa a faca e poderemos negociar algo.

O olhar de Elliot percorreu a sala, com o suor escorrendo pelo rosto.

— Negociar? Não tem nada pra negociar! Ele me traiu e agora todos vocês tão tentando me matar. Não tem nada pra negociar, porque vou sair daqui e contar pra todo mundo o que aconteceu.

Em um movimento repentino, Elliot se lançou sobre Rook, apontando a faca para o seu peito. Rook se contorceu para evitar a lâmina, mas o primeiro golpe de Elliot o atingiu, bem sobre as cicatrizes na lateral de seu corpo. Pude ver o momento em que a dor atravessou Rook. Ele deu um passo para trás, momentaneamente debilitado.

Elliot sorriu, pensando que estava em vantagem por um segundo, mas Rook logo se recuperou. Com um movimento de braço, Rook acertou-lhe um soco.

Eu sabia o que viria a seguir. Havia uma faca no punho de Rook, e eu sabia que ele iria enfiá-la no pescoço de Elliot.

Rook olhou para mim por cima do ombro, e pude ver o pequeno estremecimento quando ele torceu o corpo.

— Rebel?

— Vai em frente.

Eu só consegui assistir quando Rook passou a lâmina no pescoço de Elliot.

A lâmina penetrou, afundando cada vez mais no pescoço antes que Rook a puxasse. O sangue jorrou, cobrindo Rook enquanto os outros caras observavam. Uma parte do pescoço de Elliot caiu no chão e eu me engasguei, fechando a boca enquanto a bile subia pela minha garganta.

— Isso resolve o problema, então. Ele não pode ir atrás de nada que seu pai possa ter prometido a ele, nem nos culpar pelo assassinato — disse Aiden.

Olhei para Elliot, agradecida pelo fato de Rook tê-lo virado, de modo que nada parecia errado com ele por esse ângulo.

— O carma realmente o pegou por ter deixado você sozinha comigo — disse Rook com um sorriso dolorido.

Hero arqueou uma sobrancelha.

— Ou o carma de tentar matá-la, roubar sua herança, ou, não sei, talvez matar o pai dela?

— Ok, eu entendo, mas foi aquela noite que nos trouxe até aqui — disse Rook.

— Tô feliz, porém. Por tudo isso — eu disse. — Ele não era apenas um péssimo namorado, como tava se tornando um irmão postiço muito pior.

Hero e Mason sorriram quando Aiden e Evie saíram da sala.

— Vamos — disse Rook, com a voz suave, enquanto me envolvia em um braço. — Deixa eu te tirar desta sala primeiro, depois podemos pensar no que faremos.

Eu assenti, inclinando a cabeça para trás, para olhar o teto enquanto passava pelo corpo do meu pai. Uma parte de mim se sentia entorpecida, mas me perguntei se era mais pelo choque do que pelo fato de eu ser fria ou indiferente a ele.

Quando chegamos ao corredor, o peso de tudo o que havia acontecido se abateu sobre mim. A dor de perder meu pai, a traição, a violência… Eu mal conseguia respirar. Mas, então, o braço de Rook se apertou ao meu redor e eu soube que, pelo menos, nunca teria de ficar sozinha.



Rook me acompanhou até a casa principal antes de se virar para me abraçar.

Eu me deixei abraçar, mas não consegui dizer nada por alguns minutos.

— Você me consultou a cada decisão — falei. — Você queria a minha opinião.

— Eu te disse que tentaria não fazer nada sem perguntar primeiro. Bem, tive de fazer algumas coisas sem perguntar a você antes, mas achei que você não se importaria com elas.

— Você perdeu a chance de se vingar.

— Tá tudo bem. Consegui o que queria.

— A morte dele? — perguntei, as palavras ainda não assimiladas.

— Não, Rebel. Você. Decidi que queria você e que poderia viver bem sem as outras coisas.

Lágrimas brotaram em meus olhos, e eu me inclinei até que ele me erguesse.

— Eu te amo, Rook — sussurrei, beijando-o com força. — Eu te amo muito e sinto muito por ter duvidado disso.

Ele me beijou em retribuição, sorrindo enquanto se sentava no sofá comigo em seu colo.

— Já disse que gosto do fato de você ter se defendido, mesmo contra mim. Assim eu sei que você não me ama só porque eu tô forçando isso de alguma forma. Assim eu sei que você vai me amar mesmo quando eu for difícil de amar.

— E você me ama mesmo quando eu sou difícil de amar — respondi. — Eu não sabia que encontraria alguém que me faria enfrentar os meus medos e desejos ao mesmo tempo. Você me arrastou pro seu mundo sombrio e perigoso e me mostrou como ser forte. Nunca me senti tão eu mesma. Eu te amo.

Sua testa caiu contra o meu peito.

— Passei dias imaginando como tudo isso iria se desenrolar. Fazia muito tempo que eu não tinha tão pouco controle sobre minha vida. Esse resultado parecia um sonho distante, e eu me achava bobo por ter esperanças. Obrigado, Rebel.

— Pelo quê?

— Por confiar em mim e me amar a cada passo do caminho, mesmo quando isso te irritava.

Então, ficamos assim por alguns minutos, curtindo a sensação de estarmos juntos.

— O que vamos fazer agora? — perguntei, olhando para trás no corredor, em direção ao escritório.

— Podemos nos esforçar pra culpar o Elliot, mas vai ser uma longa investigação, que pode arruinar o nosso negócio e o do Asher, já que ele me ajudou com grande parte da logística — disse Rook, com o rosto franzido em uma careta. — Além disso, se Candy tiver algum sentimento por algum deles, é capaz de brigar pela verdade.

— Ou? Porque isso não soa muito bem.

— Ou tiramos os corpos, queimamos esta metade da casa, fazendo com que pareça um acidente, e encerramos a investigação o mais rápido possível.

— Não poderíamos fazer isso se culpássemos o Elliot?

— Não é bem assim. A investigação de um assassinato vai muito mais longe do que a de uma casa incendiada, sobretudo se a herdeira não pressionar pra que o caso seja investigado, e, principalmente, se nós os oferecemos um suborno pra que parassem de procurar as causas. Essa opção também levantaria menos suspeitas pra Candy, e ela saberia que tudo seria deixado pra ela, já que eles não eram casados.

— Tá bem. Vamos fazer isso, então.

— Tem certeza? Não quero que você tome a decisão apenas por nós. Você precisa estar de acordo com o plano.

— O que tá feito, tá feito de qualquer maneira. Só acaba com isso.

Ele deu um leve sorriso e se inclinou para me beijar.

— Tudo o que eu puder fazer pra ajudar. Vai até a sala de estar. Vou mandar Evie vir pra cá. Ela já enviou uma mensagem pra Harper.

Enquanto caminhava para a sala de estar, o peso da situação começou a se abater sobre mim. Meu pai estava morto, Elliot também, e nossas vidas tinham acabado de mudar de uma forma que eu ainda não conseguia entender de fato. Sentei-me no sofá, com a mente acelerada por tudo o que havia acontecido.

Evie logo chegou, depois Harper, que tinha um milhão de perguntas, e, enfim,

Rook voltou.

— Ei — disse Rook, entrando pela porta.

— Tá tudo pronto. Bem, quase. Como você tá?

— Bem o suficiente, eu acho. Posso voltar lá agora?

Ele acenou com a cabeça, estendendo a mão para mim.

— Vamos.

Ele me conduziu pelo acesso lateral até chegarmos ao corredor que dava para o lado do meu pai da casa. Tudo para me manter distante de seus negócios. Uma casa totalmente separada para ele se esconder e garantir que eu nunca pudesse me envolver.

E não só isso. Para ele fingir que estava doente na cama, quando na verdade estava trabalhando ali, traficando drogas. A raiva aumentou de novo, tomando conta de mim, e eu comecei a tremer.

Rook apertou minha mão, conduzindo minha atenção de volta para ele.

— Quer queimar esta casa, Rebel?

Seus olhos encontraram os meus, e eu senti uma onda de alívio.

— Com você? Sim.

QUARENTA E TRÊS

ROOK



1 mês depois.

REGAN SUBIU NA MINHA MOTO DE NOVO, COM OS DEDOS DOS PÉS SE ESFORÇANDO para tocar o chão. A R6 era um pouco mais lenta do que a minha moto normal, mas teria que servir por enquanto.

— Acho que você tá se esquecendo de que essa coisa pode me esmagar se eu cair.

— É só não cair. Tô mais preocupado com a possibilidade de você acidentalmente pisar no acelerador e se lançar pela entrada da garagem.

— Não posso simplesmente ir na sua garupa? A Evie disse que não dirige uma dessas.

— Não, mas ela sabe dirigir. Tem uma grande diferença. Eu preciso saber que, se tudo der errado, você não apenas consegue se defender, como também vai saber fugir.

Segurei a moto enquanto ela se ajustava nela pela milésima vez. Eu sabia que Regan devia estar nervosa, mas não seria difícil aprender o básico.

— Por que eu fugiria sem você?

— Que gentil, Rebel. Porque eu estaria morto.

Sua boca se abriu, e ela bateu na minha mão.

— E por que eu fugiria, então?

— Pra não morrer também. Você pode tentar andar com ela pela entrada da garagem? É uma linha reta, Rebel. Vai dar tudo certo.

— Talvez devêssemos voltar pra bicicleta. Parecia mais seguro.

— Aquilo foi só pra você se manter ereta sobre duas rodas. Você se saiu muito bem. Agora, vai.

Ela engatou a marcha da moto como eu já havia mostrado centenas de vezes. Não precisava que Regan fosse perfeita, mas precisava saber que ela poderia pilotar se precisasse. Por mais que eu a amasse, minha vida não diminuiria de ritmo, e eu sabia que haveria muitas chances para que uma fuga se tornasse realidade.

Ela puxou a embreagem, engatou a marcha da moto e acelerou.

— Perfeito, Rebel. Você entendeu.

Finalmente, ela soltou a embreagem e saiu pela rua em primeira marcha. Eu caminhei ao lado dela.

— Gosto deste ritmo — Ela respirou. — É uma sensação agradável.

— Não tá mais rápido do que correr.

— Talvez não, mas não consigo correr muito longe. Devagar e sempre é um ótimo lema.

— Ou rápido como o inferno, pra que você não tome um tiro.

Ela gritou, olhando para mim e fazendo a moto balançar.

— Olhos atentos pra onde você tá indo — alertei. — E tô pensando nos piores cenários possíveis. Assim, sei que, não importa o que aconteça, você vai estar segura. Agora, aperta a embreagem de novo e passa pra segunda marcha. Precisamos que você chegue à terceira, no mínimo.

— Por quê?

— Porque, se você tentar ultrapassar alguém ou alguma coisa na primeira marcha, você vai levantar a frente e bater. Passe pra segunda marcha, pelo menos.

— Eu preferiria uma lambreta ou algo assim.

— Primeiro, não vou deixar que você ande de lambreta com a gente. Não daria pra acompanhar o ritmo — falei, torcendo o nariz. — E, segundo, como diabos isso poderia dar certo? Eu teria que rebocar ela com a minha moto no caso raro de você precisar fugir sem mim?

— Acho que essa é uma ótima ideia.

Dei uma palmada em sua bunda enquanto ela se ajustava.

— Vamos. Quero que você chegue pelo menos a 50 km/h, até a entrada da garagem, daí dê a volta, e depois de novo. Você não vai sair da moto até que eu saiba que você pode fazer isso.

— Você é mau — disse ela, acelerando.

— Sim. E eu te amo demais pra te deixar desamparada.

Levou mais uma hora até que ela enfim conseguisse.

Regan então saltou, batendo no suporte antes de pular em cima de mim.

— Consegui! Tô pronta! Nunca me obrigue a fazer isso de novo — gritou ela, mas agora estava sorrindo.

— Nada feito. Preciso ver isso uma vez por ano, pra que você não se esqueça.

— Acho que cheguei ao meu ponto de ruptura com esse seu estilo de vida criminoso.

Eu ri, carregando-a pelo resto do caminho para casa. Embora os cômodos de Cameron da casa tivessem sido queimados, todo o resto foi salvo. Tudo o que Regan alegou ser sua metade não tinha sido atingido, e agora era tudo nosso.

Ela se inclinou, seus lábios encontraram os meus, e eu gemi. Observá-la montada em minha moto por mais de uma hora me deixou sem pensar em nada além de envolver suas pernas ao redor do meu corpo.

— *Este* é o seu ponto de ruptura? Dirigir uma moto é o que tá fazendo você reconsiderar?

— Sim, então não me obrigue a fazer aquilo de novo. Ou compra uma moto que não me faça sentir como se fosse morrer se ela cair em cima de mim.

Abri a porta da frente assim que todos saíram.

— O que tão fazendo? — perguntou Aiden. — Asher mandou uma mensagem. Ele já arrumou o espaço pra loja.

Resmunguei, colocando Regan no chão.

— Isso não pode esperar?

— O lugar que estamos esperando pra visitar há um mês? Não, não pode esperar.

Uma onda de empolgação tomou conta de mim com a ideia de enfim ter uma loja aberta novamente.

— Tudo bem, vamos dar uma olhada.

Os olhos de Regan se iluminaram.

— Uma nova loja?

— Asher tinha um espaço que achava que funcionaria pra gente, mas precisou esvaziá-lo primeiro.

Ela já estava me puxando de volta para a moto.

— Então, vamos embora. Não aguento nem mais um segundo de vocês tentando trabalhar aqui na garagem.

Sorri, colocando o capacete enquanto o rugido das nossas motos enchia o ar. Regan se agarrou a mim, e minha empolgação aumentava a cada segundo. O lugar era mais próximo de nossa nova casa, a mansão Fletcher, embora precisássemos de um novo nome para ela. Asher achava que seria melhor nos mudarmos para uma parte mais agradável da cidade, e eu não me opunha. Fazíamos a maior parte dos nossos negócios ilegais fora da loja, portanto, tê-la em uma área mais agradável de armazéns seria bom. Também deixaria as pessoas menos preocupadas com a legitimidade do nosso negócio.

Ao entrarmos no estacionamento, a visão da nova oficina fez meu coração

disparar. Ela era perfeita. O prédio em estilo de armazém antigo era grande o suficiente para guardar todas as nossas motos, com bastante espaço sobrando para qualquer outra coisa que precisássemos fazer. O rio principal que atravessava a cidade ficava bem atrás do prédio, facilitando o processo de desovar corpos, caso precisássemos.

Hero e Mason desceram de suas motos, batendo os punhos no ar assim que viram o local.

Regan saltou da moto, com os olhos arregalados.

— Que incrível. É tão… fofo — disse ela, franzindo o nariz com um sorriso.

— Isso é um problema?

— De modo algum. Acho que ninguém vai se questionar se vocês são mesmo uma oficina de qualidade.

— Perfeito, então vamos aceitá-la. Alguma objeção? — perguntei enquanto entrávamos por uma das portas de enrolar.

Todos olharam em volta, e Evie gritou de felicidade quando viu o escritório lateral. Tinha meia parede e uma grande janela na parte superior. O suficiente para que ela pudesse ver lá fora se ficasse de pé e para se esconder caso precisasse.

— Este é meu! — gritou ela.

Aiden resmungou, fazendo cara feia ela enquanto corria.

— Asher disse que o colocou ali só pra ela. Que idiota.

— Por colocar um escritório pra ela? — perguntei. — Não seria melhor deixá-la de fora do nosso caminho?

— Sim — disse ele. — Muito melhor.

Regan deu um tapinha no meu peito com um olhar estranho antes de andarmos pelo resto da loja.

— Eu adorei — disse ela, por fim. — Achei perfeita.

— Um novo começo pra tudo — falei, inclinando-me para beijá-la.

— Juntos, desta vez.

Eu assenti, sentindo uma sensação de satisfação que não conhecia até então.

— Sim, Rebel, juntos.

Ali estava eu, com a Regan, a matilha e um lugar seguro para morar, e agora tínhamos um novo lugar para a Maverick Moto abrir novamente.

Nada no mundo poderia me fazer mais feliz.

QUARENTA E QUATRO

REGAN

4 meses depois.

TODA VEZ QUE EU PENSAVA QUE A VIDA NÃO PODERIA FICAR MELHOR, ROOK me provava estar errada. Agora ele me conduzia para o interior da minha galeria de arte favorita, e fiquei abismada ao ver o resto do pessoal ali também, e Harper junto com eles.

— O que tão fazendo aqui?

— Eles queriam ver o que eu tava fazendo, e Evie tinha que me ajudar — falou Rook, levando-me mais para dentro da galeria. — Imaginei que fosse querer Harper aqui também.

— Evie ajudou você com o quê?

— Vire-se e veja — respondeu ele, ajudando-me a me virar para a parede mais distante.

A parede dos fundos estava acesa, forrada com telas digitais, dez das quais penduradas sobre o fundo de tijolinhos. Minha respiração acelerou quando eu as olhei bem. Cada tela exibia uma obra de arte minha, todas recém-pintadas com toda a minha alma.

Meus olhos encheram-se de lágrimas quando me virei para ele.

— Rook, isto é… Incrível. Você fez isto por mim?

Ele assentiu, com um sorrisinho nos lábios.

— Eu queria que você visse quão incrível é o seu trabalho, e queria que todo mundo visse também.

Eu atirei meus braços sobre ele, puxando-o para um abraço apertado.

Ele me segurou firme, seu hálito quente na minha orelha.

— Tudo por você, Rebel.

Rook virou-se, abaixando-se até que seus lábios encontraram os meus. O peso de tudo pelo que passamos pareceu desaparecer, substituído por uma quantidade imensurável de amor e felicidade.

Ainda havia escuridão e muito caos, e ele não havia mudado a maneira de fazer negócios, mas nunca escondia de mim, e eu podia opinar o quanto quisesse sobre o que ele fazia.

Eu já tinha me sentido confortável em expressar a minha reprovação de uma ou duas coisas que ele tinha feito e com as quais eu não concordava.

A minha vida era uma bagunça, mas eu tinha controle sobre ela. Não era mais apenas uma passageira. Recostei minha testa na dele.

— Isto é perfeito, mas tem mais uma coisa que quero pra hoje.

— Qualquer coisa. — Ele respirou, tomando de novo os meus lábios.

Eu o empurrei para a frente, encontrando a pintura pendurada no mesmo lugar por meses.

— Quero levá-la pra casa — falei, mostrando a ele a espiral de preto e azul-gelo no centro.

— Claro… — disse Rook, observando-a. — Por quê?

— Eu a tinha visto na noite em que nos conhecemos, antes do nosso primeiro encontro, na verdade. Ela me lembra você, com toda a roupa preta e os olhos azuis. Quero levá-la.

— Então, pode levar. Qualquer coisa que quiser.

Eu ri, inclinando-me na direção dele.

— Eu sei que isso vai te chocar você, mas tô falida. Alguém fez toda a minha herança desaparecer.

Ele enlaçou meu corpo no seu braço e sorriu.

— Lamento. Efeito colateral. Não te falta dinheiro, porém. Você só nos ajudou desde que nos mudamos, e também nos ajudou com a loja nova. Nosso dinheiro é seu também, você trabalhou por ele. E, depois desta noite, você vai poder vender sua arte por uma fortuna.

Eu bati de leve em sua barriga.

— Não vou, não. Não tá à venda.

— Não, mas esta que você quer está, então, por favor, compre-a.

O restante do pessoal se espalhou em torno de nós, todos falando sobre diferentes pinturas.

— Droga — disse Mason, aproximando-se de nós. — Estas garotas adoram um cara tatuado, ainda mais com toda essa arte em frente a elas. Não param de me pedir pra mostrar os braços. Vou precisar fazer mais algumas.

— Eu também quero — acrescentou Hero, fazendo careta quando Harper pegou o braço dele, ajustando-se sobre os sapatos de salto. — Já acabaram?

Ela tropeçou, e o salto de seu sapato pousou sobre os dedos do pé dele.

— Que diabos? — rosnou ele. — Dá pra prestar atenção no que tá fazendo?

Harper franziu as sobrancelhas ao olhar para ele.

— Não machuquei você, só tropecei. Posso fazer de novo pra mostrar a diferença.

— Faça isso e eu corto os dedos do seu pé.

— Ah, você finalmente superou seu fetiche com globos oculares e passou agora pra pés? — retrucou Harper.

— Sim, exatamente, então me deixa cortar os seus dedinhos fora. — Ele sorriu.

Ela bateu no braço dele antes de ficar entre Zack e Mason.

— Chega disso — sussurrou Rook. — Quero te levar pra casa.

Eu não lutei contra, empolgada demais para voltar para a cama com ele. Desci da moto com a sua ajuda e corri para casa.

A porta bateu atrás de nós assim que saí correndo na direção da escada, subindo dois degraus por vez. Rook subiu logo atrás de mim, depois de eu passar os vinte minutos sobre a moto apertando seu corpo.

— Você sabe que eu adoro perseguir você. Corre, corre, Rebel! Vou perseguir você pelo resto da minha vida.

Eu só emiti um grunhido, abrindo a porta do quarto, mas ele me agarrou e me arrastou até cairmos na cama.

— Peguei você.

— Você desistiria antes de conseguir me agarrar?

— Nunca.

Seus lábios encontraram os meus e, como sempre, não demorou para que eu mergulhasse nele. Amá-lo era o caos, a escuridão e a quentura, uma mistura alucinante que eu desejava ter para o resto da vida.

— Eu te amo, Rook. Pra sempre.

— Pra sempre, Rebel.

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, obrigada a *vocês*. Aos que me acompanham desde o primeiro dia, aos novos leitores que acabaram de descobrir os meus livros e a todos os demais. Seu apoio mudou minha vida de uma forma que eu jamais poderia ter imaginado. Sou muito grata, e apenas palavras nunca serão suficientes para expressar o quanto sua crença no meu trabalho significa para mim. Vocês me deram o impulso para continuar escrevendo, sonhando e seguindo em frente e, por tudo isso, sou agradecida.

Karley Brenna — Obrigada por ser minha rede de apoio constante durante todo esse processo. Sua amizade, gentileza e disposição para ouvir minhas intermináveis mensagens de voz (até quando estou em pânico, de última hora) significam muito para mim. Não teria conseguido passar por isso sem seu apoio constante. Você é a melhor das amigas e mal posso esperar para ir até sua casa para reclamar pessoalmente em vez de gritar ao telefone.

Hunter — Há tantas coisas que eu poderia dizer, mas vou começar com um enorme obrigada por salvar minha sanidade mental durante o processo de parir este livro. Você foi o primeiro a lê-lo e a me ajudar em cada passo, das capas às leituras iniciais, passando pelo material de divulgação. Obrigada por ser o melhor em acompanhar a equipe de rua. Eu realmente não poderia ter chegado até aqui sem você, e nunca poderei dizer o quanto sou grata!

Bobbi Maclaren — Para minha incrível amiga e editora, este livro não teria sido concluído a tempo sem você! Seu olhar aguçado e as suas habilidades tornaram este livro perfeito, e eu realmente não sei o que eu teria feito sem sua ajuda. Obrigada por aturar o meu caos e garantir que este livro se saísse melhor do que eu poderia ter imaginado. Sou muito grata por sua amizade e por toda a sua ajuda.

Para Maeghan, Kesi e Sarah — minhas primeiras leitoras que ajudaram a moldar este livro e me deram o *feedback* de que eu precisava (e às vezes não queria ouvir!). Obrigada por apontarem todas as partes de que gostaram, por me fazerem rir e por me incentivarem ao longo do caminho. Eu não teria conseguido finalizar sem suas ideias, seu apoio e sua paciência durante todo o processo. Vocês são incríveis!

E para Nate — A parte engraçada é que você nunca vai ler este livro, mas

você é a grande razão por ele existir. Não apenas por estar sempre presente para me animar (e me trazer *cookies*) durante longos dias e noites, mas por ser o melhor parceiro de negócios e apoiador dos meus sonhos.

MAVERICK
VOL.1

Ela foi criada para obedecer.
E ele para destruir.

Agora, eles são a ruína um do outro.

Regan "Rebel" Fletcher tem tudo o que o dinheiro pode comprar. Luxo, status e um sobrenome poderoso. Menos liberdade.

Por trás dos muros da mansão Fletcher, existe uma garota moldada por medo e silêncio. Sob o controle do pai — um tirano que esconde os podres atrás de ternos caros e promessas falsas —, Rebel cresceu obedecendo, sorrindo e escondendo cicatrizes… até Rook Emberson surgir como um predador ainda mais doentio.

Rook é um sujeito forjado na perda, com um plano desenhado na dor. Ele não a quer. Ele a necessita. Mas não aparece para salvá-la. E sim para destruí-la. Ele vai usá-la, manipulá-la, possuí-la… e deixar queimar. Porque ele é fogo. E ela, gasolina.

Prepare-se para um jogo de poder onde desejo e dor se confundem numa explosão impossível de apagar.

+18 ANOS

INSIDE BOOKS